

Universidade Federal de Juiz de Fora  
Faculdade de Comunicação Social  
Programa de Pós-Graduação em Comunicação

Gilze Freitas Bara

PARA ALÉM DO “BOA NOITE”: OS APRESENTADORES DE TELEJORNALIS  
E O PROCESSO DE IDENTIFICAÇÃO COM O PÚBLICO

Juiz de Fora  
Março de 2012

Gilze Freitas Bara

PARA ALÉM DO “BOA NOITE”: OS APRESENTADORES DE TELEJORNALIS  
E O PROCESSO DE IDENTIFICAÇÃO COM O PÚBLICO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação, área de concentração Comunicação e Sociedade, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Iluska Coutinho.

Juiz de Fora  
Março de 2012

**Gilze Freitas Bara**

**Para além do “boa noite”: Os apresentadores de telejornais  
e o processo de identificação com o público**

Dissertação apresentada como requisito para obtenção de grau de Mestre em  
Comunicação Social na Faculdade de Comunicação Social da UFJF

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dra. Iluska Coutinho.

Dissertação aprovada em 26/03/2012 pela banca composta pelos seguintes membros:

---

Prof<sup>a</sup> Dra. Iluska Coutinho (UFJF) – Orientadora

---

Prof<sup>a</sup> Dra. Christina Ferraz Musse (UFJF) – Convidada

---

Prof. Dr. Flávio Porcello (UFRGS) – Convidado

Juiz de Fora  
Março de 2012

Ao Edson, meu parceiro de sonhos, lutas e realizações.  
Sua presença na minha vida é fundamental, meu Amor.

A Nina e Elisa, amores e graças da minha vida.  
Vocês são mais do que eu um dia ousei sonhar.  
São o mais belo presente que Deus me deu nesta vida.  
Tudo de bom que faço é pensando em vocês.

## AGRADECIMENTOS

Não foi fácil concluir o Mestrado trabalhando praticamente todos os dias das 7h15 às 22h30. E ainda com outros “turnos de trabalho” como mãe, mulher, filha, irmã, amiga e pessoa apaixonada por teatro, cinema, música, vôlei... – funções e gostos dos quais não abro mão por me fazerem quem sou. Portanto, tenho muito, muuuuuuuuuuuuuito a agradecer.

Deus, pela presença na minha vida e pela luz que nunca falta. Por guiar meus passos e me dar força.

Edson, meu Amor, meu companheiro, meu grande incentivador, que na maioria das vezes acredita em mim mais do que eu mesma. Obrigada por existir. Obrigada por tudo. Vamos juntos, meu Amor, em busca dos nossos sonhos.

Nina e Elisa, grandes amores da minha vida, minhas fontes de luz e inspiração pra tudo de bom que possa fazer. Obrigada pelo amor, pela alegria, pela energia e pela força em todos os momentos. Por praticamente fazerem esta dissertação comigo, tamanho o envolvimento e a torcida. Nina, obrigada também por escanear os materiais impressos e por me ajudar nos fichamentos e nas contas! Elisa, obrigada pelas horas brincando sozinha ou vendo filmes, enquanto mamãe escrevia, escrevia, escrevia...

Minha mãe Thereza, meu amor e minha fortaleza. Agradeço por tudo (não dá pra listar tudo, mãe, porque ocuparia páginas e mais páginas deste projeto) e pelo gosto herdado pelo jornalismo. Por me acostumar, desde cedo, a ouvir, ver e ler notícias.

Meu pai Elias, sempre presente, apesar de ter partido tão cedo. Agradeço a Deus por ter lhe dado ao menos uma oportunidade de me ouvir atuando como rádiojornalista. Tudo isso é para o senhor também, pai.

Meus irmãos, cunhados e sobrinhos, amigos de todas as horas e grandes incentivadores. Ellen e Vânia, irmãs sempre amigas e muitas vezes mães (de mim e das minhas filhas): minha vida sem vocês não seria tão colorida. Ellen, obrigada, sobretudo, pela ajuda essencial na reta final. Vítor: eu é quem devia te ajudar na profissão, mas você é quem me ajudou nesta empreitada! *Thanks!*

Vovó Déa, jornalista de alma, que tanto sonhou em exercer a profissão. Impedida pela época em que viveu, “vingou-se” nas gerações futuras: três filhos, dois netos e agora bisnetos jornalistas. Sei que aí de cima, Vó, a senhora se realiza em nós e especialmente em mim, a única mulher no ofício que tanto desejou. Obrigada pela herança genética desta profissão que tanto amo.

Tia Lelena, pela existência fundamental em nossas vidas – sempre.

Renata Vargas, a irmã que escolhi. Essa caminhada não teria a mesma graça sem você. Obrigada pela ajuda imensurável no projeto. Por vibrar comigo a cada subcapítulo escrito. Obrigada por ontem, por hoje e por amanhã. E vamos rumo ao nosso objetivo! Juntas, sempre!

Iluska, minha querida orientadora! Tão desejada, desde a época em que dividimos as primeiras bancas na Facom. Obrigada por me aceitar como orientanda, pela orientação brilhante em todos os momentos, pela paciência nas minhas ausências, pela disponibilidade *full time* na reta final, mesmo estando de férias. Não tenho palavras para te agradecer os ensinamentos sobre (tele)jornalismo e sobre a vida, as conversas e os excelentes momentos que tivemos juntas. Agradecimentos extensivos ao Jorge (obrigada pelo carinho com que sempre me recebeu em sua casa) e a Laura (obrigada por me emprestar sua mamãe tantas vezes!).

Christina Musse, por participar da minha banca e da minha qualificação, por todo o carinho sempre demonstrado desde a época da minha graduação e por tantos ensinamentos. Por ser um exemplo de que é possível ser competente no mercado e na academia.

Flávio Porcello, por ser uma rica fonte de consultas através de artigos e livros, por participar da minha banca e, tenho certeza, proporcionar excelentes discussões a respeito do telejornalismo.

Paulo Roberto Figueira Leal, por participar da minha qualificação, pelas dicas, pelos ensinamentos, pelo brilhantismo.

Aluizio Ramos Trinta, pelos ensinamentos, pelo conteúdo disponibilizado.

Professores do Mestrado, pelos ensinamentos, pelas discussões, pela oportunidade de aprendizado.

Ana, querida Ana, coração do PPGCom. É por existirem pessoas como você que acredito que o mundo tem jeito!

Rodrigo Barbosa, meu chefe e meu eterno professor, que tanto me ensina sobre a profissão e sobre como exercê-la de forma ética. Obrigada pela confiança e por incentivar este meu sonho, mesmo sabendo que, para realizá-lo, seria preciso me ausentar do trabalho algumas vezes.

Kelly Scoralick, minha mentora! Quem me inspirou a seguir esta caminhada!  
Companheira de TV, de Mestrado, de fé, de vida!

Mila Pernisa, companheira de risadas, de congressos, de momentos felizes. Obrigada por voltar, de forma tão gostosa, a fazer parte da minha vida!

Evandro José, amigo querido de tantos momentos! Arte é conseguirmos nos divertir em pleno Mestrado!

Gesane Lucchesi, pelas orações, por me ajudar na revisão das questões para o grupo focal. E por ser eternamente a “minha” apresentadora de telejornal.

Amigos de profissão e do Mestrado, Marise Baesso, Fernanda Sanglard, Dora Stephan, Jhonatan Matta, Raphael Carvalho. Com vocês tudo ficou mais gostoso.

Patrícia Maganha, pela força imensa, pelos puxões de orelha para eu ir com calma, pela ajuda com os materiais para o meu projeto.

Diego Pessoa, pela ajuda crucial salvando os vídeos e as páginas da internet.

Ângela Couto, pela interminável boa vontade com as gravações do Jornal Nacional.

Meus companheiros de trabalho de hoje e de ontem, em especial Marco Fagundes, Ana Marta Ladeira, Lúcia Schmidt, Zilvan Martins – pessoas com quem aprendi e aprendo muito.

Nilza James e meus amigos do teatro, pelo incentivo constante. E por vivenciarem a arte comigo!

Componentes do meu grupo focal, agradeço demais a disponibilidade de vocês em participarem da minha pesquisa. Vocês foram fundamentais.

Iran Almeida, pela gravação das discussões do grupo focal com tanta boa vontade.

Liliana Glanzmann e direção do CES-JF, por cederem a Rádio CES para sediar o grupo focal.

Meus alunos de ontem, de hoje e de amanhã. Por vocês desejo tanto me qualificar sempre mais!

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Notícias – JN de 06/06/2011 .....	68
Tabela 2 – Formatos – JN de 06/06/2011 .....	68
Tabela 3 – Notícias – JN de 10/05/2011 .....	69
Tabela 4 – Formatos – JN de 10/05/2011 .....	69
Tabela 5 – Notícias – JN de 18/05/2011 .....	69
Tabela 6 – Formatos – JN de 18/05/2011 .....	69
Tabela 7 – Notícias – JN de 26/05/2011 .....	70
Tabela 8 – Formatos – JN de 26/05/2011 .....	70
Tabela 9 – Notícias – JN de 03/06/2011 .....	70
Tabela 10 – Formatos – JN de 03/06/2011 .....	71
Tabela 11 – Notícias – JN de 11/06/2011 .....	71
Tabela 12 – Formatos – JN de 11/06/2011 .....	71

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Factuais/Frios .....	72
Gráfico 2 – <i>Hard news/Lights</i> .....	72
Gráfico 3 – Formato dos materiais exibidos .....	73
Gráfico 4 – Enunciações .....	74
Gráfico 5 – Enunciações – Notas pé .....	75
Gráfico 6 – Planos de enquadramento/geral .....	76
Gráfico 7 – Planos de enquadramento/especificidades .....	77



## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Revista Cláudia de maio de 2011 – Título da reportagem, p. 33 .....	91
Figura 2 – Revista Cláudia de maio de 2011, p. 34 e 36 .....	92
Figura 3 – Revista Máxima de julho de 2011, p. 60 .....	93
Figura 4 – Capa da Revista Lola de novembro de 2011 .....	94
Figura 5 – Revista Lola de novembro de 2011, p. 12 (índice) e 48 .....	95
Figura 6 – Capa da Revista Alfa de dezembro de 2011 .....	97
Figura 7 – Revista Alfa de dezembro de 2011, p. 65 e 67 .....	98
Figura 8 – Foto publicada por Bonner em seu <i>twitter</i> em 13 de junho de 2010 .....	108
Figura 9 – <i>Post</i> de Fátima Bernardes no <i>blog</i> JN na Copa – Onde está você, Fátima Bernardes, em 15 de junho de 2010 .....	109
Figura 10 – <i>Post</i> de Fátima Bernardes no <i>blog</i> JN na Copa – Onde está você, Fátima Bernardes, em 23 de junho de 2010 .....	110
Figura 11 – <i>Post</i> de Fátima Bernardes no <i>blog</i> JN na Copa – Onde está você, Fátima Bernardes, em 2 de julho de 2010 .....	111
Figura 12 – <i>Blog</i> JN Especial em 1º de dezembro de 2011 .....	132
Figura 13 – <i>Blog</i> JN Especial em 3 de dezembro de 2011 .....	132
Figura 14 – <i>Blog</i> JN Especial em 5 de dezembro de 2011a .....	135
Figura 15 – <i>Blog</i> JN Especial em 5 de dezembro de 2011b .....	136
Figura 16 – <i>Blog</i> JN Especial em 6 de dezembro de 2011 .....	136
Figura 17 – <i>Site</i> do Jornal Nacional – Seção História .....	137
Figura 18 – Folha.com, 30 de novembro de 2011, 21h31 .....	139
Figura 19 – Capa do Jornal O Dia, 1º de dezembro de 2011 .....	140
Figura 20 – Globo.com, 1º de dezembro de 2011, 10h56 .....	141
Figura 21 – Portal UOL, 1º de dezembro de 2011, 11h06 .....	143
Figura 22 – <i>Site</i> da revista norte-americana <i>Forbes</i> , 4 de dezembro de 2011 .....	145
Figura 23 – Foto publicada por Bonner no <i>twitter</i> em 10 de dezembro de 2011a .....	146
Figura 24 – Foto publicada por Bonner no <i>twitter</i> em 10 de dezembro de 2011b .....	146
Figura 25 – Foto publicada por Bonner no <i>twitter</i> em 30 de dezembro de 2011 .....	147
Figura 26 – Capa do Jornal Meia Hora de 1º de dezembro de 2011 .....	148
Figura 27 – Capa da Revista da TV (O Globo) de 4 de dezembro de 2011 .....	149
Figura 28 – Capa do Jornal Extra de 6 de dezembro de 2011 .....	150
Figura 29 – Capa da Revista Contigo de 8 de dezembro de 2011 .....	154

Figura 30 – Revista Contigo de 8 de dezembro de 2011, p. 108 .....	155
Figura 31 – Revista Quem de 9 de dezembro de 2011, p. 26 .....	155
Figura 32 – Revista Quem de 9 de dezembro de 2011, p. 33 .....	156

“Quando é um apresentador com quem você se identifica [...] você sente a notícia de uma maneira completamente diferente.

Você assimila até melhor.”

(Funcionária pública de 31 anos)

## RESUMO

As estratégias adotadas no telejornalismo para estabelecer vínculos de pertencimento e relações identitárias com seu público por meio de seus apresentadores são o foco central deste trabalho. Uma das hipóteses da pesquisa é que o(s) apresentador(es) de telejornal desempenha(m) papel essencial no processo de identificação do público com o telejornal e mesmo com o veículo de comunicação que representa(m). Para isso, são percorridos conceitos e estudos acerca das identidades e seus processos de construção, reconstrução, manutenção. Também foram abordadas neste estudo as relações da televisão, do telejornalismo, dos apresentadores de telejornais e da imagem nos processos de identificação e de constituição de uma narrativa de nação. A personificação dos noticiários televisivos nas figuras de seus apresentadores é um ponto central no trabalho, que analisa ainda os diálogos que estes buscam efetivar com o público, nos telejornais e em outras mídias, para estabelecer vínculos de pertencimento com o telespectador e, conseqüentemente, sua fidelização. A relação entre os apresentadores do Jornal Nacional (JN), da TV Globo, e seu público, materializada em seis edições do programa, constitui o objeto empírico de nosso estudo. Sua atuação será avaliada tendo como base a análise do telejornal; os diálogos que eles tecem com o público na mídia; o estudo sobre as personagens encarnadas por esses apresentadores. Além disso, a partir da formação de um grupo focal, pretendeu-se incorporar, ainda que de forma inicial, os olhares da Recepção. Partindo da percepção dos integrantes do grupo focal, pretendemos compreender os vínculos de pertencimento que os apresentadores do Jornal Nacional tecem com o público, a partir do recorte empírico possível. O trabalho ainda trata da mudança de uma apresentadora do Jornal Nacional, ocorrida em dezembro de 2011.

**Palavras-Chave:** Comunicação; Telejornalismo; Jornal Nacional; Identidades; Família.

## ABSTRACT

The strategies adopted in TV journalism to establish bonds of belonging and identity relations with its audiences through its presenters are the central focus of this study. One of the hypotheses says that the newscast presenter plays an essential role in the process of identifying the public with the program and even with the medium. To do so, some concepts and studies about the identities and processes of construction, reconstruction, and maintenance are discussed. The relationship between television, TV journalism, its presenters and the image of the processes of identification and establishment of a narrative of the nation were also discussed here. The personification of television news in the figures of their presenters is central to this dissertation, which also analyzes the dialogue they seek with the public, by the newscasts and other media, to establish bonds of belonging with the viewer and, therefore, their loyalty. The relationship between the presenters of the daily newscast Jornal Nacional (JN), from Brazilian TV channel Globo, and its public, materialized in six editions, is the object of our empirical study. Their performance will be studied based on the analysis of the newscast; the dialogues they weave with the public in the media; the study of the characters embodied by these presenters. Moreover, from the formation of a focus group, we sought to incorporate, even though in an initial way, the view of the audience. From the perception of the focus group members, we want to understand the bonds of belonging that the presenters of the Jornal Nacional weave with the public, from the possible empirical cut. The work also discusses the substitution of one of the presenters, in December 2011.

**Keywords:** Communication; TV Journalism; Jornal Nacional; Identities; Family.

## SUMÁRIO

<b>1) INTRODUÇÃO</b> .....	<b>16</b>
<b>2) IDENTIDADES E TELEVISÃO</b> .....	<b>20</b>
2.1) COMUNICAÇÃO, IDENTIDADES E DIFERENÇAS .....	20
2.2) O PROCESSO DE IDENTIFICAÇÃO NA TV .....	27
2.3) A (RE)CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES NO TELEJORNALISMO .....	41
<b>3) OS TELEJORNAIS E SEUS APRESENTADORES</b> .....	<b>44</b>
3.1) TELEJORNALISMO E A NARRATIVA DA NAÇÃO .....	44
3.2) APRESENTADORES: A PERSONIFICAÇÃO DOS NOTICIÁRIOS DE TV ...	48
3.3) O CONTATO COM O PÚBLICO: SOBRE VÍNCULOS E FIDELIZAÇÃO .....	55
<b>4) OLHARES E DISCUSSÕES SOBRE A RELAÇÃO: APRESENTADORES DO JORNAL NACIONAL, PÚBLICO E PROCESSO DE IDENTIFICAÇÃO</b> .....	<b>60</b>
4.1) FÁTIMA E BONNER EM CENA: O JN E SUA APRESENTAÇÃO EM ANÁLISE .....	66
4.2) PERSONAGENS DE FICÇÃO OU DA “VIDA REAL”? .....	83
4.3) DIÁLOGOS COM O PÚBLICO NA MÍDIA .....	88
<b>4.3.1) Em revistas</b> .....	<b>89</b>
<b>4.3.2) Na TV</b> .....	<b>99</b>
<b>4.3.3) Na internet</b> .....	<b>105</b>
4.4) A PERCEPÇÃO DO PÚBLICO: A EXPERIÊNCIA DO GRUPO FOCAL .....	112
<b>4.4.1) Características e formação</b> .....	<b>113</b>
<b>4.4.2) Conteúdo advindo do grupo focal</b> .....	<b>115</b>
<b>5) UM FINAL SEM <i>HAPPY END</i>: A FAMÍLIA DESFEITA NA BANCADA DO JORNAL NACIONAL</b> .....	<b>123</b>
5.1) A SAÍDA DE FÁTIMA BERNARDES .....	123
<b>5.1.1) O anúncio e o tratamento da notícia na tela do próprio JN</b> .....	<b>124</b>
<b>5.1.2) A abordagem da substituição da apresentadora no <i>blog</i> da redação</b> .....	<b>130</b>
5.2) A REPERCUSSÃO NA MÍDIA .....	138
5.3) TELESPECTADORES: PRIMEIRAS IMPRESSÕES .....	157

<b>5.3.1) Os internautas .....</b>	<b>157</b>
<b>5.3.2) Os componentes do grupo focal .....</b>	<b>164</b>
<b>6) CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>167</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>174</b>
<b>APÊNDICES .....</b>	<b>180</b>

## 1) INTRODUÇÃO

Boa noite. Quando ouvia essas duas palavrinhas mágicas pronunciadas pelos apresentadores do Jornal Nacional, minha avó não hesitava na resposta: boa noite! E fazia isso com um sorriso nos olhos e nos lábios, com uma voz firme, ainda que doce. Como se estivesse cumprimentando amigos. Eu, então na passagem da meninice para a adolescência, um dia não contive a curiosidade e perguntei por que ela fazia aquilo, se os apresentadores não podiam ouvi-la. Ela explicou que, na verdade, não importava o fato de eles não receberem o boa noite dela. O importante, disse minha avó, era o prazer que ela tinha ao ouvir aquelas duas palavras – um prazer tão grande que fazia com que ela não segurasse a resposta. E mais: confessou que tinha vontade, também, de apertar a mão dos apresentadores do Jornal Nacional e sonhava com o dia em que as mãos deles atravessariam a telinha para cumprimentá-la. Minha avó – que sonhava ser jornalista – sabia bem que aquilo nunca aconteceria. Mas nem por isso deixava de sentir o prazer de receber Cid Moreira e Sérgio Chapelin em sua casa. E de querer tocá-los. Ela encarnava o desejo de milhões de brasileiros que se identificavam – e se identificam – com os apresentadores do telejornal.

Anos depois, eu mesma pude perceber – ainda que com intensidade bem menor, incomparável com o que acontece com os apresentadores do Jornal Nacional – a identificação do público com apresentadores de telejornal. Fui editora responsável e executiva de um telejornal<sup>1</sup> por sete anos e, nesse período, passaram em minha equipe três apresentadoras. Uma vez menos, outras mais, eu sempre era interpelada nas ruas de Juiz de Fora, ou mesmo por e-mail e telefonemas, quando a apresentadora saía de férias ou quando era substituída temporariamente ou definitivamente. Os telespectadores queriam saber “cadê a fulana”, “quando ela volta”, “por que saiu”, “para onde foi”. E reclamavam que estavam com saudade e que o jornal, sem ela, não era a mesma coisa. Em algumas – poucas – vezes, senti na pele o impacto, junto ao público, de apresentar um telejornal. Estive na bancada raras vezes, em uma ou outra substituição de urgência. Mas foram vezes suficientes para ser reconhecida nas ruas não só de Juiz de Fora, mas de cidades da região. E até hoje é comum ouvir: “Nossa, parece que te conheço de algum lugar... Ah, da televisão!”. É impressionante.

---

<sup>1</sup> O telejornal em questão é o Jornal da Alterosa Edição Regional, da TV Alterosa Zona da Mata e Vertentes, afiliada do SBT. O telejornal era transmitido de Juiz de Fora para 128 cidades da região, de segunda-feira a sábado.



Instigada pelo fascínio que os apresentadores de telejornal exercem sobre o público, surgiu o desejo de estudá-los. Vontade de compreender como se estabelecem os vínculos entre os apresentadores e os telespectadores. Como tais vínculos efetivam-se em processos de identificação e, conseqüentemente, em fidelização da audiência. Portanto, a hipótese de pesquisa deste trabalho é que os apresentadores de telejornais tomam parte no processo de identificação do público com o telejornal a que dão voz e imagem e mesmo com a emissora que representam. Como objeto central de estudo, elencamos os apresentadores do Jornal Nacional, da TV Globo, por acreditarmos serem eles o exemplo máximo da efetivação de laços de pertencimento com o público, a partir do momento em que são a cara do telejornal de maior audiência da história da televisão brasileira.

Ao longo da pesquisa, cujos resultados apresentamos nesta dissertação, buscamos compreender as estratégias adotadas no telejornalismo, especificamente no Jornal Nacional, por meio de seus apresentadores, para estabelecer vínculos de pertencimento e relações identitárias com seu público. Para isso estudamos a personificação do telejornal nas figuras dos apresentadores, na perspectiva de compreender as identidades que os apresentadores emprestam aos telejornais e as relações simbióticas entre esses profissionais e os produtos que apresentam. Pretendemos ainda entender a participação dos apresentadores na construção da dramaturgia e no endereçamento de um telejornal. Dessa forma, foram lançados olhares também para os diálogos intermédias estabelecidos pelos apresentadores de telejornais, em busca da aproximação com o público, e investigado como se dá a incorporação do público no telejornal, via representação da proximidade com os apresentadores.

Para alcançar esses objetivos, estruturamos esta dissertação em quatro partes. Na primeira, chamada Identidades e Televisão, apresentamos os fundamentos teóricos, os conceitos fundamentais a serem utilizados e como esses conteúdos se relacionam com o meio televisivo na construção das identidades dos grupos sociais, bem como a relevância da televisão como meio de comunicação por excelência na realidade brasileira. Este capítulo está dividido em três subcapítulos. No primeiro, “Comunicação, Identidades e Diferenças”, foram trabalhados conceitos como identidades, identidade e diferença, processos de identificação, produção e circulação de sentidos. No segundo, intitulado “O processo de identificação na TV”, tentamos compreender como se efetivam os processos de identificação via televisão e telejornalismo, atentando para as formas mais comuns de construção identitária da audiência. A televisão é entendida

enquanto mediação social e como laço social; também destacamos a dramaturgia do telejornalismo e o conceito de modos de endereçamento. O terceiro subcapítulo é “A (re)construção de identidades no telejornalismo”, no qual buscamos compreender como o telejornalismo contribui para os processos de construção, reconstrução, manutenção e supressão de identidades de diferentes grupos sociais. Para isso, tratamos das imbricações existentes entre as representações televisivas e as construções identitárias dos grupos sociais, tendo como base o preceito do telejornalismo como lugar de referência e identificação.

O capítulo “Os telejornais e seus apresentadores” tem como foco, como o próprio nome revela, os estudos do telejornalismo e de seus apresentadores, imagens e porta-vozes dos telejornais que apresentam. O primeiro subcapítulo trata do telejornalismo como narrativa da nação, investigando como a narrativa da nação via telejornais auxilia na efetivação de laços de pertencimento e no estabelecimento de “comunidades imaginadas”. Já no segundo subcapítulo, “Apresentadores: a personificação dos noticiários de TV”, abordamos como os apresentadores de telejornais personificam os noticiários de televisão e tornam-se, eles próprios, imagens-referências dos telejornais que apresentam/representam. Na última parte do capítulo, “O contato com o público: sobre vínculos e fidelização”, estudamos como os apresentadores de telejornais buscam dialogar com o público, em uma tentativa de estabelecer uma intimidade que se transforme em vínculos de pertencimento e fidelização desse público.

A parte empírica da dissertação começa com um capítulo de nome curioso, que traz referência a uma expressão que remete a discussões, sobretudo do campo afetivo, que fazem parte do imaginário nacional: “Olhares e discussões sobre a relação: apresentadores do Jornal Nacional, público e processo de identificação”. Ao longo desse capítulo são apresentadas as pesquisas realizadas com o objetivo de compreender as estratégias adotadas no Jornal Nacional, por meio de seus apresentadores, para estabelecer vínculos de pertencimento e relações identitárias com seu público – o capítulo é estruturado a partir das estratégias de pesquisa utilizadas. Na primeira, “Fátima e Bonner em cena: o JN e sua apresentação em análise”, levantamos dados sobre edições do JN e sobre a participação de cada apresentador, com foco em fatores técnicos e também na observação dos componentes da bancada. A segunda análise, “Personagens de ficção ou da ‘vida real?’”, é um estudo sobre as personagens encarnadas pelos apresentadores do JN na bancada e fora dela, na tentativa de lançar

olhares sobre quem, de fato, são esses apresentadores. A terceira seção levanta alguns “Diálogos com o público na mídia”, ou seja, como os apresentadores do JN dialogam com o público por meio de revistas, de outros programas televisivos e da internet, sobretudo do *twitter*. O quarto levantamento realizado foi intitulado “A percepção do público: a experiência do grupo focal”, quando buscamos perceber, a partir do grupo focal constituído para esta pesquisa, alguns vínculos de pertencimento que os apresentadores do Jornal Nacional tecem com o público, incorporando, ainda que de forma inicial, os olhares da Recepção.

O quarto capítulo, “Um final sem *happy end*: a família desfeita na bancada do Jornal Nacional”, não estava previsto na concepção inicial desta dissertação. Porém, com a substituição da apresentadora do Jornal Nacional, consideramos imprescindível a abordagem do assunto nesta pesquisa, dada a relevância, para o nosso trabalho, do episódio da troca de Fátima Bernardes por Patrícia Poeta e de como essa mudança foi tratada. Assim, no primeiro subcapítulo abordamos “A saída de Fátima Bernardes” – anunciada no dia 1º de dezembro e efetivada no dia 5 de dezembro de 2011, após quase 14 anos de bancada no telejornal. Enfatizamos como foi feito o anúncio da substituição da apresentadora no próprio Jornal Nacional e como a notícia foi tratada. Sim, notícia. O Jornal Nacional virou notícia. O mesmo levantamento foi realizado tendo como base o *blog* da redação do telejornal. No segundo subcapítulo avaliamos como foi “A repercussão na mídia”, com foco para o tratamento da troca de apresentadora em *sites*, jornais impressos e revistas. E no terceiro subcapítulo, “Telespectadores: primeiras impressões”, tentamos perceber como os telespectadores reagiram à informação da troca de apresentadora do Jornal Nacional. Ainda que uma mudança de tal relevância para um telejornal necessite de um tempo para sua maturação, para uma melhor assimilação por parte do público, buscamos perceber como os internautas receberam a notícia. E também voltamos a ouvir os componentes do grupo focal – desta vez individualmente e por telefone –, por considerarmos relevante saber suas opiniões a respeito de uma possibilidade que, quando aventada na discussão em grupo, parecia tão remota.

Bom, informado o “espelho” deste projeto de dissertação e já pronunciado o nosso boa noite, partimos para a edição propriamente dita, dividida nos blocos acima descritos. Que durante esta veiculação possamos desvendar um pouco do processo de identificação do público com os apresentadores de telejornais, essas figuras que, mesmo estando tão longe de nós, posicionam-se tão perto...

## 2) IDENTIDADES E TELEVISÃO

No mundo marcado por novas percepções identitárias – líquidas, instáveis, fragmentadas, em constante mutação –, qual seria a influência da televisão, este veículo discursivo<sup>2</sup> por excelência? Instigados por esta questão é que propomos investigar, neste capítulo inicial, os fundamentos teóricos, os conceitos fundamentais a serem utilizados nesta dissertação. E mais: buscar compreender como esses conteúdos se relacionam com o meio televisivo na construção das identidades dos grupos sociais, bem como a relevância da televisão como meio de comunicação por excelência na realidade brasileira.

Ainda neste capítulo começamos a incorporar ao trabalho os estudos de telejornalismo, fazendo uma abordagem inicial do gênero enquanto lugar de referência para a sociedade e enquanto a nova praça pública brasileira, que elenca os assuntos a serem debatidos no país. Depois de sua inserção nessa “escalada”, em uma abordagem inicial, o telejornalismo será tratado com maior ênfase no terceiro capítulo.

### 2.1) COMUNICAÇÃO, IDENTIDADES E DIFERENÇAS

“A identidade surge [...] como uma construção imaginária que se narra”.  
(CANCLINI, 2008, p.117)

As transformações globais causam mudanças nos padrões de produção e consumo e, desta forma, produzem identidades novas e globalizadas. Nestor Garcia Canclini, autor referência para a conceituação de identidades nesse trabalho, em diálogo com outros estudiosos, caracteriza o processo de globalização como

[...] uma passagem das identidades modernas a outras que poderíamos chamar, embora o termo seja cada vez mais incômodo, de pós-modernas. *As identidades modernas eram territoriais e quase sempre monolingüísticas.* Consolidaram-se subordinando regiões e etnias dentro de um espaço mais ou menos arbitrariamente definido, chamado nação, opondo-o [...] a outras nações. [...] Ao contrário, *as identidades pós-modernas são transterritoriais e multilingüísticas.* Estruturam-se menos pela lógica dos Estados do que pela dos mercados [...] A clássica definição *socioespacial* de identidade referida a um território particular precisa ser complementada com uma definição *sociocomunicacional*. (CANCLINI, 2008, p. 45-46)

---

<sup>2</sup> É certo que o discurso televisivo abarca outras dimensões para além do verbal, e que constituem a própria linguagem da TV, como o casamento texto/imagem.

A globalização, assim, não seria um simples processo de homogeneização, mas de reordenamento das diferenças e desigualdades, sem suprimi-las. Daí a multiculturalidade ser um tema indissociável dos movimentos globalizadores. Canclini defende que entender a transição das identidades clássicas às novas estruturas globais “é pensar a recomposição das relações sociais e as insatisfações do fim do século XX. Essas insatisfações podem ser tratadas como um mal-estar da época, uma crise universal dos paradigmas e das certezas [...]” (CANCLINI, 2008, p. 14).

Em função de todas essas transformações, ganham destaque as crises de identidade características das sociedades contemporâneas, a partir do momento em que a globalização provocou

diferentes resultados em termos de identidade. A homogeneidade cultural promovida pelo mercado global pode levar ao distanciamento da identidade relativamente à comunidade e à cultura local. De forma alternativa, pode levar a uma resistência que pode fortalecer e reafirmar algumas identidades nacionais e locais ou levar ao surgimento de novas posições de identidade. (WOODWARD, 2005, in SILVA, 2005, p. 21)

As crises de identidade estão inseridas num processo mais amplo de mudanças, que desloca as estruturas e os processos centrais das sociedades modernas e abala a ancoragem estável dos indivíduos no mundo social. Para Stuart Hall (2000), as velhas identidades estariam em declínio, e novas identidades estariam surgindo, fragmentando o indivíduo moderno. As transformações na sociedade ocasionam mudanças nas identidades pessoais, na ideia que cada um tem de si próprio como sujeito integrado. O autor denomina essa “perda de um ‘sentido de si’ estável” de deslocamento ou descentração do sujeito.

Hall (2000) distingue três concepções diferentes de identidade. O sujeito do Iluminismo era um indivíduo totalmente centrado e unificado. Seu núcleo interior emergia quando o sujeito nascia e permanecia o mesmo (na essência) por toda a sua existência. Já o sujeito sociológico tinha o núcleo interior formado na relação com o outro, caracterizando uma concepção interativa da identidade e do eu. “A identidade [...] preenche o espaço entre [...] o mundo pessoal e o mundo público” (HALL, 2000, p. 11), estabiliza os sujeitos e os mundos culturais por ele habitados, contribui para que os sentimentos subjetivos sejam alinhados aos lugares objetivos ocupados pelo indivíduo no mundo social e cultural.

E a terceira concepção de identidade descrita por Hall (2000) é o sujeito pós-moderno. Antes tido como possuidor de uma identidade unificada e estável, o sujeito estaria se fragmentando, a partir do momento em que é composto não de uma, mas de várias identidades, formadas e transformadas continuamente. O sujeito assume diferentes identidades em diferentes momentos – inclusive identidades contraditórias, não unificadas em torno de um eu coerente. Além disso, com as mudanças estruturais e institucionais, tais identidades estariam entrando em colapso, o que faz com que o processo de identificação torne-se mais provisório, variável e problemático. É justamente esse processo que produz o sujeito pós-moderno, sem identidade fixa, essencial ou permanente.

O sujeito pós-moderno metamorfoseia-se em múltiplos, promovendo um deslocamento da identidade essencialista que se ancora em conceitos tradicionais como o pertencimento territorial, por exemplo. Na perspectiva dos Estudos Culturais, Anna Lúcia Enne conceitua o sujeito moderno como

amparado pelo ambiente urbano, hiperestimulante e com um alargamento da consciência objetiva, hábitat das multidões e do anonimato, a percepção de que seria possível experimentar múltiplas vivências em termos identitários, sem necessariamente manter a ancoragem nos laços tradicionais. (ENNE, 2006, p. 18)

É nesse processo marcado pela fluidez e por constantes negociações, inclusive pela mídia e com seus atores, que Tomaz Tadeu da Silva delinea o conceito de identidade:

[...] não é uma essência; não é um dado ou um fato – seja da natureza, seja da cultura. A identidade não é fixa, estável, coerente, unificada, permanente. A identidade tampouco é homogênea, definitiva, acabada, idêntica, transcendental. Por outro lado, podemos dizer que a identidade é uma construção, um efeito, um processo de produção, uma relação, um ato performativo. A identidade é instável, contraditória, fragmentada, inconsistente, inacabada. A identidade está ligada a estruturas discursivas e narrativas. A identidade está ligada a sistemas de representação. A identidade tem estreitas conexões com relações de poder. (SILVA, 2005, p. 96-97)

A identidade, pois, não é mais vista como “universal e eterna”, como uma “edificação perene, de talhe metafísico; vale agora como um movimento de transitividade ou uma contingência emergente, com ‘muita adrenalina’” (TRINTA, 2008, p. 34). Também Caseti e Chio (1999) abordam essa nova identidade, que

superou o enfoque essencialista e não se entende mais como uma estrutura estável, dada uma vez por todas, mas como o produto das relações que a pessoa estabelece com o outro; esse outro pode ser representado ou constituído por pessoas, instituições, situações sociais etc<sup>3</sup>. Todos esses autores defendem que a identidade está relacionada às atividades sociais em que o indivíduo se insere e que formam sua personalidade e modelam seus perfis social e cultural.

Canclini (2008), por sua vez, inclui em sua compreensão do fenômeno um outro aspecto forjador de identidades: o consumo. É através do consumo, da escolha do que é necessário e do que é desejável, que as pessoas estabeleceriam sua identidade e construiriam sua diferença.

Vamos afastando-nos da época em que as identidades se definiam por essências a-históricas: atualmente configuram-se no consumo, dependem daquilo que se possui, ou daquilo que se pode chegar a possuir. As transformações constantes nas tecnologias de produção, no *design* de objetos, na comunicação mais extensiva ou intensiva entre sociedades [...] tornam instáveis as identidades fixadas em repertórios de bens exclusivos de uma comunidade étnica ou nacional. (CANCLINI, 2008, p. 30-31)

E como efetivar essas identidades tão fluidas? Narrando-as, especialmente. Construindo-as em narrativas. “A identidade surge, na atual concepção das ciências sociais, não como uma essência intemporal que se manifesta, mas como uma construção imaginária que se narra” (CANCLINI, 2008, p.117). E, nesse sentido, os meios de comunicação têm papel preponderante, pois contribuem para a reelaboração de identidades. Estas, como afirma Canclini (2008), também se configuram e se renovam em cenários informacionais e comunicacionais<sup>4</sup>.

Os referentes de identidade se formam, agora, mais do que nas artes, na literatura e no folclore – que durante séculos produziram os signos de diferenciação das nações –, em relação com os repertórios textuais e iconográficos gerados pelos meios eletrônicos de comunicação e com a globalização da vida urbana. (CANCLINI, 2008, p.117)

Nesse tipo de concepção, a identidade não é o oposto da diferença; mas depende dela e é marcada por ela. A diferença, por sua vez, é estabelecida por uma “*marcação simbólica* relativamente a outras identidades” (WOODWARD, 2005, p. 14). Tomaz

<sup>3</sup> Nesse sentido, Canclini afirma que “ao se tornar um relato que reconstruímos incessantemente, que reconstruímos com os outros, a identidade torna-se também uma co-produção” (CANCLINI, 2008, p. 136).

<sup>4</sup> Canclini (2008) classifica o rádio e a televisão como narradores urbanos.

Tadeu da Silva afirma que “em oposição à identidade, a diferença é aquilo que o outro é [...]. A diferença, tal como a identidade, simplesmente existe” (SILVA, 2005, p. 74). Identidade e diferença têm uma relação de dependência. Quando se afirma uma identidade, se nega outras identidades e se nega diferenças. “Assim como a identidade depende da diferença, a diferença depende da identidade. Identidade e diferença são, pois, inseparáveis” (SILVA, 2005, p. 75).

Caracterizadas por mudanças constantes, rápidas e permanentes, as sociedades modernas, segundo Anthony Giddens, estão sujeitas a “ondas de transformação social” (GIDDENS apud HALL, 2000). Entre as principais transformações que caracterizam as sociedades modernas estão as do tempo e do espaço. Homi Bhabha defende que vivemos nas fronteiras do presente, num “momento de trânsito em que espaço e tempo se cruzam para produzir figuras complexas de diferença e identidade, passado e presente, interior e exterior, inclusão e exclusão” (BHABHA, 2001, p. 19). Segundo ele, em momentos de transformação histórica, emergem hibridismos culturais, que ganham autoridade a partir da complexa negociação da articulação social da diferença. O reconhecimento outorgado pela tradição seria uma forma parcial de identificação: “Ao reencenar o passado, este introduz outras temporalidades culturais incomensuráveis na invenção da tradição. Esse processo afasta qualquer acesso imediato a uma identidade original ou a uma tradição ‘recebida’” (BHABHA, 2001, p. 21).

Também Aluizio Trinta aborda a influência mútua entre identidade e alteridade:

As *identidades* compõem hoje interfaces, que caracterizam *sujeitos* contemporâneos no momento em que se deparam com a alteridade. Por obra e graça da comunicação medial, na qual se esboçam e efetuam *mediações*, moldam-se *identidades e alteridade*, mantida sua tensão dialética. (TRINTA, 2008, p. 34)

Canclini, a partir de proposta de Paul Ricoeur, sugere mudar a ênfase sobre a diferença, ampliando a discussão sobre identidades para a de uma política de *reconhecimento*:

Na noção de identidade há apenas a idéia do mesmo, enquanto reconhecimento é um conceito que integra diretamente a alteridade, que permite uma dialética do mesmo e do outro. A reivindicação da identidade tem sempre algo de violento a respeito do outro. Ao contrário, a busca do reconhecimento implica a reciprocidade. (RICOEUR apud CANCLINI, 2008, p. 24)



No mundo moderno, entre as principais fontes de identidade cultural estão as culturas nacionais. O local onde nascemos não está nos nossos genes, mas pensamos nele como se fizesse parte da nossa natureza essencial. Roger Scruton e Ernest Gellner defendem que “sem um sentimento de identificação nacional o sujeito moderno experimentaria um profundo sentimento de perda subjetiva” (SCRUTON e GELLNER apud HALL, 2000, p. 48). Para Hall, essas identidades nacionais também seriam parte de uma narração, seriam parte de uma representação; uma nação, assim, seria um sistema de representação cultural, uma comunidade simbólica.

Benedict Anderson afirma que a identidade nacional é uma “comunidade imaginada”, argumentando que as diferenças entre as nações estão nas diferentes formas pelas quais elas são imaginadas (ANDERSON apud HALL, 2000). No mundo pós-moderno, as comunidades imaginadas são contestadas e reconstituídas. Kathryn Woodward concorda que a diferença entre as diversas identidades nacionais está nas diferentes formas pelas quais elas são imaginadas. “A identidade nacional é inteiramente dependente da idéia que fazemos dela” (WOODWARD, 2005, in SILVA, 2005, p. 24). E mesmo que o passado reconstruído seja apenas imaginado, ele proporciona uma certeza no meio do reinante clima de mudança e fluidez (WOODWARD, 2005, in SILVA, 2005). Muitas vezes, as nações voltam ao passado para seguir rumo ao futuro. O apelo aos mitos fundadores, para Silva, é uma tentativa de fixação de identidades. Tais mitos fundadores criam laços imaginários e unem os componentes daquela comunidade imaginada.

Um mito fundador remete a um momento crucial do passado em que algum gesto, algum acontecimento, em geral heróico, épico, monumental, em geral iniciado ou executado por alguma figura ‘providencial’, inaugurou as bases de uma suposta identidade nacional. Pouco importa se os fatos assim narrados são ‘verdadeiros’ ou não; o que importa é que a narrativa fundadora funciona para dar à identidade nacional a liga sentimental e afetiva que lhe garante uma certa estabilidade e fixação, sem as quais ela não teria a mesma e necessária eficácia. (SILVA, 2005, p. 85)

Ainda que as identidades nacionais permaneçam fortes, as identidades locais, regionais e comunitárias têm conquistado mais importância na contemporaneidade. É que, “colocadas acima do nível da cultura nacional, as identificações ‘globais’ começam a deslocar e, algumas vezes, a apagar as identidades nacionais” (HALL, 2000, p. 73). Para alguns teóricos culturais, a interdependência global está promovendo um colapso nas identidades culturais fortes, sendo responsável pela fragmentação dos códigos

culturais, o que Hall chama de “pós-moderno global”. De acordo com ele, os fluxos culturais entre as nações e o consumismo global criam possibilidades de identidades compartilhadas. E “à medida em que as culturas nacionais tornam-se mais expostas a influências externas, é difícil conservar as identidades culturais intactas ou impedir que elas se tornem enfraquecidas através do bombardeamento e da infiltração cultural” (HALL, 2000, p. 74). Isso porque, segundo Hall, “quanto mais a vida social se torna mediada pelo mercado global [...], pelas imagens da mídia e pelos sistemas de comunicação globalmente interligados, mais as *identidades* se tornam desvinculadas – desalojadas – de tempos, lugares, histórias e tradições [...]” (HALL, 2000, p. 75).

Efetiva-se, pois, a constituição híbrida das identidades étnicas e nacionais de que trata Canclini.

Quando a circulação cada vez mais livre e freqüente de pessoas, capitais e mensagens nos relaciona cotidianamente com muitas culturas, nossa identidade já não pode ser definida pela associação exclusiva a uma comunidade nacional. O objeto de estudo não deve ser, então, apenas a diferença, mas também a hibridização. Nesta perspectiva, as nações se convertem em cenários multideterminados, onde diversos sistemas culturais se interpenetram e se cruzam. [...] Hoje a identidade, mesmo em amplos setores populares, é poliglota, multiétnica, migrante, feita com elementos mesclados de várias culturas. (CANCLINI, 2008, p. 131)

Não que as nações e as etnias tenham desaparecido. Elas continuam existindo, mas não são mais as principais produtoras de coesão social. Ao contrário, elas se reconstróem em hibridização. Dessa forma, inauguram-se na contemporaneidade novas formas de pertencimento, nas quais “o território, como espaço físico de convívio, cada vez tem menos importância, e em que a tecnologia e os meios de comunicação reorganizam o social, transformando-se na principal argamassa para as cartografias pós-nacionais” (COUTINHO & MUSSE, 2009, p. 17).

O excesso de informações e a multiplicidade de vozes representadas na mídia, no entanto, proporcionaram um caos de significações na sociedade da comunicação. Essas significações – ou sentidos – são negociadas nas interações sociais e via meios de comunicação: “De distintos modos e de todas as maneiras possíveis, negociam-se *sentidos* por meio de incontáveis formas de contato, contágio e partilha, entre os quais avulta a *mediação* realizada pelos *meios de comunicação*. E, dentre eles, destaque especial para a televisão” (TRINTA, 2008, p. 34). Ou seja, os sujeitos constroem suas identidades com base nos valores culturais e nos artefatos simbólicos disponíveis. Leal

remete-se a Peter Berger e Thomas Luckmann (1995) para afirmar que a realidade é socialmente construída.

Ao partilhar a vida com os que estão à nossa volta, num processo de interações sociais e comunicativas mediadas pela linguagem, damos sentido ao mundo – e também construímos auto-sentidos. Logo, nossas relações comunicativas constituem o universo simbólico a partir do qual percebemos e damos significado à realidade. (LEAL, 2008, p. 98)

Canclini afirma que os sujeitos percebem que a maioria das respostas a muitas de suas perguntas [“a que lugar pertença e que direitos isso me dá, como posso me informar, quem representa meus interesses” (CANCLINI, 2008, p. 29)] vem através do que consomem e dos meios de comunicação de massa. Assim, desenvolvem-se formas heterogêneas de pertencimento. O autor defende que a negociação é recurso chave na redefinição dos conceitos de identidade.

Os componentes culturais híbridos presentes nas interações de classes impõem que se reconheça, ao lado do conflito, a importância da negociação. Esta já não aparece como um expediente exterior à constituição dos atores, ao qual se recorria ocasionalmente por conveniências políticas. É uma forma de existência, algo intrínseco aos grupos participantes do jogo social. A negociação está instalada na subjetividade coletiva, na cultura cotidiana e política mais inconsciente. Seu caráter híbrido, que na América Latina decorre de sua história de mestiçagens e sincretismos, se acentua nas sociedades contemporâneas pelas complexas interações entre o tradicional e o moderno, o popular e o culto, o subalterno e o hegemônico. (CANCLINI, 2008, p. 207)

Daí a importância de se estudar as identidades como processos de negociação.

## 2.2) O PROCESSO DE IDENTIFICAÇÃO NA TV

A televisão “[...] é o grande relógio da nossa vida cotidiana, que marca o ritmo imutável dos dias que passam”.  
(WOLTON, 1996, p. 318)

A sensação de deslocamento vivida pelo indivíduo no mundo contemporâneo recebe a contribuição das redes de comunicação. Taiga Corrêa Gomes destaca que “as fronteiras se dissolvem, a globalização desloca as identidades nacionais. O sujeito está se tornando fragmentado, assume identidades diferentes em diferentes momentos. Identidades cada vez mais partilhadas” (GOMES, 2006, p. 2). E a necessidade de

compreender o mundo globalizado e de ter acesso ao maior número possível de informações é preenchida pelo jornalismo, sobretudo pela televisão. “O real, traduzido pelas imagens, se materializa na tela que faz parte do nosso cotidiano” (GOMES, 2006, p. 3).

A televisão está presente em 95,7% dos lares brasileiros, enquanto 93,4% deles possuem geladeiras. Os dados do IBGE (2004) nos mostram que o brasileiro adora a televisão. E também a importância da TV para a sociedade contemporânea. “Nos últimos anos, a televisão vem se firmando como principal meio de comunicação massiva na sociedade. [...] cada vez mais ela define não só o que deve ser visto como informação, mas ela própria adquire o *status* de informação [...]” (HAGEN, 2008, p. 29). Flávio Porcello pontua a influência da TV nos campos político e social: “[...] é entre os meios convencionais de comunicação, sem a menor sombra de dúvida, a mais influente forma de persuasão política e disseminadora de modelos e práticas sociais”. (PORCELLO, 2009, p. 47).

Ana Carolina Pessoa Temer considera a televisão como “o ponto focal da família, no qual vêm as novelas, programas de auditório, *realitys-shows* e, é claro, o telejornal”. (TEMER, 2010, p. 101). Essa concepção é compartilhada por Yvana Fachine (2008b), que destaca a relação intrínseca da TV com a vida cotidiana, uma vez que a produção televisiva é feita tendo como foco a recepção no ambiente familiar e doméstico. Outros autores como Dominique Wolton (1996) e Roger Silverstone (1994), citados por Coutinho (2003), chamam a atenção para a grande presença da televisão no cotidiano da sociedade:

[...] a experiência que se tem da televisão é a experiência do mundo: ‘[...] Nos oferece prazer e nos aborrece quando nos questiona. Nos dá oportunidade de sermos socializados e também solitários. [...] A televisão nos parece hoje natural como parece a vida cotidiana.’ (SILVERSTONE, 1994, p. 20 apud COUTINHO, 2003, p. 38)

Coutinho (2003) ainda faz referência a Ester Hamburger (1988) e Eugênio Bucci (1997), que defendem a televisão para além de um veículo, mas “como um ambiente, uma ideologia capaz de integrar diferentes expectativas, desejos, e ainda aliviar tensões em um imaginário nacionalmente construído” (COUTINHO, 2003, p. 46). A autora afirma que a tela da TV constitui “o espaço onde o país se informa e se localiza no mundo. Entendida como assembléia permanente da nação, a televisão

definiria inclusive um modo, real, de observar o mundo, dando legitimidade ao que exhibe em sua tela” (COUTINHO, 2003, p. 46).

E é justamente a vida cotidiana que concede elementos para a organização do fluxo discursivo da TV, a partir do momento em que as histórias construídas e narradas na televisão são baseadas nos acontecimentos cotidianos. Assim, a TV converte-se em porta-voz da cultura da sociedade em que se insere, ao mesmo tempo em que contribui para defini-la ao oferecer paradigmas, orientar discursos e promover agendamentos. E o público tem prazer em ouvir as histórias contadas pela televisão porque elas se relacionam com sua própria experiência de vida.

A televisão fala, conta, propõe histórias que refletem o costume de buscar emoções do espírito humano. Neste sentido, a televisão estimula a imaginação dos indivíduos, satisfaz sua necessidade de fuga e encarna suas fantasias, realizando-as em histórias próximas à sua vida cotidiana. (CASSETI & CHIO, 1999, p. 309 – tradução da pesquisadora)

A televisão, assim, ofereceria ao telespectador meios de compreender o mundo em que vive. Seja pela informação, seja pelo entretenimento, a TV ocupa um lugar na vida das pessoas, “[...] constituindo assim a principal janela aberta para um outro mundo, diverso da vida cotidiana” (WOLTON, 1996, p. 45). Ou seja: ela parte da vida cotidiana e é recepcionada no cotidiano familiar, mas permite que se veja algo além da cotidianidade. A programação televisiva é classificada por Coutinho (2003) como uma espécie de grande narrativa do mundo moderno.

No Brasil, a televisão é tida como a principal fonte de informação, configurando o eixo central da indústria cultural nacional. Coutinho (2003) vincula essa escolha da televisão como principal veículo de informação ao perfil do brasileiro médio. “A televisão garantiria um acesso mais universal ao conhecimento dos fatos, nas notícias, sem limitações de grau de escolaridade” (COUTINHO, 2003, p. 22). Além do analfabetismo e do baixo nível de escolaridade, os baixos índices de desenvolvimento também conferem relevância ao impacto da TV no Brasil, dada à maior influência do veículo em situações de pobreza econômica e cultural.

A autora cita José Arbex Júnior, para quem a influência e a importância da televisão no Brasil se relacionam ao fato de a cultura brasileira privilegiar a percepção visual como fonte de conhecimento. Em uma sociedade marcada pela hegemonia audiovisual, seria na televisão, pois, que o país se encontraria. As emissões televisivas no Brasil, portanto, exercem forte impacto na “construção do conhecimento, ainda que

cotidiano, e no processo de informação da grande maioria da população” (COUTINHO, 2003, p. 22). Bucci vai além e defende que “[...] fora da TV, talvez seja muito improvável encontrar algum Brasil para ser visto” (BUCCI apud COUTINHO, 2003, p. 46), porque “a televisão é o lugar onde as coisas acontecem” (BUCCI apud COUTINHO, 2003, p. 202).

A TV, portanto, marca presença na vida das pessoas. Uma presença que, segundo Coutinho (2003), seria constante. Essa percepção acerca da televisão é compartilhada por Eric Landowski: “[...] a televisão, nos seus aspectos mais característicos, é sobretudo uma *presença*”. (LANDOWSKI, 2008, p. 7). Para Fechine, esta presença efetiva-se pelo simples fato de a TV estar ligada.

[...] sempre que mantenho a TV ligada, ainda que não preste muita atenção ao que se mostra ou ao que se fala, não me sinto mais sozinha. Instala-se um tipo de efeito de presença. Poderia explicar tal sentimento atribuindo-o, pelo caminho mais óbvio, à mera construção do simulacro de uma conversação interpessoal através de diversas estratégias enunciativas que produzem efeitos de proximidade (*talking heads* que se dirigem diretamente ao espectador, por exemplo). (FECHINE, 2008b, p. 108)

A televisão, pois, auxiliaria o telespectador a estar no mundo. (FECHINE, 2008b).

Wolton é outro autor que justifica a presença da televisão a partir do momento em que atuaria como uma companheira na solidão dos telespectadores, de cuja vida seria testemunha. Além disso, seria capaz de “despertar a identificação e legitimar o narcisismo, fazer sonhar e fazer esquecer” (WOLTON, 1996, p. 11); seria ainda, para o autor, importante fator de integração social e de identidade coletiva. Em sua proposta de teoria crítica da televisão, Wolton elege as duas dimensões indissociáveis, complementares e simétricas da TV, que constituiriam sua unidade teórica:

Uma dimensão técnica ligada à imagem; uma dimensão social, ligada ao seu *status* de meio de massa. A força da televisão e, a nosso ver, a fonte de seu sucesso, é justamente essa aliança entre uma dimensão técnica e outra social. A técnica concerne à produção e à difusão de imagens relevantes de gêneros e *status* diferentes (informações, espetáculos, esportes). A dimensão social remete à recepção de massa em condições sociais e culturais muito diferenciadas. (WOLTON, 1996, p. 65)

Ao analisar a televisão, Wolton propõe o conceito chave de laço social, por meio do qual defende a perspectiva de que o veículo desenvolve a participação, ainda que

imaginária, da população. Assim, se coloca de forma contrária aos que acusam a TV de levar os telespectadores à passividade.

A televisão é um formidável instrumento de comunicação entre os indivíduos. O mais importante não é o que se vê, mas o fato de se falar sobre isso. A televisão é um objeto de conversação. Falamos entre nós e depois fora de casa. Nisso é que ela é um laço social indispensável numa sociedade onde os indivíduos ficam freqüentemente isolados e, às vezes, solitários. [...] Ela é a única atividade a fazer ligação igualitária entre ricos e pobres, jovens e velhos, rurais e urbanos, entre os cultos e os menos cultos. Todo mundo assiste à televisão e fala sobre ela. Qual outra atividade é, hoje, tão transversal? Se a televisão não existisse, muita gente sonharia em inventar um instrumento capaz de reunir todos os públicos. Isso é o que é a unidade teórica da televisão. (WOLTON, 1996, p. 16)

Como dimensões positivas da televisão, Wolton aponta: “oferecer uma comunicação na escala das nossas sociedades, ser uma janela aberta para o mundo, ser o principal meio de informação e divertimento do grande público, oferecer um laço social e um fator de identidade nacional num mundo cada vez mais aberto” (WOLTON, 1996, p. 19). O papel da TV como laço social teria ainda mais relevância com a fragmentação identitária que se observa na atualidade. Wolton acredita que, por dirigir-se ao grande público, estando ao lado do geral – e não do particular –, a televisão se torna digna da confiança dos telespectadores. E é justamente “essa confiança na televisão que lhe confere o seu papel de laço social, apreciado sobretudo porque é livre e sem limitações de parte a parte. Uma confiança que é condição indispensável para aceitar esse ‘companheiro em domicílio’” (WOLTON, 1996, p. 78).

O laço social, explica Wolton, significa o laço entre os indivíduos e também o laço entre as diferentes comunidades que constituem uma sociedade:

[...] o espectador, ao assistir à televisão, agrega-se a esse público potencialmente imenso e anônimo que a assiste simultaneamente, estabelecendo assim, como ele, uma espécie de laço invisível. [...] ‘Assisto a um programa e sei que outra pessoa o assiste também, e também sabe que eu estou assistindo a ele’. Trata-se, portanto, de uma espécie de laço especular e silencioso. Mas existe um segundo sentido. A televisão, como sempre dizemos, é o ‘espelho’ da sociedade. Se ela é seu espelho, isso significa que a sociedade se vê – no sentido mais forte do pronome reflexivo – através da televisão, que esta lhe oferece uma representação de si mesma. E ao fazer a sociedade refletir-se, a televisão cria não apenas uma imagem e uma representação, mas oferece um laço a todos aqueles que a assistem simultaneamente. (WOLTON, 1996, p. 124)

A televisão, pois, teria um papel fundamental, na medida em que reafirmaria, cotidianamente, os laços que juntam os cidadãos em uma comunidade. Para isso a TV firma pactos com seus telespectadores. E a cada pacto, segundo Trinta (2008), corresponde um comportamento esportivo bem definido. Ou seja, haveria diversos modos de implicação identitária, mediados pelos programas habitualmente assistidos pelos espectadores. Isso preconiza o processo de identificação via TV.

Manifesta-se um processo de identificação quando se torna a própria *identidade* co-extensiva à de alguma outra pessoa, personalidade ou personagem; quando há apropriação (compenetração de ideias, crenças, atitudes e sentimentos) da *identidade* aparente de uma pessoa, personalidade ou personagem; enfim, quando transparece uma fusão intencional da própria *identidade* à de uma pessoa, personalidade ou personagem. (TRINTA, 2008, p. 36)

O processo de identificação, de acordo com o autor, se vincularia ao grau e à intensidade em que um dado público se deixaria influenciar por personagens (de ficção) ou por personalidades, tais como são encontradas no cinema e, em particular, na televisão. Dessa forma, os vínculos proporcionados pelo processo de identificação se tornariam “[...] vias de transmissão de *valores*, bem como se prestam à difusão de *informações* [...] e à confecção de *pautas*, pelas quais tal espectador mede e regula suas ações” (TRINTA, 2008, p. 37).

Nesse processo, segundo Iluska Coutinho, a televisão forjaria elementos do espaço familiar, como a simulação do contato e a retórica do direto.

Para simular o contato, a TV se utilizaria de personagens, animadores-apresentadores, que, ao utilizar um tom coloquial em sua fala, garantiriam a interlocução com o público. Já a retórica do direto se fundamentaria na (ilusão de) proximidade e na magia do ver, celebradas pelas imagens transmitidas pela televisão. (COUTINHO, 2003, p. 32)

Landowski também reforça a grande potencialidade de sentidos das transmissões televisivas:

[...] em frente de um texto, tentamos captar o sentido contido atrás da palavra, diante da tela; são sobretudo os conteúdos transmitidos através das imagens e das falas que, em geral, nos interessam e que, portanto, procuramos detectar, analisar, às vezes criticar. Qual a visão de mundo que a telenovela, por exemplo, nos propõe com o propósito de nos “divertir”? Qual a significação que o telejornal dá ao acontecido sob o pretexto de nos informar? (LANDOWSKI in FECHINE, 2008b, p. 7)



O sentido da mensagem, portanto, não está totalmente realizado até que seja interpretado; no caso da TV, pelos telespectadores. Caseti e Chio (1999) afirmam que o significado da mensagem nasce da confrontação entre o texto e seu destinatário – uma confrontação que desemboca em uma negociação do sentido propriamente dito. A apreensão desses sentidos depende, entre outros fatores, do grau de atenção do espectador e de sua inserção social.

Segundo Caseti e Chio (1999), a negociação de sentidos se daria em três momentos. Primeiramente, o telespectador negociaria o sentido da mensagem televisiva confrontando o que está recebendo com o que sabe, pensa e crê, enquanto indivíduo ou membro de um grupo social. Após, o espectador buscaria um ponto intermediário entre a posição que a mensagem transmite e o que lhe atribuem os processos sociais dos quais participa. E em terceiro lugar, a negociação de sentido se efetivaria levando-se em conta as numerosas interpretações que circulam no espaço social atribuído à mensagem.

A significação das mensagens, portanto, depende do contexto do destinatário, sendo que a atribuição de sentidos pode se efetivar individualmente ou em conjunto. Nesse caso, seria um processo coletivo de construção de sentido. A mensagem, pois, seria “uma estrutura aberta, polissêmica, semanticamente flexível e suscetível de ser interpretada de diferentes modos (todos igualmente legítimos), considerando a interpretação como algo ativo e negociável [...]” (CASSETI & CHIO, 1999, p. 303-304 – tradução da pesquisadora). E qualquer semelhança com os processos de produção de identidades não seria, nesse caso, mera coincidência.

Vale destacar que muito da produção de sentidos por meio do telejornalismo pode ser atribuído à forma como a informação jornalística em televisão é estruturada e também à definição dos critérios para seleção do que será noticiado no veículo. Na pesquisa para sua tese de Doutorado, Coutinho percebeu a aproximação da edição da informação jornalística televisiva à estrutura narrativa comum à ficção e, a partir daí, apresentou a proposta de existência da dramaturgia do telejornalismo

[...] entendida aqui como a organização da notícia em televisão de acordo com uma estrutura dramática [...] o noticiário de televisão é espaço para que experimentemos os pequenos e grandes dilemas cotidianos, emoções de anônimos e autoridades, editadas segundo uma série de características que as aproximam das narrativas de ficção, do terreno da (tele) dramaturgia. (COUTINHO, 2003, p. 19)

Coutinho comprovou, por meio de pesquisas empíricas, o caráter dramático das histórias jornalísticas em televisão e a estrutura narrativa do telejornalismo brasileiro, percebendo que “[...] a dramaturgia como modelo adotado para a apresentação de notícias seria uma característica comum ao telejornalismo praticado no Brasil” (COUTINHO, 2003, p. 20). Isso porque, em todas as edições analisadas pela pesquisadora, os telejornais construiriam dramas informativos, com a estruturação das notícias como dramas cotidianos. Além disso, a representação do mundo pela televisão seria marcada pela serialidade: “[...] o não-fechamento do conflito narrativo acaba por indicar uma necessidade de acompanhar os desdobramentos do cotidiano, traduzido para a tela de televisão em ‘capítulos’” (COUTINHO, 2003, p. 173).

A autora discorre a respeito da existência de um processo de dramatização nos formatos informativos e da “existência de uma estrutura dramática na organização e edição das notícias nos telejornais brasileiros [...]” (COUTINHO, 2003, p. 113). Daí a tendência de se privilegiar a veiculação de assuntos que contenham as características essenciais da dramaturgia: a existência de uma crise instalada e de ações direcionadas para a busca de solução.

[...] a noção de dramaturgia do telejornalismo compreende, para além dos aspectos de encenação e do caráter espetacular da atuação de seus profissionais, a organização das matérias editadas, em texto e imagem, de forma a oferecer ao telespectador o desenrolar das ações, vividas e experimentadas por meio da atuação de diferentes personagens colocados em cena. (COUTINHO, 2003, p. 199)

Outra semelhança com a narrativa dramática estaria nos papéis desempenhados pelos personagens, que seguiriam uma espécie de roteiro modelo:

Entre os papéis que poderíamos chamar de essenciais ou fundamentais nas narrativas analisadas estão os de: mocinho, vilão, herói, vítima, expert, parceiro/aliado, mediador, concorrentes e ainda o de “musa” ou troféu em disputa. Há ainda algumas variações destes papéis tipo padrão, que seriam os de vilão implícito; neomocinhos ou vilões regenerados/arrepentidos; fiscais ou defensores; beneficiados/ favorecidos e ainda o personagem misterioso ou radical. [...] as categorias/ tipos mais frequentes são mocinho, vilão e vítima. Essa predominância tem estreitas ligações com o fato de que as narrativas, conforme descrito anteriormente, trazem em si os registros ou conexões com a já tradicional luta Bem-Mal e, na medida do possível, utilizam-se da estória narrada para reforçar valores morais e de conduta. (COUTINHO, 2003, p. 149)

Algumas vezes, um mesmo personagem aparece com papéis distintos em reportagens sobre um mesmo assunto, já que tudo depende da abordagem e do desenrolar da história. Os personagens se organizariam em torno de conflitos desencadeados por diversos tipos de intrigas – conflitos considerados “condição *sine qua non* para a existência de uma narrativa dramática” (COUTINHO, 2003, p. 200).

Na televisão, portanto, a notícia se estruturaria como drama, que seria “mostrado aos telespectadores por meio do registro das imagens, *mimese* das ações ‘observadas’ pela câmera, e do diálogo entre o telespectador, os entrevistados e jornalistas, personagens das histórias contadas” (COUTINHO, 2003, p. 200). O telejornalismo, pois, se configuraria como

[...] uma narrativa verossímil da realidade, tecida como um drama cotidiano. Poderíamos sugerir que a dramaturgia do telejornalismo estaria ligada ao caráter da televisão como veículo que oferece, mais que informações, também experiências que são vividas pelos telespectadores por meio da mobilização de suas emoções. Assim, as narrativas da realidade nessa mídia deveriam ser construídas de modo que pudessem reproduzir ou “imitar” a forma como as pessoas vivem e experimentam o mundo, ainda que pela TV. (COUTINHO, 2003, p. 201)

Outro conceito com o qual pretendemos trabalhar, por seu papel na construção identitária da audiência, é o de modo de endereçamento, proposto por Itânia Mota Gomes (2005). Na análise televisiva, esse conceito contribui na verificação de como um programa específico constrói seu estilo, que o identifica e que o diferencia dos demais perante sua audiência:

Modo de endereçamento é aquilo que é característico das formas e práticas comunicativas específicas de um programa, diz respeito ao modo como um programa específico tenta estabelecer uma forma particular de relação com sua audiência. A análise do modo de endereçamento deve nos possibilitar entender quais são os formatos e as práticas de recepção solicitadas e construídas pelos telejornais. (GOMES, 2005, p. 2)

O modo de endereçamento, portanto, se caracteriza pela relação que o programa propõe para sua audiência, constituindo-se em um processo invisível que convoca o espectador a determinada posição. “O modo de endereçamento é um conceito que se refere a algo que está no *texto* – ou no programa, diríamos nós – e que age, de alguma forma, sobre seus espectadores imaginados ou reais” (GOMES, 2005, p. 2). A autora defende que, quando aplicado aos estudos de jornalismo, o modo de endereçamento leva

a crer que “quem quer que produza uma notícia deverá ter em conta não apenas uma orientação em relação ao acontecimento, mas também uma orientação em relação ao receptor” (GOMES, 2005, p. 3). Tal orientação para o receptor seria o próprio modo de endereçamento, que, de acordo com Gomes, provê grade parte do apelo de um programa para os telespectadores.

Entre os operadores de análise a partir do modo de endereçamento, Gomes (2005) aponta o mediador:

Sem dúvida, em qualquer formato de programa jornalístico na televisão, o apresentador é a figura central, aquele que representa a “cara” do programa, e que constrói a ligação entre o telespectador e os outros jornalistas que fazem o programa. Assim, para compreender o modo de endereçamento, é fundamental analisar quem são os apresentadores, como se posicionam diante das câmeras e, portanto, como se posicionam para o telespectador. (GOMES, 2005, p. 4)

Outro operador de análise destacado pela autora e que nos interessa, particularmente, neste projeto, é o que compreende os recursos técnicos a serviço do jornalismo. A esse respeito, Gomes afirma que a exibição das redações ao fundo da bancada dos apresentadores é uma estratégia “de construção de credibilidade e, ao mesmo tempo, de aproximação do telespectador, que se torna, assim, cúmplice do trabalho de produção jornalística” (GOMES, 2005, p. 5).

O peso das imagens na construção da narrativa telejornalística, e mesmo ao tecer as relações entre TV e sociedade, é outro fator que merece atenção. A sociedade contemporânea é conhecida como a sociedade da imagem. Como classifica Régis Debray (1993), vivemos no mundo da videosfera, com predominância absoluta da imagem em relação à palavra falada e/ou escrita. Sebastião Squirra (1999, apud COUTINHO, 2005) lembra que a informação visual é o mais antigo registro da história humana. Jesus Martín-Barbero e German Rey, citados por Coutinho, também ressaltam seu poder: “Desde o início a imagem foi ao mesmo tempo meio de expressão, de comunicação e também de adivinhação e iniciação, de encantamento e cura [...]” (MARTÍN-BARBERO & REY apud COUTINHO, 2005, p. 333).

E a visão não requer esforço. É um sentido que se adapta a distâncias espaciais e pode ser interrompido a qualquer momento pelas pálpebras. Daniel Dayan (2009) remete-se a Susan Sontag (2003) para dizer que “a visão não serve apenas de ouvido. Pode também tornar-se ‘boca’ e prestar-se a um dizer” (DAYAN, 2009, p. 234).

Portanto, as imagens são ligadas a categorias do discurso que envolvem atos de olhar identificáveis em referência aos atos de fala.

Para Dayan (2009), as imagens de televisão têm ligação com a Semiologia da Imagem, mas referem-se também ao que ele chama de Pragmática da Mostração:

[...] a imagem de televisão é seleccionada, enquadrada, posicionada, iluminada, designada, comentada e dotada de um título. Do mesmo modo, a imagem de televisão é objeto de ‘uma retenção institucional’, serve de emblema à instituição que a promove. (DAYAN, 2009, p. 234)

Segundo o autor, algumas imagens tornam-se “museais” e outras são “jornalizadas”. Diferentemente do que ocorre nas imagens jornalísticas (encontradas abundantemente em *sites* na internet e que não obedecem a critérios), nas imagens “jornalizadas” há uma filtragem operada pelo jornalismo. Dayan (2009) também estabelece diferenças entre “demonstrar” e “mostrar”. Enquanto a demonstração teria inculcados os atos de exhibir e provar, situando-se entre a ostentação e a prova, a chamada mostração estaria ligada especialmente à ostentação.

Parece-me que o facto de mostrar, neste tipo de televisão, remete inevitavelmente para um agir confirmativo. Mas a prática do ‘mostrar’ veicula também outras formas de agir. Algumas destas acções inscrevem-se na esfera do gesto. Um olhar nunca é neutro. Há uma forma de ver que exprime a proximidade ou a simpatia. Há outra que exprime a distância ou o afastamento. Algumas maneiras de ver podem ser adoptadas e outras, pelo contrário, rejeitadas com horror. (DAYAN, 2009, p. 237)

Para o autor, a imagem é performativa – realiza um ato quando é pronunciada. “Tal como os discursos ideológicos, as imagens traduzem gestos e posturas: estar com ou em frente de. Estar perto ou longe. Incluir, abranger, ou excluir, rejeitar” (DAYAN, 2009, p. 238). Ele ainda afirma que, quando há circulação de uma mesma imagem, não são apenas conteúdos visuais que estão sendo transmitidos; uma mesma imagem presta-se a avaliações divergentes, inclusive a leituras aberrantes. E “é por essas ‘aberrações’ que as grandes viragens históricas se manifestam” (DAYAN, 2009, p. 238). Daí a importância de saber o que dizem as imagens e o que as esferas públicas fazem do que as imagens dizem – o que não significa que as imagens são infinitamente maleáveis, apesar de serem polissêmicas. Dayan (2009) defende a necessidade de se fazer uma análise pormenorizada das imagens. Para ele, “as imagens da informação falam frequentemente de sofrimentos” (DAYAN, 2009, p. 239) e, para isso, seguem regras.

Inicialmente, despertam compaixão no espectador, que vê pela TV, mas nada tem a fazer. Esta chamada “empatia impotente” leva à denúncia do(s) culpado(s) pelo sofrimento. Há, a seguir, a instrumentalização do sofrimento – o sofrimento de uns é mostrado e o de outros é silenciado. Os grandes sofrimentos, que são invisíveis, são traduzidos em dores individuais, personalizadas, visíveis. Vítimas são distinguidas de carrascos, bem como inocentes de culpados. Por fim, há uma triagem dos próximos (“nós”) e dos distantes (“outros”).

Baseado em Theo Van Leuwen e Gunther Kress (1996), Dayan (2009) distingue três aspectos da mostraçõ de pessoas. O primeiro é o aspecto de reciprocidade/negaçõ: há diferençã entre pessoas que fixam o olhar no espectador e as que não fixam. As que fixam exigem uma resposta imaginária do espectador, instaurando a reciprocidade. Assim, elas estabelecem um “estatuto da pessoa”, enquanto as que não fixam o olhar estabelecem o “estatuto da não-pessoa”. Isso faz com que o espectador aproxime-se de uns e afaste-se de outros.

O segundo aspecto seria o de intimidade/distância. Há semelhança entre a nomenclatura dos planos do cinema e da TV com o sistema de distâncias sociais de Edward Hall. As distâncias pessoal, social e pública seriam estabelecidas por fronteiras invisíveis advindas da relação imaginária entre personagens representados e espectador, que se tornam amigos ou estranhos. E o terceiro aspecto da mostraçõ seria o de interaçõ/desapego, definido pela relação entre o “plano que o espectador encara” e o “plano que as personagens representadas encaram” (DAYAN, 2009, p, 241). Apesar de serem frontais, os planos podem ser deslocados, e as personagens aparecerem mais ou menos de perfil, significando uma menor interaçõ com o espectador.

Dayan (2009) relata um jogo de regras nas mostrações televisivas relativas às notícias, segundo o qual o perto é próximo e o longe é distante. Apenas nos grandes acontecimentos midiáticos essas regras poderiam não ser obedecidas, devido à dificuldade de acesso a locais para se fazer imagens:

Filman onde se conseguem situar; onde se vê; onde há menos hipóteses de serem atingidos por bombas ou por balas. Contudo, a imensa maioria das notícias não diz respeito a acontecimentos deste gênero e a exibição das pessoas pode ser aí cuidadosamente ‘esculpida’. Além disso, mesmo quando se trata de um acontecimento difícil de dominar, todo o tipo de correções podem ser introduzidas na montagem a fim de se retirar as mostrações rebeldes do lado de um ou do outro jogo de regras. (DAYAN, 2009, p. 242)

A mídia provoca efeitos sobre a percepção e a construção da opinião pública em relação aos acontecimentos noticiosos. E o público, por sua vez, serve de filtro ou amplificador do poder da mídia (DAYAN, 2009). Segundo o autor, após os ataques terroristas nos Estados Unidos em 11 de setembro de 2001, houve uma situação de exacerbação em que se desenvolveu uma cismogênese ou ruptura:

Alguns relatos de acontecimentos provocam a vontade e a capacidade de compreender as motivações de diversos actores. Outros são concebidos de forma a introduzirem a distância máxima entre o ‘nós’ a que pertencemos e o outro que é construído. Tudo é aí feito para conduzir à escalada dos conflitos, à adopção de posições extremas e inconciliáveis. Deverá então esta escalada afectar a própria prática da informação [...]. Ou será preciso, pelo contrário, regressar à noção de uma informação partilhável e, portanto, à de uma objectividade possível? Poder-se-á ainda falar de objectividade sem correr o risco de parecer ridículo? (DAYAN, 2009, p. 243-244)

A objetividade é construída e remete à existência de públicos diferenciados. Apesar de os acontecimentos serem disponibilizados para o debate comum, as interpretações são diferentes, de acordo com o público. Dayan (2009) defende que a noção de objetividade precisa ser reformulada, sem implicar a impossibilidade de adequação entre realidade e discurso. Ele fala do apelo à confiança do espectador como um contrato de leitura. Justamente pelo fato de as imagens significarem, serem polissêmicas, devem ser analisadas.

Afinal, como afirma Wolton, “é aí que reside a força da televisão como meio de massa: todo mundo assiste às mesmas imagens, mas ninguém vê a mesma coisa!” (WOLTON, 1996, p. 77). Para Wolton, a razão do sucesso da TV é a mistura diversificada de imagens, “cuja recepção e interpretação ninguém domina. Debruçar-se sobre o *status* da imagem de televisão é, portanto, debruçar-se sobre o que está na origem do seu sucesso [...]” (WOLTON, 1996, p. 67).

Coutinho concorda que a capacidade de comunicação das imagens constitui o principal aspecto de sua análise: “[...] interessa à Análise da Imagem compreender as mensagens visuais como produtos comunicacionais, especialmente aquelas inseridas em meios de comunicação de massa” (COUTINHO, 2005, p. 330-331). Para a autora, “a importância da Análise da Imagem poderia ainda ser avaliada pelo espaço ocupado pelos registros visuais na vida em sociedade [...]” (COUTINHO, 2005, p.331).

Na televisão, sobretudo no telejornalismo, as imagens estão atreladas à palavra. Tal atrelamento é visto por alguns pesquisadores como um elemento redutor na significação das imagens. Tânia Clemente de Souza, citada por Coutinho, afirma que

a palavra fala da imagem, a descreve e traduz, mas jamais revela a sua matéria visual. Por isso mesmo, “uma imagem não vale mil palavras, ou outro número qualquer”. A palavra não pode ser a moeda de troca das imagens. É a visibilidade que permite a existência, a forma material da imagem e não a sua correlação com o verbal. (SOUZA, 2001, apud COUTINHO, 2005, p. 335)

Coutinho, ainda com base em Tânia Clemente de Souza, aponta uma diferenciação de *status* da imagem no cinema e na televisão. Enquanto no cinema “a imagem seria de fato linguagem, e não apenas cenário, [...] na televisão, haveria uma tentativa de silenciamento da imagem, ao se direcionar a atribuição de significados pelo telespectador já na edição, com o uso do áudio e de cortes” (COUTINHO, 2005, p. 341).

Na Análise da Imagem, alguns aspectos precisam ser avaliados: “[...] o enquadramento, a perspectiva, a relação fundo/figura, a composição da imagem, a utilização da luz e cores, a relação entre os objetos representados e a função da mensagem visual” (COUTINHO, 2005, p. 336). Entre as características não discursivas que compõem a imagem está o enquadramento.

O enquadramento indica o recorte feito pelo produtor do registro visual para comunicar sua mensagem, ou em outras palavras indica quanto a imagem mostra da cena representada. A preocupação com os chamados planos de enquadramento surgiu com os estudos das imagens pictóricas (desenho, pintura), sendo depois apropriada no desenvolvimento das linguagens do cinema, da fotografia e finalmente da televisão. (COUTINHO, 2005, p. 337)

Coutinho afirma que os “planos de enquadramento fazem parte de uma espécie de gramática da mensagem visual e possuem assim uma espécie de codificação ou padronização [...]” (COUTINHO, 2005, p. 336). Ela ressalta o quanto podem significar os planos de enquadramento:

Ao observar os planos de enquadramento (quanto se deixou a ver), o analista pode caminhar em direção às intenções do autor daquela imagem ao produzi-la, especialmente se considerarmos que cada tipo de recorte tem uma determinada função narrativa. Assim, os planos de enquadramento utilizados e sua forma de encadeamento na montagem do filme, na edição



em TV ou finalmente na editoração da página impressa, também são formas de significar em uma leitura da imagem. (COUTINHO, 2005, p. 337)

Destacamos outro operador não discursivo da imagem: a composição, que, segundo Coutinho (2005), pode ser definida como o arranjo dos elementos que estão na cena representada ou recortada no registro visual.

### 2.3) A (RE)CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES NO TELEJORNALISMO

“O telejornal é hoje a grande *praça pública* do Brasil”.  
(VIZEU, 2008, p. 7)

O telejornal é hegemonicamente entendido como a principal manifestação do telejornalismo. Traria inclusive a capacidade da onipresença, ocupando um lugar central na vida dos brasileiros como a principal fonte de informação da sociedade brasileira: barata, cômoda e acessível. Além disso, os telejornais desempenhariam um papel particular em um mundo marcado por transformações, como destacamos anteriormente. Sua edição encadeada seria uma maneira de, ainda que de forma aparente, oferecer uma espécie de relato unificado, uma narrativa capaz de reduzir as angústias e marcar a inclusão do espectador no mundo e na nação.

Alfredo Vizeu e João Carlos Correia (2008) afirmam – a partir de resultado de pesquisa realizada pela agência de notícias Reuters, da Rede Britânica BBC e dos Media Centre Poll da Globescan – que os brasileiros acreditam mais na mídia do que no governo. Grande parte dessa crença pode ser atribuída ao poder assistencialista da televisão e, sobretudo, do telejornalismo. Algumas reportagens colocam o telejornal como facilitador das soluções dos problemas pertencentes ao cotidiano da cidade. O telejornal que assim se pauta é comumente acionado pela população para intervir em problemas cujas soluções são de responsabilidade do poder público. Tal poder assistencialista atribuído à mídia é denominado por Beatriz Sarlo (apud GOMES, 2006) de “paternalismo televisivo” – espaço de reivindicações e indenizações simbólicas oferecido pelo telejornalismo. O telejornal, portanto, é tido, no imaginário dos telespectadores, como solucionador de problemas, sendo um mediador entre o cidadão e o poder público – o cidadão precisa ser representado, e a mídia o representa. A mesma pesquisa citada anteriormente, realizada pela agência de notícias Reuters, revelou que o telejornalismo ocupa um lugar de destaque como a principal fonte de informação para

56% dos entrevistados. Certo é que as pessoas elegeram os telejornais como “prioritários para saber o que se passa a sua volta” (HAGEN, 2008, p. 29).

Por tudo isso, “o telejornalismo representa um *lugar de referência* para os brasileiros muito semelhante ao da família, dos amigos, da escola, da religião e do consumo” (VIZEU; CORREIA, 2008, p. 12). Como afirma Iluska Coutinho, o “telejornal recontaria ou reconstruiria o movimento do mundo no âmbito, seguro e familiar, da casa, em forma de espetáculo” (COUTINHO, 2008, p. 21), transportando a televisão para além de sua vocação ao entretenimento e de seu convite ao lazer. Assistindo às notícias veiculadas no telejornal, os espectadores se informam sobre os acontecimentos do mundo. E o fazem na segurança de seus lares, sem se preocuparem com os perigos desse mundo, existentes da porta de casa para fora. Para Vizeu e Correia, o telejornal é “como uma *janela* para a realidade, mostrando que o mundo circundante existe [...]” (VIZEU; CORREIA, 2008, p. 21).

Segundo Vizeu (2005), o jornalismo não reproduz o real, mas contribui para a (re)construção social da realidade. O jornalismo não é um espelho da realidade, porque possui uma dimensão simbólica – o discurso jornalístico é construído com o que lhe ofertam outros códigos, outras vozes, sendo um discurso de múltiplas polifonias. A partir do momento em que a realidade a ser mostrada no telejornal é elencada – desde o momento da definição das pautas até a edição final, passando pelo processo de apuração dos fatos e construção da reportagem –, os fatos a serem transformados em notícias são escolhidos e reconstruídos.

Os telejornais cumprem uma função de sistematizar, organizar, classificar e hierarquizar a realidade. Dessa forma, contribuem para uma organização do mundo circundante. É o *lugar* em que os grandes temas nacionais ganham visibilidade, convertendo o exercício de publicização dos fatos como a possibilidade prática da democracia. Todo esse processo se produz num campo complexo de construção, desconstrução, significação e ressignificação de sentidos. O telejornal é hoje a grande *praça pública* do Brasil. (VIZEU, 2008, p. 7)

Na sociedade brasileira, ao assistir aos telejornais as pessoas se abastecem de informações que as incluirão nas rodas de conversas – reais ou virtuais. O telejornalismo é, pois, inclusivo, constituindo-se “[...] atualmente como (um)a nova praça pública, onde significativa parcela da população brasileira celebra se não o único, ao menos o mais importante encontro cotidiano com informações de caráter jornalístico” (COUTINHO, 2008, p. 14). O telejornal, dessa forma, funciona como uma

espécie de mediador entre identidade e alteridade: “[...] os telejornais acabam por se apresentar como mediação entre a experiência vivida pelo outro, cuja fala aparece na tela e no mundo, e a vida particular de cada telespectador em suas relações com a sociedade” (COUTINHO, 2009, p. 73).

Entendemos, assim, que as narrativas do telejornal têm papel importante na construção das nações, na medida em que, ao apresentarem as notícias, também apresentam, pela construção de sentidos, a possibilidade de os telespectadores vivenciarem uma experiência coletiva e um ritual de informação. Segundo Coutinho, essa “narrativa de nação” seria construída “especialmente a partir das emissões diárias das redes de televisão, de suas telenovelas e também telejornais” (COUTINHO, 2008, p. 94). Esse é o foco central do próximo capítulo, no qual também estudaremos os apresentadores de telejornais enquanto agentes de personificação dos noticiários de TV e como eles tecem vínculos com o público, fidelizando seus telespectadores.

### 3) OS TELEJORNAIS E SEUS APRESENTADORES

Os telejornais são o principal produto noticioso da televisão brasileira. E é especialmente por meio das notícias veiculadas nos telejornais que a sociedade se reconhece enquanto parte integrante de uma nação. Neste capítulo estudaremos como o telejornalismo narra a nação brasileira, por meio da escolha dos recortes a serem mostrados em sua tela. Também buscamos os subsídios teóricos para compreender a personificação dos noticiários de televisão na figura de seus apresentadores, que atuam como a imagem e os porta-vozes dos telejornais que conduzem. Além disso, a proposta é entender a efetivação dos contatos com o telespectador como estratégia para criar ou fortalecer os laços com o público e a consequente fidelização do mesmo.

#### 3.1) TELEJORNALISMO E A NARRATIVA DA NAÇÃO

“[...] o Brasil encontra na televisão um dos seus principais espelhos e fatores de identidade”.  
(WOLTON, 1996, p. 295)

A mídia desempenha papel fundamental na construção das identidades sociais, forjadas a partir dos discursos sociais. E como são múltiplas as apropriações dos discursos, também são múltiplos os processos de identificação. Se a mídia é uma das formas de inserção do indivíduo no espaço público, propiciando o sentimento de pertencimento a uma nação, ainda que televisiva, a mediação é ainda mais efetiva quando as notícias se referem ao local em que as pessoas vivem.

O telejornal, portanto, exerce o papel de mediador entre o telespectador e a cidade, entre a vida privada e a esfera pública. “No momento em que a globalização nos atinge com tanto impacto, a cidade, o bairro, podem ser o lugar em que o sujeito se reconhece” (GOMES, 2006, p. 3). A cidade é geradora do sentimento de pertencimento local, a partir do momento em que faz parte da vida cotidiana do indivíduo. “Nela ele é sujeito, pertencente” (GOMES, 2006, p. 4). A notícia a respeito da cidade provoca maior identificação do telejornal com o telespectador por abordar assuntos ligados ao seu cotidiano. Segundo Taiga Corrêa Gomes, “em tempos tão globais, quando temos a obrigação de estar permanentemente em contato com o mundo, a cidade se configura como um porto seguro, um lugar em que o nosso imaginário constrói um sentimento de pertencimento local” (GOMES, 2006, p. 11). Da mesma forma o país, a nação.

A regionalização de conteúdos da programação televisiva é abordada em relação à noção de comunidades imaginadas de Anderson,

tendo em vista que essas comunidades mantêm uma perspectiva de comunhão mesmo que os membros não se conheçam. Pressupõe-se que a produção televisiva cria condições para essa conexão imaginada, produzindo laços invisíveis entre os espectadores. A representação televisiva ao mesmo tempo dinamiza e consolida as identidades no interior das comunidades imaginadas. (STÜMER & SILVEIRA, 2006, p. 2)

Adriana Stümer e Ada Cristina Machado da Silveira (2006) partem do princípio de que a televisão é uma das – ou a – instâncias de consagração das identidades culturais e destacam o papel das representações midiáticas na fixação e na difusão da memória. Os recursos televisivos, de acordo com Rogério Leandro Lima da Silveira, citado por Stümer e Silveira,

permitem enlaçar representação e realidade com inédita instantaneidade, aprofundando sua própria concepção de espaço tempo. A dilatação da aderência televisiva teve a fortuna de chegar até o ponto de que o espectador já não distingue mais os limites entre o real e sua representação televisionada. (LIMA DA SILVEIRA apud STÜMER & SILVEIRA, 2006, p. 4)

Também Bucci relaciona o espaço público no Brasil com os limites definidos pela TV. Citado por Coutinho, Bucci argumenta que aquilo que é invisível para as lentes da televisão não integra o espaço público brasileiro.

Segundo o autor, mais que um veículo, a TV e o telejornalismo em especial seriam como um ambiente, uma ideologia capaz de integrar diferentes expectativas, desejos, e ainda aliviar tensões em um imaginário nacionalmente construído. A importância da TV se tornaria ainda maior pelos altos índices de analfabetismo e subdesenvolvimento, sendo sua influência maior em situações de pobreza, econômica e cultural. (COUTINHO, 2008, p. 19)

Para Bucci, seria improvável encontrar algum Brasil para ser visto fora da televisão.

Autor de referência ao propor uma teoria crítica da TV, Wolton afirma que a televisão é “inseparável de um espaço público nacional, que junte a idéia de grande público à de coletividade nacional” (WOLTON, 1996, p. 149). O mesmo autor observa uma transformação na própria ideia de nacionalismo, antes detentora de um viés de

exclusão e hoje, ao contrário, atuando como um fator integrador. A própria televisão, para Wolton, é fator de integração social e identidade cultural.

Nela encontramos, com efeito, o sucesso e o papel nacional de uma grande televisão, assistida por todos os meios sociais, e que pela diversidade de seus programas constitui um poderoso fator de integração social. Ela contribui também para valorizar a identidade nacional, o que constitui uma das funções da televisão geralista. (WOLTON, 1996, p. 153)

Wolton (1996) afirma, no entanto, que o papel de laço social desempenhado pela TV no Brasil só se efetiva devido ao fato de a televisão ser assistida por todas as classes sociais e funcionar como um espelho da identidade nacional. Ele classifica como original a força do laço da TV com a sociedade brasileira, assim como o número de debates que se realizam por meio do veículo.

Por isso, o papel da televisão e da comunicação não consiste em “inventar” uma comunicação independente ou “acima” das nações, mas, ao contrário, garantir o laço entre as comunidades nacionais. A força da televisão nesse contexto é justamente ser ao mesmo tempo um fator de comunicação transnacional e um agente de soberania nacional, e é essa aliança dos dois que a torna útil à construção européia. [...] A originalidade da televisão é de poder fazer as duas coisas: ser um elemento de laço social no seio de uma comunidade nacional e um elemento de comunicação entre as diversas identidades nacionais. (WOLTON, 1996, p. 294)

Nesse sentido, Wolton (1996) exalta a relevância da produção televisiva nacional, que desempenharia, desde 1960, papel fundamental na definição da identidade brasileira: “[...] o Brasil encontra na televisão um dos seus principais espelhos e fatores de identidade” (WOLTON, 1996, p. 295).

No que se refere de forma mais específica à produção de notícias na televisão, Coutinho (2003) acredita que as notícias apresentadas nos telejornais representam conflitos do cotidiano nacional ou internacional. A autora se remete a Rui Cádima, para quem a informação televisiva é “[...] na maior parte das vezes, a principal ou a única fonte de informação sobre a realidade do mundo contemporâneo para o ‘grande público’. [...] seu discurso se apresenta, inclusivamente, como legitimador de uma nova ordem do mundo através da televisão” (CÁDIMA apud COUTINHO, 2003, p. 48). Portanto, é por meio do ato de assistir aos telejornais que grande parte da população entra em contato com os acontecimentos do mundo e se informa de maneira a ser capaz de participar ativamente das conversas cotidianas.

Os laços sociais que, antes, eram mantidos entre as populações pelo contato da vizinhança nos bairros, pela proximidade dentro da escola, ou pelo convívio para o lazer e o consumo, no centro da cidade, hoje, se encontram dispersos geograficamente, mas são celebrados via encontro catódico, à frente da telinha/telejornais. (COUTINHO & MUSSE, 2009, p. 21)

E esses laços seriam tecidos sob a perspectiva e os enquadramentos do (tele)jornalismo, que constrói e representa a realidade a partir de filtros mediadores. Entendemos que os enquadramentos são utilizados pelos jornalistas para organizar os discursos, perspectiva diferente daquela que vê o jornalismo como mero reproduzidor da realidade. Tais procedimentos de filtragem constituem a base do conceito de noticiabilidade.

A partir de suas narrativas, tecidas também a partir das seleções e da aplicação de critérios de cada emissora e editor, os telejornais “apresentam e representam a realidade aos brasileiros, e contribuem para a construção de sua própria identidade como cidadãos” (COUTINHO & MUSSE, 2009, p. 15). Segundo Iluska Coutinho e Christina Musse, também por meio de suas narrativas os telejornais ofereceriam uma via de acesso ao imaginário de um certo modelo ou concepção de cultura ou identidade nacional. O telejornalismo, pois, “seleciona as informações e cria uma cartografia da Nação, levando em consideração critérios altamente subjetivos” (COUTINHO & MUSSE, 2009, p. 19), já que muitas histórias que constituem a nação são relegadas ao esquecimento devido ao fato de não ganharem visibilidade.

No Jornal Nacional, nosso objeto de estudo empírico, a nacionalidade vai além do nome do telejornal, sendo uma de suas marcas mais importantes: “[...] o caráter ‘nacional’ do JN se funda, sobretudo, na construção de um discurso sobre o Brasil e os brasileiros a partir da valorização da identidade nacional. O programa se vale da exploração de tipos genuínos, do sentimento nacional e da diversidade regional” (GOMES, 2005, p. 11). Em sua análise sobre o Jornal Nacional, Itânia Mota Gomes aponta “brasileiro(a)” e “Brasil” como as palavras mais repetidas no telejornal.

E se consideramos que os telejornais ocupariam um espaço basilar na produção de informações, os apresentadores também ganhariam novo *status*.

Alçados à categoria de estrelas, esses jornalistas têm a vida devassada em revistas e jornais e, assim como artistas e celebridades, fazem editoriais de moda, abrem a intimidade das suas casas e festas e se tornam assíduos freqüentadores de colunas sociais e de fofocas. Deixam de ser os produtores da informação para ser a própria notícia. (HAGEN, 2008, p. 30)

É o que estudaremos no próximo subcapítulo.

### 3.2) APRESENTADORES: A PERSONIFICAÇÃO DOS NOTICIÁRIOS DE TV

“Bernardes e Bonner *são* o Jornal Nacional, ao mesmo tempo em que o Jornal Nacional *é* eles”.  
(MACHADO & HAGEN, 2006, p. 2)

Não é à toa que milhares de pessoas ainda respondem ao famoso “boa noite” dado pelos apresentadores de telejornais no horário nobre da televisão brasileira. Os apresentadores são vistos como a cara e a voz do telejornal que apresentam – ou representam. Os apresentadores conduzem a enunciação no telejornal, interpelando diretamente os espectadores. Eles narram, de um lugar de fala autorizado, os acontecimentos classificados (muitas vezes por eles próprios, como é o caso do JN, em que acumulam a função de editores) como os mais relevantes do dia.

Utilizando-se de um termo cunhado por Maffesoli, Sean Hagen nomeia os apresentadores como “‘cimento social’ que agrega um sobre valor ao telejornal, dando ‘forma’ a ele [...]” (HAGEN, 2008b, p. 7). Já Juliana Gutmann classifica os apresentadores de telejornais como “os protagonistas da cena, os ‘donos da informação’, os que sabem, atestam, desaprovam ou aprovam, os que aconselham, vigiam, enfim, os que têm autoridade para apresentar à população os principais fatos do dia [...]” (GUTMANN, 2009, p. 11).

Muitas vezes confundidos com o próprio produto a que dão voz, os apresentadores são o fio condutor, a espinha dorsal do programa, já que articulam as diferentes histórias contadas em uma edição de um telejornal. E o fazem olhando de frente para o telespectador, olho no olho, o que, segundo Veron, citado por Gutmann,

contribui para a credibilidade do enunciado, a função referencial, [...] definindo-se como uma marca de identificação do discurso informativo na TV. Para o autor, é nesse jogo enunciativo regido pelo olhar que se estabelece o contato entre as partes e, por consequência, o *status* de confiança entre os sujeitos actantes de um determinado texto audiovisual. (GUTMANN, 2009, p. 4)

Esta simulação do contato direto é destacada por Coutinho: “Durante os telejornais, esse ‘contato’ ganha força na medida em que apresentadores, repórteres e entrevistados se dirigem diretamente ao telespectador em um simulacro do olho-no-olho [...]” (COUTINHO, 2008, p. 21). Debray constrói uma analogia entre o apresentador e a presença divina:



[...] a visão do apresentador cotidiano não apaga, com certeza, nossos pecados, como a Presença divina no ritual católico, mas observemos que, apesar de todas as suas diferenças de estatuto, os dois suportes humanos da revelação têm, antes de tudo, a frontalidade em comum. Olhos nos olhos, face a face. Nosso anchorman ou woman olha para quem o olha, [...] finge, já que está lendo um prompter, mas o efeito está aí: um olho nos fixa sem nos ver, interpela-nos diretamente [...] São, por natureza, Seres de face, retos sem verso, corpos gloriosos sem barrigas da perna, nádegas ou nuca: puras subjetividades não-objetiváveis. Esses homens-tronco não são o Verbo, mas o Real encarnado, isto é, o Acontecimento em sua luminosa Verdade. (DEBRAY, 1994, p. 297)

Tamanha é a força dos apresentadores junto ao público, que, muitas vezes, são confundidos os limites entre apresentadores e telejornal. Fechine acredita que a “credibilidade do telejornal é influenciada diretamente pela confiança que os espectadores depositam nos seus apresentadores” (FECHINE, 2008a, p. 1). Hagen, por sua vez, chama a atenção para o movimento em outra via, afirmando que “a imagem de competência e excelência dos apresentadores, de alguma forma, transmite a sensação de excelência da informação, assegurando a credibilidade tão incensada no jornalismo” (HAGEN, 2008a, p. 10). Mauro Porto vai além, defendendo que pode existir confiança do público no telejornal e nos apresentadores mesmo quando não se confia na emissora televisiva:

[...] o público pode confiar no gênero telejornal enquanto fonte neutra de informação e no apresentador enquanto personalidade, ao mesmo tempo em que permanece cético com relação à imagem da emissora e ao seu papel político, tendo assim menos confiança no conteúdo do noticiário. Em outras palavras, o gênero “noticiário” e a personalidade do apresentador podem desfrutar altos níveis de credibilidade, ao mesmo tempo em que a imagem da emissora permanece negativa. (PORTO, 2002, p. 14)

No caso específico de Fátima Bernardes e William Bonner, Márcia Benetti Machado e Sean Hagen (2006) afirmam que o casal leva para o espaço do Jornal Nacional seu talento profissional e seu sucesso pessoal; ao mesmo tempo, assimila para si o “paradigma do telejornal mais famoso do Brasil”. Com isso, não fica “claro onde começa um e termina outro. Bernardes e Bonner *são* o Jornal Nacional, ao mesmo tempo em que o Jornal Nacional *é* eles. Realidade e projeção passam a dividir o mesmo espaço” (MACHADO & HAGEN, 2006, p. 2). Hagen defende a tese de que a imagem dos apresentadores desperta emoção no público – emoção considerada pelo autor como fundamental para estreitar os laços entre o público, o âncora e o telejornal e para gerar um certo conforto, um acolhimento em meio a tantas notícias.

Buscar a emoção no rosto dos telespectadores é repetir naturalmente o que se faz numa conversação face a face. E em uma situação em que o rosto é o principal componente, já que o corpo não aparece inteiro na tela, essa busca se concentra e intensifica. [...] A emoção está presente na sutileza, no detalhe, e em tudo aquilo que está fora do vídeo, mas que pode ser resgatado – conscientemente ou não – quando se vê uma imagem mítica. (HAGEN, 2008a, p. 8)

Umberto Eco, citado por Coutinho, alerta sobre a natureza da cordialidade transmitida nos telejornais:

Singular situação de quem se apresta para um contato com o real bruto, e assimila ao contrário, um real humanizado, filtrado e feito argumento. [...] Fácil veículo de fáceis sugestões, a TV é também encarada como estímulo de uma falsa participação, de um falso sentido do imediato, de um falso sentido de dramaticidade [...] a presença agressiva de rostos que nos falam em primeiro plano, em nossa casa, cria a ilusão de uma relação de cordialidade, que, com efeito, não existe. (ECO, 1979, apud COUTINHO, 2008, p. 21)

Sendo os apresentadores os delegados do discurso (GUTMANN, 2009), o discurso jornalístico é outro fator que contribui para o processo de identificação do telespectador com o âncora, por ser uma interação de códigos, vozes e signos (HAGEN, 2008). Para Fiorin, citado por Fechine, o âncora constrói um *éthos*<sup>5</sup> a partir das marcas da enunciação que deixa no enunciado em suas aparições diárias no telejornal: “O enunciatário não adere ao discurso apenas porque ele é apresentado como um conjunto de idéias que expressam seus possíveis interesses. Ele adere porque se identifica com um dado sujeito da enunciação, com um caráter, com um corpo, com um tom” (FIORIN apud FECHINE, 2008a, p. 9).

Um enunciado tem marcas da pessoa que o enuncia e do tempo, mostrando o ato que o segue. “A enunciação constitui a âncora da relação entre a língua e o mundo: ela permite representar os fatos no enunciado, constituindo, ela própria, um fato, um acontecimento único definido no tempo e no espaço” (VIZEU, 2004, p. 146). Vizeu cita Fausto Neto, defendendo que a enunciação seria uma espécie de tomada de posição, na medida em que estrutura o valor do que foi dito. O jornalista, enquanto enunciador da informação, relaciona-se com o que ele próprio diz. Mas precisa ter a preocupação de como legitimar seu discurso, de como o tornar aceitável. Cada notícia é uma espécie de

---

<sup>5</sup> Para Fiorin, “o *ethos* corresponde a uma imagem do autor, não do autor real, mas do autor discursivo, um autor implícito no enunciado” (FECHINE, 2008a, p. 9).

formação substitutiva, a partir do momento em que é algo que se coloca no lugar do que realmente aconteceu. “No jornalismo, a linguagem não é apenas um campo de ação, mas a sua dimensão constitutiva. É a condição pela qual o sujeito constrói um real, um real midiaticizado” (VIZEU, 2004, p. 147).

O fato de o apresentador ser o enunciador das informações acerca do mundo, veiculadas no noticiário televisivo, colabora para a identificação do telespectador. Ainda mais quando esse enunciador assume um papel de defensor do público, cobrando soluções, ou quando os apresentadores evidenciam um estilo mais descontraído, revelando situações, gostos e comportamentos particulares. Isso faz com que o apresentador passe

[...] a ser percebido paulatinamente pelo público como alguém mais próximo e familiar, alguém de quem ele conhece até alguns aspectos da vida, das experiências, das opiniões e preferências pessoais. Pode, ainda, por outro lado, ser visto pelo telespectador como alguém capaz de defender seus interesses e manifestar suas posições, apto a expressar às autoridades, aos políticos ou a representantes da sociedade civil aquilo que ele próprio gostaria de falar. [...] é possível indicar, especialmente a partir dos anos 90, uma tendência geral à personalização desses apresentadores, provocando, assim, também uma mudança na própria retórica dos telejornais. (FECHINE, 2008a, p. 2)

Antes locutores de notícias que se limitavam a ler as informações, atualmente temos no telejornalismo brasileiro a figura de âncoras que se posicionam sobre os fatos noticiados. Fechini (2008a) destaca as transformações nos papéis, nas posturas e nos perfis dos apresentadores de telejornal. Mais do que apresentar as notícias, eles marcam sua presença na cena do telejornal, sendo protagonistas dela. “O papel televisivo do jornalista não é, portanto somente um papel de *apresentação*, mas também de *presentificação*. Ele constrói um aqui-agora que inclui o espectador no presente do acontecendo” (LANDOWSKI, 2008, p. 8). Sua presença é tão forte que incutiria outras presenças, estabelecendo “uma co-presença entre todos os sujeitos envolvidos na comunicação” (FECHINE, 2008, p. 115).

Esse tipo de perspectiva é particularmente relevante para a compreensão de nosso objeto de pesquisa, a relação apresentadores/produto telejornalístico e público. Esta relação será observada a partir do Jornal Nacional, nosso objeto de estudo empírico. Isso se motiva pelo fato de este ser o telejornal mais antigo que está no ar (desde 1º de setembro de 1969), o primeiro a ser veiculado em rede nacional e o líder de audiência durante todos os seus quase 43 anos de existência. E também pela tamanha

identificação que os apresentadores do JN têm com o telejornal, que fala à família brasileira todas as noites.

Em um trabalho pioneiro nos estudos de recepção, Carlos Eduardo Lins da Silva (1985) destacou falas de alguns de seus entrevistados acerca da recepção do Jornal Nacional. Uma costureira de 56 anos afirmou que o JN, então apresentado por Cid Moreira, era “a fala da verdade” (SILVA, 1985, p. 87), enquanto uma estudante de 15 anos afirmou: “Gosto muito do Cid Moreira. Ele não falaria mentira” (SILVA, 1985, p. 87).

Fátima Bernardes e William Bonner também foram exemplos deste processo de personificação. “Os apresentadores do JN representam e traduzem todo o sentido de tradição e conservadorismo do telejornal. [...] O exemplo de casal feliz, bonito e bem-sucedido é uma peça fundamental na composição do território limpo, discreto, quase asséptico do programa” (GOMES, 2005, p. 10). Hagen, que chamou Bonner e Bernardes de “o ‘casal celebridade’ do jornalismo brasileiro”, destaca a representação dos apresentadores do JN como profissionais modelo, casal que teria um amor inigualável e pais exemplares. A imagem construída na mídia se aproximaria de um mito de perfeição. Para Hagen, o casal seria responsável por dar “sabor” à informação, atraindo os telespectadores para o JN.

Bernardes e Bonner estão para o Jornal Nacional assim como a objetividade e a veracidade estão para o jornalismo. Neste momento, eles constituem a espinha dorsal do JN, e são confundidos com o próprio telejornal, em um movimento que pode apontar uma possível estratégia da Rede Globo para fidelizar os telespectadores e evitar a fuga da audiência para outros canais. (HAGEN, 2008b, p. 1)

Ana Carolina Pessoa Temer, citada por Iluska Coutinho, acredita que Fátima e Bonner desempenham um papel enquanto apresentadores do Jornal Nacional:

[...] Bonner e Bernardes são realmente atores, no caso representando eles mesmos, festejados como a moderna família feliz, em que não falta uma prole simpática. Como casal moderno, chegam com um sorriso, comportam-se com cortesia e fineza e iniciam uma conversa culta e consciente, apresentando os principais fatos do mundo, alertando sobre golpes e ações antiéticas. Ao se despedirem, deixam para trás a melhor das impressões [...]. (TEMER apud COUTINHO, 2003, p. 81)

Para além da neutralidade que aparentam os apresentadores do Jornal Nacional, Itânia Mota Gomes salienta que eles emitem – sim – juízos de valor. “[...] a

expressividade que transmitem, tanto na entonação da voz quanto nas expressões faciais, os caracteriza como intérpretes da notícia” (GOMES, 2005, p. 10). Para a autora, a credibilidade do Jornal Nacional não é marcada pelo distanciamento do fato ou pela ilusão de transparência, e sim “está fundada na proximidade do fato, na atitude de viver os fatos, emocionar-se, indignar-se e alegrar-se com eles, ou tratá-los com a seriedade ou sobriedade que exigem” (GOMES, 2005, p. 10). Desta forma, defende Gomes, o JN estabelece

para os apresentadores uma posição de representantes dos interesses do cidadão, através da preocupação com os problemas que mais afligem a sociedade. [...] Os apresentadores e repórteres são aqueles que vão informar e detalhar o que é mais importante, segundo o agendamento feito, as escolhas das notícias que o brasileiro não pode deixar de saber para evitar o risco de ser ludibriado, desrespeitado ou atingido. (GOMES, 2005, p. 9)

Exemplo da relevância do papel de um apresentador enquanto representante da linha editorial do telejornal e mesmo da emissora pode ser retirado do episódio da saída de Cid Moreira da bancada do Jornal Nacional. Mauro Porto (2002), em seu trabalho “Novos apresentadores ou novo jornalismo? O Jornal Nacional antes e depois da saída de Cid Moreira”, investiga o contexto e os motivos que levaram à substituição do apresentador. O autor afirma que pesquisas demonstraram que a imagem de Cid Moreira não estava desgastada. Ao contrário: levantamento realizado pelo Instituto Datafolha na cidade de São Paulo, praticamente um ano antes da saída de Cid Moreira e Sérgio Chapelin, havia revelado que 88% dos espectadores queriam a permanência de Cid Moreira na apresentação do JN (PORTO, 2002). Uma pesquisa feita depois da troca de apresentadores também teria apontado a preferência pela antiga dupla: “Em todos os aspectos, o público preferia o par Moreira-Chapelin. Portanto, a hipótese baseada nos desejos da audiência não explica as mudanças” (PORTO, 2002, p. 12).

Uma das hipóteses levantadas por Porto (2002) é a de que a TV Globo estava enfrentando um processo de queda de audiência, devido à inovação que o SBT havia incorporado ao seu principal telejornal, concorrente direto do JN: a colocação de um âncora na bancada. Ao estilo dos telejornais norte-americanos, Boris Casoy comentava as notícias, tecendo severas críticas a quem quer que fosse. Para reverter a queda na audiência, segundo Porto (2002), havia necessidade de mudar a imagem de emissora. E Cid Moreira estava profundamente vinculado à imagem da Rede Globo, considerada por muitos como parcial e governista. Assim, profissionais que limitavam-se a ler as

informações perante as câmeras foram substituídos por jornalistas que participavam do processo de produção das notícias.

[...] a substituição de Cid Moreira seria parte de uma nova estratégia da Rede Globo que teria como objetivo o desenvolvimento de um jornalismo mais ativo e “independente”, buscando assim construir uma nova imagem para a emissora. [...] Para construir uma nova imagem para a emissora, era importante sinalizar para a audiência que as coisas estavam mudando, que um jornalismo diferente seria implementado. Para atingir esse objetivo, seria necessário contrariar o próprio público, retirando um apresentador que era popular, mas que estava profundamente associado ao jornalismo praticado até então. (PORTO, 2002, p. 14-15)

Em seu estudo, Porto cita a justificativa dada por Evandro Carlos de Andrade, o mentor da troca de apresentadores do Jornal Nacional:

[...] os apresentadores do Jornal Nacional eram mitos na televisão. [...] Nós entendemos, naquela ocasião, que era importante, para sinalizar para o público a mudança que estava sendo feita no sentido do rigor absoluto na obediência a esses princípios [isenção, independência, imparcialidade, agilidade, respeito à lei], que era preciso ficar claro que nós só trabalharíamos com jornalistas, que os apresentadores deviam ser jornalistas. E essa foi a mudança que nós fizemos. (EVANDRO CARLOS DE ANDRADE apud PORTO, 2002, p. 15)

Em sua pesquisa empírica, Porto (2002) comprovou a diminuição da cobertura de temas políticos após a mudança na apresentação do Jornal Nacional. As mudanças, portanto, afetaram o conteúdo e a forma do JN, representando um “[...] impacto na forma como o telejornal representa o mundo da política, levando a um papel mais ativo dos apresentadores e a uma cobertura jornalística mais plural e menos baseada em fontes governamentais” (PORTO, 2002, p. 16). Outra percepção do pesquisador foi relacionada ao maior uso de notas pé. Além de firmar a imagem dos novos apresentadores, sempre responsáveis pelos comentários finais das reportagens, o procedimento foi vinculado por Bonner a um “jornalismo mais interpretativo ou opinativo, em contraste com um noticiário frio e objetivo” (PORTO, 2002, p. 24).

Feitas essas considerações sobre os apresentadores e a personificação dos noticiários televisivos em suas figuras, vamos tentar compreender como os telejornais buscam dialogar com o público, em uma tentativa de estabelecer uma intimidade – ainda maior – com o mesmo, e de transformar esta intimidade em vínculos de pertencimento e fidelização.

### 3.3) O CONTATO COM O PÚBLICO: SOBRE VÍNCULOS E FIDELIZAÇÃO

“Eu gosto de assistir o JN [...]. Eu gosto de saber das notícias.  
E também tem o William Bonner e a Fátima Bernardes”.  
(Empregada doméstica de 33 anos)

A presença diária dos apresentadores nas casas dos telespectadores, por si só, seria suficiente para efetivar os vínculos com o público. Isso porque tal presença é cuidadosamente tratada, de forma a tecer laços com o espectador. Ainda assim, esses vínculos extrapolam a edição do telejornal, ganhando outros programas televisivos e outros meios de comunicação. Vamos tratar, aqui, de como esses laços são criados e mantidos.

A presença da televisão é tão forte na vida das pessoas que “a interação entre o telespectador e a TV começa antes de ligar a televisão e não termina uma vez que esta está desligada [...]” (HAGEN, 2008a, p. 4). Coutinho argumenta que

[...] o telejornalismo falaria mais ao coração que à racionalidade [...]. O sucesso do jornalismo de televisão dependeria essencialmente desse vínculo afetivo. Eugênio Bucci acredita que o andamento melodramático seria inevitável ao jornalismo televisivo expresso pela dramatização de imagens e de palavras, os componentes fundamentais da mensagem audiovisual. (COUTINHO, 2003, p. 80)

Há formas e formas de se tecer esses laços. Uma via para efetivar tais vínculos seria a voz, que, na televisão, é considerada por Fechine o elemento sonoro hegemônico. A autora acredita que é possível associar à voz uma experiência presencial:

A escuta [...] está fundada na co-presença de quem emite (uma pessoa, um rádio, a TV) e de quem recebe o material sonoro. Na sua contínua atualização no tempo, a sonoridade desprende-se de um corpo (humano ou não), rompe os limites da sua localização original e expande-se por outros espaços, colaborando para a criação de um “lugar” comum às instâncias de produção e recepção. É justamente nesse “lugar”, instaurado quando se “vê TV”, que o sentido surge como presença. Admite-se, com isso, que “ver TV” é algo mais do que assistir a um arranjo sintagmático de imagens e sons pela tela. Esse “algo mais” corresponde a uma variedade de sentidos instaurados pelas diferentes experiências propiciadas pelo nosso contato com a TV, independentemente do que nela é exibido. (FECHINE, 2008b, p. 116)

Ao apresentarem as notícias, os apresentadores conversam entre si. E incluem o espectador em seu diálogo, buscando promover “interações, tanto entre os enunciadores (e seus delegados) quanto destes com os enunciatários, que podem ser descritas, caso a caso, como modos de presença” (FECHINE, 2008b, p. 194). Nas interações estabelecidas frente à TV

são os apresentadores que têm o rosto visível e estabelecem uma relação de troca comunicacional maior com o telespectador. É para eles que se olha com mais intensidade, buscando descobrir em suas faces sinais que indiquem como as reportagens podem ser compreendidas. São eles que asseveram a veracidade do que está sendo mostrado, fazem a costura dos assuntos, tornando-se o próprio jornalismo aos olhos do público. [...] é a imagem de seus rostos que reforçam os laços no outro [...] Com inúmeras entradas durante todo o telejornal, sobressaem frente a todos os outros rostos [...] (HAGEN, 2008a, p. 7)

Outra forma para se tecer os laços com o telespectador é a humanização do relato jornalístico, o que é feito, frequentemente, com o uso de personagens que exemplificam as histórias contadas nas reportagens. Gomes afirma que esta é uma estratégia muito utilizada pelo Jornal Nacional para se aproximar de sua audiência, por promover uma “[...] identificação com o personagem do brasileiro comum, um personagem sempre bem construído pelo JN, convincente, coerente, comum e, sobretudo, necessário à construção da identidade nacional” (GOMES, 2005, p. 13-14). O componente emocional utilizado pelo telejornal se sobressai à necessidade do telespectador de estar bem informado, a partir do momento em que “possibilita criar uma identificação que suplanta algumas opções propostas pela razão – trocar de canal ou desligar a TV frente a frieza da informação” (HAGEN, 2008a, p. 9-10).

Tal componente emocional está imbricado no conteúdo elencado pela edição do telejornal para ser partilhado com o público, na forma como essas histórias são contadas e também na figura dos apresentadores.

Saber da forte presença emocional que a imagem dos apresentadores gera, nada mais é do que buscar o conforto do já conhecido, a afabilidade dentro de um mundo que parece em desalinho [...] Ao propiciar uma forte identificação emocional positiva através da imagem dos apresentadores, forneceria um componente extra ao público, deixando-o mais capaz de compreender e valorar o que foi visto. (HAGEN, 2008a, p. 5)

De acordo com Hagen (2008a), a forte representação emocional dos apresentadores é capaz de promover a identificação com o telespectador sem interferir



nos preceitos jornalísticos, mas contrabalanceando as pretensas objetividade e imparcialidade das notícias. O autor cita a emocionalidade que transmitem Fátima Bernardes e William Bonner, que faz com que os apresentadores transcendam o papel de condutores da informação: “Oferecem ao telespectador uma possibilidade real de identificação e projeção; firmam laços capazes de fazer da transmissão de notícias algo maior do que simplesmente informar, possibilitando ‘sentir com emocionalidade’ aquilo que foi narrado” (HAGEN, 2008a, p. 4). E, assim, os apresentadores seguem tecendo e fortificando os laços e, conseqüentemente, fidelizando o público do telejornal.

Neste processo, no entanto, a produção de vínculos não se limita aos minutos diários em que o telejornal é exibido. Se antes os apresentadores eram discretos em relação à sua vida pessoal, atualmente isso é bem diferente: “[...] hoje muitos deles se comportam como celebridades, sendo objetos freqüentes de revistas, sites e programas de TV dedicados aos ‘famosos’ ou a fofocas do meio artístico” (FECHINE, 2008a, p. 1)<sup>6</sup>. A autora defende que a reputação construída pelos apresentadores resulta, também, daquilo que é publicado sobre eles em outras mídias. No caso de Fátima e Bonner, eles passaram a ser foco constante da mídia, principalmente depois que ela assumiu a bancada do Jornal Nacional ao lado do marido.

É nesse momento que as fronteiras se embaralham e o casal de jornalistas e marido e mulher passam a ocupar a mesma denominação, criando uma sinergia até então nunca vista no JN: Bernardes e Bonner são construídos na mídia como mitos de perfeição: são profissionais talentosíssimos – únicos capazes de ocupar o espaço do mais paradigmático telejornal do país –, expressam um amor sem igual um pelo outro e, de quebra, são pais exemplares de trigêmeos. Unem talento profissional, amor sublime e instinto maternal zeloso. São ícones difíceis de copiar, já que se destacam nas três principais áreas da vida social, mas suficientemente humanos para causar projeção/identificação. (HAGEN, 2008b, p. 1)

O casal – e muitas vezes a família, incluindo os três filhos – passou a ser constantemente mitificado em *sites*, revistas e jornais: “[...] transitam como ‘famosos’ pela grande mídia, seja em assuntos profissionais ou pessoais. [...] sendo notícia pelo simples fato de existir: a banalidade do cotidiano transmuta-se em sublime, e tudo o que tocam ou fazem ganha contornos épicos” (MACHADO & HAGEN, 2006, p. 6). Os autores destacam, ainda, que Fátima e Bonner possuem um diferencial em relação às demais celebridades, que é justamente o fato de servirem como modelo em diferentes áreas. E isso é abundantemente mostrado na mídia, não só a partir do tratamento dos

---

<sup>6</sup> Fechine (2008a) exemplifica informando que, apesar da enorme popularidade de Cid Moreira, evitava-se a aparição do apresentador até mesmo em programas da própria Globo.

apresentadores enquanto casal, mas também como indivíduos. “Fátima Bernardes e William Bonner, mais do que jornalistas e apresentadores, são retratados na mídia assim como as míticas estrelas hollywoodianas dos anos dourados de *star system*. Verdadeiros modelos de conduta [...]” (MACHADO & HAGEN, 2006, p. 2).

Hagen defende que a imagem de perfeição dos apresentadores que é construída fora da bancada do JN migra para dentro do telejornal e serve como um reforço para a emoção suscitada durante a apresentação do programa:

[...] quando estão na TV, espaço definido como espetacular, o campo jornalístico outorga a Bernardes e Bonner uma hiper-realidade, já que estão apresentando notícias e sendo amparados e legitimados pelo “discurso da verdade”. Paradoxalmente fora da TV, ou seja, na “vida real”, são construídos pela mídia como tendo uma vida espetacular. (HAGEN, 2008b, p. 3)

O autor propõe que a imagem mítica de perfeição de Bonner e Fátima gera dois movimentos: a familiaridade do casal de apresentadores, que cria laços de afinidade que podem acrescentar valor às notícias, e o reforço do desejo do telespectador de ver os “apresentadores-amigos” pelos quais possui afinidade. A imagem de Fátima e Bonner, portanto, agregaria valor à informação transmitida pelo casal, ampliando sua função de apresentadores e criando laços de fidelização que dão ao JN um *status* que vai além do que é comum a um noticiário (HAGEN, 2008b). Os apresentadores do Jornal Nacional, assim, conseguem estar no universo da fama sem perder a imagem de credibilidade necessária às funções que desempenham (MACHADO & HAGEN, 2006). Prova disso é que conseguem atrair o público para o telejornal, reunindo, diante da tela, a família brasileira, já que o Jornal Nacional

[...] marca o momento do jantar, da família reunida, momento de se inteirar sobre os fatos do dia. Esse rito agregador que se estabelece com pais e filhos partilhando emoções, tem a “família” Bonner e Bernardes como o centro da liturgia diária – com a presença dos trigêmeos subentendida. A cada dia, espera-se que as notícias sejam diferentes, tragam a marcação do tempo; a única coisa que se quer igual é a afabilidade e simpatia do casal de apresentadores, que noite após noite está no mesmo lugar, adicionando glamour ao ritual cotidiano. (HAGEN, 2008b, p. 4)

É como se a família brasileira se reunisse para partilhar aquele momento com um exemplo de família, uma vez que o espaço que Bonner e Fátima ocupam no JN, analogamente, funcionaria como se fosse a “casa” deles (HAGEN, 2008b). E durante os

minutos de transmissão do telejornal, a imagem mítica de perfeição do casal de apresentadores, construída na mídia, atuaria “como uma presença ‘viva’ dentro de casa [...], dando um sentido de conforto e ordem ao mundo, principalmente quando os fatos se mostram desagradáveis” (HAGEN, 2008b, p. 9). Isso porque muitos dos telespectadores do JN procurariam, no programa, mais do que informação: “[...] valores nem sempre claros na sociedade, ou aparentemente difíceis de alcançar – pais exemplares, profissionais invejados, casal perfeito” (HAGEN, 2008b, p. 12). E, procurando isso, deparam-se com a familiaridade expressa na cena de apresentação do principal telejornal brasileiro.

O noticiário/apresentador assume *personas*, que desempenham funções/papéis de autoridade simbólica que possuem a onisciência dos fatos (do país, da região, da cidade, conforme o alcance/configuração do telejornal). O noticiário principal – papel que tende a ser exercido pelo editor do telejornal – trabalha a partir de elementos de identificação com o público, dando ao receptor/telespectador a sensação de que está recebendo um visitante ilustre, uma personalidade ou autoridade cuja presença por si só já agrega *status* e importância ao seu espaço doméstico. (TEMER, 2010, p. 114-115)

Os laços afetivos de Fátima e Bonner com o público do Jornal Nacional, portanto, reforçam o ritual diário de reportar as notícias do mundo. Afinal, os apresentadores aparecem sempre nos mesmos dias, no mesmo horário e no mesmo telejornal “como os ‘amigos’ que, apesar de algumas informações ruins, parecem dizer no final: ‘não se preocupem que tudo vai ficar bem, confiem em nós’” (HAGEN, 2008b, p. 12-13). Até porque o apresentador é o personagem principal do telejornal.

#### **4) OLHARES E DISCUSSÕES SOBRE A RELAÇÃO: APRESENTADORES DO JORNAL NACIONAL, PÚBLICO E PROCESSO DE IDENTIFICAÇÃO**

Foi no dia 1º de setembro de 1969, às 19h56, que o Jornal Nacional estreou. Produzido e gerado do Rio de Janeiro, foi retransmitido ao vivo, via Embratel, para as emissoras da Rede Globo (PATERNOSTRO, 2006). Já ao nascer o JN trouxe consigo algumas marcas: foi não só o primeiro telejornal, mas também o primeiro programa televisivo brasileiro transmitido em rede nacional. Com o passar do tempo, conquistou outros títulos: primeiro telejornal a apresentar reportagens em cores, primeiro a mostrar imagens ao vivo via satélite e primeiro a ter correspondentes internacionais, seguindo o modelo dos telejornais norte-americanos. Além disso, é o telejornal que está no ar há mais tempo na TV brasileira e o líder de audiência durante seus quase 43 anos de existência.

Devido à sua popularização, o Jornal Nacional virou sinônimo de modelo de telejornal. “Características que são do JN acabam por se confundir com elementos mesmo do gênero *telejornal*” (GOMES, 2005, p. 1). Além disso, alguns de seus apresentadores tiveram – e têm – tamanha identificação com o telejornal, que acabam confundidos com o produto. Os primeiros a se sentarem na bancada do JN foram Hilton Gomes e Cid Moreira. No *site* do telejornal, no portal Globo.com, a seção destinada à história do programa informa que as primeiras palavras foram pronunciadas por Hilton Gomes: “O Jornal Nacional, da Rede Globo, um serviço de notícias integrando o Brasil novo, inaugura-se neste momento: imagem e som de todo o país”. Em seguida, Cid Moreira acrescentou: “É o Brasil ao vivo aí na sua casa. Boa noite”.

Em 1972, Sérgio Chapelin substituiu Hilton Gomes na apresentação do JN, formando dupla com Cid Moreira por 11 anos consecutivos. Em 1983, Cid Moreira passou a dividir a bancada com Celso Freitas, mas Chapelin retornou ao posto em 1989. Somados os dois períodos, Cid Moreira e Chapelin apresentaram o Jornal Nacional, juntos, por 18 anos. A dupla foi substituída em 1996, quando o JN passou a ser apresentado por jornalistas, um homem e uma mulher – William Bonner e Lillian Witte Fibe<sup>7</sup>.

---

<sup>7</sup> Antes de Lillian Witte Fibe, uma mulher já havia apresentado o Jornal Nacional, ainda que eventualmente: a jornalista, modelo e atriz Valéria Monteiro, nos sábados de 1992.

Ao trocar locutores por jornalistas na apresentação do telejornal, a TV Globo aproximou o JN do estilo dos âncoras norte-americanos, como já fazia o SBT com Boris Casoy. Além disso, segundo Mauro Porto (2002), a mudança também teve outras motivações; a imagem de Cid Moreira “estava profundamente associada ao tipo de jornalismo historicamente praticado pela emissora” (PORTO, 2002, p. 13), um jornalismo governista, segundo o autor. E como a Globo perdia audiência para o SBT, seu principal concorrente à época, a emissora entendeu que deveria praticar um jornalismo mais imparcial. Para isso, havia a necessidade de “construção de uma nova imagem para a emissora e de recuperação da credibilidade do seu principal noticiário. Tarefa difícil de ser desempenhada por locutores vinculados ao passado e que não participavam da produção do noticiário” (PORTO, 2002, p. 15-16). Ainda de acordo com Porto, também houve uma diminuição na cobertura de temas políticos no JN após a mudança na apresentação.

Já José Bonifácio de Oliveira Sobrinho, o Boni, revelou, em entrevista concedida à Revista Alfa e publicada em dezembro de 2011, que a troca de Cid Moreira e Sérgio Chapelin por William Bonner e Lillian Witte Fibe significou queda de audiência no Jornal Nacional de 45 pontos para 33 pontos. Segundo Boni, ao mudar os apresentadores do JN, Evandro Carlos de Andrade, que havia assumido a direção de jornalismo um ano antes, em 1995, “quebrou de uma hora para outra um hábito de mais de 20 anos [...]. O público não assimilou de vez” (BONI in ALFA, p. 66, dezembro de 2011).

Lillian Wite Fibe permaneceu dois anos na bancada do JN. Reportagem publicada no *site* da Revista Veja<sup>8</sup> na época da saída de Lillian Wite Fibe, mais especificamente no dia 11 de fevereiro de 1998, informou que a apresentadora não se adaptou ao estilo do Jornal Nacional. Ela defenderia um jornalismo opinativo e focado em notícias densas, sobretudo de política e economia – o contrário do que fez a TV Globo, que, como dito anteriormente, diminuiu a cobertura de assuntos políticos após a troca de locutores por jornalistas na apresentação. A reportagem de Veja à época também informou que uma pesquisa realizada em São Paulo, pouco antes da saída de Lillian Wite Fibe, apontou que a maioria dos entrevistados havia afirmado que a apresentadora não havia se adaptado ao telejornal, ao contrário de Bonner, classificado como “perfeito para o papel, por parecer o Cid Moreira mais jovem”. Outra pesquisa,

---

<sup>8</sup> [http://veja.abril.com.br/110298/p\\_079.html](http://veja.abril.com.br/110298/p_079.html) - Acesso em 21/02/2012.

realizada para aferir a popularidade dos apresentadores da TV Globo, havia colocado Lillian como a primeira no quesito credibilidade, mas em quarto lugar na categoria empatia – categoria essa encabeçada por Fátima Bernardes, que, então passou a dividir a apresentação e a edição executiva com o marido e editor-chefe Bonner<sup>9</sup> em 30 de março de 1998.

Estava formado o “casal telejornal”, com William Bonner e Fátima Bernardes na bancada do principal telejornal brasileiro – Bonner e Fátima, personagens centrais no processo de identificação de que trata essa dissertação. Bonner permanece como apresentador e editor chefe do Jornal Nacional até então. E Fátima esteve à frente do JN por 13 anos e 9 meses, até dezembro de 2011. No dia 6 de dezembro de 2011, ela foi substituída por Patrícia Poeta na bancada do telejornal, o que será analisado no capítulo seguinte.

Interessa, antes, refletir sobre o processo de identificação dos âncoras do JN com o telejornal, o que geraria uma personificação do programa a partir de seus apresentadores. Essa personificação, por sua vez, contribui para a criação de uma intimidade – ou, talvez, a ilusão de intimidade – entre o público e os apresentadores, que todas as noites entram nos lares brasileiros para informar “o que de mais importante aconteceu no país e no mundo”<sup>10</sup>. Fátima Bernardes, no prefácio do livro “Jornal Nacional: Modo de fazer” (escrito por Bonner), admite a intimidade criada com o público. “Quem trabalha no JN sabe que participa de um produto que faz parte da vida de milhões de brasileiros. E a convivência de tantos anos entre o público e o telejornal gera uma intimidade” (BERNARDES in BONNER, 2009, p. 7). E esta “intimidade” é alimentada pelos próprios apresentadores, pela TV Globo e pela mídia em geral, potencializando o processo de identificação do público com o telejornal.

Para melhor compreender como esse processo ocorre no Jornal Nacional e avaliar a relevância de seus apresentadores para o próprio telejornal e para o público, o procedimento metodológico de nossa pesquisa envolveu quatro etapas. Na primeira levantamos dados quantitativos sobre a participação de cada apresentador em edições do JN, que constituíram uma semana composta. O procedimento envolveu a decupagem e a análise de edições do programa tomadas como objeto empírico do estudo. Na segunda

---

<sup>9</sup> A reportagem da Veja foi feita quando Lillian Wite Fibe já havia saído do Jornal Nacional, mas sua substituta na bancada ainda não havia sido escolhida. Na matéria, foram apontadas como prováveis sucessoras de Lillian as apresentadoras Mônica Waldvogel, Sandra Annenberg e Ana Paulo Padrão, além de Fátima Bernardes.

<sup>10</sup> Esta é a definição padrão de Bonner a respeito do objetivo do Jornal Nacional, definição esta impressa em diversas entrevistas e no livro *Jornal Nacional: Modo de fazer*.

etapa da avaliação realizamos um estudo das características que os apresentadores do JN enquadram enquanto personagens dramáticas, em diálogo com a proposta de dramaturgia do telejornalismo (Coutinho, 2003). A terceira análise consistiu em um levantamento de como os apresentadores dialogam com o público na mídia, ou seja, buscou-se compreender, a partir da observação de produtos de mídia massiva e segmentada, como essa relação dos apresentadores com o público é construída também fora do telejornal. Para isso, tomamos como foco de análise inserções envolvendo os apresentadores do JN veiculadas em revistas impressas, em outros programas televisivos e na internet, sobretudo por meio do *twitter*. E o quarto momento e tipo de análise teve como proposta auscultar a recepção do telejornal. Para isso, foi realizado um grupo focal, com objetivo de ouvir diretamente, de seus diferenciados componentes, as diversas opiniões a respeito do Jornal Nacional e de seus apresentadores.

Neste capítulo, apresentamos os dados obtidos e as análises realizadas, assim como as primeiras impressões em diálogo com o referencial teórico do trabalho. Antes, porém, é importante explicitar algumas opções metodológicas.

Para a realização da análise das edições do telejornal, foi criada uma ficha de análise própria, a partir das questões e dos objetivos da pesquisa. Foram levantados, no material que serviu de roteiro para essa primeira avaliação, os seguintes dados: durações bruta, líquida e média das edições; tempo médio de *breaks*<sup>11</sup>; número e duração média de blocos por edição; quantificação, identificação (em relação ao formato) e classificação dos materiais exibidos – se *hard news* ou *lights*<sup>12</sup>, se factuais ou frios<sup>13</sup>. Também elencamos vários fatores para observação nas edições avaliadas do JN. Quantificamos qual/quais dos apresentadores foi/foram o(s) enunciador(es) das matérias veiculadas e também das notas pé<sup>14</sup>. Entre fatores técnicos, atentamos para o enquadramento/plano de filmagem do(s) apresentador(es)<sup>15</sup> e para os movimentos de câmera enquanto os apresentadores estavam em cena. Especificamente sobre os apresentadores, observamos seus movimentos de cabeça, mãos e sobrancelhas, suas

---

<sup>11</sup> Intervalos comerciais exibidos durante o programa.

<sup>12</sup> No jargão jornalístico, *hard news* são as notícias “duras”, fortes, enquanto matérias *lights* são as mais leves, próximas do entretenimento.

<sup>13</sup> Também no jargão jornalístico, notícias factuais são aquelas que reportam fatos “quentes”, ou seja, fatos acontecidos em período de tempo próximo ao da veiculação do jornal, como no próprio dia. Materiais frios são os que não possuem este critério de noticiabilidade e, portanto, podem ser exibidos em edições seguintes, sem que haja perda de interesse por parte do telespectador – são o que se chama, no jargão profissional, de materiais produzidos.

<sup>14</sup> Nota lida pelo apresentador do telejornal após a matéria exibida, em complemento à mesma.

<sup>15</sup> O que e o quanto se mostrou do apresentador e do cenário do telejornal.

expressões faciais, seus olhares e sorrisos, a variação na entonação de leitura e os comentários que fizeram – que pareceram fugir do *script*<sup>16</sup>. Também quantificamos que apresentador iniciava cada um dos blocos das edições analisadas, bem como a posição de cada apresentador nas aberturas de escaladas<sup>17</sup>, nas passagens de bloco<sup>18</sup> e no início e no encerramento do programa. Com foco nas edições dos telejornais, observamos a participação ao vivo de repórteres e o uso de selos<sup>19</sup> e de vinhetas<sup>20</sup>.

O segundo procedimento de análise foi um estudo comparativo sobre personagens dramáticas e suas características com o casal apresentador do Jornal Nacional. A partir do conceito de Morin (1997) sobre “olimpianos modernos” e de considerações tecidas por Trinta (2010) a respeito das atribuições das personagens dramáticas, pudemos perceber como é facilitado o processo de identificação e o estabelecimento de vínculos com o público do telejornal, por meio da adesão a um dos componentes da dramaturgia do telejornalismo (Coutinho, 2003): o uso de personagens.

No terceiro tipo de análise realizado, para estudar os diálogos tecidos pelos apresentadores do JN com o público, via mídia, elencamos três meios: televisivo, impresso e virtual. Na TV, avaliamos a participação de Fátima e, sobretudo, Bonner em uma edição do Domingo do Faustão, também da TV Globo. Na edição em questão, o editor-chefe e apresentador do JN participou do quadro Arquivo Confidencial. No meio impresso, tomamos como objetos empíricos do estudo um total de cinco revistas que tiveram Fátima ou Bonner nas capas e trouxeram, em seu interior, reportagens com eles. No espaço virtual nossas atenções voltaram-se principalmente para o *twitter*, rede social na qual Bonner tem mais de dois milhões e meio de seguidores<sup>21</sup> e Fátima, apesar de novata<sup>22</sup>, possui mais de 120 mil internautas a seguindo<sup>23</sup>. Também apresentamos um estudo feito sobre os diálogos dos então apresentadores do JN com o público e entre si,

---

<sup>16</sup> Roteiro do telejornal, com todos os textos a serem lidos e todas as informações técnicas necessárias para a exibição do programa.

<sup>17</sup> Conjunto de manchetes do telejornal.

<sup>18</sup> Chamada lida pelo(s) apresentador(es) no final de cada bloco, antes do intervalo comercial, sobre assunto(s) a ser(em) tratado(s) no(s) próximo(s) bloco(s) do telejornal.

<sup>19</sup> Efeitos visuais realizados utilizando-se o *chroma-key* (recurso que permite a inserção de imagens/artes diretamente na tela, em tamanhos e formatos variados, podendo, inclusive, ocupar todo o fundo do cenário onde está o apresentador), para ilustrar ou reforçar o assunto ou a informação que está sendo transmitida. Vale destacar que Fátima Bernardes, ao apresentar o estúdio do JN para Patrícia Poeta, referiu-se ao selo como *display*. Esta apresentação foi registrada em um VT postado no *blog* da redação do Jornal Nacional e será tratada no próximo capítulo.

<sup>20</sup> Animação curta criada para identificar o próprio telejornal, um quadro ou uma série de reportagem.

<sup>21</sup> Exatamente 2.673.750 seguidores até 16h09 do dia 7 de fevereiro de 2012.

<sup>22</sup> Fátima Bernardes criou seu perfil no *twitter* em 19 de janeiro de 2012 e fez sua primeira postagem em 23 de janeiro de 2012.

<sup>23</sup> Exatamente 124.369 seguidores até 16h24 do dia 7 de fevereiro de 2012.



no período da Copa do Mundo de 2010, através de duas ferramentas da internet: o *twitter* de Bonner e o *blog* do Jornal Nacional, então nas mãos de Fátima Bernardes.

E para perceber os olhares do público, optamos pela realização de um grupo focal, por entendermos que este tipo de pesquisa qualitativa é uma metodologia adequada para se obter “[...] um conjunto de percepções e não simplesmente uma relação de perguntas e respostas de um para um” (COSTA, 2005, p. 189). Segundo Maria Eugênia Belczak Costa (2005), o grupo focal pode resultar em uma rica gama de informações, sendo “uma alternativa valiosa para quem quer ouvir, perceber e compreender as experiências e crenças dos participantes de um grupo” (COSTA, 2005, p.191). Também Bernadete Angelina Gatti (2005) destaca que as trocas realizadas no grupo focal permitem captar conceitos, sentimentos, atitudes, crenças, experiências e reações, melhor que em outros métodos, por possibilitar a emergência de uma multiplicidade de pontos de vista e processos emocionais.

O trabalho com grupos focais permite compreender processos de construção da realidade por determinados grupos sociais, compreender práticas cotidianas, ações e reações a fatos e eventos, comportamentos e atitudes, constituindo-se uma técnica importante para o conhecimento das representações, percepções, crenças, hábitos, valores, restrições, preconceitos, linguagens e simbologias prevalentes no trato de uma dada questão por pessoas que partilham alguns traços em comum, relevantes para o estudo do problema visado. (GATTI, 2005, p. 11)

Costa (2005) sugere que a reunião dure aproximadamente uma hora e que tenha de 8 a 12 participantes, enquanto, para Gatti (2005), o grupo deve possuir 6 a 12 pessoas. Outras orientações dadas por esta última autora são no sentido de que os integrantes possam se ver, para que sua interlocução seja direta, e de se providenciar um crachá com o nome de cada um, para facilitar a identificação e a interlocução. Todo o conteúdo do grupo focal deve ser registrado, sendo a gravação em áudio o meio mais usado. Gatti (2005) chama a atenção para a necessidade de se selecionar os participantes conforme o que será debatido: “Os participantes devem ter alguma vivência com o tema a ser discutido, de tal modo que sua participação possa trazer elementos ancorados em suas experiências cotidianas” (GATTI, 2005, p. 7).

Gatti (2005) alerta para a importância da abertura do grupo, momento considerado por ela crucial para a criação de condições favoráveis à participação dos componentes. Ela afirma que é necessário propiciar uma situação confortável para os participantes, para que eles fiquem à vontade. Para tal, o moderador deve informá-los

sobre o objetivo do encontro e sobre como será o processo. Também a forma de registro do trabalho precisa ser explicitada, e deve-se ter a concordância dos participantes quanto a isso.

Nesses primeiros momentos, deixa-se claro que todas as idéias e opiniões interessam, que não há certo ou errado, bom ou mau argumento ou posicionamento, que se espera mesmo que surjam diferentes pontos de vista, que não se está em busca de consensos. Os participantes devem sentir-se livres para compartilhar seus pontos de vista, mesmo que diverjam do que os outros disserem. (GATTI, 2005, p. 29)

Costa (2005) destaca a importância do moderador para o grupo, que o vê como autoridade. Isso, entretanto, pode ocasionar uma tendência, por parte dos participantes, de agradarem o moderador, o que pode alterar os resultados da pesquisa. O moderador, portanto, deve ficar atento à possibilidade de conformidade dentro do grupo, propiciando um clima descontraído e informal. Ele deve administrar o tempo, estimular os componentes a interagir e aproveitar as deixas dos participantes para mudar de assunto. Depois de realizada a reunião com o grupo focal, o material deve ser transcrito e analisado. Costa (2005) sugere o agrupamento dos depoimentos em categorias referenciadas pela hipótese da pesquisa.

Feitas essas considerações, passemos às análises realizadas.

#### 4.1) FÁTIMA E BONNER EM CENA: O JN E SUA APRESENTAÇÃO EM ANÁLISE

“O dia em que eles [Bonner e Fátima] não estão lá, eu falo:  
 ‘Ué, cadê eles? O que está acontecendo?’  
 Aí um dos meus filhos responde:  
 ‘Mamãe, hoje é sábado, hoje não é com eles.’  
 Eu estranho quando o Jornal Nacional não é com eles”.  
 (Empregada doméstica de 33 anos)

Foram analisadas seis edições não consecutivas do Jornal Nacional, selecionadas de modo a configurar uma semana composta: telejornais veiculados em uma segunda-feira (6 de junho de 2011); terça-feira (10 de maio de 2011), quarta-feira (18 de maio de 2011), quinta-feira (26 de maio de 2011), sexta-feira (3 de junho de 2011) e sábado (11 de junho de 2011). Em quatro edições, os apresentadores foram William Bonner e Fátima Bernardes (segunda-feira, 6 de junho; terça-feira, 10 de maio; quinta-feira, 26 de

maio; e sexta-feira, 3 de junho). A edição da quarta-feira, 18 de maio, foi apresentada por Márcio Gomes e Fátima Bernardes. E a edição de 11 de junho, por Márcio Gomes e Christiane Pelajo, como tradicionalmente é feito no sábado, quando os apresentadores titulares estão de folga.

A duração bruta média da edição diária do programa foi de 40 minutos e 13 segundos, enquanto a duração líquida registrada foi de 31 minutos e 58 segundos. Os *breaks* corresponderam, em média, a oito minutos e 15 segundos de cada edição. Cada edição foi estruturada em quatro blocos, exceto os jornais dos dias 3 de junho (sexta-feira) e 11 de junho (sábado), que tiveram cinco blocos cada. Vale ressaltar que a edição de 3 de junho (sexta-feira) fugiu do espelho<sup>24</sup> tradicional por apresentar uma entrevista exclusiva (dividida em duas partes) com o então ministro chefe da Casa Civil, Antônio Palocci, acusado de aumento patrimonial. Ao todo, a entrevista teve a duração de 16 minutos e 52 segundos, tendo 13 minutos e 31 segundos a primeira parte e três minutos e 21 segundos a segunda parte.

Na quarta-feira (18 de maio) foi apresentada a menor edição entre as avaliadas neste trabalho, em termos de tempo bruto e líquido, 29 minutos e dez segundos e 21 minutos e 35 segundos, respectivamente. A motivação para esse tempo reduzido está na grade de programação da TV Globo, na qual as quartas-feiras são reservadas à transmissão de futebol após a novela, às 21h40. Mas embora o dia tenha sido da menor edição, nem por isso ela teve o menor *break*, que foi de sete minutos e 35 segundos – a edição de menor *break* foi na quinta-feira (26 de maio), quando os intervalos comerciais tiveram, juntos, seis minutos e 45 segundos de duração. A edição do JN de sexta-feira (3 de junho) foi a maior líquida (35 minutos e 33 segundos) e teve o maior *break* entre as que foram exibidas em dia de semana (nove minutos). No sábado foi exibida a maior edição bruta (45 minutos e 57 segundos) e o maior *break* entre todas as edições analisadas (onze minutos e 40 segundos).

Já em relação à duração média dos blocos, o primeiro foi sempre o maior da edição, exceto na sexta-feira, quando foi exibida a entrevista do então ministro Antônio Palocci. A duração média do primeiro bloco, nas edições em análise, foi de onze minutos e 25 segundos, sendo que o maior primeiro bloco entre as edições analisadas foi o da segunda-feira (6 de junho), com 16 minutos e 29 segundos. A duração média do segundo bloco foi de cinco minutos e 59 segundos, sendo que o maior foi na quinta-

---

<sup>24</sup> Estrutura do telejornal, com os tipos de materiais a serem veiculados e a ordem em que serão exibidos.

feira (26 de maio), com nove minutos e cinco segundos. O terceiro bloco teve um tempo médio de seis minutos e 50 segundos, e o maior foi o exibido no sábado (11 de junho), com oito minutos e 13 segundos. O tempo médio do quarto bloco foi de seis minutos e 13 segundos; o maior deles foi o veiculado na sexta-feira (3 de junho), com a inserção da primeira parte da entrevista do ministro Palocci, que durou 14 minutos e dez segundos. Finalmente a duração do quinto bloco, nas duas edições que contaram com essa estrutura, teve média de quatro minutos e 29 segundos.

A edição da segunda-feira (6 de junho) contou com 21 materiais, sendo 15 factuais e cinco frios (dois pertencentes a duas diferentes séries de reportagens). Destes, 18 foram *hard news* e dois *lights*. Tivemos onze VTs<sup>25</sup>, uma participação ao vivo de repórter, duas notas secas<sup>26</sup>, seis notas com imagens<sup>27</sup> e uma arte<sup>28</sup> (Previsão do tempo), além de três notas pé.

Edição/Notícia	Total	Factual	Frio	<i>Hard news</i>	<i>Light</i>
2ª, 06/06/2011	21	15	5	18	2

Tabela 1 – Notícias – JN de 06/06/2011<sup>29</sup>

Edição/Formato	Total	VT	Vivo/ repórter	Nota seca	Nota/ imagem	Arte	Nota pé
2ª, 06/06/2011	21	11	1	2	6	1	3

Tabela 2 – Formatos – JN de 06/06/2011

Já na terça-feira (10 de maio) o telejornal teve 18 materiais, 15 deles factuais e dois frios (um pertencente a uma série de reportagens), além da Previsão do tempo. Destes, 13 foram *hard news* e quatro *lights*, além da Previsão do tempo<sup>30</sup>. Os materiais tiveram os seguintes formatos: onze VTs, duas notas secas, duas notas com imagens,

<sup>25</sup> Comumente chamado de reportagem, o VT (de *videotape*) é o mais completo material telejornalístico, contendo *offs* (textos gravados pelo repórter e coberto por imagens), sonoras (trechos de entrevistas), passagem (participação do repórter do local onde a matéria foi feita), povo-fala (no jargão profissional, sonoras de cidadãos a respeito do assunto tratado).

<sup>26</sup> Informação dada pelo apresentador, sem o uso de imagens, também conhecida como nota pelada.

<sup>27</sup> Nota lida pelo apresentador em que se inserem, ao vivo, no momento da leitura, algumas imagens a respeito do assunto tratado, que cobrem parte da leitura feita pelo apresentador.

<sup>28</sup> Recurso gráfico para ilustrar, complementar e/ou facilitar a compreensão do telespectador.

<sup>29</sup> Previsão do tempo e chamadas da programação não serão contempladas nesta e nas demais tabelas que trazem a classificação das notícias nas edições analisadas do Jornal Nacional; a única exceção ocorre nas que mostram a quantificação dos formatos, quando a previsão do tempo foi considerada como Arte.

<sup>30</sup> A partir de agora, neste item 4.1, sempre que qualificar os materiais exibidos nas edições analisadas em factuais ou frios e em *hard news* ou *lights*, estarei excetuando as inserções sobre a Previsão do tempo.

duas notas secas com selo<sup>31</sup> e uma arte (Previsão do tempo), além de três notas pé.

Edição/Notícia	Total	Factual	Frio	<i>Hard news</i>	<i>Light</i>
3ª, 10/05/2011	18	15	2	13	4

Tabela 3 – Notícias – JN de 10/05/2011

Edição/Formato	Total	VT	Nota seca	Nota/imagem	Nota/selo	Arte	Nota pé
3ª, 10/05/2011	18	11	2	2	2	1	3

Tabela 4 – Formatos – JN de 10/05/2011

Na quarta-feira (18 de maio) o JN teve 16 materiais, sendo 12 factuais e três frios (um pertencente a uma série de reportagens). Um foi *light* e 14 *hard news*. A edição foi formada por cinco VTs, uma participação ao vivo de repórter (dividida em duas partes, caracterizando o chamado vivo sanduíche<sup>32</sup>), três notas secas, três notas com imagens, uma nota com fotos<sup>33</sup>, duas notas secas com selo e uma arte (Previsão do tempo), além de três notas pé.

Edição/Notícia	Total	Factual	Frio	<i>Hard news</i>	<i>Light</i>
4ª, 18/05/2011	16	12	3	14	1

Tabela 5 – Notícias – JN de 18/05/2011

Edição/Formato	Total	VT	Vivo/repórter	Nota seca	Nota/imagem	Nota/fotos	Nota/selo	Arte	Nota pé
4ª, 18/05/2011	16	5	1	3	3	1	2	1	3

Tabela 6 – Formatos – JN de 18/05/2011

O JN da quinta-feira (26 de maio) exibiu 20 materiais, sendo 15 factuais, três frios (um pertencente a uma série de reportagens, que, apesar de não ter sido chamado

<sup>31</sup> Nota lida pelo apresentador com ilustração, no cenário, em forma de selo (já explicado anteriormente), referente ao tema tratado.

<sup>32</sup> No jargão das redações televisivas, vivo sanduíche é aquele em que o repórter entra ao vivo, chama uma matéria e depois dela o repórter volta, para encerrar sua participação no telejornal.

<sup>33</sup> Nota lida pelo apresentador em que se inserem, ao vivo, no momento da leitura, uma ou mais fotografias a respeito do assunto tratado.

como tal, fazia parte da série sobre o Campeonato Brasileiro de Futebol que estava sendo exibida na semana) e uma chamada da programação (Globo Mar). Destes, 14 foram *hard news* e quatro *lights*, sem contar a chamada. Dos materiais exibidos, tivemos onze VTs, uma nota coberta<sup>34</sup>, cinco notas com imagens, uma nota seca com selo, uma chamada da programação e uma arte (Previsão do tempo), além de três notas pé.

Edição/Notícia	Total	Factual	Frio	<i>Hard news</i>	<i>Light</i>
5ª, 26/05/2011	20	15	3	14	4

Tabela 7 – Notícias – JN de 26/05/2011

Edição/Formato	Total	VT	Nota coberta	Nota/imagem	Nota/selo	Chamada	Arte	Nota pé
5ª, 26/05/2011	20	11	1	5	1	1	1	3

Tabela 8 – Formatos – JN de 26/05/2011

A edição da sexta-feira (3 de junho) teve 19 materiais, sendo 16 factuais, um frio (relativo a série – nota seca sobre a transferência, para o dia seguinte, de VT pertencente a série) e uma chamada da programação (Globo Repórter). Das notícias, tivemos onze *hard news* e seis *lights*, fora a chamada. Quanto aos formatos, foram cinco VTs, uma nota coberta, duas entrevistas (com o mesmo entrevistado, mas dividida em duas partes, exibidas em blocos diferentes), três notas secas, cinco notas com imagens, uma nota seca com selo, uma chamada da programação e uma arte (Previsão do tempo), além de duas notas pé. Foi uma edição atípica, graças à entrevista com o então ministro Antônio Palocci. E o terceiro bloco da edição foi todo *light*, embora integralmente factual – foi composto por cinco materiais de cunho esportivo: um VT, uma nota coberta, uma nota seca e duas notas com imagens.

Edição/Notícia	Total	Factual	Frio	<i>Hard news</i>	<i>Light</i>
6ª, 03/06/2011	19	16	1	11	6

Tabela 9 – Notícias – JN de 03/06/2011

<sup>34</sup> Material composto por texto gravado do repórter (*off*), coberto por imagens editadas. Tem duração média de 30 segundos.

Edição/ Formato	Total	VT	Nota coberta	En- tre- vista	Nota seca	Nota/ imagem	Nota/ selo	Chamada	Arte	Nota pé
6ª, 03/06/2011	19	5	1	2	3	5	1	1	1	2

Tabela 10 – Formatos – JN de 03/06/2011

Já o JN de sábado (11 de junho) contou com 21 materiais, sendo 16 factuais, dois frios e duas chamadas da programação (Fantástico e Esporte Espetacular, sendo a chamada do Fantástico ao vivo). Foram 12 *hard news* e seis *lights*, além das duas chamadas da programação. Em relação aos formatos, tivemos 14 VTs, duas chamadas da programação (sendo uma ao vivo), quatro notas com imagens e uma arte (Previsão do tempo), além de cinco notas pé.

Edição/Notícia	Total	Factual	Frio	<i>Hard news</i>	<i>Light</i>
Sáb., 11/06/2011	21	16	2	12	6

Tabela 11 – Notícias – JN de 11/06/2011

Edição/Formato	Total	VT	Nota/imagem	Chamada	Arte	Nota pé
Sáb., 11/06/2011	21	14	4	2	1	5

Tabela 12 – Formatos – JN de 11/06/2011

Portanto, totalizando as seis edições do JN analisadas, foram exibidos 115 materiais. Destes, 89 foram factuais, o equivalente a 77,39% (quantificadas as chamadas e as previsões do tempo) e outros 16 foram frios, o que corresponde a 13,91% (também quantificadas as inserções de chamadas e as previsões do tempo). Tivemos, no total, quatro chamadas da programação (3,48%), sendo uma ao vivo. A previsão do tempo foi exibida em todas as edições, tendo, ao todo, seis inserções (5,21%).

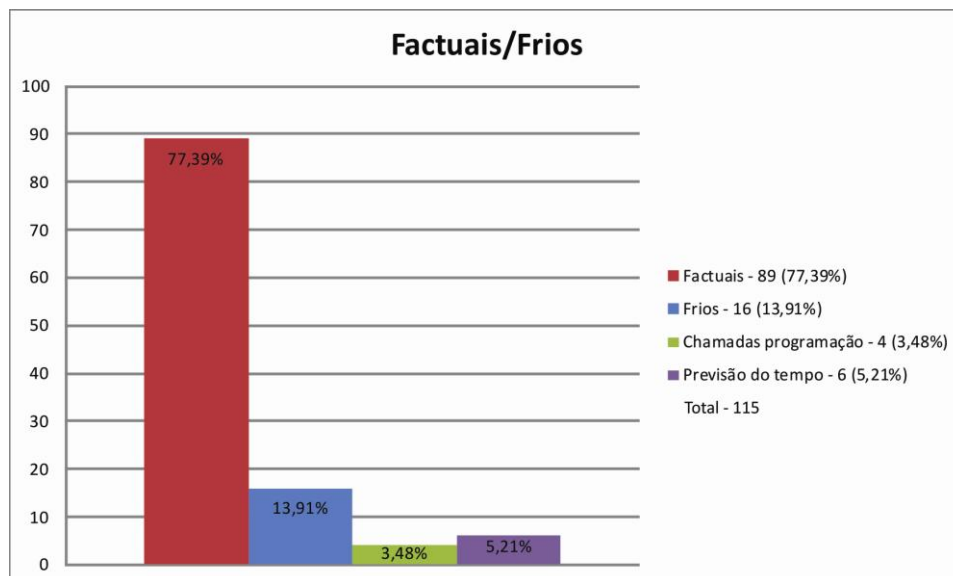
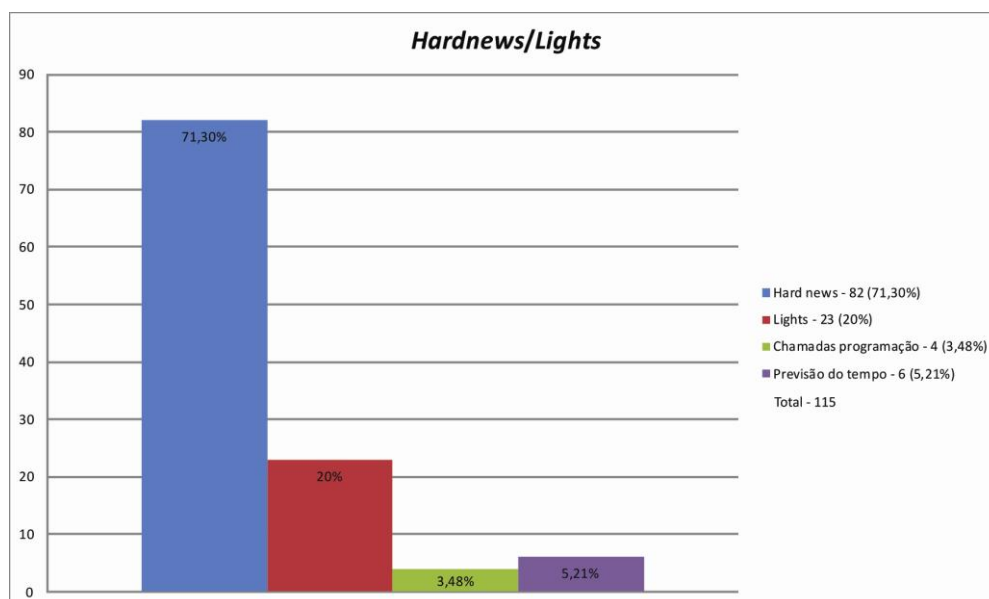


Gráfico 1 – Factuais/Frios

As notícias consideradas *hard news* somaram 82, o correspondente a 71,30% (quantificadas as chamadas e as previsões do tempo), e as demais 23 foram *lights*, o equivalente a 20% (quantificadas as chamadas e as previsões do tempo).

Gráfico 2 – *Hard news/Lights*

Observamos, portanto, predomínio de notícias factuais e de *hard news*, o que coincide com a proposta do telejornal em foco, de mostrar um resumo dos fatos nacionais e internacionais mais importantes do dia.

Entre os formatos, no total das seis edições do JN tivemos 57 VTs (49,56%),



duas notas cobertas (1,73%), duas participações ao vivo de repórter (1,73%) – além da chamada do Fantástico, também feita ao vivo –, dez notas secas (8,69%), 25 notas com imagens (21,73%), uma nota com foto (0,86%), seis notas secas com selo (5,21%), duas entrevistas (1,73%) – com o mesmo entrevistado, mas exibidas em duas partes – e 19 notas pé (5,21% do total de 134 materiais, somando os 115 das seis edições mais as próprias 19 notas pé)<sup>35</sup>.

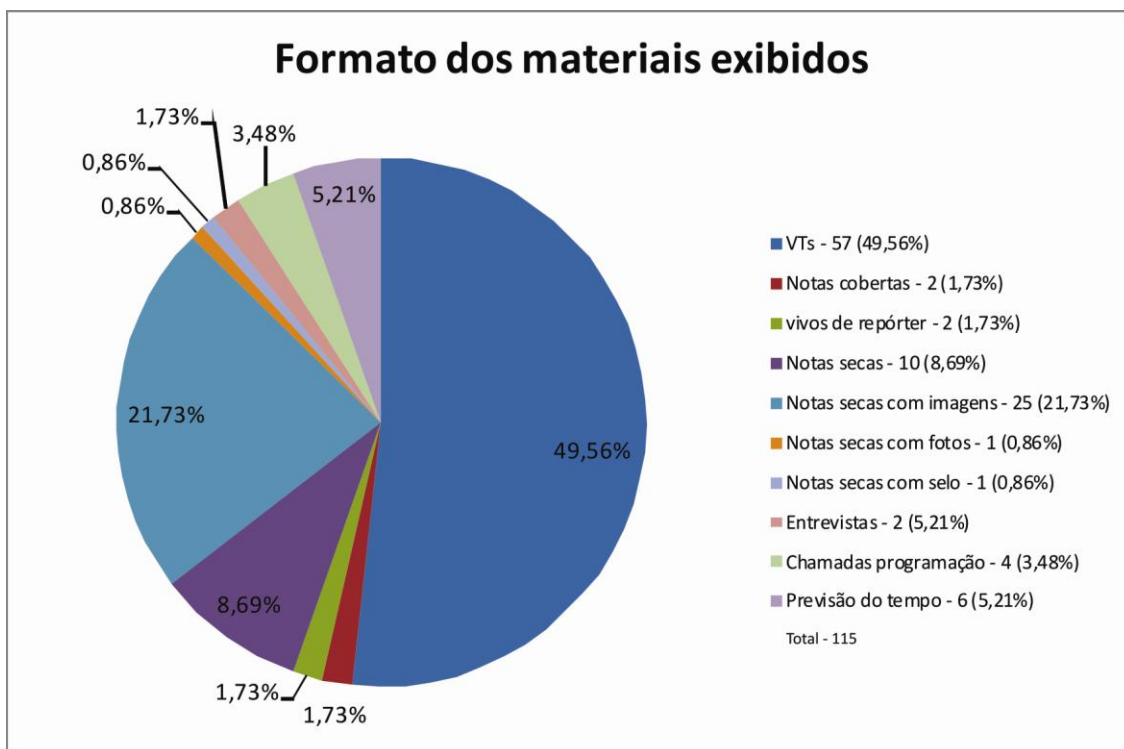


Gráfico 3 – Formato dos materiais exibidos

Tivemos cinco VTs pertencentes a séries de reportagens (4,34% do total de 115 materiais exibidos ou 8,77% do total de 57 VTs), além de uma nota seca sobre a transferência, para o dia seguinte, de VT pertencente a série. Se considerarmos, pois, seis materiais relativos a séries, teremos 5,21% do total de 115 materiais exibidos – isso se pensarmos no número de materiais. Mas se levarmos em consideração o tempo dos materiais, podemos ver como as séries são valorizadas, pois os VTs especiais tiveram duração bem maior que os demais<sup>36</sup>.

<sup>35</sup> As notas pé não foram quantificadas como materiais diferentes por entendermos que elas fazem parte dos materiais aos quais se referem.

<sup>36</sup> VT Blitz da Educação: cinco minutos e 47 segundos; 1º VT O desafio da qualidade: dois minutos e 27 segundos; 2º VT O desafio da qualidade: cinco minutos e 42 segundos; VT Fronteiras do Brasil: cinco minutos e dez segundos; VT homenagem a jogadores do Campeonato Brasileiro de Futebol: cinco

O formato preferencial para a divulgação das notícias é o VT, que somou metade dos materiais veiculados. Também chama a atenção o alto número de notas com imagens; o formato foi utilizado 25 vezes. E o número de notas pé, que chegou a 19.

Ao todo, os apresentadores do JN fizeram 147 enunciações nas seis edições analisadas. Bonner (sendo substituído por Márcio Gomes em dois telejornais, como explicado anteriormente)<sup>37</sup> foi o responsável por 56 enunciados, o equivalente a 38,10%. E Fátima (substituída por Christiane Pelajo na edição de sábado)<sup>38</sup> fez 57 enunciações, o que corresponde a 38,77%. E os dois apresentadores juntos enunciaram 34 matérias, 23,13%. Ou seja, os enunciados foram partilhados igualmente entre apresentador e apresentadora – quando falaram separadamente, estes pronunciaram-se praticamente o mesmo número de vezes.

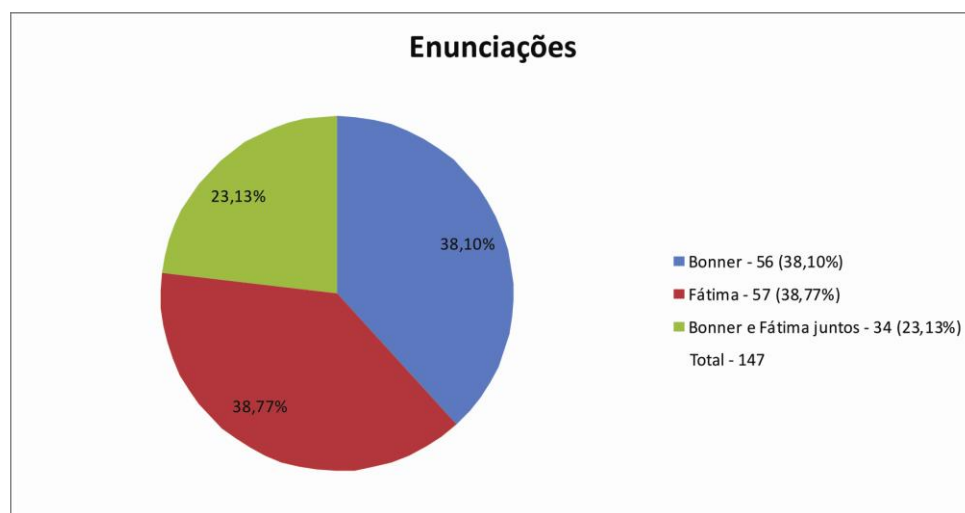


Gráfico 4 – Enunciações

Quando os enunciados foram em forma de notas pé, Fátima deteve 73,68% das inserções, pronunciando-se em 14 das 19 inserções. E Bonner nas demais quatro vezes, o correspondente a 21,05%. Os dois, juntos, enunciaram uma nota pé, o equivalente a 5,27% do total. Nos momentos em que foi necessária uma palavra final após a exibição de materiais, a apresentadora foi a enunciativa da grande maioria destas sentenças.

---

minutos e nove segundos. Somados os tempos de duração destes cinco VTs especiais, temos 24 minutos e 15 segundos.

<sup>37</sup> A partir de agora, neste item 4.1, sempre que me referir a Bonner estarei me referindo ao apresentador das edições analisadas do JN, sendo William Bonner em quatro edições e Márcio Gomes nas duas outras edições avaliadas.

<sup>38</sup> A partir de agora, neste item 4.1, sempre que me referir a Fátima estarei me referindo à apresentadora das edições analisadas do JN, sendo Fátima Bernardes em cinco edições e Christiane Pelajo em uma das edições avaliadas.

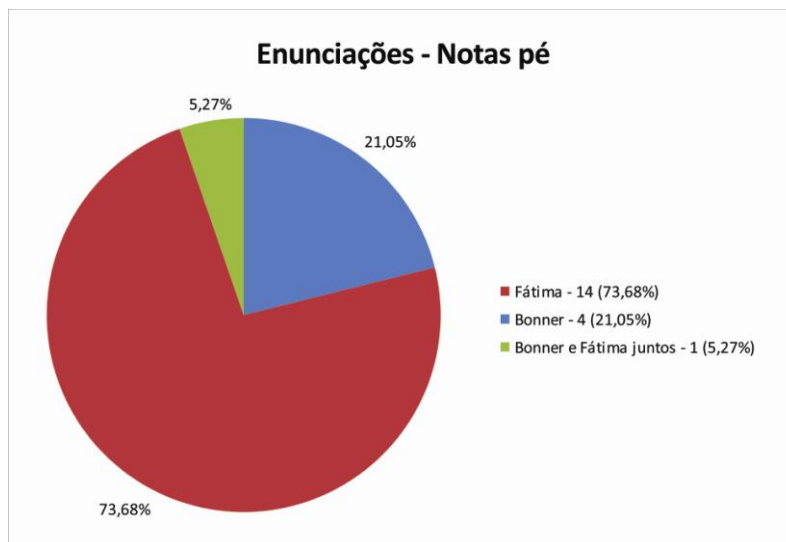


Gráfico 5 – Enunciações – Notas pé

A escalada do JN foi sempre exibida em plano fechado, alternando imagens dos apresentadores com imagens dos fatos a serem noticiados. O apresentador falou 33 vezes no total das escaladas das seis edições analisadas e a apresentadora falou 32 vezes. Bonner iniciou três escaladas e Fátima as outras três. Os destaques enunciados por Bonner na escalada contaram com inserção parcial de imagem externa nove vezes (27,27%) e totalmente, durante toda a veiculação do texto, uma vez (3,03%). Fátima foi coberta parcialmente em destaques da escalada quatro vezes (12,50%) e totalmente duas vezes (6,25%). Na quarta-feira (18 de maio) não houve imagem cobrindo nenhum destaque da escalada.

No total, as enunciações de Bonner e Fátima foram parcialmente cobertas por imagens na escalada em 20% das vezes em que apareceram e totalmente cobertas em 4,61%. Portanto, em apenas 24,61% dos destaques da escalada foram usadas imagens das notícias, enquanto nos demais 75,39% prevaleceram as imagens de Bonner e Fátima. Assim, apesar de normalmente na escalada ser dado privilégio às imagens, força maior do veículo televisão, os apresentadores tiveram centralidade nas escaladas das edições analisadas, em detrimento das imagens das notícias/manchetes.

Após a escalada e a vinheta de abertura do JN, Bonner iniciou o jornal com o “boa noite” aos telespectadores em três edições, enquanto Fátima o fez nas outras três edições. Já o encerramento, nas seis edições analisadas, foi sempre feito pelos dois apresentadores; Bonner foi o primeiro a se despedir do público em quatro edições e Fátima iniciou a despedida diária em duas edições. Tanto na abertura quanto no encerramento do telejornal, há um equilíbrio de aparições e no destaque dos

apresentadores.

Em relação à ordem de aparição e enunciação em cada bloco, Bonner abriu três vezes o primeiro e o segundo blocos, quatro vezes o terceiro bloco, uma vez o quarto bloco e uma vez o quinto bloco (quando a edição contou com essa estrutura). Fátima também abriu três vezes o primeiro e o segundo blocos, duas vezes o terceiro bloco, cinco vezes o quarto bloco e uma vez o quinto. Observamos um equilíbrio entre os apresentadores também no que se refere à ordem de aparição na abertura de blocos, exceto na edição de quinta-feira (26 de maio), quando Bonner abriu apenas um bloco e Fátima abriu os outros três blocos.

Nas passagens de bloco das seis edições avaliadas, os dois apresentadores foram sempre mostrados em plano aberto, dividindo o texto de chamada do bloco seguinte. Bonner iniciou sete passagens de bloco, enquanto Fátima começou 13 passagens de bloco; no dia 6 de junho ela iniciou a enunciação nas três passagens de bloco da edição. Percebemos, assim, que a apresentadora começou mais passagens de bloco nas edições analisadas; as exceções foram o dia 26 de maio, em que Bonner iniciou duas e Fátima uma, e o sábado analisado, quando Christiane Pelajo e Márcio Gomes dividiram igualmente o pioneirismo na enunciação das chamadas de bloco.

Descrevemos a seguir os planos de enquadramento dos apresentadores. Das 147 vezes em que Bonner e Fátima enunciaram notícias nas seis edições do JN analisadas, o enquadramento foi aberto, mostrando os dois apresentadores, 95 vezes (64,62%). Em plano médio, Bonner e Fátima apareceram, no total, 35 vezes (23,81%) e em plano fechado, 17 vezes (11,57%).

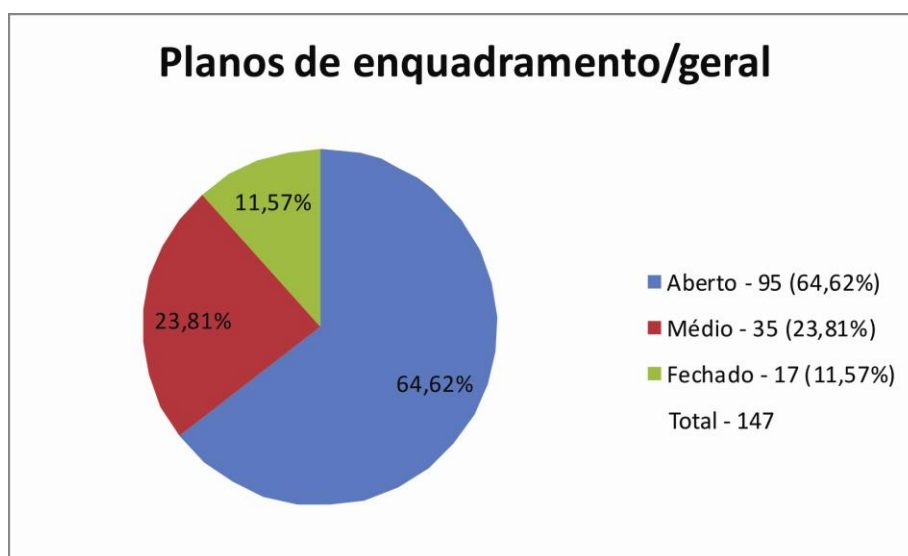


Gráfico 6 – Planos de enquadramento/geral

Nas ocorrências de enquadramento aberto nos dois apresentadores, em 30 delas (20,41%) ambos se pronunciaram. Já com o enquadramento aberto nos dois, mas apenas com Bonner falando, foram 32 vezes (21,77%). E aberto nos dois, mas apenas com Fátima falando, foram 33 vezes (22,45%). No total, portanto, os apresentadores foram mostrados em plano aberto 95 vezes (64,62%) – como informado no parágrafo anterior –, sendo que em 65 vezes (68,42% de 95) apenas um deles falou, apesar de o outro estar na imagem<sup>39</sup>. Em plano médio, como informamos no parágrafo anterior, Bonner e Fátima apareceram 35 vezes (23,81%). Deste total, o apresentador foi mostrado 17 vezes (11,57%), e a apresentadora 18 vezes (12,24%). E em plano fechado, também como informado no parágrafo anterior, os apresentadores foram enquadrados 17 vezes (11,57%), com nove ocorrências em Bonner (6,12%) e oito em Fátima (5,44%).

Os números mostram que há predomínio absoluto da opção de mostrar os dois apresentadores juntos, até mesmo quando apenas um deles está enunciando uma notícia. Essa opção contrasta com o privilégio a matérias factuais e *hard news* no JN, um tipo de notícias que, segundo Dayan (2009), é preferencialmente transmitida no telejornal em planos fechados, mais impactantes.

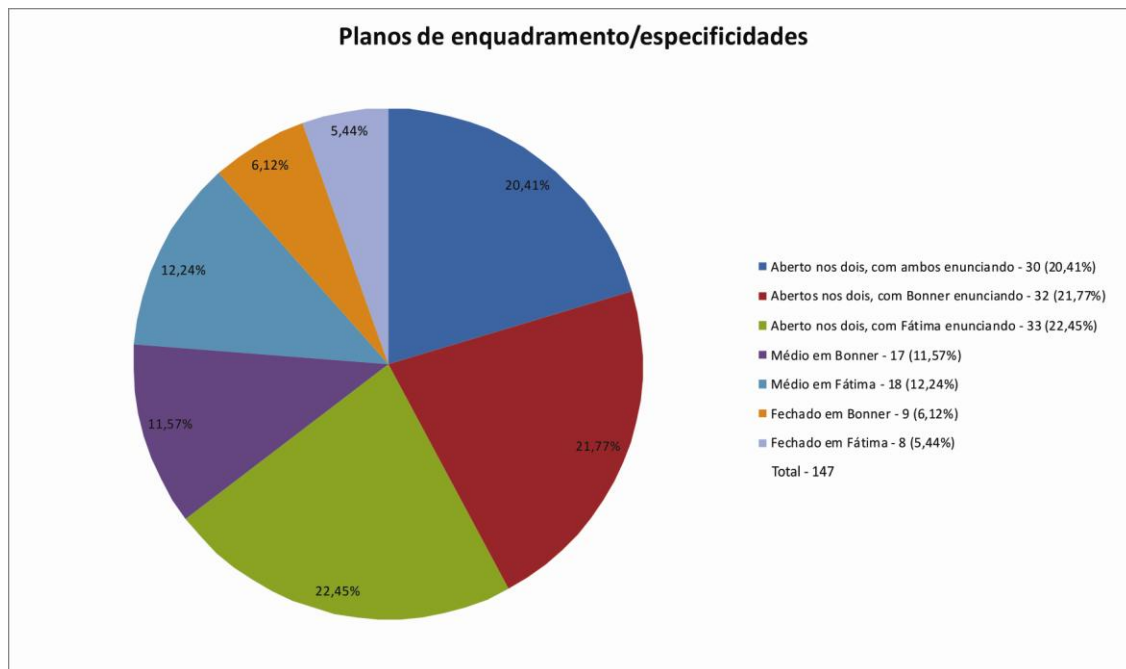


Gráfico 7 – Planos de enquadramento/especificidades

<sup>39</sup> Quando o enquadramento é aberto, mostrando os dois apresentadores no vídeo, mas com apenas um se pronunciando, o outro apresentador adota uma postura que consideramos “pedagógica” – que parece mostrar como deve ser a postura do telespectador: prestando atenção e concordando com o que está sendo enunciado. Trataremos mais detalhadamente a respeito desta postura ainda neste subcapítulo.

Notamos poucos movimentos de câmera, que poderiam ser considerados nulos em relação ao geral. Registramos apenas “tilte”<sup>40</sup> no “boa noite” da abertura do JN e no início da primeira cabeça e o mesmo movimento nas passagens de bloco. As edições do telejornal contaram com uso de selos, sempre em notas secas. Nesse caso, o(a) apresentador(a) foi enquadrado em plano médio, na lateral da tela, enquanto o selo entrou na outra lateral. Foram utilizados selos durante os números do Mercado Financeiro, em três edições; na divulgação de dados sobre a inadimplência no mês de abril; em nota sobre o período de inscrições para o Enem e em outra sobre o desemprego no mês de abril. Os selos foram usados em duas notas secas lidas por Fátima e em quatro notas secas lidas por Bonner.

Em relação ao tempo médio das vinhetas de abertura, a única exceção foi a da edição de 10 de maio, terça-feira, que teve 18 segundos de duração; nas demais cinco edições que compuseram o corpus da pesquisa empírica, a duração foi de cinco segundos. A previsão do tempo foi sempre precedida de vinheta própria, com três segundos de duração – em todas as edições, o quadro entrou no ar diretamente, sem cabeça<sup>41</sup>, apenas com a vinheta.

Como forma de destacar as reportagens no JN, a série sobre Educação intitulada “O desafio da qualidade” contou com duas versões de vinheta, com tempos diferentes: uma delas com 18 segundos e a outra com seis segundos. Já a vinheta específica da série “Blitz da Educação” teve dez segundos de duração, enquanto a série “Fronteiras do Brasil” contou com vinheta de oito segundos. Além das séries, foi veiculado um VT especial em homenagem a jogadores do Campeonato Brasileiro de Futebol<sup>42</sup>. A reportagem foi precedida por uma vinheta de sete segundos.

Também foi usada, na edição da segunda-feira (6 de junho) a vinheta do quadro JN no ar. A vinheta foi veiculada antes da entrada ao vivo da repórter Cristina Serra, informando que estava indo para o Pará, no avião do JN, e após nota seca sobre o embarque de tropas da Força Nacional de Segurança para o Pará, para reforçar o patrulhamento nas regiões onde é maior a violência contra lavradores e líderes camponeses e onde haviam sido registrados três assassinatos nas últimas semanas. O JN exibiu, dessa forma, nas edições em análise, um total de cinco vinhetas diferenciadas para as séries de reportagens veiculadas, uma vinheta do projeto JN no ar, além da

---

<sup>40</sup> Movimento em que a câmera abaixa pouco e lentamente. É um movimento quase imperceptível.

<sup>41</sup> Texto lido pelo(s) apresentador(es) para chamar o material a ser exibido.

<sup>42</sup> Apesar desse material não ter sido enunciado como pertencente a uma série, configurou-se como um dos VTs feitos para uma série de reportagens exibida ao longo de uma semana (23 a 28 de maio de 2011).

vinheta da Previsão do tempo (exibida seis vezes) e da vinheta de abertura. Isso demonstra um cuidado da edição do telejornal com a produção de vinhetas, valorizando os próprios materiais.

Nas seis edições avaliadas, tivemos três participações ao vivo, sendo duas delas de repórteres e a outra durante uma chamada da programação. No dia 18 de maio, quarta-feira, o repórter André Luiz Azevedo fez o chamado vivo “sanduíche”, isto é, entrou pela primeira vez para chamar o VT da série “Blitz da Educação” e, após o mesmo, o repórter voltou para finalizar sua participação no programa. No dia 6 de junho, segunda-feira, o vivo foi da repórter Cristina Serra, de Brasília. Como dito no parágrafo anterior, ela afirmou que estava embarcando para o Pará no avião do JN e convidou os telespectadores a assistirem, no dia seguinte, à reportagem que faria sobre a violência agrária no Estado. A outra participação ao vivo foi no dia 11 de junho, sábado, quando os então apresentadores do Fantástico, Zeca Camargo e Patrícia Poeta, falaram sobre os destaques da edição do dia seguinte da revista eletrônica e convidaram os telespectadores a assisti-la. O número de participações ao vivo não foi significativo em comparação com a quantidade de materiais exibidos.

Sobre a expressão e os gestos dos apresentadores, descrevemos, inicialmente, os movimentos de cabeça. Bonner e Fátima deslocaram a cabeça positivamente praticamente o tempo todo em que o outro falava e o plano estava aberto nos dois apresentadores. As cabeças viradas para o companheiro de bancada eram alternadas com posicionamento para frente, na direção da câmera. Fora isso, os movimentos de cabeça foram naturais, curtos, para frente e para o lado. E quando queriam afirmar positivamente algo, os apresentadores deslocavam a cabeça um pouco para a frente, como no caso do VT sobre tratamento para câncer de pele.

Em relação à expressão facial, Bonner e Fátima expressaram preocupação após VTs de cunho mais grave: alta de preços de alimentos, serviço para endividados, acusação de crime sexual de diretor do FMI, adolescentes drogados no Rio de Janeiro, assassinato de casal que denunciou desmatamento na Amazônia, morte após desabamento de casa em São Paulo, confronto na greve de motoristas e cobradores de ônibus no Maranhão, cédulas manchadas por dispositivos anti-roubo em caixas eletrônicos, tratamento para câncer de pele, reserva ameaçada no Espírito Santo e adolescente assassinado em São Paulo. Por outro lado, os apresentadores assumiram um ar de esperança, também por meio da expressão facial, no VT sobre punição para pais que agredem filhos crianças. Quando demonstraram preocupação, nos VTs acima

citados e na entrevista de Antônio Palocci, Bonner e Fátima arquearam um pouco as sobrancelhas. Já na nota seca sobre ingressos esgotados para o Rock in Rio e no VT sobre jogadores de meio de campo no Campeonato Brasileiro de Futebol, Bonner e Fátima mexeram as sobrancelhas como sinal de demonstração de curiosidade.

O casal de apresentadores trocou poucos olhares durante as edições do telejornal. Nos planos abertos, quando ambos estavam no vídeo, um ficava olhando para o outro e para a câmera enquanto o outro falava. E nos VTs mais sérios e graves, Fátima arregalou um pouco os olhos.

Com sorrisos eles se expressaram um pouco mais do que com os olhos nas edições em análise. Fátima sorriu na volta do VT sobre o Livro JN no ar, na nota seca sobre ingressos esgotados para o Rock in Rio e na cabeça do VT em homenagem a jogadores de meio de campo no Brasileirão de Futebol, que, aliás, não foi ela quem leu, mas Bonner. Fátima sorriu positivamente, como que apoiando a professora que deu a última sonora no VT “Blitz da Educação”, falando que, até o fim do no, alfabetizaria todos os seus alunos. Bonner sorriu na volta da nota seca sobre o torneio de tênis. Bonner e Fátima sorriram na nota com imagens sobre o time do Santos na disputa da final da Taça Libertadores da América. Bonner riu – riu mesmo, com direito ao som de sua risada – e Fátima sorriu na volta da nota coberta sobre a estreia do ex-jogador de vôlei Tande na apresentação do Esporte Espetacular. Fátima sorriu na volta do VT sobre o jogo de futebol entre Brasil e Holanda e na cabeça do VT de despedida de Ronaldo da Seleção Brasileira de Futebol, VT este que teve sorrisos de Bonner e Fátima ao seu final, sendo que Fátima “esticou” o sorriso até o “boa noite” (foi o último VT da edição). Ou seja: Fátima sorriu mais vezes que Bonner, mas ele riu com direito a registro de som. E ainda que tenha sido apenas uma vez nas edições analisadas, a risada chamou a atenção. Christiane Pelajo e Márcio Gomes, em substituição aos apresentadores titulares, também sorriram bastante na bancada do JN de sábado. A edição teve mais VTs leves, com materiais sobre esporte, compras para o Dia dos Namorados e recorde na impressão de bíblias.

Em termos de expressão com as mãos, foram registrados movimentos pequenos, naturais, com poucas exceções. Fátima arrumou o cabelo enquanto Bonner lia uma cabeça de VT na terça-feira. Bonner apontou com a mão e com o braço direitos para a frente, na direção da câmera, na nota seca sobre o Rock in Rio. Fátima apontou a mão esquerda para a câmera na cabeça do VT sobre Vasco e Coritiba na decisão da Copa do



Brasil<sup>43</sup>. Bonner ficou de mãos dadas e mexendo ambas enquanto Fátima lia uma cabeça de VT. Bonner estava com a mão esquerda do queixo na volta da nota coberta sobre a estreia de Tande na apresentação do Esporte Espetacular. Fátima balançou as duas mãos, de um lado para o outro, na cabeça da primeira parte da entrevista de Antônio Palocci.

Já Christiane Pelajo e Márcio Gomes mexeram bastante as mãos no JN de sábado, bem mais que Bonner e Fátima. Márcio Gomes mexeu tanto a mão na volta do VT sobre compras para o Dia dos Namorados, que chegou a bater levemente com a caneta na bancada. Márcio Gomes fez um sinal de chamar para si, com a mão esquerda, na cabeça do VT sobre dengue.

Sobre a variação na entonação da leitura, notamos poucas mudanças relativas ao padrão. Fátima fez uma locução mais para cima, mais alegre, na volta da nota coberta sobre a estreia de Tande na apresentação do Esporte Espetacular, na cabeça do VT sobre o amistoso entre as seleções de futebol de Brasil e Holanda e também na nota com imagens sobre a Seleção Brasileira de Futebol. Christiane Pelajo e Márcio Gomes tiveram mais variações na entonação: ela fez uma entonação mais para o alto na cabeça do VT sobre recorde na impressão de bíblias e ambos fizeram a mesma variação na volta do VT sobre compras para o Dia dos Namorados.

E em relação a comentários que pareceram fugir ao que estava previsto no *script* do programa, eles foram pouco usuais por parte dos apresentadores titulares. Bonner, na volta do VT sobre o Livro JN no ar, após o repórter Ernesto Paglia dizer em uma sonora que o jornalismo da Globo quer melhorar a vida das pessoas, sentenciou: “É isso”. Já Fátima completou “E a gente não vai perder” na volta da nota coberta sobre a estreia de Tande na apresentação do Esporte Espetacular. Márcio Gomes, no JN de quarta-feira (18 de maio), depois de Fátima falar que o JN tentou gravar com a mulher mais velha do mundo (nota pé da nota com fotos), mas que a equipe chegou lá às 17h e ela já estava dormindo, sugeriu que dormir cedo pode ser outro segredo da longevidade – a personagem havia falado que o segredo é a alimentação –, ao que Fátima respondeu: “Pode ser”. No sábado, na volta após a chamada do Fantástico, Christiane Pelajo respondeu “Obrigada, Patrícia, obrigada, Zeca, a gente não vai perder”. Christiane Pelajo e Márcio Gomes, na volta do VT sobre compra para o Dia dos Namorados,

---

<sup>43</sup> A apresentadora do JN é assumidamente vascaína, sendo seu perfil de torcedora destacado por Bonner em diversas entrevistas, como ao programa Redação SporTV de 04/10/2010. No dia 19 de novembro o site Supervasco ([www.supervasco.com](http://www.supervasco.com)) noticiou: “O casal mais famoso do jornalismo brasileiro foi a São Januário torcer para o Vasco neste sábado. Os apresentadores do Jornal Nacional William Bonner e Fátima Bernardes estão na companhia do presidente do clube, Roberto Dinamite, assistindo à partida contra o Avai”.

comentaram uma possível briga entre o casal que deu as entrevistas finais da reportagem e discordou sobre presentes para a data comemorativa, sobre economia e romantismo. Christiane Pelajo disse “Vai ter briga, heim?” e Márcio Gomes respondeu “Vai ter briga. Que Dia dos Namorados pra esses dois”.

Pudemos perceber, com essa análise, algumas características do Jornal Nacional. A maioria absoluta dos materiais é veiculada no formato de VT/reportagem, também destacando-se as notas com imagens. As notas pé também são bastante utilizadas como discurso narrativo, permitindo que a palavra final sobre determinados assuntos seja dada pela emissora, na pessoa de seus apresentadores. Em relação às enunciações, elas foram compartilhadas praticamente por igual entre apresentador e apresentadora. O mesmo equilíbrio foi notado quanto à alternância de apresentador na abertura e no encerramento de cada edição, bem como na ordem de aparição na abertura dos blocos. No que se refere ao início das passagens de bloco, percebemos ligeira predominância da presença da apresentadora, embora ambos se pronunciem em todas as chamadas de bloco.

Há nítido predomínio de notícias factuais e de *hard news*, o que vai ao encontro da proposta do telejornal, que é mostrar o que de mais importante aconteceu, no dia, no Brasil e no mundo. Curiosa, também, é a evidente preferência por planos abertos, mostrando os dois apresentadores no vídeo – ainda que só um se pronuncie. Tal opção se efetiva mesmo com o privilégio de reportagens quentes e densas, contrariando a prática telejornalística de que, neste tipo de abordagem, deve-se dar preferência a planos fechados, mais impactantes. Ou seja: a imagem que o JN quer transmitir é a do casal, da família – que fala diretamente para outra(s) família(s) brasileira(s).

Opção semelhante pode ser percebida na escalada. Enquanto eram anunciadas as manchetes do telejornal, na tela pode-se ver, em 75,39% das vezes, os rostos dos apresentadores. Em apenas 24,61% dos destaques da escalada foram utilizadas imagens das notícias. Portanto, ainda que a imagem seja o grande atrativo do meio e o componente televisivo, teoricamente, de maior impacto, a opção foi mostrar na TV um cenário familiar, com inserção dos dois apresentadores. Apresentadores, aliás, contidos em relação a suas expressões, com gestos e movimentos curtos, naturais. Já a postura de um diante do outro foi fortemente marcada nas vezes em que o plano aberto mostrou ambos no vídeo, porém com apenas um se pronunciando: um prestando atenção no outro, maneando a cabeça positivamente, como que assinando embaixo daquilo que estava sendo falado.

#### 4.2) PERSONAGENS DE FICÇÃO OU DA “VIDA REAL”?

[Bonner e Fátima] “representam grandes profissionais, grandes jornalistas, grandes apresentadores e comunicadores. Eles passam pra gente muito respeito e sinceridade naquilo que eles fazem”.  
(Porteiro de 66 anos)

As personagens são a alma dos produtos de gêneros ficcionais. É através delas que as tramas se desenrolam. E na trama costurada pelos telejornais? Quem são as pessoas que entram cotidianamente em milhões de lares para enunciar os principais fatos do dia? Pensando nisso, nos propusemos a tentar perceber as personagens encarnadas pelos apresentadores – e editores – do JN, no intuito de estreitar os vínculos com o público e fidelizar a audiência. Para isso, fizemos um paralelo entre tipos e características de personagens ficcionais e os então apresentadores do Jornal Nacional William Bonner e Fátima Bernardes.

De acordo com Trinta (2010), um estudo psicológico de personagens dramáticos revelaria que certas figuras procedem de uma visão intuitiva e mítica do ser humano, remetendo, em seguida, a comportamentos que se tenha por universais. Trinta (2010) classifica o ator como um demiurgo, um criador de seres. E refere-se a Edward Morgan Foster para dizer que personagens são aqueles que intervêm nas narrativas, são os motores de propulsão das narrativas.

O personagem move as ações narradas ou, em narrativas culturalmente mais prestigiosas, ocupa o centro de todas as atenções. O personagem pode vir a ser o fio condutor da narrativa, levando o leitor a acompanhá-lo em seu desenvolvimento. Os personagens são dotados de maior ou menor capacidade de sugerir empatia. (TRINTA, 2010)

Trinta (2010) argumenta ainda que, em proposições estéticas de cunho romântico e encenação realista, os personagens são delineados por seu valor como modelos a serem imitados. E mais: que a junção de uma história geral à história particular do personagem dá contornos preciosos à função re(a)presentativa do personagem.

O autor divide as personagens em “planas ou achatadas”, que são aquelas lineares, com expressão estática e pouca taxa informacional, e em “esféricas ou plenas”, que possuem mais recursos de expressão, são altruístas, ajustam-se segundo as

necessidades, têm boa reputação e são confiáveis e, por isso, ganham mais espaço nas narrativas. Outra divisão elencada por Trinta (2010) é entre “caricatura”, personagem que se faz notar por uma expressão algo exagerada, e “tipo”, que é aquele reconhecido pelos atributos imediatos. Ele elege normas para analisar personagens:

Atenção ao comportamento; determine se as ações dele são de bom senso ou insensatas; qual a motivação do personagem: o que o move; considere os efeitos do comportamento de um personagem sobre os outros; observe como o personagem se expressa; em que situações típicas este personagem intervém; aprenda a captar sugestões e dicas verbais e não verbais do personagem, com atenção para os seus silêncios; observe se o personagem é plano ou esférico; pense no local e no período histórico em que o personagem evolui; tente cogitar qual teria sido o pensamento do autor com tal personagem naquela proposição. (TRINTA, 2010)

Tomamos emprestadas, ainda, as premissas de Morin (1997) a respeito dos “olimpianos modernos”, considerados pelo autor como as vedetes da grande imprensa e, conseqüentemente, da atualidade. Segundo Morin (1997), o olimpismo de uns nasce do imaginário, dos papéis que eles encarnam. E o de outros advém de sua função sagrada ou de seu trabalho heroico. Promovidos a divindades, tornam-se modelos de conduta, modelos de cultura e modelos de vida. “São heróis modelos. Encarnam os mitos de auto-realização da vida privada [...] aparecem como amáveis pais de família, esposos amantes, gente boa típica de sua terra” (MORIN, 1997, p. 107).

Segundo o autor, a vida dos olímpianos participa da vida corriqueira dos cidadãos comuns, “dos mortais”. Por isso, até mesmo seus amores, tomados como lenda, são experimentados pelos demais, participando, ainda que de forma simbólica, de seus destinos mortais. Por meio de sua dupla natureza, divina e humana, os olímpianos estariam em permanente circulação entre o mundo da projeção e o mundo da identificação.

Os novos olímpianos são, simultaneamente, magnetizados no imaginário e no real, simultaneamente ideais inimitáveis e modelos imitáveis; sua dupla natureza é análoga à dupla natureza teológica do herói-deus da religião cristã: olímpianas e olímpianos são sobre-humanos no papel que eles encarnam, humanos na existência privada que eles levam. A imprensa de massa, ao mesmo tempo que investe os olímpianos de um papel mitológico, mergulha em suas vidas privadas a fim de extrair delas a substância humana que permite a identificação. (MORIN, 1997, p. 106-107)

Morin avalia que a confusão do imaginário com o real favorece o processo de identificação:

O cenário confere as aparências da realidade. O ator se torna cada vez mais “natural” até aparecer não mais como um monstro sagrado executando um rito, mas como um sócia exaltado do espectador ao qual este está ligado por semelhanças e, simultaneamente, por uma simpatia profunda. O herói simpático, tão diferente do herói trágico ou do herói lastimável [...] é o herói ligado identificavelmente ao espectador. Ele pode ser admirado, lastimado, mas deve ser sempre amado. É amado, porque é amável e amante. (MORIN, 1997, p. 92)

Na visão de Morin (1997), no entanto, os olímpianos não estão isentos das servidões. Aliás, seria justamente aí que eles revelariam seu lado humano, que os torna identificáveis. Outro fator determinante no processo de identificação com os olímpianos é o amor, considerado “o tema central da felicidade moderna” (MORIN, 1997, p. 131). E como não poderia deixar de ser, a trajetória dos olímpianos é sempre coroada com um “*happy end* [...] a felicidade dos heróis simpáticos, adquirida de modo quase providencial, depois das provas que, normalmente, deveriam conduzir a um fracasso ou uma saída trágica” (MORIN, 1997, p. 92).

Trazendo as considerações dos autores para nosso estudo, e ancorados na tese de dramaturgia do telejornalismo de Coutinho (2003), podemos considerar que se a telenovela é tida como a narrativa do amor, o Jornal Nacional é a narrativa da nação apresentada por um protótipo de casal feliz. Bonner e Fátima são casados desde 1990. A primeira experiência de apresentarem juntos um telejornal foi em 1989, um ano antes do casamento, no Jornal da Globo. Assim como os casais das telenovelas, que precisam passar por provações antes de serem felizes, William Bonner e Fátima Bernardes tornaram pública a “empreitada” para terem filhos. Depois de várias tentativas de inseminação artificial, finalmente a sonhada notícia foi dada: Fátima estava grávida. E como recompensa aos empecilhos contra a felicidade eterna, a boa nova era tripla: esperavam trigêmeos, que nasceram em outubro de 1997. Pouco tempo depois, em março de 1998, outra recompensa: Fátima passou a apresentar o Jornal Nacional, voltando a compartilhar a bancada com o marido/apresentador/editor.

Nos anos à frente do JN, o casal passou por outras provações, agora de cunho profissional. Circunstâncias de trabalho separaram – ainda que momentaneamente – William Bonner e Fátima Bernardes. Como exemplos podemos citar as coberturas jornalísticas de Copas do Mundo de Futebol e de outros eventos factuais, como o martírio de João Paulo II e a posse de Bento XVI como Papa da Igreja Católica. Mas, assim como o amor nas telenovelas, que precisa “ser mais forte do que o tempo, a distância e as desgraças mais terríveis, devendo superar todos os obstáculos que possam

ser encontrados [...]” (ANDRADE, 2003, p. 85), o amor do casal venceu as dificuldades. Não sem sofrimento, que foi evidenciado em entrevistas e em outras manifestações, como no bordão utilizado nas Copas por Bonner, para chamar a participação ao vivo de Fátima (“Onde está você, Fátima Bernardes?”) e no *twitter*, durante o torneio mundial de futebol realizado em 2010, quando Bonner postou que estava nostálgico e com saudade da mulher, que estava na África do Sul<sup>44</sup>.

Em entrevistas que abordam, em algum momento, sua vida pessoal, Bonner sempre cita a mulher e declara-se apaixonado por ela. São elogios à competente companheira de bancada e à dedicada esposa/mãe. Quando os filhos estão presentes em fotos de jornais, revistas ou na internet, é a família plena e feliz. Segundo Sean Hagen (2008a), o casal é retratado como um ideal de perfeição no amor, na criação dos filhos e na vida profissional.

Mais do que simples integrantes do gênero telejornal, o casal de apresentadores é que dá “sabor” à informação, furando o bloqueio da incessante repetição de notícias em diversos telejornais. Bernardes e Bonner estão para o Jornal Nacional assim como a objetividade e a veracidade estão para o jornalismo. Neste momento, eles constituem a espinha dorsal do JN, e são confundidos com o próprio telejornal [...]. (HAGEN, 2008b, p. 1)

Nas páginas de “Jornal Nacional – Modo de fazer”, escrito pelo editor-chefe e apresentador William Bonner, pode-se perceber a personificação do JN na figura de Bonner e sua mulher e companheira de bancada Fátima Bernardes – a começar pela capa, que mostra o casal em primeiro plano. O livro trata de vários aspectos do JN, num tom bastante professoral, como se Bonner fosse não só a cara, mas também a alma do JN. O apresentador, inclusive, coloca vários aspectos de sua vida pessoal no livro, imbricando personalidade, vida profissional e o produto Jornal Nacional.

Seguindo a classificação descrita por Trinta (2010), William Bonner e Fátima Bernardes seriam, portanto, personagens “esféricas ou plenas”, uma vez que possuem muitos recursos de expressão e apresentam-se como altruístas, têm boa reputação e são confiáveis. Seguindo nesta lógica, têm amplo espaço na narrativa do JN. Também são personagens “tipo”, uma vez que são imediatamente reconhecidos pelos seus atributos, pelo seu bom senso.

Bonner e Fátima também preenchem, em nossa avaliação, todos os quesitos para serem considerados “olimpianos modernos”, de acordo com as premissas de Morin

---

<sup>44</sup> Tema desenvolvido na próxima seção.

(1997). Sua vinculação com os olímpianos nasce tanto dos papéis que encarnam quanto do desempenho em seu trabalho. São apresentados como modelos de conduta na vida profissional e na vida pessoal, excelentes esposos e pais. Participam cotidianamente das vidas de milhões de brasileiros, entrando em suas casas, na intimidade de seus lares, todas as noites. Sua vida pessoal é estampada na mídia como exemplar. Não estão livres das dificuldades da vida, mas as enfrentam e vencem, servindo, mais uma vez, de modelos para o público; conquistaram o amor e a felicidade porque fizeram por merecer. Tudo isso, claro, auxilia a efetivação de processos de identificação do público com os olímpianos Bonner e Fátima.

William Bonner e Fátima Bernardes conduziam juntos a narrativa do Jornal Nacional no período da pesquisa, sendo a espinha dorsal do mais influente telejornal brasileiro, ocupando o centro das atenções de milhões de telespectadores em pleno horário nobre da televisão. São eles que dão identidade ao telejornal. Aparentam inteligência, domínio de tudo o que falam e mostram, seriedade, correção. São inquestionáveis no que fazem. Não só na vida profissional, mas também na pessoal, são modelos a serem imitados. Como observou Trinta (2010), a junção de uma história geral à história particular do personagem dá contornos preciosos à função re(a)presentativa do personagem. Neste sentido, a revelação de (muitos) fatos da vida privada do casal e dos filhos parece corroborar para a “humanização” de Bonner e Fátima.

Nas noites dos dias úteis, a narrativa da nação desfilada no JN ganha contornos de narrativa amorosa, assim como as telenovelas. Isso porque os protagonistas da cena de apresentação do principal telejornal brasileiro são a encarnação do amor: um homem e uma mulher casados e felizes, que constituíram uma família. E, assim, são tecidos vínculos com o público e é garantida a identificação por parte de cidadãos e da família brasileira reunida para assistir ao JN<sup>45</sup>. E a audiência é fidelizada – mais.

Ao encarnarem determinados personagens, os apresentadores do Jornal Nacional tornam-se exemplos vivos da dramaturgia do telejornalismo (Coutinho, 2003). Assim como as reportagens exibidas no JN contêm personagens que exemplificam e humanizam as histórias contadas, também os apresentadores assumem características de personagens dramáticas e são tratados como celebridades, como estrelas míticas. Não podemos deixar de observar, ainda, que a exibição do telejornal é, de certa forma,

---

<sup>45</sup> Ainda que, hoje em dia, ver televisão não seja mais um ato coletivo como antes. Ou seja, que a família não necessariamente se reúna numa mesma sala para assistir ao JN, mas que cada membro desta família esteja em um cômodo diferente da casa, vendo o telejornal em seu próprio televisor, ou mesmo pelo computador, em um momento diverso.

seriada, obedecendo a uma estrutura em capítulos diários. E os protagonistas desses capítulos, aqueles que conduzem as narrativas sobre o mundo e sobre a nação, todas as noites, são os apresentadores do telejornal.

#### 4.3) DIÁLOGOS COM O PÚBLICO NA MÍDIA

“Falou em Fátima e Bonner, você pensa em Jornal Nacional e Globo.”  
(Auxiliar de secretaria de 50 anos)

Para incentivar o processo de identificação do público com seu trabalho, os apresentadores do Jornal Nacional procuram criar laços com os telespectadores não só durante os cerca de 40 minutos diários de duração do telejornal. Este processo de efetivação de vínculos se realiza também pelo uso de outros meios de comunicação e conta com a participação valorosa da mídia, que aproveita para divulgar informações que julga interessantes sobre as celebridades em que se transformaram os apresentadores do JN. Dessa forma, William Bonner e Fátima Bernardes dialogam com o público via mídia, tecendo uma relação de proximidade, de intimidade, que facilita a identificação dos telespectadores com os mesmos. Nessa seção vamos estudar como se dão esses diálogos dos apresentadores do JN com o público na mídia. Nossos estudos vão se concentrar em três meios: impresso, televisivo e virtual.

No meio impresso, avaliamos cinco revistas que exibiram Fátima ou Bonner em suas capas e publicaram, no interior, reportagens feitas com os mesmos: *Contigo* (13 de janeiro de 2011), *Cláudia* (maio de 2011), *Máxima* (julho de 2011), *Lola* (novembro de 2011) e *Alfa* (dezembro de 2011). No meio televisivo, analisamos a participação de Fátima Bernardes e, principalmente, de William Bonner na edição do *Domingão do Faustão*, programa da TV Globo, no dia 12 de junho de 2011. Na edição do *Dia dos Namorados*, o casal respondeu a perguntas do público e Bonner foi homenageado no quadro *Arquivo Confidencial*, que veicula depoimentos de parentes e amigos sobre várias fases da vida da pessoa. Já na internet, nossas atenções voltaram-se para o *twitter*, rede social largamente utilizada por Bonner e que, recentemente, teve a adesão de Fátima. Ainda sobre o meio virtual, apresentamos um estudo feito sobre os diálogos de Bonner e Fátima com o público e entre si, no período da Copa do Mundo de 2010, por meio do *twitter* do apresentador e do *blog* do JN, então sob responsabilidade da apresentadora que estava na África do Sul.



### 4.3.1) Em revistas

William Bonner foi capa da Revista Contigo de número 1.843, publicada em 13 de janeiro de 2011. O editor-chefe e apresentador do Jornal Nacional ocupou a capa com uma foto em que apareceu sorrindo, sentado em um aparelho de ginástica, com uma blusa azul marinho esportiva, uma calça branca estilo “pescador” e um chinelo na mesma cor da blusa. A manchete combinou com a fotografia, estampando “William Bonner na intimidade” e foi seguida pelo texto “Em férias, de chinelos e camiseta, o homem do JN conta como se desliga, fala da família e dos 21 anos de casamento com Fátima Bernardes”. Bonner também apareceu em uma fotografia no índice da edição, no mesmo ambiente da foto da capa, ao lado da jornalista Aline Salcedo, que estreava a seção Aline Repórter com a entrevista feita com Bonner.

Dentro da revista, foram seis páginas dedicadas a William Bonner, as duas primeiras ocupadas por uma fotografia grande que retratava o entrevistado e a entrevistadora. Nas demais páginas, foram publicadas mais quatro fotografias. Em duas delas, mais uma vez estavam entrevistado e entrevistadora. Na outra, Bonner mostrava estar fazendo um exercício e, na última, lia um jornal. A conversa, que durou duas horas e 45 minutos segundo o texto da repórter, havia sido realizada na casa de Bonner, mais especificamente em sua academia de ginástica, durante suas férias do JN. Na reportagem, a jornalista revelou que Bonner havia dito odiar dar entrevista e falou ter conhecido “um Bonner informal, bem-humorado, capaz de contar que tem o hábito de lavar as próprias cuecas quando viaja ou surpreender com a revelação de que, às vezes, a pressão é tanta que tem vontade de deixar o JN” (SALCEDO in CONTIGO, p. 68, 13 de janeiro de 2011). Aline Salcedo revelou detalhes da decoração da casa de Bonner, que, segundo ela, é repleta de fotos familiares e profissionais.

Na reportagem o apresentador confessava ter-se tornado mais vaidoso e preocupar-se com a forma de vestir mesmo quando não está na bancada do telejornal. “Também comecei a ver que não fazer a barba para ir trabalhar era estranho. Até nas férias, eu faço a barba, senão acho que fico abatido, com cara de bêbado” (BONNER in CONTIGO, p. 68, 13 de janeiro de 2011). Bonner também comentou sobre envelhecimento, revelando que, apesar de não se sentir velho, não gosta de seus cabelos grisalhos. O apresentador contou ter engordado nas últimas semanas, mesmo dedicando-se a atividades físicas. Os exercícios, aliás, foram considerados fundamentais

para aliviar o estresse da profissão. Revelando ser muito brincalhão, ele disse imitar várias personalidades e gostar de dar sustos e contar piadas.

Sobre o lado pai, Bonner contou estar usando um anel igual ao do filho Vinícius, para apoiá-lo no então difícil começo da adolescência. Ao tratar de seu casamento com Fátima, avaliou que ele e a mulher são muito diferentes: “Completamente. Nas formas de a gente ver as coisas, de lidar com tudo. É quase um milagre a gente estar há tanto tempo juntos<sup>46</sup>. Mas é curioso que algo assim tenha surgido entre duas pessoas tão diferentes. É amor? É.” (BONNER in CONTIGO, p. 70, 13 de janeiro de 2011). Ele contou, ainda, ter comprado recentemente seu segundo carro, apesar de dizer não gostar de gastar dinheiro com automóveis. Bonner, portanto, foi mostrado de forma humanizada, a partir do momento em que foram relatados momentos pessoais do apresentador e revelados detalhes de sua vida e de sua personalidade.

A capa da Revista Cláudia número 596, de maio de 2011, foi estampada por uma sorridente Fátima Bernardes, trajando calça e blusa de meia manga com decote que deixava parte do colo e dos ombros de fora. A referência à apresentadora, na capa da revista, estava numa legenda que dizia “Fátima Bernardes: de onde ela tira tanta força”. O interessante é que a manchete da revista, que, a princípio, não tinha nada a ver com Fátima, mostrava, em destaque, a palavra “poder”. Dentro da publicação, quatro páginas foram dedicadas à “estrela da capa”, como Fátima foi chamada em uma fotografia de página inteira, em que usava um vestido de alça branco brilhante, quase “angelical”, e bijuterias chamativas. O título da reportagem foi “Os 7 milagres de Fátima”, uma alusão direta a Nossa Senhora de Fátima, santa da Igreja Católica que teria aparecido e revelado segredos a três crianças pastoras em Portugal<sup>47</sup>. Abaixo do título, o seguinte texto, também com referências religiosas: “Ela tem a vida que muitas de nós rezamos para conseguir, mas nada caiu do céu. A editora do Jornal Nacional batalhou bastante – e hoje banca suas escolhas com tanta leveza que parece até milagreira” (REVISTA CLÁUDIA, p. 33, maio de 2011).

---

<sup>46</sup> Na época em que deu a entrevista, estava prestes a completar 21 anos de casado com Fátima Bernardes.

<sup>47</sup> E os trigêmeos, nesse caso, seriam mera coincidência, para usar a expressão padrão em textos televisivos. Mas a relação ou associação pode acabar sendo efetuada inconscientemente.



Figura 1 – Revista Cláudia de maio de 2011 – Título da reportagem, p. 33

No *lead*, Fátima é chamada de “uma das mulheres mais poderosas e admiradas da TV”. O texto também informa que, apesar da “rotina insana”, Fátima leva sua vida com serenidade e sabedoria: “Em vez de brigar com o tempo dizendo que ele é implacável, prefere mesmo tirar lições dele.” (REVISTA CLÁUDIA, p. 33, maio de 2011).

Nas duas páginas dedicadas à reportagem propriamente dita, em meio a quatro fotografias da apresentadora com o mesmo vestido branco e uma quinta, já ao lado do marido e dos filhos, foram listados os tais sete milagres – sete atitudes que ajudam Fátima em seu cotidiano: valorizar, namorar, compreender, errar, trabalhar, delegar, amadurecer. Em meio à receita de felicidade, Fátima faz comentários sobre sua vida pessoal com o marido: “Amor e sexo são determinantes. E aí vem o resto: compartilhar sonhos, projetos e ideais de futuro” (BERNARDES in REVISTA CLÁUDIA, p. 34, maio de 2011). Ela conta que, como William gosta de presenteá-la com jóias, só compra bijuterias, para ele “não perder esse encantamento” (BERNARDES in REVISTA CLÁUDIA, p. 34, maio de 2011). Fátima diz não ter feito cirurgia plástica, mas admite aplicar botox ao redor dos olhos. E sobre o episódio da escova progressiva que fez em 2002 e que teve imensa repercussão, afirmou: “Meu cabelo é patrimônio nacional” (BERNARDES in REVISTA CLÁUDIA, p. 36, maio de 2011). Fátima Bernardes foi

comparada a uma santa, sendo tratada, pois, como uma pessoa acima do normal pelo fato de conseguir ter sucesso profissional e pessoal. E sua bondade é tanta, a ponto de passar a fórmula milagrosa para as leitoras da revista.



Figura 2 – Revista Cláudia de maio de 2011, p. 34 e 36

Fátima também foi capa da edição 14 da Revista Máxima, em julho de 2011. Ela estava sorridente na foto, de camiseta estampada, com uma mão na cintura e a outra na ponta do cabelo. Na chamada de capa, mais uma receita: “Vida em equilíbrio – Fátima Bernardes ensina a tirar o melhor do amor, do trabalho, da família...”. A mesma fotografia e a mesma chamada foram repetidas no índice da edição. No interior da revista, quatro páginas, sendo a primeira com uma grande fotografia da apresentadora, de blusa florida, com o título “Fátima Bernardes – Paixão nacional”. Abaixo, um texto apontando que ela é uma mulher de sorte porque, além do sucesso na carreira, tem um casamento feliz há mais de 20 anos, é mãe de trigêmeos e mantém a vida em equilíbrio.



Figura 3 – Revista Máxima de julho de 2011, p. 60

A reportagem foi ilustrada, ainda, com outra fotografia grande de Fátima, usando a mesma blusa florida, e mais três fotos: uma dela sozinha, de bermuda, camiseta e chapéu, caminhando na praia; outra dela com o marido e os filhos em Fernando de Noronha e a terceira de Fátima e Bonner na bancada do Jornal Nacional. O “boa noite” da apresentadora foi caracterizado como “sério e acolhedor”. Considerada símbolo de sucesso e “amiga” que divide com o público os fatos mais relevantes do mundo, Fátima revelou que não sonhava em trabalhar na TV. Ela disse que pensava em seguir a carreira de bailarina e que começou a cursar jornalismo com a intenção de escrever sobre dança, mas que se apaixonou pela notícia. Mesmo com tanto sucesso e com tanta fama, Fátima se disse uma pessoa comum: “Sou uma mulher comum, que vai ao mercado, sofre de TPM e lida diariamente com a culpa de não passar tempo suficiente ao lado dos filhos” (BERNARDES in REVISTA MÁXIMA, p. 61, julho de 2011).

A apresentadora admitiu, na reportagem, conversar de trabalho com Bonner em casa. E disse entender o motivo de a relação deles despertar a curiosidade das pessoas: “Afinal, se conviver com uma pessoa sem trabalhar ao lado dela já é difícil, imagine quando além de marido, ele é seu colega de trabalho? Mas nós administramos isso muitíssimo bem” (BERNARDES in REVISTA MÁXIMA, p. 61, julho de 2011). Na matéria ainda afirmou que o casamento está firme:

Quando percebemos que a relação deu uma esfriada, marcamos um café durante o dia, um jantar depois do jornal... Cultivamos o namoro. Mas há brigas, óbvio. O que faz a diferença é que não acumulamos mágoas. Não dormimos brigados. Tentamos resolver logo o que está incomodando. [...] o melhor a fazer é cuidar para que o amor não se perca. (BERNARDES in REVISTA MÁXIMA, p. 61, julho de 2011)

Cuidadosa com a saúde, a apresentadora afirmou que não bebe, não fuma e pratica atividades físicas. A reportagem trouxe dicas de Fátima para a carreira, o amor, a família, a saúde, a beleza e o bem-estar. E sua filosofia de vida: “Temos que comemorar as pequenas conquistas do dia a dia e encará-las como provas a serem vencidas... Até surgirem outras. Para ser bem sucedida em qualquer empreitada, é preciso sorte, investimento, fé, tolerância e equilíbrio” (BERNARDES in REVISTA MÁXIMA, p. 61, julho de 2011). Fátima foi tratada, na Revista Máxima, como paixão nacional e, além de talentosa e competente, ainda teria a sorte ao seu lado. É uma heroína, que vive os problemas reais de qualquer outra pessoa, mas consegue superar todos.

Mais uma referência religiosa a Fátima Bernardes na capa da Revista Lola número 14, de novembro de 2011: “O segredo de Fátima (Bernardes)”. O jornalista Edney Silvestre, amigo e colega de trabalho de Fátima, foi quem escreveu a reportagem – quase uma crônica – sobre a apresentadora. Em cinco fotos, inclusive a da capa<sup>48</sup>, Fátima estava produzida em um estilo futurista, com cabelo para trás, maquiagem forte nos olhos e na boca, usando um vestido preto justo e brilhante, unhas pintas de esmalte escuro e pulseiras chamativas.



Figura 4 – Capa da Revista Lola de novembro de 2011

<sup>48</sup> Além de outras sete fotografias publicadas em uma página com momentos profissionais e pessoais de Fátima Bernardes, como ela aos 9 anos, ela fazendo balé, vestida de jeca para uma festa junina e com a família.

Na foto do índice, foi possível vê-la de corpo inteiro, com o vestido na altura do joelho e sapato de salto alto.



Figura 5 – Revista Lola de novembro de 2011, p. 12 (índice) e 48

A reportagem, de sete páginas, tem título semelhante ao da capa (“Os segredos de Fátima”) e começa com indagações: “Como ela consegue superar e ocultar sua fragilidade? Como consegue ser uma celebridade do jornalismo sem se perder da garota de subúrbio que se orgulha de ser? Como consegue manter uma relação profissional com o marido por tanto tempo?” (REVISTA LOLA, p. 48, novembro de 2011).

Edney Silvestre trata Fátima como a apresentadora de telejornal mais famosa do Brasil e tantas vezes premiada que já nem se lembra de quantos troféus recebeu nos 24 anos de carreira. Mas que, mesmo com tamanho sucesso, mantém o jeito simples de levar a vida. O jornalista chama a colega de redação de enigmática: “Mais cheia de mistério ainda quando comparada com as tantas outras apresentadoras e repórteres que povoam a televisão brasileira – muitas, belas, jovens ou não tanto” (SILVESTRE in REVISTA LOLA, p. 51, novembro de 2011). E desfila uma carreira de adjetivos elogiosos: natural, simpática, influente, modesta, gentil. Elogios também para a conduta de Fátima e Bonner na redação do JN:

Não trocam beijinhos, não ficam cochichando segredinhos no ouvido um do outro, não impõem aos colegas nenhum sinal de intimidade conjugal. O que talvez fosse esperado de um casal que enfrentou uma fileira de dificuldades para ficar junto. Fátima saíra há pouco de um casamento. Bonner sempre fora solteiro. Os dois tinham entrado no Jornal da Globo exatamente no lugar de outro casal, dois jornalistas que haviam se unido enquanto trabalhavam sob os mesmos holofotes. O romance entre Eliakim Araújo e Leila Cordeiro (casados até hoje) alimentou todo tipo de fofoca e era visto por alguns diretores da TV Globo com perigoso para a credibilidade do noticiário. Ou seja, todos os fatores eram desfavoráveis. (SILVESTRE in REVISTA LOLA, p. 51, novembro de 2011)

O repórter revela, ainda, que depois de três meses de namoro, Bonner e Fátima se casaram. Contraditoriamente, entretanto, ao tratamento que recebem na mídia, Fátima afirmou que o casal não gosta de ser exposto: “[...] depois que voltamos a trabalhar juntos, no Jornal Nacional, com três filhos, achamos que a exposição já era enorme e que quanto mais nos preservássemos seria melhor para todos, tanto no trabalho quanto na nossa vida privada” (BERNARDES in REVISTA LOLA, p. 52, novembro de 2011). Vascaína, apaixonada por futebol graças ao pai e leitora voraz por herança da mãe, Fátima é uma boa entendedora de política e adora conversar. Depois de muito desfilarem a respeito de Fátima, Edney Silvestre conclui: “[...] esse, talvez, seja o grande mistério que faz dela o que ela é – a Fátima Bernardes não é mulher de truques. Ela é o que ela é. Sorte nossa.” (SILVESTRE in REVISTA LOLA, p. 54, novembro de 2011)

A mulher perfeita e exemplar, cheia de qualidades. Assim foi retratada Fátima Bernardes na Revista Lola, quase com devoção por parte do repórter – e, em consequência, talvez por parte dos leitores. Ela apareceu nas fotografias com um visual totalmente diferente de até então. Anteriormente, já havia sido fotografada para revistas usando roupas diferentes das que usa na bancada do JN, como blusas estampadas, de alça, vestidos de festa e outras. Mas não com um visual futurista e um pouco *underground*. Esse fato nos faz pensar se ela permitiu usar tal figurino por já estar tratando, ainda que sigilosamente, de sua saída do Jornal Nacional.

A revista masculina Alfa, em sua edição de número 16, de dezembro de 2011, trouxe William Bonner na capa. Sem sorrir, porém com uma expressão mais relaxada do que a habitual, quando está na bancada do JN, Bonner estava com uma camisa de malha discreta. Na manchete, “Pai de trigêmeos, tio de mais de 2 milhões – Bonner – A vida quase secreta do apresentador que chama seus seguidores no Twitter de sobrinhos”.





Figura 6 – Capa da Revista Alfa de dezembro de 2011

A reportagem, de seis páginas, trouxe uma foto de página inteira de Bonner. Outra página foi composta de sete fotografias dele: mais jovem, apresentando um telejornal; com Fátima; com os filhos e amigos dos filhos; recebendo o prêmio Emmy com Carlos Henrique Schroder; no vestiário do São Paulo, seu time de futebol; e outras duas fotos suas que o editor-chefe do JN havia postado no *twitter* com a legenda “tio velhinho”. Outra página da reportagem teve o título “Roupa de tiozinho. Modo de usar” (fazendo referência ao livro “Jornal Nacional – Modo de fazer”) e mostrou imagens de ternos e deu dicas de moda para o próprio Bonner, que, segundo a revista, “apesar do porte elegante, [...] às vezes peca na escolha das gravatas no JN, quase sempre chamativas e largas demais” (REVISTA ALFA, p. 68, dezembro de 2011).



Figura 7 – Revista Alfa de dezembro de 2011, p. 65 e 67

A reportagem, propriamente dita, teve o título “Marido de Fátima. Pai de trigêmeos. Tio de 2,3 milhões – A vida quase secreta de William Bonner, apresentador do Jornal Nacional e fenômeno do Twitter, em que chama seus seguidores de ‘sobrinhos’”. O texto, feito pela mesma repórter que havia entrevistado Bonner para a revista Contigo de janeiro de 2011, foi requeentado, com poucas novidades. Uma delas foi a informação de que Bonner foi eleito, em pesquisa realizada pelo Ibope, o jornalista mais confiável do Brasil. A matéria também fala da atuação, no *twitter*, do editor-chefe do JN – um viciado em chocolate que deseja estudar gastronomia:

Nos últimos dois anos, ele tem feito um esforço sistemático para romper a armadura virtual da televisão por meio de sua conta no Twitter. No microblog, um Bonner relaxado, bonachão, ‘conversa’ com seus 2,3 milhões de seguidores – um fenômeno de audiência. (REVISTA ALFA, p. 65, dezembro de 2011)

Bonner revelou que, depois que deixar o telejornalismo, pretende viver de escrever. E confessou precisar se policiar com frequência, para não perder a autocrítica: “Como sou muito paparicado e bem tratado na rua, a tendência é eu achar que sou o máximo, que devo ser bom pra caramba. É preciso ter o tempo todo em mente que isso é resultado do meu trabalho no Jornal Nacional. Eu tenho de buscar a perfeição” (BONNER in REVISTA ALFA, p. 69, dezembro de 2011).

Bonner e Fátima são retratados, nas revistas analisadas, quase como santos milagrosos – como detentores de segredos que os mantêm casados e felizes e, ao mesmo tempo, profissionais de sucesso. Parece que o casal descobriu uma fórmula de felicidade, sendo exemplo – enquanto casal e individualmente – para todas as demais pessoas. As revistas não se limitaram a reportar fatos a respeito desses dois personagens, mas julgaram e elogiaram Bonner e Fátima em suas atitudes e formas de viver. O casal foi exposto como modelo a ser seguido.

#### 4.3.2) Na TV

Fátima Bernardes e William Bonner participaram do Domingão do Faustão, da TV Globo, no dia 12 de junho de 2011, Dia dos Namorados. A princípio, eles foram responder a algumas perguntas de telespectadores, já que, segundo Fausto Silva, levantamento feito no *site* do programa apontou o casal como o mais respeitado e o mais admirado, tido pelos brasileiros como referência de dignidade, amor e bom entendimento. Ambos estavam com um figurino bem diferente do usado na bancada do Jornal Nacional: Bonner com uma jaqueta esportiva em preto e cinza e Fátima de vestido preto com blusa de manga comprida branca por baixo, meia-calça e bota pretas, brincos e pulseira grandes. Logo no início do bloco, que teve duração de 13 minutos e 30 segundos, foram exibidas cenas de Bonner fora do estúdio do JN, ancorando o telejornal em externas, sendo visto e acompanhando, *in loco*, por milhares de pessoas. Depois de assistir a esses trechos, o editor-chefe e apresentador afirmou:

Isso é muito gostoso de fazer. Muito. É um pouco assustador, porque, como você [Faustão] disse, o invólucro do estúdio, de uma certa maneira, preserva as condições ideais para o trabalho de apresentação de telejornalismo, que é algo que demanda uma certa concentração. Por outro lado, o contato com o público [...] traz um calor também pro nosso trabalho e um retorno imediato para aquilo que a gente está fazendo, tem um valor inestimável. (BONNER in DOMINGÃO DOS FAUSTÃO, 12 de junho de 2011)

Fausto Silva comentou que o casal é uma prova de que é possível ser feliz, ter uma família, dignidade e ética trabalhando junto, ao contrário do que pensam muitas pessoas. Disse também que Bonner e Fátima orgulham-se um do outro e que Bonner foi um dos maiores entusiastas nas várias vezes em que Fátima ganhou o troféu de Melhor do Ano, oferecido pelo Domingão, na categoria Jornalista. Em seguida, chamou depoimentos gravados de telespectadores. Destacamos um trecho do primeiro, de um

telespectador que identificou-se apenas como Paulo Rogério, do Rio de Janeiro: “O casal William Bonner e Fátima Bernardes passa credibilidade enquanto casal não só pelo aspecto pessoal, por serem pessoas honestas, francas com seu público, mas, principalmente, pelo entrosamento profissional” (DOMINGÃO DOS FAUSTÃO, 12 de junho de 2011). Neusa Perez, de São Paulo, também deu seu depoimento: “Entra na casa da gente quem a gente confia, quem a gente gosta. Este casal estará sempre na minha casa e nas de muitos brasileiros. [...] eles passam ética, cidadania e o mais importante que nosso país precisa: pessoas honestas, que dão exemplo de vida” (DOMINGÃO DOS FAUSTÃO, 12 de junho de 2011).

Após os depoimentos, recebidos por Bonner e Fátima com sorrisos, foi feita uma pergunta de um internauta. Iran Amaral, de Paranaíba (MS), quis saber se o casal já havia apresentado o jornal após uma briga. Fátima respondeu que não, porque eles não deixam para resolver os problemas depois, e Bonner complementou que não há como pensar em problemas pessoais na hora de apresentar o JN. A pergunta seguinte foi feita por um homem que se identificou apenas como Gelson, do Rio de Janeiro, que estava no auditório do Domingão do Faustão. Ele quis saber como Bonner se sentiu, enquanto marido, vendo Fátima fazer a cobertura da Copa do Mundo de Futebol, no meio dos jogadores. “Entre outras coisas que explicam um casamento de 21 anos tem o respeito e a confiança” (BONNER in DOMINGÃO DOS FAUSTÃO, 12 de junho de 2011) foi o início da resposta de Bonner, que justificou ficar feliz por Fátima poder cobrir um evento de que gosta. E acrescentou: “E como eu sou fã, eu gosto muito de vê-la fora do estúdio, trabalhando, porque ela modifica a forma de trabalhar. Ela fica muito à vontade” (BONNER in DOMINGÃO DOS FAUSTÃO, 12 de junho de 2011). Indagado por Bruno, do Rio de Janeiro, também presente no auditório, se já teve vontade de rir na hora da apresentação do JN, Bonner confessou que isso já aconteceu muitas vezes, mas que é preciso “segurar a onda”, porque às vezes, também, dá vontade de chorar. Faustão então se despediu do casal e, quando Bonner e Fátima estavam quase saindo do estúdio, chamou-os novamente e revelou que Bonner participaria do quadro Arquivo Confidencial, recebendo como resposta do homenageado um: “Ai, não!”. Fátima deixou o estúdio e foi para os bastidores acompanhar a exibição do quadro.

O Arquivo Confidencial durou 33 minutos e, durante os depoimentos, foram exibidas várias fotografias de Bonner em várias etapas de sua vida. O primeiro depoimento foi de uma senhora que havia sido vizinha da família de Bonner no bairro

Tatuapé, em São Paulo. Ela chamou Bonner de Juninho<sup>49</sup> e contou que havia trocado sua fralda e dado banho nele quando era recém-nascido. Lembrou ainda que, quando a casa dela estava em reforma, Bonner passava o dia inteiro no local, brincando com a areia e outros materiais. Ele se lembrou disso e das botas que usava na época. O segundo e o terceiro depoimentos foram de amigos que jogavam futebol com Bonner no passado e revelaram que ele não era muito bom de bola. Bonner comentou que o grupo jogava “pelada” próximo à sede de uma faculdade e que quando a bola entrava na área escolar, um zelador ameaçava furá-la.

Em seguida foram veiculados depoimentos de quatro amigos de faculdade de Bonner, que formavam, junto com o apresentador e outros dois colegas vistos em uma fotografia exibida na tela, a Leal Ordem dos Búfalos d’Água, uma espécie de Clube do Bolinha. “Ficávamos sentados, tomando caipirinha de rum e falando mal das meninas que não queriam ficar com a gente. Depois que fundamos o clube, aí é que não pegávamos ninguém mesmo”, disse Sylvio Pinheiro (DOMINGÃO DOS FAUSTÃO, 12 de junho de 2011). Bonner riu bastante dos depoimentos e confirmou as histórias contadas pelos antigos colegas da faculdade de publicidade. O goleiro do São Paulo Rogério Ceni deu o depoimento seguinte, em que contou uma visita solidária que Bonner e Fátima fizeram aos jogadores do clube, em 2008, logo após o time ter sido eliminado da Taça Libertadores da América. “Eu conheci um lado dele que quem só vê o ‘boa noite’ não conhece” (DOMINGÃO DOS FAUSTÃO, 12 de junho de 2011). O fato foi confirmado pelo então técnico do São Paulo Muricy Ramalho, que revelou ainda que Bonner, na visita, havia conversado com todos os jogadores e os tratado muito bem.

O depoimento seguinte foi de um auxiliar de serviços gerais que trabalha por uma empresa terceirizada na varrição do Projac. Ele contou que enxergava muito mal, devido à miopia, mas que um encontro casual com Bonner havia mudado a sua vida há um ano. Disse que um dia, empurrando o carrinho de lixo, havia esbarrado em alguém que, pela voz, reconheceu como sendo Bonner; confessou que ficou com muito medo de perder o emprego pelo fato de ter atingido o apresentador do JN. Mas que, ao contrário, Bonner o ajudou a recuperar a visão. Visivelmente emocionado, o apresentador revelou aos telespectadores do Domingão que ofereceu ao auxiliar de serviços gerais a chance

---

<sup>49</sup> O nome completo do editor-chefe e apresentador do Jornal Nacional é William Bonemer Júnior.

de se consultar com o oftalmologista que o atendia, e que o médico fez a cirurgia sem cobrar nada.

A partir daí, começaram os depoimentos de familiares do apresentador do JN. O primeiro foi da mãe dele, Maria Luiza Bonemer. Ela disse que o filho havia sido uma criança tranquila, que brincava horas no quintal com carrinhos de plástico. Contou que, de vez em quando, jogava o chinelo nos filhos quando eles brigavam entre si. E falou sobre quando Bonner foi morar sozinho: “Quando o William saiu de casa sem ser casado, foi como se eu tivesse sido jogada pela janela. Eu discuti, falei com ele, chorei muito, muito. Eu acho que passei mais de um mês chorando. E ele saiu” (DOMINGÃO DOS FAUSTÃO, 12 de junho de 2011). Bonner, com os olhos marejados, justificou que saiu de casa porque já estava trabalhando em televisão e que seus horários eram complicados – por isso não quis sacrificar a mãe, que já na época estava em idade avançada. O segundo depoimento familiar foi do pai do apresentador, o médico aposentado William Bonemer. Ele explicou que sempre teve pouco tempo para a família, porque precisava trabalhar intensamente para sustentar os filhos e, por isso, fazia muitos plantões. Disse acreditar que Bonner é melhor pai do que ele foi: “Não é melhor, é muito melhor. Ele é mais chegado às crianças do que eu fui” (DOMINGÃO DOS FAUSTÃO, 12 de junho de 2011). Também emocionado, Bonner afirmou que o pai “trabalhava loucamente”, mas que, ao contrário do que falou, era próximo dos filhos.

Foram veiculados, então, depoimentos dos três filhos gêmeos de Bonner e Fátima. Laura relatou o esforço que o pai faz para estar com eles, seja levando-os à escola ou indo almoçar em casa com a família pelo menos uma vez nos dias de semana, às quartas-feiras. Também contou que o pai participa das atividades dos filhos. Vinícius disse que, quando a mãe estava cobrindo a Copa do Mundo de Futebol na África do Sul, o pai conseguiu fazer de casa algumas reuniões do Jornal Nacional, num esforço para ficar mais tempo com os filhos. Revelou que o pai é amigo e sempre que precisa pode contar com ele. E que não deve se sentir culpado por trabalhar muito, porque isso é normal. Beatriz afirmou que ela e os irmãos sabem do amor que o pai tem por eles e também fez coro com os irmãos ao falar que o pai não precisa se preocupar por passar pouco tempo com os filhos. Bonner, engasgado de emoção, justificou que o JN consome muito tempo dele: do momento em que sai de casa para ir trabalhar até quando volta, depois da edição, são 11 horas e meia. Mas se disse feliz por perceber que seus filhos entendem a situação.

Eu não sou o único trabalhador do mundo. Aqui está cheio de gente que trabalha [...]. Mas a essas pessoas, se servir de consolo, olhem o que eu estou ouvindo dos meus filhos aqui, para milhões de pessoas neste momento. Eles reconhecem o valor do trabalho, a necessidade disso e o valor daqueles minutos que a gente pode dispensar a eles com intensidade. Isso é que é importante. Eles percebem que eu quero estar com eles. Mas é para todos nós o que eu estou fazendo, não é só pra mim. (BONNER in DOMINGÃO DOS FAUSTÃO, 12 de junho de 2011)

Bonner, em sequência, destacou que não havia chorado com os depoimentos da mãe, do pai e dos filhos, mas que seria difícil segurar o choro ouvindo a esposa. E partiu para assistir ao depoimento de Fátima. Ela contou como foi conquistada por Bonner, que protagonizou diversas cenas engraçadas para chamar a sua atenção. “Um dia eu estava em Brasília, cobrindo a eleição do Collor, e ele me ligou perguntando se eu não queria desejar a ele um feliz aniversário. Eu nem sabia que era aniversário dele. [...] ‘Ah, feliz aniversário’. Aí, quando eu voltei, a gente começou” (BERNARDES in DOMINGÃO DOS FAUSTÃO, 12 de junho de 2011). Fátima também justificou para Bonner o fato de ter concordado e contribuído com a homenagem prestada a ele no Arquivo Confidencial do Domingão do Faustão. Emocionada, ela afirmou que mais pessoas estavam tendo a chance de conhecer o marido.

Eu e as crianças achamos que a gente tinha de dividir você com os outros [...]. Até porque a gente sabe que mesmo dividindo você com todo mundo, vai sobrar muito pra gente. Então eu queria pedir desculpas por esta exposição e dizer que eu amo muito você e que precisei também de muita coragem para decidir participar deste quadro. Um beijo bem grande. (BERNARDES in DOMINGÃO DOS FAUSTÃO, 12 de junho de 2011)

Emocionado, Bonner confirmou as histórias contadas pela mulher e tornou públicos outros momentos engraçados do casal e dele mesmo. Fausto Silva agradeceu a presença de Bonner, teceu diversos elogios a ele e ao casal e chamou um *clip* feito com 18 fotos de Bonner em diferenciadas situações, desde bebê até os dias atuais, em momentos profissionais e pessoais, e que terminou com uma fotografia, em *close*, de Bonner e Fátima dando um beijo na boca. Bonner foi muito aplaudido durante todo o quadro e, ao final, aplaudido de pé pelas pessoas que estavam no auditório.

No *site* do Domingão do Faustão<sup>50</sup>, foi possível assistir a um vídeo, de três minutos e 50 segundos, sobre os bastidores do Arquivo Confidencial. A equipe de reportagem acompanhou a homenagem junto com Fátima Bernardes, que estava no

<sup>50</sup> <http://tv.globo.com/domingao-do-faustao/arquivo-confidencial/noticia/2011/06/no-camarim-fatima-bernardes-comenta-participacao-de-william-bonner.html>

camarim do programa. Fátima fez mais revelações sobre o marido ao informar que sua semana havia sido tensa devido à tentativa de fazer aquela homenagem, já que Bonner sempre descobre as surpresas antes da hora: “A ponto de, um ano, eu dar pra ele e ele dar pra mim o mesmo presente de Dia dos Namorados. [...] Era um tênis novo de corrida. A cor nós demos a mesma, dourado. Igual. Nunca você surpreende. Então hoje eu espero que ele fique surpreso” (BERNARDES in DOMINGÃO DOS FAUSTÃO, 12 de junho de 2011). Depois de assistir aos depoimentos dos filhos, Fátima afirmou que Bonner é um pai fantástico e que sofre mais do que as crianças com a própria ausência. E terminou dizendo que o marido merecia aquela homenagem. “Ele tinha medo, mas eu tenho certeza que ele gostou” (BERNARDES in DOMINGÃO DOS FAUSTÃO, 12 de junho de 2011).

Acertou. Logo em seguida, foi mostrado o encontro dos dois após o término do quadro. Eles se beijaram e se abraçaram e ela perguntou se ele havia gostado, ao que Bonner balançou positivamente a cabeça. A palavra final no VT foi do próprio Bonner. Ele mostrou alívio por não ter chorado, apesar da emoção: “[...] fiquei com medo de pagar um mico, de chorar demais no vídeo, diante de milhões de pessoas. [...] consegui segurar a onda, graças a Deus” (BONNER in DOMINGÃO DOS FAUSTÃO, 12 de junho de 2011).

O material mostrou a cumplicidade da família e, sobretudo do casal, tratado como referência no Dia dos Namorados. Revelou um Bonner, desde criança, perfeito em tudo o que faz – até o que deu errado acabou dando certo (como o futebol e o clube fundado com os colegas), pelo fato de ter rendido amizades e boas histórias. O Arquivo Confidencial retratou, ao mostrar seus pais, que Bonner tem berço. Também explicitou que ele tem bom coração, uma vez que perdoa os erros dos outros. É solidário – ajudou uma pessoa que nem conhecia, mudando, para melhor, a sua vida. Bonner tem justificativas para seus atos que não agradaram a mãe – o que fez foi, também, pensando nela. É romântico e engraçado. Amigo. É preocupado com a família. E é premiado pelo seu esforço com a compreensão e o amor dos filhos. É um herói.



### 4.3.3) Na internet

Bonner é *twitteiro* assumido e está entre os perfis mais influentes do *microblog*. O @realbonner possui nada menos que dois milhões e meio de seguidores<sup>51</sup>. Em entrevista à Revista Contigo publicada em janeiro de 2011, afirmou: “Twitter, para mim, é um parque de diversões. É quase uma ferramenta de relações públicas direta, como quero que o público me veja e o que quero que o público saiba de mim. Eu tenho o controle, não é a CGCOM [Central Globo de Comunicação]” (BONNER in CONTIGO, p. 71, 13 de janeiro de 2011).

No dia 3 de março de 2010, Bonner ganhou a categoria jornalismo do *Shorty Awards*, prêmio considerado o Oscar do *twitter*. O editor-chefe e apresentador do Jornal Nacional recebeu quase o dobro de votos do segundo colocado na votação popular, mas acabou dividindo a premiação com a jornalista da rede-americana MSNBC, Rachel Maddow, que havia sido escolhida pela organização do evento. A indicação dos concorrentes havia sido feita por próprios usuários do *twitter*.

“Horizontalizar o esqueleto”, “pálpebras se magnetizando”, “pijão listrado”, “putz” e “tropa” são algumas das expressões que identificam Bonner no *twitter*. Ele refere-se a Fátima como “patroa”, se auto-intitulou “tio” e mantém diálogos com os sobrinhos (que “são show”) sobre assuntos profissionais e pessoais. No *microblog* Bonner já publicou sua receita de brigadeiro e *playlists* musicais. Frequentemente exhibe algum exemplar de sua coleção de camisas de times internacionais e faz votações, que chama de “interativas”, para escolher a gravata que vai usar para apresentar o Jornal Nacional. Aliás, já assumiu publicamente que *twitta* durante a exibição do telejornal.

Já Fátima Bernardes se rendeu ao *twitter* depois de sair do Jornal Nacional. Ela criou seu perfil @fbreal no dia 19 de janeiro de 2012 e, horas depois, antes mesmo de fazer qualquer postagem, já tinha milhares de seguidores. Bonner logo *twittou* “Não sei se eu tô gostando desse aumento vertiginoso de seguidores da Fátima. Não sei. Muito marmanjo. Tem que ver issaê...”. O primeiro *tweet* de Fátima foi em 23 de janeiro de 2012: “Pausa na reunião do programa. Saudade de todos me trouxe pra cá. Tô chegando devagar”. Quando fez sua primeira postagem, ela já tinha 65 mil seguidores. Esse número cresce vertiginosamente. Até as 16h24 do dia 7 de fevereiro de 2012, a novata possuía 124.369 seguidores.

---

<sup>51</sup> Como informado anteriormente, até 16h09 do dia 7 de fevereiro de 2012 Bonner tinha 2.673.750 seguidores.

A exemplo do marido, Fátima usa o *microblog* para divulgar assuntos profissionais e pessoais. Pelo *twitter*, ela tenta aplacar a ansiedade dos fãs em relação à estreia do novo programa e ao seu visual. No dia 30 de janeiro, a apresentadora postou informações de que está usando aparelho dental fixo para acelerar o tratamento que se arrasta há oito anos com aparelho móvel, graças à limitação que tinha por apresentar o JN. Fátima também comenta notícias e acontecimentos e *retwitta* opiniões e informações.

E o casal está aproveitando para dialogar ainda mais na mídia. No dia 24 de janeiro de 2012, em resposta ao *tweet* provocativo de Bonner “Viram o cabelo novo da @fbreal?”, ela logo retrucou: “O @realbonner continua brincando sobre o meu cabelo. Como vcs viram... não mudei nada. Corte novo, só pra estreia”. A primeira foto que Fátima postou também foi alvo de diálogo do casal. O motivo foi a foto ter sido publicada de “cabeça para baixo”. Bonner logo debochou da estreante: “Eu tô com sono - mas é a @fbreal que posta foto invertida”.

Vamos, agora, voltar um pouco no tempo para apresentar um estudo que fizemos sobre os diálogos de Bonner, via *twitter*, e Fátima, por meio do *blog* do Jornal Nacional, durante a realização da Copa do Mundo de Futebol em 2010. Destacamos que nossa meta foi estudar os diálogos que os então apresentadores do JN teceram entre si e com o público. Antes de entrarmos no período propriamente dito de estudo das postagens de Bonner no *twitter*, uma consideração.

Em 29 de abril de 2010, Bonner se despediu de seus seguidores no *twitter* argumentando que teria que abrir mão de algo para ter tempo de fazer exercícios para se proteger de uma hérnia de disco. “E daí que tenho que abrir mão de alguma coisa. Não será da minha família, não será do meu trabalho. Sobrou o tempo do *twitter*”. Daí até o período em que ele informou sobre a viagem de Fátima Bernardes para a África do Sul (4 de junho), Bonner fez postagens isoladas. Entre elas, uma foto do que seria seu “pijama listrado”, tão comentado por ele (13 de maio). Bonner usou palavras e expressões como saudade, crise de abstinência e nostalgia para se referir à ausência do *microblog*. No dia 14 de maio, o apresentador teve o que ele próprio chamou de recaída, motivada por Fátima, que teria insistido para ele voltar a *twittar*, ainda que “de jeito mais *light*”. Foi quando ele prometeu voltar para valer num futuro próximo. O que aconteceu em 4 de junho: “Na serra com as crianças. Fátima em Johannesburgo. Skype. Frio. Lareira. Expectativa para Copa e pós-Copa. Contagem regressiva. 38 dias.”

Em 7 de junho, Bonner *twittou* “Onde está? Onde?” com o *link*, pela primeira vez, para o *blog* JN na Copa. No dia seguinte, publicou uma imagem de *webcam* de Fátima, com uma tela, menor, com uma imagem própria (Bonner) também de *webcam*. Em 14 de junho, duas *twittadas* a respeito: “Lá vem a Fátima!” e “Blog Onde está você Fátima Bernardes? [g1.com.br/jn](http://g1.com.br/jn)”. Dois dias depois, em função de uma rouquidão da mulher, ele começou a postar informações sobre o estado de saúde dela. No dia 18 de junho, mais duas postagens do *link* do *blog* de Fátima, uma, inclusive, pedindo que deixassem no *blog* mensagens pela recuperação dela: “E muito obrigado pelas mensagens carinhosas. Deixem diretamente lá no blog dela: [g1.com.br/jn](http://g1.com.br/jn) Blog JN na Copa”. Depois, por dez dias, Bonner *twittou* e *retwittou* mensagens praticamente exclusivas sobre as chuvas que assolaram Alagoas e Pernambuco.

Em 28 de junho, voltou a falar sobre saúde: “O tio informa: vem aí uma rouquidão digna da que vitimou a Fátima... Tá feia a coisa”; a seguir: “Desejem-me sorte, please”. No dia seguinte, o comentário sobre um dos assuntos mais falados no período: os cachecóis que Fátima Bernardes estava usando nas participações ao vivo, da África do Sul, no Jornal Nacional. “Infos sobre os cachecóis da Fátima estão no blog Onde está você Fátima Bernardes? JN na Copa [www.g1.com.br/jn](http://www.g1.com.br/jn)”. No dia seguinte, *retwittou* um elogio ao *blog* da mulher e, em 30 de junho, voltou a falar dos cachecóis: “Tudo o que você queria (e até o que nem queria) saber sobre os cachecóis da nossa âncora na Copa do Mundo. [www.g1.com.br/jn](http://www.g1.com.br/jn)”. Ainda no dia 30, Bonner postou a informação de que Fátima Bernardes estava nos TTs (*Trending Topics*) e *retwittou* diversas mensagens de pessoas que comentaram o feito. E em 1º de julho, o assunto passou a ser o gorro usado por Fátima na África do Sul. “Pô, aí... Cadê o gorrinho?” e “Será que tem gorrinho hoje?”

Depois da eliminação do Brasil da Copa do Mundo, William Bonner postou a informação de que Fátima Bernardes não voltaria imediatamente para o país. “A Fátima não vai voltar ainda não. O tio é que vai pra lá com o triozinho”. E informou que a mulher voltou aos TTs: “Olha lá a Fátima de novo nos TTs... Esse gorrinho é um sucesso. Lá na África, vou comprar um pra mim e postar no Twitter. Muuhahahahaha!” Em 5 de julho, novo *link* para o *blog*. Desta vez, para a última postagem de Fátima Bernardes. Depois, em 8 de julho, Bonner deu informações sobre os preparativos para viajar com os filhos para a África. Falou sobre compras, cinema (informando que assistiu Toy Store 3 e que chorou muito) e que iria à escola dos trigêmeos no dia seguinte para uma feira cultural. Em 10 de julho, enquanto aguardava o vôo para a

África do Sul, novas *twittadas* do aeroporto. E mais tarde, já do continente africano: “2:58 da madrugada. Frio. Família completa.” E depois: “Juntos”, com uma foto de Fátima com os trigêmeos. Em 11 de junho, Bonner postou fotos da final da Copa do Mundo entre Holanda e Espanha. E no dia 13, como prometido anteriormente, uma fotografia dele usando um gorro.



Figura 8 – Foto publicada por Bonner em seu *twitter* em 13 de junho de 2010

Passemos, agora, ao *blog* do JN, sob responsabilidade de Fátima Bernardes, segundo identificação na própria página. Foram 32 postagens em um mês (entre 5 de junho e 5 de julho de 2010). E, até 13 de julho de 2010, 4.789 comentários. A primeira postagem no *blog*, no dia 5 de junho, foi a única não assinada por Fátima, mas pelo editor do *site* do Jornal Nacional, Alfredo Bokel. Ele explicou o objetivo do *blog* de fazer uma cobertura diferenciada da Copa do Mundo, mostrando curiosidades e bastidores. E disponibilizou um vídeo em que Fátima Bernardes, da bancada do JN, convidava o público a acompanhá-la pela internet e ressaltava que todas as vezes em que Bonner, no JN, perguntasse “onde está você, Fátima Bernardes?”, haveria um encontro marcado na TV e também na internet. Ainda no dia 5 de junho, Fátima Bernardes fez sua primeira postagem, sobre a chegada na África do Sul e o primeiro treino que acompanhou da seleção brasileira.

No dia 7 de junho, ela comentou a ansiedade da estreia da cobertura da Copa no Fantástico (na véspera) e sobre o primeiro dia do Jornal Nacional apresentado ao vivo de Joanesburgo. No mesmo dia, Fátima respondeu perguntas de internautas sobre a

abertura da Copa, o estádio Soccer City e sobre como era trabalhar numa cobertura como aquela: “Para quem gosta de futebol, como eu, é mágico. [...] ruim só a saudade da família [...]”. No dia seguinte, o comentário foi sobre o frio na estreia do JN ao vivo da África do Sul.

Em 10 de junho, Fátima Bernardes postou que seu momento mais marcante em coberturas de Copas (a da África foi a quarta que cobriu) foi a viagem no ônibus da seleção brasileira após a conquista do penta campeonato no Japão. E disponibilizou um vídeo da reportagem que fez na ocasião. No dia 11, ela escreveu sobre a série do Jornal Nacional a respeito dos 23 jogadores da seleção brasileira, com um *link* para os 23 VTs. Nos dias 11, 12 e 14 de junho, Fátima Bernardes comentou sobre educação, arte, cultura, música e culinária africanas.

Os cachecóis que vinha usando nas entradas ao vivo no JN foram o assunto de 15 de junho – segundo Fátima Bernardes, respondendo perguntas de internautas –, sendo a terceira postagem mais comentada (327 comentários).



Figura 9 – Post de Fátima Bernardes no *blog* JN na Copa – Onde está você, Fátima Bernardes, em 15 de junho de 2010

Ainda no dia 15, ela escreveu sobre a estreia do Brasil na Copa e postou a primeira foto em que apareceu de gorro. Foi também quando a apresentadora falou de sua rouquidão. No dia 17, a postagem campeã de comentários (780) no *blog*: a estreia de Tadeu Schmidt na cobertura do JN ao vivo na Copa, para auxiliar Fátima, que informou já ter ido ao médico, estar tomando remédios e se recuperando da dor de

garganta e da rouquidão. Quatro dias depois, a apresentadora informou que sua voz voltou ao normal, após repouso.

Em 23 de junho, Fátima Bernardes divulgou no *blog* a campanha Copa Solidária pelas vítimas das chuvas no Nordeste e postou um vídeo sobre sua participação no JN abordando o assunto, ao lado de William Bonner. E ainda disponibilizou um *link* com informações sobre o que doar e onde doar.



Figura 10 – *Post* de Fátima Bernardes no *blog* JN na Copa – Onde está você, Fátima Bernardes, em 23 de junho de 2010

De 24 a 28 de junho, as postagens de Fátima Bernardes foram relacionadas ao segundo e ao terceiro jogos da seleção brasileira. Em 29 de junho, novamente ela falou sobre seus cachecóis, publicando um vídeo que mostrava detalhes de todos – segunda postagem mais comentada (581). E, no dia seguinte, contato da tricoteira que fez os cachecóis. Em 2 de julho, além da eliminação do Brasil da Copa do Mundo, outro assunto foi o gorro usado por Fátima.

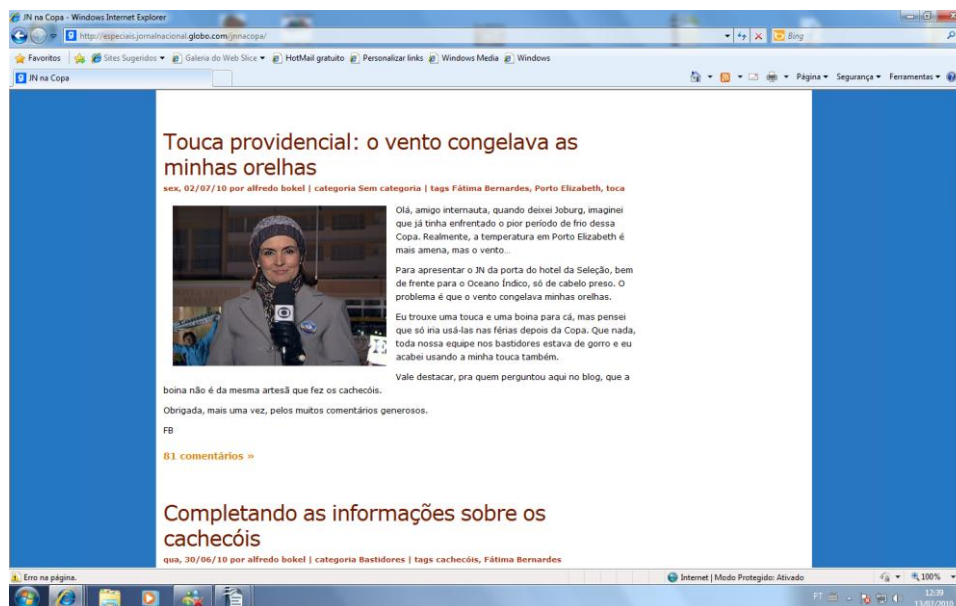


Figura 11 – *Post* de Fátima Bernardes no *blog* JN na Copa – Onde está você, Fátima Bernardes, em 2 de julho de 2010

No dia 5 de julho, a última postagem de Fátima Bernardes no *blog*, agradecendo ao público, despedindo-se e falando da experiência de fazer o *blog* e das férias.

No período da Copa do Mundo de Futebol em 2010, portanto, os apresentadores e editores do Jornal Nacional William Bonner e Fátima Bernardes dialogaram várias vezes, entre si e com o público, por meio da internet. Além do futebol, outros assuntos foram, ao mesmo tempo, temas de postagens no *twitter* de Bonner e no *blog* comandado por Fátima, sem contar no próprio JN. Entre os assuntos abordados por ambos na *net* destacam-se o uso de cachecóis e de gorros por Fátima, devido ao frio da África do Sul, e a campanha Copa Solidária em benefício das vítimas das chuvas no Nordeste brasileiro.

O endereço (com o *link*) do *blog* foi divulgado sete vezes por Bonner no *twitter*. Além disso, o próprio bordão já utilizado em outras Copas do Mundo por Bonner, totalmente personificado (Onde está você, Fátima Bernardes?), integrou o nome do *blog* JN na Copa e foi uma espécie de senha. A própria Fátima informou, na primeira postagem do *blog* (feita pelo editor do site do JN, Alfredo Bokel), que quando Bonner fizesse tal pergunta no telejornal, ela teria um encontro marcado com o público na TV e também na internet.

O casal de apresentadores pareceu querer estreitar os laços de intimidade com o público ao divulgar informações pessoais, como seu estado de saúde (a dor de garganta

e a rouquidão de Fátima e a hérnia de disco de Bonner), seu estado de espírito (nostalgia, crise de abstinência, saudade) e detalhes do vestuário, como o pijama listrado de Bonner, os cachecóis e os gorros de Fátima. Também foram divulgadas informações familiares, inclusive sobre os filhos (compras no *shopping center*, cinema, feira de cultura na escola). Os trigêmeos chegaram, eles próprios, a *twittar* junto com o pai. Isso sem falar que, nas mais de duzentas mensagens *twittadas* no período da Copa, Bonner fez várias “interativas” (enquetes com seus seguidores) e elogiou seu público na internet diversas vezes, principalmente com a frase “Vocês são show”.

O casal se divulgou e se promoveu, sobretudo Bonner em relação a Fátima. Ele *twittou* e *retwittou* as duas inserções de Fátima nos TTs, elogiou seus cachecóis e gorros, mostrou preocupação com o estado de saúde da mulher e companheira de bancada. Bonner imitou Fátima, ao comprar um gorro na África do Sul – e postou sua foto no *twitter*, como havia prometido, antes, pela mesma rede social. Sem contar que os assuntos mais comentados no *blog* redigido por Fátima Bernardes foram *twittados* por William Bonner – a rouquidão dela, que exigiu a presença de Tadeu Schmidt no JN, e os cachecóis usados pela mulher.

Portanto, Fátima Bernardes e William Bonner dialogaram entre si e com o público no período da Copa 2010. E tais diálogos via *web* ampliaram o processo de identificação do público com os apresentadores e, conseqüentemente, com o telejornal que o casal ancorava na ocasião, para além da bancada e da TV. Os diálogos entre o casal na mídia continuam, mesmo depois da separação na bancada do JN. Agora, ganharam o *twitter*, já que a “patroa” se rendeu à rede social, atendendo aos pedidos do marido. E eles não dialogam apenas entre si, mas com muitas pessoas. No *twitter*, respondem a perguntas e republicam comentários de seguidores. Mostram a faceta que desejam ao público. Criam vínculos com seus telespectadores. Promovem a identificação desses com seus ídolos.

#### 4.4) A PERCEPÇÃO DO PÚBLICO: A EXPERIÊNCIA DO GRUPO FOCAL

“O William Bonner e a Fátima Bernardes representam pra mim o Jornal Nacional”.  
(Professor universitário/Artista plástico de 51 anos)

No dia 9 de setembro de 2011 foi realizado o grupo focal, tendo como perspectiva auscultar a percepção do público do Jornal Nacional acerca do processo de



identificação, objeto deste estudo. O encontro, realizado a partir das premissas que envolvem a utilização dessa metodologia, já descritas anteriormente no início deste capítulo, ocorreu no Laboratório de Rádio do Curso de Comunicação Social do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (CES-JF), localizado no Campus Arnaldo Janssen, na Avenida Luz Interior, número 345, no Bairro Estrela Sul, em Juiz de Fora (MG). A escolha do local teve como motivação a facilidade existente para a gravação do áudio das discussões, uma vez que o laboratório já é equipado com microfones. O procedimento, incluindo a gravação, foi autorizado pela Coordenação do Curso de Comunicação Social, do qual a autora é professora.

A seguir serão apresentadas as características e a formação do grupo focal, as circunstâncias de sua realização, assim como os principais resultados obtidos.

#### **4.4.1) Características e formação**

O grupo foi composto por dez pessoas, com sexo, idades, escolaridade e níveis sociais variados, assim como o público do Jornal Nacional. Todos foram convidados pela pesquisadora a integrarem o grupo focal e aceitaram prontamente o convite. Cinco integrantes eram mulheres: uma estudante universitária de 22 anos que estava no último período de Jornalismo; uma funcionária pública de 31 anos, graduada em Administração de Empresas; uma empregada doméstica de 33 anos, que cursou até a 7ª série do Ensino Fundamental; uma designer gráfico de 50 anos, graduada em Desenho e pós-graduada em Artes, Cultura Visual e Comunicação; e uma dona de casa de 74 anos, que estudou até o 1º ano do Ensino Médio. Cinco integrantes eram homens: um estudante e guarda mirim de 16 anos, que estava no 2º ano do Ensino Médio; um professor de teatro e secretário de 23 anos, que tem o Ensino Médio completo; um auxiliar de secretaria de 50 anos, atualmente “encostado”, segundo ele próprio, também com Ensino Médio completo; um professor universitário e artista plástico de 51 anos, graduado em Artes e pós-graduado em Design; e um porteiro de 66 anos, que cursou até a 7ª série do Ensino Fundamental.

Alguns participantes seguiram para o local de realização do grupo focal acompanhados da pesquisadora, depois de um encontro no centro do município de Juiz de Fora. São eles: a empregada doméstica de 33 anos, a dona de casa de 74 anos, o estudante/guarda mirim de 16 anos, o professor de teatro/secretário de 23 anos, o auxiliar de secretaria de 50 anos e o porteiro de 66 anos. O meio de transporte utilizado

para o deslocamento, nesse caso, foi o táxi, em dois veículos e com despesas pagas pela pesquisadora. Os outros participantes preferiram ir diretamente para o local: a estudante universitária de 22 anos, a funcionária pública de 31 anos, a designer gráfico de 50 anos e o professor universitário/artista plástico de 51 anos.

As cadeiras foram posicionadas dentro do estúdio de rádio, em formato de semi círculo, de frente para uma televisão, que foi inserida no espaço do Laboratório para a exibição de um vídeo com imagens e atuações de William Bonner e Fátima Bernardes. Os participantes do grupo focal puderam escolher livremente a cadeira em que se sentariam. Eles posicionaram-se na seguinte sequência, da esquerda para a direita: professor universitário/artista plástico de 51 anos; designer gráfico de 50 anos; estudante/guarda mirim de 16 anos; empregada doméstica de 33 anos; porteiro de 66 anos; auxiliar de secretaria de 50 anos; professor de teatro/secretário de 23 anos; dona de casa de 74 anos; funcionária pública de 31 anos; e estudante universitária de 22 anos.

As discussões foram iniciadas no horário marcado, às 8h, e terminaram às 9h19. A gravação durou uma hora 17 minutos e 33 segundos. Após as discussões, todos os participantes assinaram autorização para o uso da entrevista na pesquisa. O grupo focal começou com a apresentação da pesquisa e da pesquisadora, seguida de agradecimento pela participação de todos. Foram distribuídos crachás de identificação para todos os participantes, inclusive para o operador de áudio do Laboratório de Rádio do CES-JF, responsável pela gravação, Iran Almeida, e para a responsável por fotografar o grupo focal, a também mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora Renata Vargas. Também a pesquisadora usou crachá de identificação. Os dois profissionais que auxiliaram na realização do grupo focal foram apresentados aos participantes, sendo esclarecido que a discussão teria o áudio gravado e seria fotografada. Em seguida, a pesquisadora – que atuou como moderadora do encontro – explicou o motivo de realização do grupo focal e a formação heterogênea do grupo. Informou que não havia opiniões certas ou erradas e que a riqueza do trabalho estava justamente na diversidade de posicionamentos. Pediu para os integrantes terem o cuidado de não falar um ao mesmo tempo do outro, para não dificultar o entendimento posterior da gravação e a anotação das opiniões. Dessa forma, tiveram início as discussões do grupo focal, constituído para observação das percepções do público acerca dos apresentadores do Jornal Nacional e sua identificação com o principal noticiário da TV brasileira.

#### 4.4.2) Conteúdo advindo do grupo focal

Um grupo composto por dez pessoas, sendo cinco mulheres e cinco homens de classes econômicas e sociais diferenciadas. E também de opiniões bem diferentes. Três subgrupos formaram-se naturalmente no decorrer da discussão: um com empatia com o casal William Bonner e Fátima Bernardes (dona de casa de 74 anos, porteiro de 66 anos, empregada doméstica de 33 anos e auxiliar de secretaria de 50 anos); um com reservas em relação a Bonner e Fátima (professor universitário/artista plástico de 51 anos, designer gráfico de 50 anos e funcionária pública de 31 anos) e um grupo neutro, que em alguns momentos mostrava-se simpático ao casal de editores/apresentadores do JN e em outros momentos mostrava-se indiferente a eles (estudante universitária de 22 anos, estudante/guarda mirim de 16 anos e professor de teatro/secretário de 23 anos).

Ainda que as opiniões sejam diferenciadas, como será relatado no decorrer dessa seção, quatro questões colocadas para o grupo tiveram respostas unânimes: todos (1) afirmaram se lembrar do JN quando vêem Bonner e/ou Fátima fora da bancada do telejornal, seja na televisão, na internet, em revistas ou em outro meio de comunicação; (2) mais do que isso, todos concordaram pensar em Rede Globo ao olharem para os apresentadores do JN à época de realização do grupo focal. Além disso, (3) acham que a Globo não deixaria nem Bonner nem Fátima saírem da emissora; e (4) foram categóricos ao dizer que muitas pessoas assistem ao JN por causa de Bonner e Fátima. Tais afirmações, sobretudo pelo fato de advirem de pessoas com opiniões tão diferenciadas a respeito do JN e dos próprios apresentadores Bonner e Fátima, demonstram a identificação do público com os apresentadores/editores, com o próprio JN e mesmo com a emissora, por meio dos apresentadores.

Entre as questões formuladas para o grupo elencamos como principais: “Você confia nas notícias que William Bonner e Fátima Bernardes dão no Jornal Nacional? Por quê?”; “O que você acha de um casal apresentar o Jornal Nacional?”; “Você gosta de saber informações sobre a vida pessoal de William Bonner e Fátima Bernardes?”; “Quando você vê William Bonner e Fátima Bernardes fora da bancada do Jornal Nacional, você lembra do Jornal Nacional?”. Outra pergunta que consideramos relevante para a pesquisa empírica foi se havia preferência de assistir ao Jornal Nacional quando Bonner e Fátima apresentavam ou quando estavam de folga – ou se isso não fazia diferença. Foi abordada, ainda, a possibilidade – então considerada remota por todos os participantes do grupo focal – de um ou de ambos os apresentadores deixarem

o JN e/ou a TV Globo. A partir dessas e de outras perguntas<sup>52</sup>, os componentes do grupo focal foram se pronunciando e outras questões e assuntos surgiram – e foram incorporados na pesquisa empírica. Apresentamos, a seguir, as percepções dos integrantes do grupo focal.

A funcionária pública de 31 anos disse conhecer pessoas que não assistem ao JN por causa do casal de apresentadores: “Eu já escutei pessoas falarem que não gostam deles e preferem não assistir”. Esse também seria um processo de identificação do produto JN com os apresentadores, ainda que uma identificação de caráter negativo, no caso. Assim, segundo a avaliação de uma das participantes, por não gostarem de Bonner e Fátima e eles serem os apresentadores do telejornal, há telespectadores que abrem mão de assistir ao JN. Ou seja: não precisar ser fã de Bonner e Fátima para identificá-los com o JN. Aliás, não precisa sequer ser simpático ao casal para fazer tal identificação.

É o caso do professor universitário/artista plástico de 51 anos, que, do grupo focal, foi o integrante que mais mostrou resistência quanto aos apresentadores. Mesmo não gostando de Bonner e Fátima, ele afirmou: “O William Bonner e a Fátima Bernardes representam pra mim o Jornal Nacional”. Tal identificação dos apresentadores com o telejornal, portanto, independe do fato de o telespectador gostar ou não dos apresentadores.

O JN é referência para a estudante universitária de 22 anos: “[...] eu sempre assisti. Sempre foi um jornal de referência pra mim”. O formato clássico do telejornal foi destacado pela dona de casa de 74 anos: “[...] eu acho um jornal mais clássico”, enquanto o estudante/guarda mirim de 16 anos aponta a característica da informação: “Assisto o Jornal Nacional porque é importante pra eu me informar e mesmo para estudar também”. Também a designer gráfico de 50 anos fala da questão da informação: “O Jornal Nacional faz um fechamento do que aconteceu o dia todo. Então por isso eu sempre assisti. Estando em casa, estou assistindo o Jornal Nacional”. Já para a empregada doméstica de 33 anos não são apenas as notícias que importam, mas quem conduz as informações: “Eu gosto de saber das notícias. E também tem o William Bonner e a Fátima Bernardes”. O auxiliar de secretaria de 50 anos concorda: “Eu me simpatizo com os dois. [...] Quando é com eles, eu gosto do Jornal Nacional. Eu assisto sempre mais por causa deles”.

---

<sup>52</sup> O questionário que serviu de roteiro para a mediadora do grupo focal encontra-se na seção de Apêndices deste projeto, bem como a transcrição da íntegra do conteúdo do grupo focal.

O aumento da interação entre Bonner e Fátima foi lembrado pelos participantes do grupo focal. A designer gráfica de 50 anos foi quem primeiro abordou o assunto: “[...] de uns tempos pra cá ela começou a fazer assim (mexeu a cabeça para o lado, como se estivesse olhando o companheiro de bancada). Ela não fazia isso. Só ficava virada pra frente”. E imediatamente foi apoiada na opinião pelo auxiliar de secretaria de 50 anos (“Atualmente os dois têm interagido bem”) e pela funcionária pública de 31 anos (“Realmente houve um aumento de interação entre eles”). Esta última observou mais: “Depois que eles fizeram 40 anos de Jornal Nacional, começou uma mudança gradual, pequenininha, devagar, mas está vindo essa mudança no Jornal Nacional”.

A seriedade, o profissionalismo e outras características positivas de William Bonner e Fátima Bernardes foram exaltadas várias vezes pelos integrantes do grupo focal. “Eu acho que eles fazem um jornalismo muito sério”, afirmou o auxiliar de secretaria de 50 anos. “A maneira com que eles apresentam faz com que eles passem credibilidade e respeito”, “[...] fazem o trabalho com seriedade, respeito”, enfatizou o porteiro de 66 anos. “Eu acho que eles passam uma credibilidade às pessoas, são sérios”, destacou a dona de casa de 74 anos. “Ele me passa um ar de tanta seriedade, de tanto envolvimento”, disse o professor de teatro/secretário de 23 anos. “[...] credibilidade, com certeza, sem dúvida, eles têm”, “Eles representam seriedade e credibilidade perante a Globo”, exaltou a estudante universitária de 22 anos. A credibilidade do casal de editores/apresentadores foi destacada por cinco participantes da pesquisa: o porteiro de 66 anos, o auxiliar de secretaria de 50 anos, a dona de casa de 74 anos, a empregada doméstica de 33 anos e a estudante universitária de 22 anos.

Alguns integrantes do grupo focal afirmaram considerar Bonner e Fátima bons apresentadores. O estudante/guarda mirim de 16 anos enfatizou a objetividade do casal: “[...] eles focam na notícia. Não ficam dando voltas. Não ficam nem exagerando, nem menosprezando. Vão direto ao ponto”. O auxiliar de secretaria de 50 anos foi ainda mais explícito em sua avaliação positiva: “Eu não acho eles bons. Eu acho eles ótimos. Eu gosto muito deles”, assim como o porteiro de 66 anos: “Pra mim, são os melhores apresentadores que eu conheço, por causa da seriedade e do respeito que eles passam para o povo brasileiro”. A empregada doméstica de 33 anos foi além: “Jornal Nacional sem Fátima Bernardes e William Bonner fica sem graça”. Disse ainda: “Eu gosto de assistir por causa deles. O dia em que eles não estão lá eu falo: ‘Ué, cadê eles? O que está acontecendo?’ Aí um dos meus filhos responde: ‘Mamãe, hoje é sábado, hoje não é com eles.’ Eu estranho quando o Jornal Nacional não é com eles”. O porteiro de 66 anos

concordou: “Fica sem graça. Eles fazem a diferença no Jornal Nacional.” A estudante universitária de 22 anos sentenciou: “É a identidade do jornal”.

Mesmo quem não tem simpatia pelo casal admitiu qualidades profissionais de Bonner e Fátima, como a funcionária pública de 31 anos (“São bons profissionais no que se propõem”) e a designer gráfico de 50 anos (“Eu acho que eles são bons profissionais”). Esta última concordou ainda que os apresentadores são a identidade do JN.

A postura condizente com a função que desempenham foi outro assunto elencado pelos integrantes do grupo focal. “A profissão exige postura”, opina a empregada doméstica de 33 anos. Já o professor de teatro/secretário de 23 anos diferencia a postura de Bonner na bancada do JN e fora dela: “Eu acho que ele tem que manter esta postura na TV, porque se você vê ele em outros ambientes, você vê que ele é super divertido”. E quando um dos apresentadores foge à postura convencional, chama a atenção do público. Sete anos depois, ainda está na memória dos telespectadores o choro de Bonner, na bancada do JN, quando da morte do fundador das Organizações Globo, Roberto Marinho. Um momento marcante para quem está acostumado a ver o JN cotidianamente, como para a funcionária pública de 31 anos: “[...] quando o Roberto Marinho faleceu, [...] o William chorou em rede nacional”. Também foi lembrada, pela funcionária pública de 31 anos, a atuação de Fátima Bernardes na cobertura de Copas do Mundo de Futebol: “Eu achei interessante quando ela estava lá na Copa. [...] Ela estava mais solta, foi diferente”, afirmou, referindo-se ao fato de que Fátima não estava atrás de uma bancada e nem presa a um teleprompter<sup>53</sup>.

Quatro das cinco mulheres componentes do grupo focal disseram gostar de ver uma mulher na bancada do JN. A exceção foi a funcionária pública de 31 anos, que pontuou ser indiferente ao fato, apesar de achar que o espaço da mulher na bancada do JN pode ser comparado ao espaço que a mulher vem ocupando na sociedade e no mercado de trabalho. Já a estudante universitária de 22 anos disse: “Eu já acho que traz um equilíbrio”. A dona de casa de 74 anos também mostrou-se favorável: “Eu gosto da mulher e do casal, de ter um homem e uma mulher. Minha impressão é que ficam mais leves as notícias”. Essa leveza teria toque feminino para a doméstica, de 33 anos, “Eu gosto de ver uma mulher apresentando o jornal. O William é mais sério. E a Fátima traz uma leveza. Junta a seriedade dele com a leveza dela.” E a designer gráfico de 50 anos:

---

<sup>53</sup> Equipamento que projeta o texto a ser lido pelo(s) apresentador(es) em um vidro espelhado que posiciona-se na frente da lente da câmera.

“[...] acho interessante a participação feminina sim e acho muito bacana quando tem jornais com apresentação só de mulher. [...] Dá um equilíbrio”. Quem também se mostrou favorável à presença de uma mulher na bancada do JN foi o estudante/guarda mirim de 16 anos: “Pra mim fica um ambiente mais neutro, um complementa o outro.” A dona de casa de 74 anos, o auxiliar de secretaria de 50 anos, o porteiro de 66 anos e a empregada doméstica de 33 anos disseram gostar de ver o casal, junto, apresentando o JN. E mais: quando está só um na bancada, os participantes disseram sentir falta do outro apresentador. “Pra mim, falta a complementação dos dois. Um complementa o outro”, sentenciou o porteiro. “Falta sim. A gente acostuma com os dois”, concordou a dona de casa.

Todos os participantes do grupo focal disseram não procurar informações (na própria TV ou em outros veículos de comunicação) sobre a vida pessoal de Bonner e Fátima, mas muitos admitiram que, quando há tais informações em algum programa, revista ou *site* que estão assistindo/lendo, têm curiosidade de saber do que se trata. A vida pessoal do casal foi tema levantado, pela primeira vez, pelo professor universitário/artista plástico de 51 anos, justamente a primeira pessoa a assumir ser antipática ao casal: “Hoje a gente sabe que a Fátima Bernardes tem três filhos, tem trigêmeos”. Também a funcionária pública de 31 anos lembrou um detalhe a respeito da vida pessoal de Fátima: “[...] eu lembro quando a Fátima fez aquele negócio no cabelo, que foi uma polêmica danada. Ela fez escova definitiva e na época não tinha a tecnologia adequada”. A empregada doméstica de 33 anos disse ter visto o casal com os três filhos no Criança Esperança: “Quando o menininho foi falar, todo mundo começou a gritar. As meninas começaram a gritar”, comentou ela, provocando risos entre os demais. A funcionária pública de 31 anos questiona o que ela própria chama de “formato de família perfeita”:

Eu tenho a sensação de que eles são tão importantes para a emissora, que a emissora tem que manter a imagem deles de família perfeita, porque isso atrai as pessoas. Eu quero assistir um jornal em que o apresentador e a apresentadora são um casal exemplar, que vivem uma vida exemplar, que vivem uma vida que eu gostaria de viver de repente. Então eu vejo isso muito formatado: o William, a Fátima, como se eles fossem perfeitos, vivessem harmonicamente o tempo inteiro, os filhos perfeitos. A emissora, não somente o jornal, mas a emissora como um todo me passa essa ideia.

O auxiliar de secretaria de 50 anos e a estudante universitária de 22 anos concordaram imediatamente com o questionamento. E o professor universitário/artista plástico acrescentou: “Não vão separar nunca. Pode a crise ser a maior entre os dois, mas não vão separar nunca”, provocando outro questionamento por parte da funcionária pública de 31 anos: “Vai ver que tem até um contrato sobre isso, né? A gente não sabe... Não pode divorciar”.

Uma matéria quando é escolhida para ser exibida no JN e apresentada por Bonner e Fátima é valorizada, segundo o estudante/guarda mirim de 16 anos: “[...] qualquer matéria que eles forem fazer, mesmo que seja de mínima importância, vai dar audiência, porque todo mundo [...] já acha conveniente assistir eles [...]”. Da mesma forma, a identificação de Bonner e Fátima com o JN é tamanha que a antipatia pelos dois leva à desconfiança sobre a relevância das notícias. “Realmente estou bem antipatizado com o jornal, a ponto de às vezes ter dúvidas do que estão falando. Não quanto à veracidade, mas à importância do que estão falando”, questionou o professor universitário/artista plástico de 51 anos. A funcionária pública de 31 anos falou dessa identificação: “Quando é um apresentador com quem você se identifica e é um tipo de jornalismo que te agrada, você sente a notícia de uma maneira completamente diferente. Você assimila até melhor.”

Mesmo para quem admite não ter o JN como o telejornal preferido, sua abrangência é destacada: “[...] o Jornal Nacional é mais abrangente em termos de uma variedade maior de notícias”, disse a funcionária pública de 31 anos. A mesma integrante do grupo focal, que demonstrou uma postura mais crítica perante o JN e seus editores/apresentadores, contraditoriamente disse acreditar na imparcialidade do telejornal, pelo fato de os apresentadores não emitirem opiniões a respeito dos fatos noticiados: “E no Jornal Nacional é só o fato puro, em si, e você julga como você quiser”.

Quando foram feitas críticas ao formato do JN e especialmente à superficialidade das notícias, alguns participantes do grupo colocaram a culpa disso na TV Globo. Um deles foi o porteiro de 66 anos: “O tempo é muito curto para que eles possam apresentar tudo o que é necessário”. Outro foi o auxiliar de secretaria de 50 anos: “O tempo é curto, muito curto”. E a estudante universitária de 22 anos: “É o padrão que a Globo passa pra eles”.

Outros apresentadores do JN também foram espontaneamente lembrados, como Cid Moreira e Sérgio Chapelen. “Eu sou da época do Cid Moreira”, lembrou o professor



universitário/artista plástico de 51 anos, o que foi motivo de risos entre os participantes do grupo focal. A doméstica de 33 anos também lembrou os ex-apresentadores, mas afirmou que Bonner e Fátima são suas referências quando o assunto é o JN: “Quando eu era pequena, eu vi na televisão preto e branco da minha mãe o Sérgio Chapelen, mas na época eu não tinha noção de nada. [...] Eu era criança. Mas depois que eu cresci, sempre foi com o Bonner e a Fátima. Então eu gosto deles”.

Em resposta à pergunta se imaginariam Bonner e Fátima apresentando outro programa sem ser o JN, o professor de teatro/secretário de 23 anos disse que, se isso acontecesse, acharia que algo estaria errado, tamanha a identificação dos apresentadores com o JN: “Eu ligaria a televisão de novo, achando que tinha dado algum problema. [...] O costume é muito grande. Até mesmo outro jornal eu não consigo imaginar, nem em outro horário”. A opinião foi seguida de risos e interjeições concordando que seria difícil até imaginar o casal em outro programa e, principalmente, em outra emissora televisiva. “Pra mim, eles são essenciais. Daria para substituir, mas sem eles o Jornal Nacional não teria aquele pique”, afirmou o estudante/guarda mirim de 16 anos, recebendo a concordância do porteiro de 66 anos: “Perde a graça”. A estudante universitária de 22 anos emitiu opinião semelhante: “Acho que eles passam uma simpatia. [...] Se por acaso eles não trabalhassem mais lá, se mudassem, eu acho que ia criar uma polêmica, que todo mundo ia sentir falta, por mais que falem que não”.

A funcionária pública de 31 anos enfatizou a ligação do casal à TV Globo: “[...] a Globo não deixaria, porque a marca já está tão forte... Você olha Fátima e William e no que você pensa? Jornal Nacional. [...] Eles estão muito vinculados à Globo. Você não consegue imaginar Fátima e William em outra emissora”. O professor de teatro/secretário de 23 anos comentou que, se o casal fosse para outra emissora, gostaria de assisti-los por curiosidade: “[...] eu iria querer assistir pra ver eles lá, pra ver como ia ficar”. Perguntados se Bonner e Fátima, portanto, são a cara do JN, a empregada doméstica de 33 anos e o porteiro de 66 anos responderam, entusiasmados, que sim. O estudante/guarda mirim de 16 anos foi além: “Eles acabam virando o marketing do jornal”, opinião que teve a aprovação da designer gráfico de 50 anos, que afirmou: “É uma chancela”. O auxiliar de secretaria de 50 anos sintetizou: “Falou em Fátima e Bonner, você pensa em Jornal Nacional e Globo”.

Quando perguntado quem gostava de Bonner e Fátima, sete pessoas se manifestaram, à exceção do professor universitário/artista plástico de 51 anos, da designer gráfico de 50 anos e da funcionária pública de 31 anos, justamente as três

peças do grupo focal que possuem curso de graduação já completo (sendo que duas têm pós-graduação) – pessoas de maior escolaridade e maior senso crítico. Já para o porteiro de 66 anos, Bonner e Fátima “[...] representam grandes profissionais, grandes jornalistas, grandes apresentadores e comunicadores. Eles passam pra gente muito respeito e sinceridade naquilo que eles fazem. [...] eles não são só os melhores da Globo, mas os melhores do Brasil”. O estudante/guarda mirim de 16 anos concordou, complementando: “Pra mim eles são muito bons no método deles de apresentar a notícia. Eu gosto deles como apresentadores do jornal. Como apresentadores, são bons, são essenciais pro Jornal Nacional”. A estudante universitária de 22 anos ainda acrescentou: “Eles representam mesmo o Jornal Nacional, são a identidade do jornal”.

A realização do grupo focal nos permitiu notar como o Jornal Nacional é personificado na figura de seus apresentadores. Adorados por alguns componentes do grupo focal, antipatizados por outros, os apresentadores não passam despercebidos. Eles são, realmente, a cara e a voz do JN. Para os que gostam deles e do telejornal, é um casamento perfeito. Para os que não gostam dos apresentadores, o fato é motivo de crítica ao jornal. Ou seja: um está extremamente relacionado ao outro. E mais: Bonner e Fátima também estão intrinsecamente ligados à TV Globo. Para além do Jornal Nacional, sua imagem é imediatamente relacionada à emissora.

Também consideramos muito significativa a existência de quatro opiniões unânimes dos integrantes do grupo focal, apesar de o mesmo ter sido formado por pessoas tão diversificadas: todos afirmaram se lembrar do JN quando vêem Bonner e/ou Fátima fora da bancada do telejornal, seja em outro programa televisivo, na internet ou em revistas e revelaram pensar em Rede Globo ao verem os apresentadores. Além disso, todos defenderam a hipótese de que a Globo não deixaria nem Bonner nem Fátima saírem da emissora e enfatizaram que muitas pessoas assistem ao JN por causa de Bonner e Fátima. A realização do grupo focal, portanto, nos permitiu perceber a identificação do público investigado com os apresentadores/editores, com o próprio JN e mesmo com a Globo, por meio dos apresentadores.

## 5) UM FINAL SEM *HAPPY END*: A FAMÍLIA DESFEITA NA BANCADA DO JORNAL NACIONAL

A saga do casal William Bonner e Fátima Bernardes à frente do Jornal Nacional foi interrompida no dia 6 de dezembro de 2011. A notícia, veiculada cinco dias antes, causou espanto, apesar de amplamente divulgada não só no próprio telejornal, mas em vários veículos de comunicação: Fátima Bernardes estava deixando a bancada do Jornal Nacional para comandar um programa televisivo próprio. Na bancada do JN ela seria substituída pela então apresentadora do Fantástico, Patrícia Poeta. O telejornal virou notícia – e notícia de destaque na mídia nacional. Nunca antes uma mudança na apresentação<sup>54</sup> de um telejornal havia sido tão badalada como essa.

Neste capítulo, vamos apresentar um relato de como foi o anúncio da substituição de Fátima por Patrícia Poeta e a repercussão da troca de apresentadora do Jornal Nacional na internet, em revistas e em jornais impressos. Também vamos abordar as primeiras impressões do público, por meio de alguns comentários retirados de *sites* e novamente, das opiniões dos componentes do grupo focal. Os integrantes não voltaram a se reunir para discutir o assunto, mas foram contatados pela pesquisadora, uma vez que a possibilidade de saída de Bonner e/ou Fátima do JN havia sido debatida quando da realização do grupo, sendo então considerada remota pelos participantes.

### 5.1) A SAÍDA DE FÁTIMA BERNARDES

“[...] a saída de Fátima Bernardes deixará um vazio”.  
(Miguel Ferreira Nunes, via internet)

Foi no dia 1º de dezembro de 2011, uma quinta-feira, em que foi anunciada a saída de Fátima Bernardes do Jornal Nacional. Depois de a notícia ter sido badalada durante todo o dia em diversos *sites*<sup>55</sup> e anunciada em coletiva à imprensa realizada em hotel localizado no Rio de Janeiro, a informação sobre a mudança foi confirmada no *Blog* da Redação do JN e no próprio telejornal pelo casal de editores e apresentadores.

---

<sup>54</sup> Além da apresentação, há ainda a atribuição de edição executiva do programa, embora esta função nem tenha sido mencionada no anúncio da substituição de Fátima Bernardes por Patrícia Poeta.

<sup>55</sup> Iremos tratar especificamente deste aspecto na próxima seção deste trabalho.

### 5.1.1) O anúncio e o tratamento da notícia na tela do próprio JN

A saída de Fátima Bernardes foi abordada já na escalada do telejornal veiculado no dia 1º de dezembro, como último destaque, na voz de um Bonner com uma expressão misteriosa, com um meio sorriso no rosto: “E você vai saber as novidades que vão aparecer nesta bancada e na tela da Globo”. Em seguida, Fátima, sorrindo, afirmou que o JN estava começando.

O último bloco da edição foi totalmente dedicado à novidade e teve quatro minutos e 40 segundos de duração. Na volta do intervalo, o enquadramento estava em plano aberto, mostrando os dois apresentadores no vídeo. A cabeça do único VT do bloco foi lida por Bonner, que estava com uma expressão facial leve e um meio sorriso. Durante toda a cabeça, que teve 30 segundos de duração, Fátima ficou olhando e sorrindo para Bonner, exceto em dois momentos, conforme transcrição do texto da cabeça a seguir:

A TV Globo anunciou hoje, no Rio de Janeiro, novidades na programação. A minha companheira de bancada aqui [Bonner apontou com a mão direita para Fátima], Fátima Bernardes, [Fátima olhou para a câmera] vai comandar um programa novo, né, Fátima? [Fátima fez que sim com a cabeça e disse “Novíssimo.”] É um projeto que ela mesma propôs. E a partir da semana que vem, a cadeira aqui ao meu lado passará a ser ocupada por Patrícia Poeta, jornalista e nossa colega do Fantástico. E o lugar de Patrícia no Fantástico será de Renata Ceribelli. A Renata é quem vai assumir esse lugar. É melhor a Fátima explicar. [Fátima olhou novamente para a câmera] (BONNER in JORNAL NACIONAL, 01/12/2011)

Em seguida, foi exibido um VT conduzido por Fátima Bernardes, que teve duração de três minutos e três segundos. A matéria começou com uma passagem/abertura de Fátima no saguão de um hotel no Rio de Janeiro, onde foi realizada a coletiva sobre a mudança.

Nos últimos 14 anos, eu levei até a sua casa as principais notícias do Brasil e do mundo. Conteí muitas histórias. Só que, hoje, o Jornal Nacional virou notícia. Tudo porque, há uns quatro anos, eu tive uma ideia. Essa ideia acabou virando uma vontade muito grande e se transformou num projeto. Está meio confuso, né? [Fátima começa a andar]. Bom, por isso convidamos a imprensa e viemos pra esse hotel, no Rio de Janeiro, pra tentar explicar melhor essa história. E eu já vou logo adiantando: quem vai falar primeiro e dizer tudinho pra vocês é o nosso diretor Carlos Henrique Schroder. (BERNARDES in JORNAL NACIONAL, 01/12/2011)

O diretor responsável pela Direção Geral de Jornalismo e Esporte (DGJE) da TV Globo, Carlos Henrique Schroder, confirmou que tudo estava acontecendo a partir da vontade de Fátima, que havia elaborado um “projeto muito interessante, um projeto sensacional” (SCHRODER in JORNAL NACIONAL, 01/12/2011). Fátima informou que, a partir do momento em que seu projeto foi aprovado, a tarefa passou a ser a escolha de sua sucessora. E Schroder voltou a falar no VT, desta vez revelando que o nome de Patrícia Poeta havia sido consenso entre ele próprio, o diretor da Central Globo de Jornalismo, Ali Kamel, e Bonner. O editor do JN justificou que a escolha deveu-se ao perfil profissional de Patrícia Poeta, o que “mais automaticamente se encaixava nas necessidades do Jornal Nacional” (BONNER in JORNAL NACIONAL, 01/12/2011).

Já Patrícia Poeta, também ouvida no VT, disse que o convite para substituir Fátima havia sido um susto, mas que estava feliz e honrada: “É uma honra pra mim saber que, a partir da semana que vem, na terça-feira, eu vou sentar naquela cadeira onde, por 14 anos, ela foi ocupada pela jornalista mais querida do Brasil”. (POETA in JORNAL NACIONAL, 01/12/2011). A matéria prosseguiu informando que Renata Ceribelli assumiria a apresentação do Fantástico e que as novidades no Jornal Nacional começariam na segunda-feira seguinte.

Na volta do VT, Bonner e Fátima estavam sorrindo, em plano aberto, e Fátima contou duas curiosas coincidências: que a reportagem exibida havia sido feita por ela e pelo repórter cinematográfico José de Arimatéa, o mesmo cinegrafista que estava com ela na primeira reportagem que fez para o JN, e que ambas as reportagens foram feitas no mesmo hotel no Leme, Zona Sul do Rio de Janeiro (a primeira havia sido sobre o reveillon carioca). Bonner sorriu e reafirmou que tudo havia sido coincidência mesmo. E Fátima se despediu do JN:

Bem, eu ainda estarei aqui amanhã, no sábado e na segunda-feira para um Jornal Nacional especial com a presença da Patrícia Poeta. Nós vamos conversar aqui sobre as mudanças e os novos desafios de cada uma. E a gente conta com você para nos acompanhar nesse momento importante do Jornal Nacional. (BERNARDES in JORNAL NACIONAL, 01/12/2011)

Após um comentário de Bonner sobre a curiosidade dos telespectadores sobre seu novo programa, Fátima desejou “boa noite” para o público, com ênfase na expressão “até amanhã”.

A edição do JN da segunda-feira, 5 de dezembro de 2011, destacou a mudança de apresentadoras no final da escalada. Bonner, sorrindo, chamou: “E nesta edição, a

despedida de Fátima Bernardes” e Fátima, também sorrindo, completou: “E as boas vindas a Patrícia Poeta” (JORNAL NACIONAL, 05/12/2011). O assunto foi tratado no último bloco, que teve 15 minutos e 23 segundos de duração e foi exclusivamente sobre as protagonistas da mudança na bancada do JN. O material começou com a imagem de Bonner, em plano fechado, falando que aquele era um dia especial para a história do JN porque Fátima Bernardes faria sua última apresentação e no lugar dela assumiria Patrícia Poeta. A câmera abriu, mostrando que Bonner estava em pé. Ele desejou boas vindas e deu as mãos para Patrícia Poeta, que entrou no vídeo e, após cumprimentar Bonner, andou até Fátima (que ainda não havia aparecido no vídeo neste bloco). As duas se cumprimentaram com um beijo no rosto e Fátima disse que, naquele momento, Patrícia ainda sentaria na posição de entrevistada.

Bonner perguntou se Patrícia estava nervosa, e ela disse que sim. O editor respondeu: “Então, se ajuda a ficar tranquila, uma vez eu perguntei ao Cid Moreira, que ocupou esta cadeira durante 27 anos, quando ele parou de ficar nervoso ao apresentar o Jornal Nacional e ele disse: ‘Nunca’” (BONNER in JORNAL NACIONAL, 05/12/2011). Bonner continuou sua enunciação dizendo que todos estavam um pouco nervosos e que “para esta noite especialíssima do Jornal Nacional nós procuramos apresentar uma espécie de resumo das carreiras dessas duas grandes jornalistas [...]” (BONNER in JORNAL NACIONAL, 05/12/2011).

Em seguida, foi veiculado um material de quatro minutos e 31 segundos, no estilo retrospectiva, sobre momentos da carreira de Patrícia Poeta. O *off* foi gravado por Bonner, que fez uma locução mais leve, mais doce. Além de imagens sobrepostas à locução em *off*, o material teve vários sons de Patrícia. Foi mostrado o início dela no JN, no ano 2000, no quadro da Previsão do tempo, mesma época em que a jornalista gaúcha apresentava o SPTV (ao lado de Chico Pinheiro) e, aos sábados, o Jornal Hoje. O texto ainda salientou que, junto com a carreira de apresentadora, Patrícia Poeta nunca deixou a reportagem. Em 2003, a jornalista transferiu-se para Nova Iorque como correspondente da Globo e retornou ao Brasil em 2007, como apresentadora e repórter do Fantástico. O texto destacou ainda que “na tela da Globo, Patrícia noticiou a história” e evidenciou o lado entrevistadora da jornalista, “que descobriu como arrancar sorrisos” e como “arrancar lágrimas”.

Na volta do VT, Bonner elogiou a carreira de Patrícia e chamou para um material de 15 segundos em que a própria apresentadora resumia sua vida (uma gravação exibida no Fantástico no dia 30 de março de 2008). Fátima brincou com a sua sucessora,

falando que, depois das muitas experiências que ela teria no JN, não conseguiria mais editar um vídeo de 15 segundos sobre sua vida. Patrícia concordou, falando que ficaria mais difícil mesmo. Fátima perguntou se Patrícia estava preparada para o dia seguinte. Ela respondeu que se sentia desafiada, porém animada. Bonner chamou, então, o material sobre os 14 anos de JN e 24 anos de TV Globo de Fátima Bernardes.

A retrospectiva teve duração de quatro minutos e 44 segundos, com *off* também gravado por Bonner, em locução mais leve e doce, associada a imagens e vários sons de Fátima. A narração informou que Fátima começou no jornalismo local da Globo Rio, em 1987, como repórter e apresentadora do RJTV. A “carioca de sotaque acentuado e cabelos volumosos” passou a ser conhecida dos brasileiros de outros estados nos telejornais da Rede Globo e, em 1989, começou a apresentar o Jornal da Globo – o texto foi coberto por imagem de Fátima e Bonner na bancada do Jornal da Globo. Em 1993, Fátima apresentou o Fantástico. Também foram mostrados trechos de várias entrevistas que ela fez com artistas e políticos. Em março de 1998, Fátima Bernardes assumiu a bancada do Jornal Nacional, mas prosseguiu reportando fatos marcantes, entre eles eventos esportivos, sobretudo acompanhando a Seleção Brasileira de Futebol, da qual foi escolhida musa após a conquista do penta campeonato em 2002.

Bonner afirmou que também foram marcantes os momentos que em Fátima estava ausente da bancada do JN: “Eu ficava aqui sozinho e perguntava, fazia uma pergunta que virou quase um bordão”<sup>56</sup> (BONNER in JORNAL NACIONAL, 05/12/2011). O editor, então, pediu que o diretor de TV dividisse a tela, que passou a mostrar Bonner de um lado e Fátima do outro. Ele então perguntou: “Onde estará você no ano que vem, Fátima Bernardes?”. Fátima, sorrindo, respondeu: “Olá, William. Eu estarei aqui mesmo na tela da Globo. Não mais às oito e meia da noite. Não estarei mais fazendo um telejornal, mas estarei muito feliz, porque vou estar com um programa que é meu, um projeto que foi aprovado pela direção geral, o que me deu muito orgulho”. (BERNARDES in JORNAL NACIONAL, 05/12/2011). Fátima explicou que, para fazer o programa, precisou sair do JN. E acrescentou:

Eu tenho certeza, muita confiança, que este projeto foi aprovado principalmente porque o telespectador tem um respeito muito grande pelo trabalho que eu venho desempenhando e, principalmente, pelo carinho que cada telespectador do Jornal Nacional destinou a mim. Porque se não fosse isso, mesmo com um projeto maravilhoso, eu tenho certeza que ele não seria aprovado. Eu tenho um orgulho enorme de contar com a sua confiança,

---

<sup>56</sup> A pergunta em questão é “Onde está você, Fátima Bernardes?”.

[olhando para a câmera] com a sua parceria. (BERNARDES in JORNAL NACIONAL, 05/12/2011).

Em seguida Fátima deu as mãos para Patrícia Poeta e lhe desejou boa sorte, dizendo que ela estava herdando uma equipe maravilhosa e um chefe competente e generoso. Fátima disse ainda:

Eu não estou me sentindo me despedindo. Estou sentindo que estou dizendo um “até breve”. Espero que você [olhando para Patrícia Poeta] amanhã dê um ótimo “até amanhã” para o nosso público, porque o Jornal Nacional, com a sua chegada, vai permanecer o mesmo, o telejornal da família brasileira, [Bonner confirmou com a palavra “Exatamente”] que há 42 anos lidera a nossa audiência. (BERNARDES in JORNAL NACIONAL, 05/12/2011)

Patrícia agradeceu e disse que falaria para Fátima

o que eu acho que todos os brasileiros que estão nos assistindo neste momento gostariam de dizer se estivessem sentados aqui nessa cadeira: a gente vai estar contando os dias para ver a sua estreia, para ver o seu novo programa, para receber você na nossa casa, dizendo bom dia ou boa tarde ou boa noite. (POETA in JORNAL NACIONAL, 05/12/2011)

Depois de Patrícia Poeta desejar sorte e sucesso para Fátima Bernardes, Bonner finalizou:

Então ‘tá’ bom. Patrícia Poeta, a partir de amanhã, nesta cadeira. [apontou para o lugar de Fátima] Fátima Bernardes se dedicando ao seu novo programa, que estreia ano que vem. E eu estarei aqui e quero que você saiba que ainda esta noite teremos mais notícias na Globo. Você tem o Jornal da Globo depois de Tela Quente. Nós estaremos de volta aqui a partir de amanhã. Uma boa noite pra você. (BONNER in JORNAL NACIONAL, 05/12/2011)

Fátima Bernardes disse, sorrindo, “uma boa noite e até breve” e Patrícia Poeta, um pouco tímida, falou “até amanhã”. Bonner ficou com as palavras finais, e completou rindo: “É isso aí”.

O que foi possível notar, em todo este processo de anúncio e efetivação da troca de apresentadoras do JN, foi a ampla divulgação da informação e uma tentativa (bem sucedida, em nossa avaliação) de dar um tratamento natural à substituição. Em duas edições, o assunto ocupou 20 minutos e três segundos do próprio telejornal<sup>57</sup>, tempo que

<sup>57</sup> Sem contar os tempos em que o assunto foi destaque nas escaladas das duas edições.



correspondeu aos últimos blocos completos destas duas edições. Em todos os momentos salientou-se que a ideia de ter um programa próprio – e consequentemente sair do JN – partiu da própria Fátima. O projeto do programa foi bastante elogiado, assim como as duas apresentadoras. O tempo todo, os apresentadores falaram sobre o assunto com sorrisos no rosto e, em alguns momentos, até deram risadas. Todos pareceram felizes – inclusive, Fátima afirmou e reafirmou isso. Também notamos uma tentativa de humanização das apresentadoras, uma vez que foram mostrados momentos em que elas se emocionaram em suas carreiras.

A primeira edição do JN com apresentação de William Bonner e Patrícia Poeta foi veiculada na terça-feira, 6 de dezembro de 2011. Essa edição do telejornal não teve qualquer referência à mudança de apresentadora e foi normalmente conduzida, assim como prometido por Fátima Bernardes em seu último dia no JN. A escalada teve o mesmo formato. Patrícia Poeta abriu a escalada e falou sete vezes nas manchetes do programa, enquanto Bonner se pronunciou seis vezes. Cada apresentador foi parcialmente coberto por imagens das notícias de destaque da edição em duas ocasiões. Depois da vinheta de abertura do JN, antes da primeira cabeça, uma gravação (áudio masculino) destacou os nomes dos apresentadores: “Está no ar o Jornal Nacional, com William Bonner e Patrícia Poeta”<sup>58</sup>. A nova apresentadora enunciou o primeiro “boa noite” da edição.

Juntos, os apresentadores apareceram 25 vezes na edição, sem contar a escalada. Em 16 vezes (64%), o plano foi aberto, mostrando ambos no vídeo. Em quatro vezes (16%), a opção de enquadramento foi o plano médio em apenas um dos apresentadores, e fechado em outras cinco aparições (20%). Os dois apresentadores falaram em onze das entradas em plano aberto (44%). Em três (12%), apesar de estarem os dois no vídeo, apenas Patrícia Poeta falou. E nas outras duas (08%), apesar da imagem mostrando os dois, apenas Bonner fez a enunciação. As quatro aparições (16%) em plano médio foram da nova apresentadora, Patrícia Poeta, que também foi responsável pela maioria das entradas em plano fechado: três (12%), enquanto nas outras duas (8%) Bonner foi o responsável pela apresentação. Houve três notas pé na edição, sendo uma lida por Patrícia, uma por Bonner e a outra pelos dois. O JN do dia 6 de dezembro foi estruturado em cinco blocos. A apresentadora iniciou dois deles, e o apresentador os outros três. Também nas passagens de bloco houve predomínio de Bonner, que iniciou

---

<sup>58</sup> Anteriormente, este tipo de gravação foi usual no JN por muito tempo, mas já não estava sendo utilizado mais.

três das quatro veiculadas, enquanto Patrícia começou apenas uma. Já no encerramento, ela foi a primeira a dar “boa noite”. E uma curiosidade: no primeiro JN apresentado por Patrícia Poeta, houve um erro nos créditos onde constava, ainda, o nome de Fátima Bernardes como editora executiva e apresentadora<sup>59</sup>.

As diferenças, portanto, em comparação às demais edições analisadas do JN (item 4.1), foram a preferência pela nova apresentadora nas enunciações, nos enquadramentos em planos fechado e médio, bem como seu pioneirismo nos pronunciamentos quando os dois apresentadores estavam ambos no vídeo. Enquanto nas cinco edições anteriormente avaliadas do JN a apresentadora fez 38,77% das enunciações, o apresentador fez 38,10% e os dois, juntos, foram responsáveis por 23,13% das enunciações, no primeiro JN apresentado por Patrícia Poeta ela foi responsável por 40% dos enunciados, Bonner por apenas 16% e os dois, juntos, por 44%.

Em relação à veiculação de imagens da apresentadora sozinha em plano fechado, nas edições anteriores o índice foi de 5,44% e, agora, de 12%. E em plano médio, de 12,24% antes e 16% agora. Por fim, anteriormente, o percentual de vezes em que apresentador e apresentadora apareceram no vídeo e ambos falaram correspondeu a 20,41% e, agora, a 44%. Essas particularidades, no nosso entendimento, devem-se à tentativa de expor a imagem da nova apresentadora – sozinha e acompanhada por Bonner – para auxiliar os telespectadores a se acostumarem com a mesma e com o novo casal de apresentadores do JN.

### **5.1.2) A abordagem da substituição da apresentadora no *blog* da redação**

A primeira postagem a respeito da mudança de apresentadora no JN Especial, o *blog* da redação do Jornal Nacional, foi no dia do anúncio, 1º de dezembro de 2011. Com o título “Fátima Bernardes e Patrícia Poeta falam sobre mudanças”, o *post* anunciou e explicou a substituição e ainda compreendeu a oferta de acesso a dois vídeos, um dedicado a cada apresentadora. Ambos os vídeos foram gravados na redação do JN, no estilo de uma entrevista 3x4<sup>60</sup>, sendo compostos por perguntas escritas em caracteres e as respectivas respostas das apresentadoras. Elas responderam às questões

---

<sup>59</sup> Somente a partir da edição do dia seguinte, 7 de dezembro de 2011, o nome de Fátima Bernardes foi substituído, na ficha, pelo de Patrícia Poeta nas funções de editora executiva e apresentadora.

<sup>60</sup> Quando aparecem apenas trechos da entrevista, precedidos por selos informando o assunto a ser tratado.

mais frequentes que haviam chegado pelo *Facebook* e pelo *twitter*, sobre os motivos e os desafios da mudança. O vídeo de Fátima Bernardes teve três minutos e 39 segundos de duração, nos quais ela respondeu a quatro perguntas (Por que sair do Jornal Nacional? O que esperar do novo programa? Do que você vai sentir mais falta no Jornal Nacional? Qual é a reportagem mais marcante em todos os anos de JN?), além de deixar uma mensagem para os fãs do telejornal. Quando indagada sobre o novo programa, Fátima exaltou a relação de proximidade que tem com o público: “Este projeto vai permitir que nós tenhamos um encontro tão próximo, tão verdadeiro, tão fiel quanto o que a gente tem hoje” (BERNARDES in JN ESPECIAL, 01/12/2011). Sobre a reportagem mais marcante, ela acabou por não destacar uma, justificando que várias marcaram sua carreira e sua vida. Finalmente, na mensagem para os fãs, a apresentadora fez um apelo aos telespectadores e exaltou os vínculos tecidos com seu público:

Continuem acompanhando o Jornal Nacional. A Patrícia vai ocupar brilhantemente este lugar ao lado do William, que vai estar com ela nos próximos muitos anos – é o que a gente deseja. E me aguardem com todo carinho, com toda paciência, com toda expectativa e com a certeza que eu estou muito feliz, que eu vou estar produzindo um programa com o máximo de carinho, pra chegar até vocês da mesma maneira que eu sempre cheguei estando à frente da bancada do Jornal Nacional. Até muito breve. (BERNARDES in JN ESPECIAL, 01/12/2011?)

Já o vídeo de Patrícia Poeta teve duração de três minutos e 30 segundos, e ela também respondeu a quatro perguntas (Como você recebeu a notícia? Você tinha o sonho de apresentar o Jornal Nacional? Quais são os desafios de apresentar um jornal diário? Quais aprendizados você leva da Fátima?) e deixou uma mensagem para os fãs do telejornal. Patrícia Poeta revelou que, quando ainda era estudante de jornalismo, brincava com as colegas de faculdade de fazer o Jornal Nacional. Mas disse que aquele era um sonho muito distante. Ela ressaltou a relevância do JN, afirmando que “é o jornal mais importante do Brasil” e, sobre os aprendizados que leva de sua antecessora, afirmou: “A Fátima é insubstituível, é a jornalista mais querida do Brasil sem dúvida nenhuma. Eu levo admiração pela Fátima profissional, que todos nós gostamos, admiramos, e levo admiração também como amiga” (POETA in JN ESPECIAL, 01/12/2011). Na mensagem para os fãs, Patrícia limitou-se a fazer uma chamada para que os telespectadores assistam ao JN. Até 30 de dezembro de 2011<sup>61</sup>, a primeira

---

<sup>61</sup> A partir deste momento, sempre que quantificar o número de comentários das postagens no *blog* da Redação do JN, estarei me referindo à data de 30 de dezembro de 2011 e ao horário de 11h29.

postagem do *blog* foi alvo de 57 comentários de internautas.

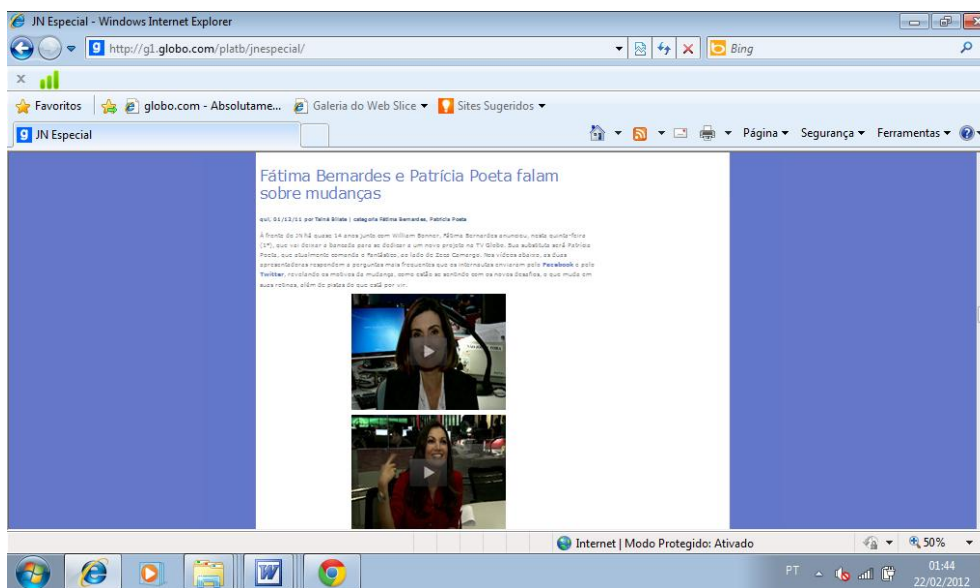


Figura 12 – *Blog* JN Especial em 1º de dezembro de 2011

O segundo *post* foi inserido no sábado, 3 de dezembro de 2011: “Fátima Bernardes apresenta o estúdio do JN a Patrícia Poeta”.

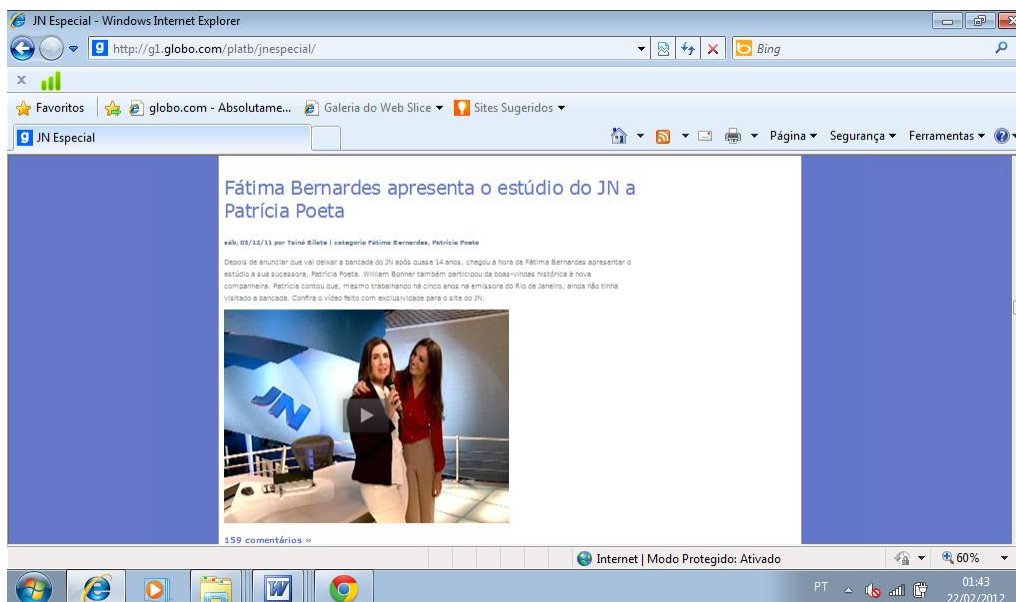


Figura 13 – *Blog* JN Especial em 3 de dezembro de 2011

O vídeo, um VT feito em plano sequência, teve duração de dois minutos e 55 segundos e recebeu 159 comentários. O vídeo foi aberto por William Bonner, com um microfone na mão, de pé, parado, no corredor de acesso ao estúdio do JN. Na tela, junto

com ele, as sorridentes Fátima Bernardes e Patrícia Poeta. Bonner explicou que os três estavam lá para “um momento histórico, porque Fátima Bernardes vai apresentar a Patrícia Poeta o estúdio do JN”. O editor confessou estar nervoso e perguntou se Fátima também estava, mas teve uma resposta negativa por parte da mulher, que se disse tranquila. A mesma pergunta foi feita para Patrícia, que revelou estar muito nervosa. Bonner, então, com uma expressão facial de medo/suspense, gritou “Que bom!”, e os três saíram em direção ao estúdio.

Depois do único corte de edição, o VT prosseguiu com Fátima Bernardes com o microfone na mão, em frente à porta aberta do estúdio, com Patrícia também no vídeo. Fátima comentou saber que Patrícia havia visitado o estúdio do JN, “quase como turista”, quando morava em Nova Iorque. E perguntou se ela havia feito uma foto na bancada do telejornal. Patrícia disse que não e que, nos cinco anos em que frequentou a redação do JN para fazer a chamada ao vivo do Fantástico aos sábados, também nunca havia subido ao estúdio. As duas, então, entraram no estúdio, onde Fátima foi mostrando e explicando tudo para Patrícia:

Fátima: Aqui é o nosso estúdio. Nós temos quatro câmeras. Uma é a grua, que mostra a redação e a equipe trabalhando.

Patrícia: A da abertura.

Fátima: Da abertura, do encerramento. A câmera 2, que é a minha e agora sua câmera. A (câmera) 1, que é do William, e a câmera 3, que mostra os dois ao mesmo tempo. Essa câmera passou a ser muito usada desde que houve uma mudança na forma de se escrever as cabeças do Jornal Nacional, para que elas ficassem o mais próximo possível do jeito que as pessoas falam.

Patrícia: Mais coloquial.

Fátima: Um tom mais coloquial. Então passou a ser a conversa entre os dois apresentadores e o público. Então quase sempre ela é que vai estar aí.

Patrícia: Essa câmera então é pra esses momentos e também passagem de bloco, não é isso?

Fátima: Passagem de bloco. Todas as entrevistas com repórteres na rua, ao vivo, são nesta câmera também. Em alguns momentos, ela pode estar nos dois e ir fechando só em você ou ir fechando só no William. Entendeu? Mas ela, basicamente, vai ser usada bastante no jornal todo.

Patrícia: E essa 3 vocês usam também caso vocês tenham um entrevistado aqui. [apontou para a bancada]

Fátima: Usamos para o entrevistado. Exatamente. Essa câmera 2, que é a sua, você vai olhar pra ela sempre que a gente usar aquela técnica do display, aquela aparição de números, de dados que são ilustrativos do que você está lendo. Você vai fazer pra essa câmera, que ela que vai permitir o recurso da arte, ok?

Patrícia: Maravilha. E o monitor fica aqui ao lado. [apontou para a frente]

Fátima: O monitor pra você acompanhar o jornal, sendo que você também assiste o jornal [virou para a bancada e tocou o *laptop*] aqui pela telinha. A (câmera) 1 você praticamente esquece, porque ela vai fazer tudo que faz pra você, com a 2, pro William.

Patrícia: Essa é do Bonner.

Fátima: Deixa pra ele, ele cuida dela. Então é bem simples, né, não tem muita dificuldade. Em termos operacionais aqui no estúdio é bem tranquilo, né? (BERNARDES; POETA in JN ESPECIAL, 03/12/2011)

Após as explicações, Patrícia agradeceu a aula e disse que vai tentar seguir tudo o que Fátima falou. A professora afirmou que vai dar tudo certo, a nova apresentadora agradeceu novamente, elas se abraçaram e se cumprimentaram com dois beijos no rosto. O vídeo terminou com a afirmação de Fátima de que as duas estavam “fazendo história”. Notamos que, apesar do tom professoral de Fátima no vídeo e do fato de a própria Patrícia ter agradecido pela aula, a até então aluna não mostrou dúvidas. Ao contrário, suas participações pontuais foram afirmativas – e todas confirmadas pela *expert* Fátima Bernardes. Outro detalhe que chamou a atenção foi que, enquanto Patrícia se referiu ao editor-chefe como Bonner, Fátima o chamou pelo primeiro nome três vezes, o que reforça a relação de intimidade entre eles.

Na segunda-feira, 5 de dezembro de 2011, o *blog* JN Especial teve duas postagens; a primeira delas recebeu o maior número de comentários: 783. “O último dia de Fátima Bernardes no JN” foi construída durante o dia da última edição sob apresentação de Fátima e funcionou como uma espécie de diário e também como uma chamada para o telejornal. Contou com 12 fotos, que foram sendo publicadas ao longo do dia, registrando momentos da ainda apresentadora com o marido e editor-chefe e também com a equipe: Fátima e Bonner na última reunião de pauta do JN; equipe de editores; Fátima com o cinegrafista José de Arimatéa (que fez as imagens de sua primeira e de sua última reportagens para o JN); Fátima com a camareira, pegando o último figurino para apresentação do telejornal; a equipe do camarim; Fátima se arrumando para a apresentação, com o maquiador; cortando seu bolo de despedida; subindo as escadas do estúdio; já na bancada do JN recebendo orientações e gravando a última chamada e Fátima com Patrícia Poeta minutos antes de o JN começar.

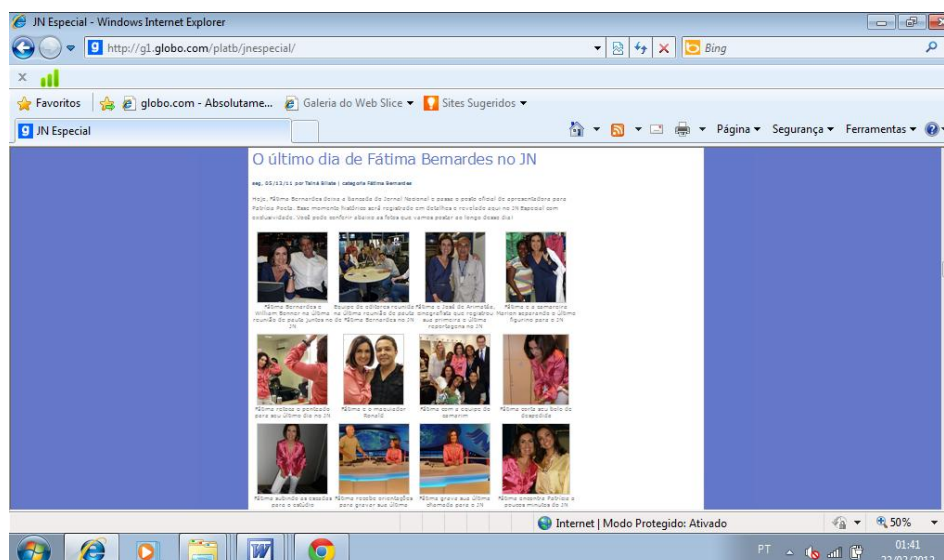


Figura 14 – *Blog JN Especial* em 5 de dezembro de 2011a

Já a segunda postagem do dia 5 de dezembro de 2011, “JN se despede de Fátima Bernardes e dá boas-vindas a Patrícia Poeta”, foi feita após o telejornal e mostrou parte do que foi veiculado, antes, no JN. O *post* contou com seis vídeos, com trechos da edição televisiva. O primeiro, de 47 segundos, compreendeu da entrada de Patrícia Poeta no estúdio até quando ela sentou-se na bancada. O segundo vídeo, de quatro minutos e 47 segundos, foi o resumo da carreira da nova apresentadora. O terceiro, com 28 segundos de duração, apresentou o resumo que Patrícia fez da própria vida. O quarto vídeo, de 54 segundos, exibiu Fátima perguntando as expectativas de Patrícia e as respostas desta. O quinto vídeo teve cinco minutos e sete segundos e mostrou os melhores momentos da carreira de Fátima. E o último vídeo, de dois minutos e 43 segundos, exibiu a parte do JN em que Fátima falou do novo programa e se despediu do público. A postagem recebeu 206 comentários.



Figura 15 – Blog JN Especial em 5 de dezembro de 2011b

O quinto e último *post* no *blog* da redação a respeito da mudança na apresentação do JN foi veiculado em 6 de dezembro, “O primeiro dia de Patrícia Poeta no JN”. A publicação também funcionou como uma espécie de diário, uma vez que entrou na rede durante o dia e divulgou vários momentos da nova apresentadora antes da estreia.

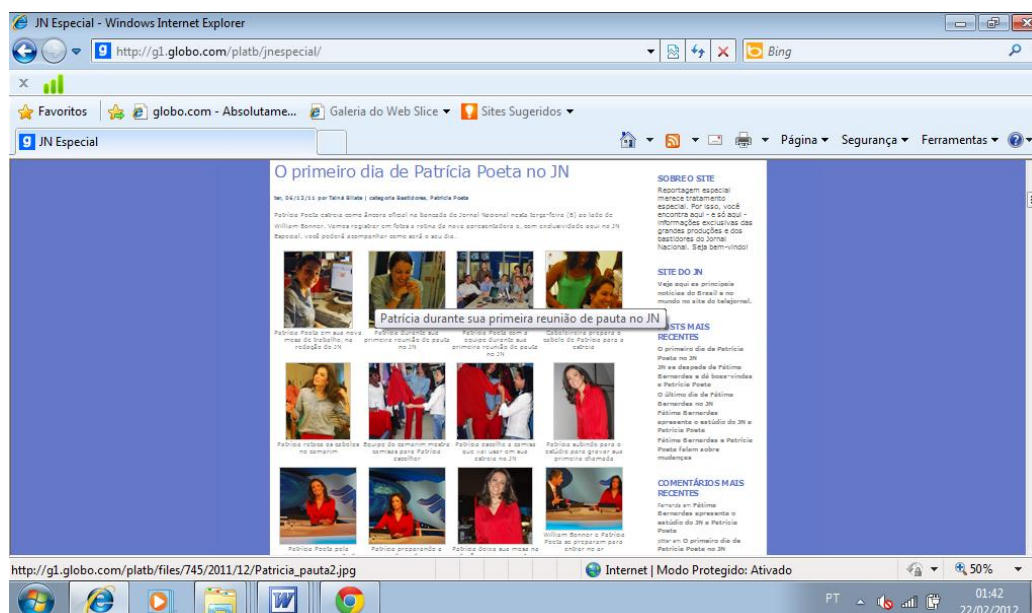


Figura 16 – Blog JN Especial em 6 de dezembro de 2011

O material contou com a inserção de 12 fotos: Patrícia em sua nova mesa de



trabalho; durante sua primeira reunião de pauta no JN; com a equipe de editores; com a cabeleireira, retocando os cabelos no camarim; duas fotos escolhendo o figurino da estreia; subindo para o estúdio; na bancada, preparando para gravar a chamada da edição; deixando sua mesa para ir apresentar o JN e já na bancada, junto com Bonner, momentos antes de entrar no ar. Oitenta e um internautas comentaram a postagem.

Ainda no *site* do Jornal Nacional, só que desta vez na seção sobre a história do telejornal, às 15h50 do dia 8 de dezembro de 2011 foi inserida a informação sobre a mudança de apresentadora. O título do resumo do ano de 2011 foi definido como “Mudança na bancada”, e o texto informou: “E após quase 14 anos ao lado de William Bonner na bancada, Fátima Bernardes anuncia que deixa o posto para assumir um novo programa na Rede Globo. Sua sucessora, Patrícia Poeta, foi recebida no estúdio no dia da despedida”. Junto com o texto foi postado um vídeo de 15 minutos e cinco segundos<sup>62</sup> de duração, com a íntegra do último bloco do Jornal Nacional veiculado no dia 5 de dezembro, quando Fátima Bernardes cedeu seu lugar na bancada para Patrícia Poeta.



Figura 17 – Site do Jornal Nacional – Seção História

O *blog* JN Especial foi, portanto, mais um importante instrumento na tarefa de informar/preparar a substituição de apresentadora no Jornal Nacional. E, mais do que dar as informações, o *blog* fez isso de forma humanizada, com materiais exclusivos e

<sup>62</sup> Apesar de ser o mesmo material exibido no último bloco do JN do dia 5 de dezembro de 2011, na edição televisiva ele teve 15 minutos e 23 segundos de duração, contando com a vinheta de abertura de bloco, enquanto na versão para internet o material teve 15 minutos e cinco segundos.

mostrando um pouco dos bastidores do próprio JN. Também consideramos as postagens relevantes no processo de divulgar a imagem da nova apresentadora, o que, a nosso ver, contribuiu para amenizar o impacto e o estranhamento com a saída de Fátima Bernardes, após 14 anos ao lado do marido William Bonner na bancada do telejornal líder de audiência no Brasil.

## 5.2) A REPERCUSSÃO NA MÍDIA

“Fátima, saudade é um sentimento  
que quando não cabe no coração, escorre pelos olhos”.  
(Ronan, via internet)

A saída de Fátima Bernardes do Jornal Nacional repercutiu intensamente na mídia. No item anterior, abordamos como o assunto foi tratado no próprio telejornal e no *blog* da redação do JN – ou seja, como foram o anúncio e o tratamento oficiais da notícia no âmbito do programa e seu *site*/portal. Agora, vamos estudar como a substituição de apresentadora foi divulgada em outros meios e veículos, como jornais impressos, revistas semanais e *sites*. Uma coisa é certa: a troca teve tratamento de notícia impactante, acontecimento midiático, sendo informada e comentada de forma massiva.

A substituição de apresentadora no Jornal Nacional começou a ser divulgada na internet no dia 30 de novembro de 2011, véspera do anúncio oficial. O portal Folha.com postou, às 21h31, no *site* de entretenimento F5, notícia sob o título “Fátima Bernardes deve deixar o ‘Jornal Nacional’”. Nela, a colunista Mônica Bergamo informou: “A apresentadora Fátima Bernardes, 49, deve deixar a bancada do ‘Jornal Nacional’. A Folha apurou que ela alega cansaço na função. O anúncio pode ser feito em breve.” (FOLHA.COM, 30 de novembro de 2011, 21h31). A notícia dava conta que a saída de Fátima ainda não havia sido confirmada por representantes da cúpula da TV Globo e disponibilizava dois *links*, um para uma galeria de fotos da apresentadora e o outro sobre a carreira de Fátima Bernardes. O texto tinha ainda uma foto de Fátima e Bonner abraçados e sorrindo, na redação do JN.

UOL | Assine | 2003 735 3200 | SAC | Bate-papo | E-mail | E-mail Grátis | Notícias | Esporte | Entretenimento | Estilo | Rádio

FOLHA.COM | Notícias | ASSINE A FOLHA | Busca | | folha.co

F5

O site de entretenimento da Folha

televisão | bichos | humanos | celebridades | horóscopo | colunistas | estranho! | eu | #fofices | fotos

televisão

**Fátima Bernardes deve deixar o "Jornal Nacional"**

Recomendar (206) | Curtir (31 mil) | Tweet (284) | +1 (1)

30/11/2011 - 21h31  
MÔNICA BERGAMO  
COLUNISTA DA FOLHA

A apresentadora Fátima Bernardes, 49, deve deixar a bancada do "Jornal Nacional". A Folha apurou que ela alega cansaço na função. O anúncio pode ser feito em breve.

Procurado, o diretor da Central Globo de Jornalismo, Ali Kamel, disse em um primeiro momento que não estava ouvindo direito a ligação.

Veja galeria de fotos de Fátima Bernardes  
Fátima Bernardes começou carreira como repórter no jornal "O Globo"

Em seguida, sua secretária ligou para a reportagem. Disse que ele estava numa reunião com a cúpula da empresa e que, por isso, não poderia conversar.

O diretor da Central Globo de Comunicação, Luis Erlanger, também não retornou os telefonemas. Seu secretário disse que ele estava em um compromisso importante e, por isso, incommunicável.

Fátima Bernardes entrou para a TV Globo em 1987. Ela passou pelo "RJT", "Jornal da Globo" e "Fantástico" antes de assumir o "Jornal Nacional", em 1998, ao lado de seu marido, William Bonner, 48. Ela substituiu Lillian Witte Fibe na bancada.

Fátima e Bonner são pais dos trigêmos Vinícius, Beatriz e Laura, que nasceram em 1997.

28 Paulo Cardozo/TV Globo

resumo das nove

Siga agora o

F5 no Facebook  
Curtir  
22.555 pessoas curtiram F5.

Daniela All festa da R. compras

Fátima Ber o "Jornal N

Figura 18 – Folha.com, 30 de novembro de 2011, 21h31

Mais tarde, já à 1h35 minutos do dia 1º de dezembro, a Folha.com noticiou que Fátima teria um programa próprio nas manhãs da TV Globo e que “quatro estrelas de outras atrações da emissora estão envolvidas na produção, que ainda não tem nome definido” (FOLHA.COM, 1º de dezembro de 2011, 1h35). A postagem continha outra fotografia de Fátima e Bonner sorrindo, desta vez na bancada do JN, e informava que a mudança deveria ser anunciada pela Globo, em coletiva.

Também na noite do dia 30 de novembro de 2011, às 22h15, o *site* Exame.com noticiou a saída de Fátima do JN, mas baseou-se na postagem da Folha.com. O mesmo fez o portal Terra, às 3h41 do dia 1º de dezembro de 2011. Ao lado de uma foto de Fátima que havia sido publicada em maio do mesmo ano na Revista Cláudia (que avaliamos no item 4.3.1), o texto creditava a informação à colunista Mônica Bergamo, do Grupo Folha.

No dia 1º de dezembro de 2011, nas bancas de jornal, O Dia exibiu, em sua capa, uma foto de Fátima Bernardes, com um meio sorriso e braços cruzados, na bancada do

Jornal Nacional. Embaixo, a manchete anunciava: “Fátima vai deixar o ‘Jornal Nacional’”. Em seguida se inseria a chamada

Dona de enorme carisma e muito querida do público, a jornalista Fátima Bernardes está cansada do ritmo de trabalho do ‘JN’ e deve deixar em breve a bancada que divide com o marido, William Bonner. Para o lugar de Fátima, o nome mais forte é o de Patrícia Poeta, apresentadora do ‘Fantástico’. (O DIA, p. 1, 1º de dezembro de 2011)



Figura 19 – Capa do Jornal O Dia, 1º de dezembro de 2011

Dentro do jornal O Dia, a notícia foi dada na coluna de Leo Dias, sob o título “Fátima Bernardes vai deixar a bancada do Jornal Nacional”. O colunista informou que a Globo anunciaria a mudança naquele dia, em entrevista coletiva. E que o motivo da saída de Fátima seria o cansaço, devido ao ritmo pesado de trabalho. “Fátima tem dado claros sinais de exaustão depois de 13 anos. Em março deste ano, ela ficou dois dias afastada do jornalístico por causa de uma dor de garganta. A bailarina, criada no Méier, virou queridinha do Brasil ao ser eleita musa da Copa de 2002 [...]” (O DIA, p. 54, 1º de dezembro de 2011). Leo Dias informou ainda que Patrícia Poeta era o nome mais forte para assumir a bancada do JN e que “[...] a história sobre a saída de Fátima Bernardes se arrasta há tempos, mas vinha sendo guardada a sete chaves pela alta cúpula da Globo” (O DIA, p. 54, 1º de dezembro de 2011).

A Globo.com noticiou a substituição de apresentadora no Jornal Nacional às 10h56, quando estava sendo realizada a coletiva para a imprensa. A manchete do portal,

abaixo de fotos de Fátima e Patrícia, anunciou: “Fátima Bernardes comandará novo programa e Patrícia Poeta assume JN”.



Figura 20 – Globo.com, 1º de dezembro de 2011, 10h56

Já o texto informou:

Acostumado a dar notícias, o Jornal Nacional, o telejornal de maior audiência da TV brasileira, está sendo notícia nesta quinta-feira (1), quando a TV Globo anuncia uma mudança importante em sua bancada. Após quase 14 anos, Fátima Bernardes deixará o JN para, segundo suas próprias palavras, realizar um novo sonho: fazer um programa que já tem seu formato definido e que entrará na grade da TV Globo em 2012. Sua substituta no telejornal será Patrícia Poeta, que está no Fantástico há quase cinco anos. No lugar de Patrícia, assumirá a jornalista Renata Ceribelli, que já apresenta ocasionalmente o Fantástico. (GLOBO.COM, 1º de dezembro de 2011, 10h56)

A notícia continha ainda a informação de que Fátima apresentaria o Jornal Nacional até a segunda-feira seguinte, 5 de dezembro de 2011, quando haveria uma edição especial e Patrícia Poeta seria chamada à bancada pela primeira vez. Apresentava ainda trechos de entrevistas das apresentadoras e do editor-chefe do JN, William Bonner. Este afirmou que a escolha de Patrícia havia sido um consenso entre a direção da Globo e a redação do telejornal. E envolveu o público na mudança:

O JN é um programa que faz parte da vida dos brasileiros há quatro décadas. Todas as mudanças por que passou nesse período foram em sintonia com o público. Por isso, o JN não muda – até porque o perfil da sucessora da

Fátima está perfeitamente alinhado com as qualidades que se exigem de quem ocupe um lugar na bancada. (BONNER in GLOBO.COM, 1º de dezembro de 2011, 10h56)

Já Fátima Bernardes fez um resumo de sua atuação de 13 anos e nove meses como editora executiva e apresentadora do Jornal Nacional:

Eu tive o privilégio de cobrir os grandes assuntos nacionais e internacionais. Cresci muito profissionalmente. Vi o JN também se transformar. Vi nossa bancada passar a receber convidados que seriam entrevistados por nós. Impossível descrever a emoção, a tensão, a responsabilidade de entrevistar ao vivo, diante dos ouvidos e olhos atentos de milhões de telespectadores, os candidatos à presidência do Brasil. Saí do estúdio sempre que a notícia exigiu. Vi o Brasil ser penta no futebol. Logo eu que amo esse esporte. Sempre tive consciência de que estava trabalhando no mais importante telejornal do Brasil, no mais visto. Eu fui muito feliz e, o melhor, eu sabia. Eu só posso agradecer, muito, pelo carinho com que os telespectadores sempre me recebem por onde quer que eu passe. A torcida para que a minha vida pessoal e profissional dê certo. Eu sinto isso nos olhares, nos sorrisos, nos abraços e beijos que ganho pelas ruas. E aproveito pra já pedir que tenham paciência e que me aguardem, porque vou voltar cheia de gás e de novidades para o nosso reencontro no ano que vem. (BERNARDES in GLOBO.COM, 1º de dezembro de 2011, 10h56)

A postagem da Globo.com apresentou também *links* para as trajetórias das três apresentadoras envolvidas na mudança: Fátima Bernardes, Patrícia Poeta e Renata Ceribelli.

Às 11h06 o portal UOL publicou “Fátima Bernardes fica no ‘Jornal Nacional’ até segunda-feira (5); Patrícia Poeta a substituirá”. A reportagem, dando as mesmas informações das publicações anteriores, foi ilustrada por uma série de fotografias, com caras e bocas de Fátima; de Patrícia; das apresentadoras com Bonner e também de Renata Ceribelli.

Artistas de A-Z | Celebidades | Cinema e Filmes | Humor | Guia Cultural | Música | **Televisão e Novelas**

**UOL**  
01/12/2011 - 11h06 / Atualizada 01/12/2011 - 12h10

**Fátima Bernardes fica no "Jornal Nacional" até segunda-feira (5); Patrícia Poeta a substituirá**

CARLA NEVES  
DO Rio

A apresentadora Fátima Bernardes sairá do Jornal Nacional, anunciou a Rede Globo em coletiva realizada no Rio de Janeiro na manhã desta quinta-feira (1). Patrícia Poeta, atualmente no Fantástico, substituirá a jornalista, que fica no jornal até a próxima segunda-feira. "Eu vou continuar com funções jornalísticas. Mas não vou anunciar detalhes desse projeto por uma questão estratégica. A gente vai se reunir em outro momento para mais detalhes do programa", revelou a jornalista.

**Fátima Bernardes anuncia sua saída do Jornal Nacional** Ver em tamanho maior



Fátima apresentará um programa que ainda está sendo mantido sob sigilo e que entrará na grade em 2012. No lugar de Patrícia Poeta, no Fantástico, ficará a jornalista Renata Ceribelli, que já apresenta ocasionalmente o programa.

"O que está acontecendo aqui hoje remonta quatro anos, quando a Fátima Bernardes me procurou para falar sobre o projeto de um programa para apresentar na grade da Globo. E ela de fato queria investir no projeto, porque em 2009, ela foi mais incisiva: vamos marcar uma data?", contou Carlos Henrique Schroder, diretor geral de Jornalismo e Esporte da Rede Globo.

Como 2010 seria um ano de Copa do Mundo e de Eleições Presidenciais, Schroder pediu à Fátima que continuasse mais um ano na bancada do "JN". "Combinamos que em abril deste ano, ela trouxesse o projeto pronto. E ela trouxe um projeto sensacional. O Otávio (Floriberto) aprovou a ideia de levá-lo para a grade do ano que vem. Não diremos ainda o horário nem a periodicidade do programa", explicou.

No "JN" desta quinta-feira, Fátima e William vão anunciar que Fátima deixará a bancada do telejornal e será substituída por Patrícia Poeta. Na edição da próxima

Figura 21 – Portal UOL, 1º de dezembro de 2011, 11h06

Um pouco mais tarde, às 11h15, foi o Portal Terra que noticiou: “TV Globo confirma saída de Fátima Bernardes do ‘Jornal Nacional’”.

A Globo.com publicou uma versão mais completa da notícia às 14h35, com o título “Fátima Bernardes e Patrícia Poeta comentam as mudanças no JN”. Nela, o diretor geral de Jornalismo e Esporte da TV Globo, Carlos Henrique Schroder, revelou que apesar de Fátima o ter procurado para falar do novo projeto, pela primeira vez, há quatro anos, em 2009 ela havia sido mais incisiva, quando havia pedido para marcarem uma data para a mudança. Disse ainda que em 2010 havia sido fácil manter Fátima no JN, “porque foi ano de Copa do Mundo e de eleições. Mas em abril deste ano ela me apresentou ideias mais concretas. E percebemos que não seria mais possível ela se dividir fazendo as duas coisas” (SCHRODER in GLOBO.COM, 1º de dezembro de 2011, 14h35). Já Bonner se dizia “emocionado” com as mudanças:

É um momento especial para o telejornalismo da TV Globo, para o telejornalismo brasileiro. Estou muito emocionado, porque não é a toda hora que isso acontece. [...] Óbvio que eu tomei um susto absurdo, mas sei que quando a Fátima põe uma ideia na cabeça, não é algo fácil de mudar depois. E essa ideia entrou na cabeça e no coração da Fátima de tal maneira que o tempo foi passando e as menções ao projeto novo foram se tornando cada vez mais frequentes. E o projeto em si se tornando cada vez mais concreto, bonito e mais interessante. (BONNER in GLOBO.COM, 1º de dezembro de 2011, 14h35)

O mesmo Bonner, em sua conta no *twitter*, fez 22 postagens a respeito da saída de Fátima do JN no período de 1º a 10 de dezembro de 2011, além de *retwittar* seis *tweets* de jornalistas e telejornais da TV Globo sobre o assunto, sem contar alguns *posts* de seus seguidores. Na véspera do anúncio da troca de apresentadora do JN, no dia 30 de novembro, Bonner não deu qualquer pista a respeito da novidade. Já após o anúncio oficial, seu primeiro *tweet* teve apenas a palavra “Almoço!” e uma foto de Fátima e Patrícia em um restaurante. Em seguida, Bonner informou que Fátima estava apresentando o estúdio do JN a Patrícia Poeta, que haveria no telejornal uma reportagem feita pela própria Fátima sobre as mudanças e que Fátima estava ao seu lado agradecendo o carinho recebido: “Fátima ao meu lado, agradecendo, agradecendo, agradecendo. É muita torcida pro sucesso desse sonho. Bom demais. Agradeço o carinho também”. Ainda no dia 1º de dezembro de 2011, Bonner *twittou* que esperava que toda a manifestação de carinho incentivasse Fátima a entrar no *twitter* e que havia conversado com a mulher a respeito disso e ela estava pensando a respeito. O último *tweet* do dia foi a respeito da gravação do piloto com a nova apresentadora do JN: “Dona Fátima acaba de sair do estúdio, mas o tio fica. É hora de gravar o primeiro piloto com a Patrícia”.

No dia 2 de dezembro de 2011, Bonner fez apenas um comentário sobre o assunto no *twitter*, respondendo a uma seguidora sobre até quando Fátima estaria na bancada do Jornal Nacional. No dia 3 de dezembro, Bonner postou, fazendo referência à saída de Fátima com o objetivo de ter um programa próprio na Globo: “Meu *tweet* número 8000 é pra lembrar que não há sucesso possível para quem aprisione um sonho profissional. Esta é a mensagem maior”. Depois, no dia 4, postou um *link* para a revista norte-americana *Forbes*, especializada em finanças, que noticiou a substituição de apresentadora no JN e aventou se Fátima, chamada de “profissional respeitada” e “grande celebridade”, poderia tornar-se uma espécie de Oprah Winfrey brasileira – o título da reportagem foi “The ‘next Oprah’ could be brazilian” (“A ‘nova Oprah’ pode ser brasileira”).





Figura 22 – Site da revista norte-americana *Forbes*, 4 de dezembro de 2011

Na segunda-feira, 5 de dezembro de 2011, Bonner *twittou* um *link* para o *blog* da redação do JN, especificamente para o material sobre o último dia de Fátima Bernardes no telejornal. A seguir, disse que as homenagens às duas apresentadoras, que seriam exibidas na edição da noite do JN, estavam muito emocionantes. E depois incitou seus seguidores: “Quem vai se emocionar com as homenagens do JN à Patrícia Poeta e à Fátima Bernardes diga EU!”. Depois fez contagem regressiva de 20 segundos para o início do telejornal e acrescentou “Já já, Patrícia e Fátima juntas na bancada do #JN. E o tio também, claro” e “Leños ao alcance da mão”. No dia 6 de dezembro, comentou que Patrícia Poeta havia estreado bem na bancada do Jornal Nacional. No dia 10 de dezembro, publicou duas fotos da mulher. Juntamente com a expressão “Que semana!”, a fotografia de Fátima, no alto do mezanino onde fica o estúdio do JN, acenando com as mãos e os integrantes da redação do telejornal, de pé, aplaudindo-a.



Figura 23 – Foto publicada por Bonner no *twitter* em 10 de dezembro de 2011a

E ao lado de “Que momento!”, uma foto de Fátima e Patrícia, na redação do jornal, lendo cartões enviados com buquês de flores.



Figura 24 – Foto publicada por Bonner no *twitter* em 10 de dezembro de 2011b

Entre as mensagens que Bonner *retwittou* sobre a troca de apresentadora, destacamos duas da jornalista Ana Paula Brasil<sup>63</sup>, com fotos do casal e de Fátima deixando a redação no dia 5 de dezembro. E três do próprio Jornal Nacional, com *links* para o vídeo, no *blog* da redação, de Fátima apresentando o estúdio para Patrícia, para o bloco do JN que homenageou as apresentadoras e para o material do mesmo *blog* a

<sup>63</sup> Posteriormente, foi tornada pública a informação de que a jornalista Ana Paula Brasil integra a equipe do novo programa de Fátima Bernardes.

respeito do primeiro dia de Patrícia. Bonner publicou outros *tweets* nesse período, relativos a outros assuntos. No dia 30 de dezembro ele deixou sua mensagem de fim de ano para os seguidores, com uma fotografia dele e de Fátima, abraçados e sorrindo, com os figurinos da última edição do Jornal Nacional que apresentaram juntos. A mensagem foi: “Tropa, a gente se vê em 2012. Obrigado pelo carinho, pela torcida, pela confiança”.

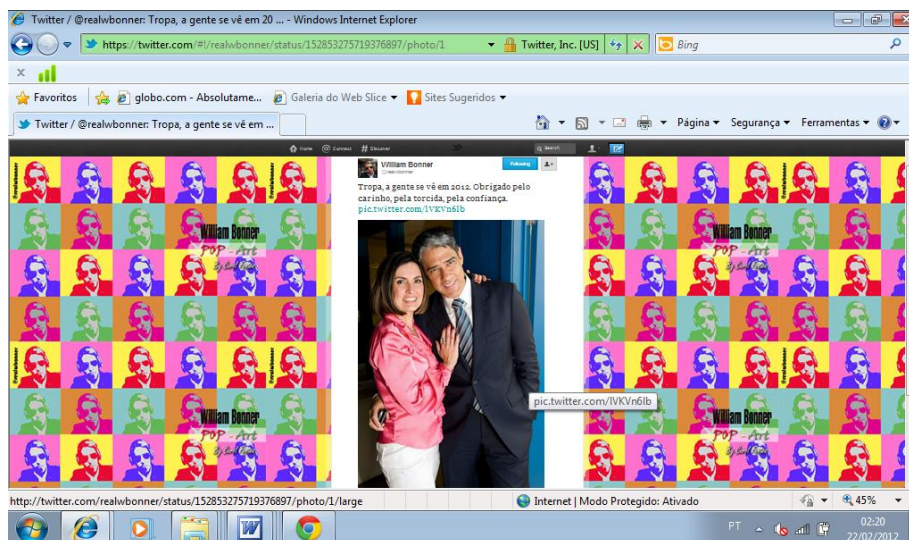


Figura 25 – Foto publicada por Bonner no *twitter* em 30 de dezembro de 2011

Durante todo o dia 1º de dezembro, as novidades foram amplamente noticiadas e comentadas na internet. E, no dia seguinte, nos jornais de circulação diária. Citamos um deles, o Meia Hora, de perfil bastante popular, dirigido às classes C e D, que estampou em sua primeira página a seguinte manchete: “Fátima abandona Bonner e vai fazer programa”. Abaixo da manchete, em letras bem menores, a informação “Apresentadora mais amada do Brasil deixa bancada do ‘JN’ para comandar novo programa da Globo”, com uma foto de sorridentes Fátima e Bonner. Também na primeira página do Meia Hora, era possível ver uma foto grande de Bárbara Evans, filha de Monique Evans, nua.



Figura 26 – Capa do Jornal Meia Hora de 1º de dezembro de 2011

Nos dias seguintes ao anúncio da saída de Fátima Bernardes do Jornal Nacional, o *site* da Revista Quem, hospedado no portal Globo.com, fez uma ampla cobertura do assunto. Entre as reportagens publicadas, destacamos algumas. O *site* noticiou que a saída da apresentadora repercutiu também internacionalmente, citando o artigo da revista *Forbes*. Em outro material, a *Quem Online* reproduziu imagens publicadas por Bonner em seu *twitter*, com momentos da despedida da mulher do JN. Entre eles, Fátima com um buquê de flores nas mãos e ao lado do marido. Na reportagem “Fátima Bernardes se despede dos colegas do ‘Jornal Nacional’” foi mostrada uma fotografia da apresentadora, curvada, como que fazendo uma reverência, na beirada do mezanino onde fica o estúdio do JN, sendo aplaudida pela equipe do telejornal, embaixo, na redação<sup>64</sup>.

A *Quem Online* veiculou ainda trecho de uma entrevista feita com Fátima Bernardes, que foi publicada na íntegra na edição impressa da revista<sup>65</sup>. No primeiro dia depois da saída da apresentadora do JN o *site* da revista publicou “Fátima Bernardes curte folga no shopping após deixar bancada do ‘Jornal Nacional’”, com a inserção de seis fotos da jornalista em uma livraria. No dia 7 de dezembro de 2011, veiculou

<sup>64</sup> Fotografia bem parecida com a que havia sido publicada por Bonner no *twitter* e que nós reproduzimos na Figura 23 desta seção.

<sup>65</sup> Comentaremos essa entrevista mais à frente, quando estivermos tratando da repercussão da saída de Fátima Bernardes em revistas.

reportagem feita na noite anterior, com seis fotos e um vídeo sobre a entrega do prêmio Quem 2011 a Fátima Bernardes, vencedora na categoria Melhor Jornalista. Ela estava sorridente em todas as fotos e, em três delas, ao lado do marido. Na matéria, Fátima revelou ter assistido à estreia de Patrícia Poeta no JN: “Gostei muito da Patrícia Poeta. Ela estava à vontade e aquele já é seu ofício” (BERNARDES in QUEM ONLINE, 0h57, 7 de dezembro de 2011).

A Revista da TV do jornal O Globo de 4 de dezembro de 2011 trouxe Fátima Bernardes na capa, com a manchete “Para onde vai você, Fátima Bernardes?”.



Figura 27 – Capa da Revista da TV (O Globo) de 4 de dezembro de 2011

Na reportagem, a apresentadora afirmou que a motivação para a mudança foi puramente profissional e que os filhos só ficaram sabendo da novidade no dia 1º de dezembro, quando foi tornada pública. Disse também que se sentia leve com a saída do JN: “O público me acolhe. Ter a possibilidade de não ter que me preocupar com a notícia, que no caso do jornal de *hard news* é tão importante que qualquer outra coisa soa como ruído, já é um alívio” (BERNARDES in REVISTA DA TV/O GLOBO, p. 12, 4 de dezembro de 2011). A jornalista revelou, ainda, ter tido medo de não conseguir espaço na Globo para um programa próprio. E mais: “O melhor elogio pra mim é alguém dizer: ‘Você é exatamente como eu imaginava’. [...] A minha vida é verdadeira, é exatamente como ela é. É muito bom a gente ser como a gente é” (BERNARDES in

REVISTA DA TV/O GLOBO, p. 13, 4 de dezembro de 2011). A mesma Revista da TV de O Globo publicou reportagem feita com Patrícia Poeta, em que a nova apresentadora admitiu que terá que adaptar seu estilo às necessidades do JN. Ela também comentou sobre a mudança de seu figurino, informando a troca dos vestidos usados no Fantástico por roupas mais tradicionais.

Na terça-feira, 6 de dezembro de 2011, o jornal Extra, que integra as Organizações Globo, publicou a seguinte manchete: “Boa noite, Patrícia Poeta. Bom dia, Fátima Bernardes”.



Figura 28 – Capa do Jornal Extra de 6 de dezembro de 2011

A reportagem informou que o programa que Fátima comandará irá substituir a TV Globinho nos dias de semana. Também comentou a edição especial do JN na noite anterior, a última apresentada por Fátima Bernardes, que contou com Patrícia Poeta na bancada no bloco final. O Extra revelou detalhes dos bastidores do último JN de Fátima, informando que, ao fim do Jornal Nacional, “a emoção rolou solta nos bastidores. A redação do telejornal bateu palmas de pé para Fátima, que [...] não conteve as lágrimas. Depois, ela, Bonner e Patrícia desceram e se juntaram aos colegas em uma confraternização” (EXTRA, p. 5, 6 de dezembro de 2011). A matéria noticiou, ainda, que a troca de apresentadoras foi amplamente discutida nas redes sociais e que dos dez assuntos mais comentados no *twitter*, cinco foram a respeito do JN.

A mudança de apresentadora no Jornal Nacional também foi alvo de comentários de colunistas, críticos e articulistas. No dia do anúncio da mudança, Mauricio Stycer, colunista de TV do UOL, escreveu “Troca de Fátima Bernardes por Patrícia Poeta é tão importante quanto a escolha da próxima ‘Gabriela’”, no qual afirmou que, no modelo de noticiário que segue o JN, não faz diferença quem lê as notícias:

Os índices de audiência do “Jornal Nacional”, mesmo menos relevantes do que há 15 anos, ainda justificam o interesse causado pelos apresentadores do “Jornal Nacional”. Mas é uma curiosidade do mesmo tipo que gera a escolha da atriz que fará o papel principal em “Gabriela”. Bonner e Fátima estão hoje na esfera do show-business, são figuras frequentes nas revistas e sites de celebridades. E este é o destino reservado a Patrícia Poeta, que assumirá o lugar da colega. (STYCER in UOL, 11h10, 1º de dezembro de 2011)

O jornalista Rodrigo Vianna, na seção Radar da mídia, em seu *blog* Escrevinhador, postou “Ali Kamel X Amauri Soares – Bastidores da troca no ‘JN’” no dia 1º de dezembro de 2011, às 15h15. Ao contrário de Stycer – que, inclusive, é chamado por ele de “aparentemente mal informado” –, Vianna afirmou que a troca de Fátima por Patrícia tem grande significado dentro da própria Globo. Para ele, o fato de Patrícia Poeta ser mulher de Amauri Soares, diretor de eventos e projetos especiais da TV Globo, significa que o mesmo está ganhando poder, ao contrário de seu inimigo Ali Kamel, diretor da Central Globo de Jornalismo. Vianna também apontou a substituição como estratégia televisiva para aumentar a audiência: “Fátima Bernardes deve comandar um programa matutino na Globo. As manhãs são hoje o principal calcanhar de Aquiles da emissora carioca. A Record ganha ou empata todos os dias”. (VIANNA in ESCREVINHADOR, 15h15, 1º de dezembro de 2011).

Alberto Dines, por sua vez, escreveu “Jornalismo Fantasia – Bem-vinda, Patrícia; até já, Fátima”, publicado no Observatório da Imprensa em 6 de dezembro de 2011. No artigo, o jornalista fez críticas ao JN especial da noite anterior, a edição em que Fátima passou a cadeira na bancada à Patrícia.

A tocante cerimônia do adeus da deslumbrante apresentadora Fátima Bernardes e a apresentação da sucessora não menos deslumbrante, Patrícia Poeta, devidamente mediada pelo chefe, o irresistível William Bonner, foi uma obra-prima de sentimentalismo [...]. A pieguice correu solta, desinibida, porque havia uma semana a mídia em uníssono decidira entregar-se a esse maravilhoso conto de fadas. (DINES, 2011, in OBSERVATÓRIO DA IMPRENSA, 6 de dezembro de 2011)

Comparando o telejornal a um folhetim, o jornalista classificou o JN como “o ‘telejornal da família brasileira’, a sobremesa espiritual perfeita para o jantar de uma sociedade amena, sossegada, onde tudo se ajeita no capítulo final” (DINES, 2011).

Já Marcelo Tas publicou, em sua coluna na IstoÉ, um texto intitulado “O mundo não vai acabar. O mundo já acabou porque...” Nele, o colunista, também apresentador do programa CQC, na Rede Bandeirantes, listou diversos motivos pelos quais poderia dizer que o mundo acabou. Um deles foi “Fátima Bernardes deixou o ‘Jornal Nacional’ para fazer um programa com a turma do ‘Casseta & Planeta’”, referindo-se à informação (posteriormente confirmada) de que Cláudio Manoel, integrante do Casseta & Planeta, estaria envolvido na produção do novo programa de Fátima Bernardes.

Outro comentário que consideramos relevante foi postado no Comunique-se no dia 19 de dezembro de 2011 e foi relativo à entrevista dada pelo ex-diretor geral da Rede Globo, José Bonifácio de Oliveira Sobrinho, o Boni, à jornalista Marília Gabriela em seu programa Sem Censura, no SBT. Segundo a publicação, “questionado sobre a recente troca de apresentadoras do ‘Jornal Nacional’, Boni considerou que a decisão de deixar o noticiário foi da própria Fátima. Em relação ao desempenho de Patrícia Poeta [...] elogiou o trabalho da jornalista. ‘Está fazendo tudo direitinho’” (BONI in COMUNIQUE-SE, 12h32, 19 de dezembro de 2011). O que mais chamou a atenção, no entanto, foi a afirmação de Boni de que não gosta de casais apresentando telejornais:

[...] Boni disse que é estranho ver marido e mulher à frente de um telejornal. “Quando os vejo se virando, trocando olhares e dizendo algo, eu penso ‘por que não comentaram isso em casa?’, comentou. Ainda em relação ao formato, o ex-diretor global fez mais uma análise. “É como ter o mordomo casado com a cozinheira”. (COMUNIQUE-SE, 12h32, 19 de dezembro de 2011)

Boni revelou ainda ter sido contrário à decisão do então diretor de Jornalismo da Globo, Evandro Carlos de Andrade, que, em 1996, escolheu Bonner e Fátima para apresentarem o JN. Mas admitiu que a estratégia deu certo para a emissora.

Apresentamos, a partir de agora, como foi a repercussão da saída de Fátima Bernardes do Jornal Nacional em revistas impressas. A Veja que chegou às bancas no dia 7 de dezembro de 2011 trouxe uma foto pequena de Fátima Bernardes em sua capa, no canto superior direito, com o título “Televisão – O que muda com a saída de Fátima Bernardes do JN”. No índice da revista semanal, uma foto de Fátima e Patrícia Poeta no cenário do telejornal chamava para a reportagem. Dentro da revista, uma foto de página



inteira de William Bonner ladeado pelas duas apresentadoras – os três sorrindo – e o título “Eterno enquanto dure”, seguido do texto “Como foram os bastidores da separação, só profissional, de Fátima e Bonner. Ele chorou e a Globo resistiu, mas ela bateu o pé: terá um programa matinal próprio”. Na matéria de três páginas, Bonner revelou que cedeu à pressão da mulher, pela primeira vez, no dia 1º de janeiro de 2011: “Como chefe, não podia concordar. Como marido, não tinha alternativa a não ser apoiá-la” (VEJA, 7 de dezembro de 2011, p.135). Já Fátima negou especulações a respeito da separação do casal ser para além da bancada do JN. A reportagem confirmou dados obtidos nesta pesquisa por meio da análise do telejornal:

Seguindo desejos detectados por pesquisas de opinião, Fátima e Bonner nos últimos anos imprimiram um ar cuidadosamente mais informal à apresentação das notícias. Passaram a se olhar e conversar mais e a se dirigir aos telespectadores de maneira mais pessoal. Um novo instrumento de comunicação, o Twitter, aproximou Bonner de uma faixa etária mais jovem. Até a cor de suas gravatas virou motivo de brincadeira em rede. (VEJA, 7 de dezembro de 2011, p.135)

Veja revelou ainda que o novo programa de Fátima estaria sendo inspirado em dois norte-americanos, *Good Morning America* e *Oprah Winfrey Show*, para tentar recuperar a audiência da Globo nas manhãs<sup>66</sup>. E que, ao contrário de Fátima, Bonner renovou seu contrato no Jornal Nacional até o ano de 2018 e que ele “achava que Fátima deveria fazer o mesmo, argumentando, com razão, que formam o ‘casal-símbolo’” (VEJA, 7 de dezembro de 2011, p.136). Fátima, por sua vez, admitiu não ter sido fácil abdicar da bancada do JN: “Sei que estava na posição mais cobiçada do telejornalismo brasileiro. Por muito tempo, tive até vergonha de assumir a vontade de ter um novo programa” (VEJA, 7 de dezembro de 2011 p.136). Sobre a escolha de Patrícia Poeta para formar dupla com Bonner na bancada do Jornal Nacional, Veja revelou que pesquisas encomendadas pela Globo para testar a aceitação da apresentadora demonstraram que ela “desperta simpatia e confiança em todas as classes sociais com atributos semelhantes aos de Fátima: é informal, elegante, independente e ‘ao mesmo tempo mãe de família’” (VEJA, 7 de dezembro de 2011, p.136).

Uma Fátima Bernardes bem mais informal, com blusa sem manga, foi capa da Revista Contigo que chegou às bancas no dia 8 de dezembro com a manchete “Entrevista exclusiva – Fátima Bernardes – ‘Vou dar uma repaginada total’ – Longe da

---

<sup>66</sup> Audiência essa que, segundo Veja, teria caído de 9,6 para 7,6 pontos entre os anos de 2006 e 2011.

bancada do JN, ela vai mudar o cabelo e adotar um estilo mais leve”. A mesma capa trouxe uma foto menor de Patrícia Poeta, com o título “Patrícia Poeta – ‘Entrei na Globo menina e virei mulher’”.



Figura 29 – Capa da Revista Contigo de 8 de dezembro de 2011

Dentro da Revista Contigo, foram sete páginas dedicadas à Fátima (“Um novo tempo – Fátima Bernardes encara desafio em 2012”) e seis à Patrícia (“‘Estou preparada’ – Patrícia Poeta na bancada do JN”). A reportagem sobre Fátima começou destacando que milhões de brasileiros já não recebiam o “boa noite” da apresentadora desde a terça-feira anterior. Em entrevista, Fátima afirmou que precisava convencer as pessoas que a separação de Bonner é apenas na bancada do JN. E que os filhos estranharam a decisão dela de sair do telejornal, porque sabiam o quanto a mãe gostava do trabalho que fazia. Revelou, ainda, que vai mudar o visual antes de voltar às telas. A reportagem teve ainda uma retrospectiva da carreira dela, com nove fotografias das trajetórias profissional e pessoal de Fátima. Já a matéria sobre Patrícia Poeta mostrou os cabelos cortados da nova apresentadora do JN e revelou que a jornalista estudou dramaturgia quando morou em Nova Iorque, na época em que era correspondente da Globo, e que o curso a teria ajudado no trabalho de jornalista.



Figura 30 – Revista Contigo de 8 de dezembro de 2011, p. 108

A revista Quem<sup>67</sup> publicada em 9 de dezembro de 2011 teve Fátima na capa, com a manchete “Os novos desafios de Fátima Bernardes”. Dentro da publicação, seis páginas foram dedicadas à reportagem sobre a já ex-apresentadora do Jornal Nacional, sob o título “O jantar com meus filhos está garantido”.



Figura 31 – Revista Quem de 9 de dezembro de 2011, p. 26

<sup>67</sup> A revista Quem também é uma das publicações do grupo Globo.

O texto lembrou que a vida pessoal de Fátima sempre foi alvo da curiosidade do público: “Suas mudanças de visual, como os cortes de cabelo, foram acompanhadas com o mesmo interesse do público, tanto quanto o casamento de 21 anos com William Bonner e o nascimento dos trigêmeos Beatriz, Laura e Vinícius, agora com 14 anos” (QUEM, 9 de dezembro de 2011, p.26). Fátima respondeu a 20 perguntas de leitores. Indagada sobre a que atribui seu sucesso profissional, ela elencou o seu trabalho, a sua dedicação, a seriedade e o respeito que tem pelo público. E admitiu que muitas vezes se emocionou ao noticiar tragédias e violências: “É impossível não se emocionar. Muitas vezes fico com a voz um pouco embargada. Até já chorei antes de a reportagem ir ao ar, mas sempre consegui chegar ao fim dos textos” (QUEM, 9 de dezembro de 2011, p. 28). A revista também apresentou uma retrospectiva da carreira de Fátima, recheada de fotografias.



Figura 32 – Revista Quem de 9 de dezembro de 2011, p. 33

Já a Revista Viva Mais de 9 de dezembro de 2011 apresentou uma foto de Fátima e Patrícia na capa, com a legenda “Patrícia Poeta e Fátima Bernardes – Amigas, elas celebram a nova fase profissional”. A reportagem de uma página comparou os momentos em que as duas apresentadoras aceitaram suas cadeiras na bancada do Jornal Nacional. Patrícia assume sua nova função no JN aos 35 anos, enquanto Fátima o fez aos 36 anos. Antes do JN, ambas trabalhavam no Fantástico. E as duas são casadas com importantes funcionários da Globo.

### 5.3) TELESPECTADORES: PRIMEIRAS IMPRESSÕES

“[...] eu acho que essa mudança mexeu na identidade do jornal, porque mexeu na apresentação, na cara do jornal”.  
(Estudante/guarda mirim de 16 anos)

Entendemos que, para uma mudança como essa ser melhor absorvida pelos telespectadores, é necessário um tempo para sua maturação. Entretanto, julgamos importante considerar as primeiras impressões do público a respeito da troca de apresentadora do Jornal Nacional. Fizemos isso em dois momentos diferentes e usando duas estratégias distintas. Na primeira, realizada nos dias logo após o anúncio, coletamos, para fins de análise, as vozes e as manifestações de internautas sobre a mudança. Quase dois meses depois da troca de apresentadora do JN, lançamos mão da segunda estratégia, voltando a ouvir os componentes do grupo focal formado para este projeto.

#### 5.3.1) Os internautas

Os telespectadores do Jornal Nacional manifestaram-se intensamente pela internet, a respeito da saída de Fátima Bernardes e da escolha de Patrícia Poeta para ser a nova apresentadora do telejornal. Foi um turbilhão de expressões, das quais vamos relatar algumas a seguir. Mas podemos sintetizar, como reações gerais demonstradas, susto e tristeza pela saída de Fátima, mas votos de boa sorte na realização de seu novo sonho. E simpatia pela nova apresentadora, que recebeu boas vindas de muitos internautas<sup>68</sup>. E, mais do que tudo, os depoimentos – a maioria feita diretamente para Fátima, como se fosse um recado direto, pessoal – demonstraram os laços e os vínculos entre apresentadora e público. Laços e vínculos evidenciados por muitos adjetivos e beirando, algumas vezes, a devoção.

O susto com a saída de Fátima foi expressado pelos internautas, como Adriana Aparecida da Silva (3 de dezembro de 2011, 8h58): “Oi, Fátima. Eu e minha irmã levamos um susto quando vimos a notícia de sua saída. Pena que não vamos ouvir mais o seu boa noite”. Muitas pessoas se mostraram tristes. Foi o caso de Andréa Guerreiro

---

<sup>68</sup> Os depoimentos a seguir foram coletados na Globo.com, em comentários sobre a troca de apresentadora do JN. Os nomes foram aqui transcritos da mesma forma como os internautas se identificaram.

de Souza (5 de dezembro de 2011, 22h48): “Chorei copiosamente. Parecia que estava me despedindo de uma velha amiga no aeroporto”. E também das internautas que se identificaram apenas como Aurinete (5 de dezembro de 2011, 0h24, “[...] estou desolada de tristeza. Não consigo acreditar que ela vai nos deixar. Não aceito. [...] esse jornal acho a sua cara e pra mim ele é seu.”); Araciara (5 de dezembro de 2011, 21h19, “[...] não pude deixar de chorar com sua ausência a partir de amanhã.”) e Deise (5 de dezembro de 2011, 21h31, “Sucesso na nova fase... mas juro que nunca mais será a mesma coisa... Eu amava o casal Fátima e Bonner. E o boa noite??? Ahhhhhh Triste mesmo”).

Outros tantos telespectadores deixaram claro que sentirão saudade de Fátima. Nilza disse, no dia 5 de dezembro de 2011, às 21h28: “Vou sentir saudades da Fátima. Sei lá... a gente se acostuma tanto que parece que ela já é da nossa família. Todos os dias entra nas nossas casas [...]”. Outra internauta que se identificou apenas como Bia concordou: “Tenho a certeza absoluta que todos que acompanham o JN irão morrer de saudades desse seu jeitinho meigo e carismático de levar a cada brasileiro as notícias do Brasil e do mundo” (2 de dezembro de 2011, 10h38). Ronan poetizou às 12h20 do dia 3 de dezembro de 2011: “Fátima, saudade é um sentimento que quando não cabe no coração, escorre pelos olhos”. Já Miguel Ferreira Nunes (5 de dezembro de 2011, 21h46) foi além da saudade: “[...] a saída de Fátima Bernardes deixará um vazio”. Também o “boa noite” da apresentadora foi citado. Daiane de Souza revelou: “Fátima, foi difícil segurar as lágrimas quando você anunciou a saída do JN. [...] vou sentir saudade do seu boa noite” (4 de dezembro de 2011, 9h05).

Muitas pessoas aproveitaram o momento para agradecer a apresentadora pelo trabalho feito no JN. Elaine Oliveira foi uma delas: “Fátima, muito obrigada por todos esses anos de dedicação a nós, brasileiros. [...] continuarei sendo sua telespectadora” (6 de dezembro de 2011, 0h34). Veronique Therese também reforçou, em 5 de dezembro, às 23h06: “Fátima, obrigada pelo lindo trabalho que sempre invadiu nossas casas [...] com um belo boa noite, nos trazendo informações tanto boas quanto ruins. Assim é a vida... Receba o nosso muito obrigado!!!!”. Outro exemplo desse tipo de reação é o de Ângela Franco (5 de dezembro de 2011, 22h33): “Fátima, por todos esses anos de bons serviços... muito obrigada!”.

Diversos internautas destacaram como Fátima Bernardes fez parte de suas vidas, evidenciando a existência de uma relação quase que pessoal com a apresentadora. Foi o caso de Cláudia Quaresma Gaudeoso (6 de dezembro de 2011, 0h10): “Fátima, você fez

parte de minha vida durante estes anos todos. Desejo a você que tudo que está planejado dê certo.” Rosilene ligou sua própria história à apresentadora: “Não queria que ela saísse do programa... lá se vai um pouco da minha história...” (5 de dezembro de 2011, 21h23). Da mesma forma, Eveline Gomes (5 de dezembro de 2011, 22h16) registrou: “Aqui em casa nós vemos Jornal Nacional desde que eu me entendo por gente!! Haha... Daqui pra frente, assistir e não ver a Fátima ao lado do Bonner será diferente”. Monique (5 de dezembro de 2011, 21h33) revelou uma ligação familiar com a apresentadora: “Você, Fátima, já faz parte de nossa família e vai ser muito difícil assistir o JN sem você. Vou sentir muita saudade”.

Alguns internautas destacaram a relação construída cotidianamente, como Adenísio Martins (5 de dezembro de 2011, 23h02): “Valeu, Fátima, por esses 14 anos fazendo parte do nosso cotidiano. Sucesso”. Também Gessi Pinheiro: “Adorávamos sua visita todas as noites para nos contar as últimas notícias. Será bem difícil assistir o jornal sem você” (5 de dezembro de 2011, 21h30). Fabianny foi outra que lamentou (5 de dezembro de 2011, 21h30): “Estamos tristes porque não teremos mais a incomparável e competente Fátima Bernardes no nosso Jornal Nacional de cada dia. Esperamos que volte logo, enchendo as nossas casas de alegria, como tem feito ao longo destes 14 anos de JN”.

Outra constante foi falar do casal desfeito na bancada do Jornal Nacional. “Nunca imaginei que Fátima e William iriam se separar do JN”, desabafou Eliana (6 de dezembro de 2011, 1h58). Rayane completou “[...] o seu programa já é um sucesso, mas digo que nunca imaginei o JN sem vocês dois” (2 de dezembro de 2011, 21h30), enquanto Marcus Vinícius A. de Carvalho disse: “Realmente, o casal William Bonner e Fátima Bernardes já fazia parte da família brasileira!!!” (5 de dezembro de 2011, 21h38). A internauta Daniella avaliou que o casal marcou o telejornal: “[...] pra mim vai fazer falta ver os dois trabalhando juntos, já que essa era uma das marcas do JN” (3 de dezembro de 2011, 17h36). A opinião foi compartilhada por Rodolfo Soares (5 de dezembro de 2011, 23h46): “Fátima [...] o Jornal Nacional é igual a você e ao Bonner”. E por Pollyanna Albuquerque (5 de dezembro de 2011, 22h43), que ainda exaltou o carinho pelo casal: “É, vai ser muito estranho sem a dupla mais amada do telejornal. [...] Fátima Bernardes é um marco da televisão brasileira”. Erivan, por sua vez, colocou o casal de apresentadores num patamar de chefes de sua própria família: “Sem querer afetar a sua substituta (Patrícia), vamos ficar órfãos. [...] demonstravam um exemplo de família. Fica sem sentido o Jornal Nacional” (2 de dezembro de 2011, 14h14), enquanto

Pollyana fez um apelo para ver o casal junto novamente: “Fátima, sentirei saudades de você ao lado de William. Quero só te fazer um pedido: entreviste William no seu programa” (6 de dezembro de 2011, 0h21). Para Sônia Cristina Rodrigues Caraça (4 de dezembro de 2011, 0h21), o reconhecimento do trabalho de Fátima e Bonner rompeu as fronteiras nacionais: “Fátima, desejo a você e ao William muito sucesso, pois conseguiram juntos conquistar o coração de todos os brasileiros e também de uma grande parte da população do mundo. [...] o casal mais querido do Brasil”.

Falando em fronteiras nacionais, o fato de o JN narrar os acontecimentos, ajudar a construir e a contar a história do país, despertou e/ou exaltou o sentimento de nação em alguns internautas. Muitos se pronunciaram em nome de seus compatriotas, como Sônia Maria Boldrini (3 de dezembro de 2011, 13h17): “O Brasil levou um susto [...] nunca pensamos que isso aconteceria. Sentirei falta do jeito claro de dar notícia, do carisma e do alto profissionalismo. E tudo isso ao vivo. A saída da Fátima vai mexer muito com o Brasil”. Também Ronisse (5 de dezembro de 2011, 21h20) falou em nome dos brasileiros: “Boa sorte, Fátima. Você é muito especial para todos da minha família e para todos brasileiros!!!”. Já Altay Pereira (5 de dezembro de 2011, 21h20), em nome da nação, demonstrou certa revolta: “Nós, brasileiros, não merecíamos o que aconteceu. Vocês [...] têm ideia de quantos milhares de brasileiros ficaram tristes com a despedida da Fátima? Gente, vocês fazem parte das nossas vidas, vocês entram em nossas casas todas as noites [...]”, enquanto Renato Freedman Saleco comentou que o país torce pela apresentadora:

Fátima é esse monstro do telejornalismo que o país inteiro ama e torce pelo seu sucesso. É certeza de Ibope em qualquer programa que comande, pois tem um comprometimento profissional extraordinário. Além de ter se tornado referência no jornalismo da atualidade, é absurdamente carismática. [...] Fátima, não demore a aparecer, a saudade já é grande. (SALECO in GLOBO.COM, 4 de dezembro de 2011, 0h25)

Algumas pessoas trataram Fátima Bernardes por apelido, demonstrando proximidade. Foi o caso de Victor Maximiliano Costa Gomes (5 de dezembro de 2011, 10h21): “[...] realmente a ‘Fatinha’, como minha mãe diz, tem a cara do Jornal Nacional, mas ela é uma mulher persistente e vai brilhar mais do que brilhou no JN”. Esse também foi o caso da internauta que identificou-se apenas como Beatriz (2 de dezembro de 2011, 6h13): “Oi, Fá! Já estou morrendo de saudades! Foi um choque saber que você irá sair do JN. Saiba que sempre terá um lugar no coração dos



brasileiros”. Muitos não pouparam elogios à profissional: “Fátima Bernardes é extraordinária!”, disse Letícia (5 de dezembro de 2011, 22h50). “Com certeza a Patrícia vai ter um grande aprendizado ocupando a cadeira da jornalista mais querida do Brasil: Fátima Bernardes!”, comentou Eduardo Renan Lopes Lima (6 de dezembro de 2011, 16h10). Alguns foram além e elogiaram também a pessoa de Fátima Bernardes. Como exemplo, citamos a internauta Dislene:

[...] foi com lágrimas nos olhos que assisti seu último dia no JN. Você é muito querida. Refiro-me a profissional de extrema competência, a mãe super dedicada, a esposa amiga e a brasileira que honra o país. O Brasil te apóia nessa sua nova fase, te acolhe da maneira mais carinhosa e te espera de braços abertos, porque o país aprendeu a te respeitar e a te estimar de maneira incondicional. (DISLENE in GLOBO.COM, 5 de dezembro de 2011, 23h53)

Algumas internautas destacaram o sucesso de Fátima e Patrícia e disseram-se orgulhosas. Uma delas foi Marly (6 de dezembro de 2011, 7h34): “A competência de vocês duas faz com que nós, mulheres, tenhamos orgulho”. A conduta e as atitudes da jornalista e da pessoa Fátima Bernardes foram apontadas como exemplares por Jeane (5 de dezembro de 2011, 22h37): “[...] nós mulheres nos sentimos orgulhosas por ter em você nossa representante na TV, com dignidade e respeito! Isso é que é modelo para as jovens se espelharem!”. E por Lília Beatriz (3 de dezembro de 2011, 19h36): “Ela é muito linda, uma excelente profissional, como pessoa, mãe de família de atitudes admiráveis”. Por sua vez, Catarina (5 de dezembro de 2011, 21h47) admitiu que Fátima foi um modelo que seguiu: “Fátima, sentirei saudade da sua voz, do seu estilo que por diversas vezes copiei, pois a sua elegância é digna de uma princesa. Você foi espelho de muitas pessoas e com certeza brilhará em qualquer lugar”. Noele (5 de dezembro de 2011, 22h28) disse sonhar ser uma profissional como Fátima: “Boa sorte e espero logo que volte à tela da Globo, pois cresci com você nela e em você me espelho para ser uma grande jornalista no futuro”.

Fátima Bernardes foi tratada como referência também para crianças e adolescentes. Josiani citou a filha: “Nossa, que pena... minha filhinha de três aninhos vai sentir muito, pois ela assiste o jornal só para dizer boa noite, Titia Fátima!!!” (5 de dezembro de 2011, 17h26). Claudiana, o filho: “Meu filho de 13 anos adora a Fátima, pois cresceu vendo as notícias com o casal da TV” (5 de dezembro de 2011, 21h43). Os laços familiares, aliás, foram constantemente abordados pelo público. Alguns telespectadores lembraram que o horário do Jornal Nacional é o momento de reunião de

suas famílias. Foi o caso de Maria de Lourdes Silva (5 de dezembro de 2011, 21h58): “Fátima, já estamos sentindo muito sua falta no Jornal Nacional. É o momento em que eu e minha família nos reunimos para assistir ao jornal. Você é nossa musa e já fazia parte de nossas vidas. Nós te adoramos!!!”. E de Elzi Alves de Souza Alcântara (5 de dezembro de 2011, 21h23): “Fátima, vou sentir muito sua falta no Jornal Nacional. É o único momento em que eu e minha família nos reunimos [...] Você sempre fez parte de nossas vidas. Nós te adoramos!!!”.

Elaine Cristina lembrou do trabalho de Fátima Bernardes em Copas do Mundo de Futebol: “Fátima, como ficará a Copa 2014 sem você? Espero que você faça um bico para o JN” (3 de dezembro de 2011, 22h24). E Pedro, da força da presença de Fátima: “Acho que todos os fãs do JN sentirão sua falta. O JN ficará diferente sem sua presença” (3 de dezembro de 2011, 9h35).

Alguns internautas, mais revoltados, expressaram ser contrários à saída de Fátima de forma mais direta, como Maria da Conceição (3 de dezembro de 2011, 11h25): “Não gostei mesmo. A Fátima tem a cara do JN. Vai ser difícil não vê-la mais na bancada. Sou muito fã dela. O JN não será mais o mesmo”. E Rosângela (5 de dezembro de 2011, 21h24): “Eu não gostaria que a Fátima Bernardes deixasse o JN. Só assisto por causa do casal. Em time que está vencendo não se mexe”. O internauta João Bosco (5 de dezembro de 2011, 21h29) foi mais agressivo: “Eu acho que nós, brasileiros, poderíamos participar desta decisão através do voto. É muita sacanagem a Fátima sair da minha casa. Assim me sinto traído. Não gostei. Acho que vou ficar um tempo sem ver o jornal”.

Houve telespectadores que tornaram público o estranhamento que eles próprios estavam sentindo por se emocionarem com um fato relacionado a pessoas objetivamente distantes deles, mas subjetivamente tão próximas. Janaína Ivo (5 de dezembro de 2011, 21h42) é um exemplo disso: “Engraçado como pessoas tão distantes possam estar tão perto de nós!! Confesso que ao ver a história de vocês, duas grandes profissionais, é impossível não se emocionar... [...] Vocês duas são um pouquinho de nós, mas nós temos muito de vocês!!!”. Kátia Cilene Alves também se manifestou dessa forma: “Nossa, é difícil entender o sentimento que estou sentindo com essa mudança... [...] Ela e o William refletem tanta coisa quando a gente assiste: confiança, credibilidade, respeito, carinho, família...” (4 de dezembro de 2011, 0h10). E ainda André Ayel (5 de dezembro de 2011, 22h23): “É engraçado, mas dá uma sensação de vazio.” Everaldo Nunes questionou seus próprios sentimentos:

Como posso me comover tanto assim com a despedida de alguém que nem sabe da minha existência? Como posso sentir, antecipadamente, tanta saudade de uma pessoa que eu sequer conheço? Que sensação estranha e deliciosa esse sentimento que tive hoje ao assistir a última apresentação de Fátima Bernardes no JN, uma profissional nota 1000, uma mulher linda, uma mãe exemplar, uma voz e uma simpatia que nos informou e nos emocionou durante 14 anos de trabalho... Tão distante e tão perto de todos os brasileiros, você se tornou, nesses anos, parte das nossas vidas, da nossa família. Sentiremos muito sua falta [...]. (NUNES in GLOBO.COM, 5 de dezembro de 2011, 22h07)

O impacto da notícia foi amenizado pela forma como a substituição da apresentadora do Jornal Nacional foi tratada e pela felicidade demonstrada por Fátima Bernardes na realização de seu sonho de ter um programa próprio. Renata Stuart (2 de dezembro de 2011, 21h37) afirmou: “Fátima, realmente sua simpatia e sua espontaneidade farão falta naquela bancada. Mas a notícia só se tornou mais amena ao saber que você está feliz e engajada em um novo programa”. Gileide (5 de dezembro de 2011, 21h57) elogiou a emissora pela condução da troca: “[...] Parabéns também a Globo por fazer essa mudança dessa maneira leve e clara”. E Rita de Cássia Garcia Dias ressaltou a humanização do fato:

Nunca vi um jornalismo mais humanizado como o de hoje no encerramento do JN. Apresentar as carreiras dessas duas grandes jornalistas brasileiras foi emocionante. [...] sempre assisti o mesmo ao lado do meu pai. Quando Fátima falava ‘boa noite’, ele respondia todo amoroso, pois ele dizia que ela estava falando com ele. E nós passamos também a responder. (DIAS in GLOBO.COM, 5 de dezembro de 2011, 21h26)

Samanta Melissa (5 de dezembro de 2011, 21h19) sentiu-se parte do acontecimento: “Adorei a despedida! [...] o momento foi muito descontraído e me senti como se fizesse parte do programa, com um ar de família [...]”. Também Paulo Bronzato Silva (5 de dezembro de 2011, 21h27) sentiu um clima familiar na situação: “Aguardei ansiosamente todo o dia pra ver esse momento. Foi muito bonito o encontro da Fátima com a Patrícia Poeta. Muito familiar e fraterno. A cara do JN”.

E juras de audiência foram feitas para Fátima Bernardes por Everton Silva (5 de dezembro de 2011, 20h53): “Sempre acompanhei e quero continuar acompanhando essa mulher que não é só a melhor repórter que o Brasil já teve, mas também um exemplo de simpatia e carisma, misturado com a seriedade que a profissão exige”. Também por Neide (“Sou sua fã. Aonde você estiver eu estarei vendo. Vou aguardar ansiosa pela sua estreia”, 5 de dezembro de 2011, 21h27). E por Bruna: “O JN tem a cara da Fátima. O

Brasil inteiro sentirá com essa mudança. [...] Fátima, aonde quer que você vá, o país inteiro te acompanhará!” (4 de dezembro de 2011, 0h03).

### **5.3.2) Os componentes do grupo focal**

Um mês e 20 dias após a saída de Fátima Bernardes da bancada do JN, voltamos a conversar com os integrantes do grupo focal a respeito da mudança de apresentadora. O contato foi feito por telefone, individualmente, com nove dos dez componentes do grupo focal, no dia 25 de janeiro de 2012, entre 12h25 e 17h35. Apenas o professor universitário/artista plástico de 51 anos não foi ouvido, porque estava hospitalizado, sem data prevista para alta.

Todos disseram já terem assistido ao JN depois da mudança de apresentadora. Alguns com mais frequência e outros esporadicamente. E todos concordaram que a ampla divulgação da troca de apresentadoras do JN ajudou a minimizar o estranhamento por parte de si próprios e do público de forma geral. “A quantidade de informações a respeito da troca ajudou a não ter um impacto tão grande”, afirmou o auxiliar de secretaria de 50 anos. Ainda assim, algumas pessoas sentiram esse estranhamento. É o caso da empregada doméstica de 33 anos: “Mesmo sabendo da mudança, estranhei muito no começo. Mas agora já me acostumei”. Também o porteiro de 66 anos sentiu a mudança na apresentação do JN: “Eu estava acostumado com o Bonner e com a Fátima e, por isso, estranhei a troca. Mas o fato de o Bonner ter ficado ajudou. Se tivessem saído os dois seria mais complicado”. A estudante universitária de 22 anos, agora já formada em Jornalismo, disse ter estranhado a apresentação, mas afirmou que a qualidade do jornal permanece a mesma. Já a dona de casa de 74 anos comentou que estranhou a saída de Fátima, mas compreendeu os motivos dela: “A pessoa vai cansando, né?”.

A funcionária pública, de 31 anos; a dona de casa, de 74 anos; e a empregada doméstica, de 33 anos estão gostando de ver Patrícia Poeta apresentando o JN. “Quando eram marido e mulher apresentando o jornal, eles tinham que se esforçar muito para o pessoal não interferir no profissional. Estou achando o Jornal Nacional mais suave agora”, disse a funcionária pública de 31 anos. A empregada doméstica de 33 anos concorda: “Estou achando a Patrícia mais solta que a Fátima”. O professor de teatro/secretário de 23 anos disse não ter percebido muita diferença entre as

apresentadoras de antes e de agora. Já o estudante/guarda mirim de 16 anos tem opinião contrária:

Com a Patrícia Poeta ficou diferente. Não tem o destaque de antes, quando era a Fátima. A Patrícia está tentando seguir a imagem deixada pela Fátima nesses anos todos de Jornal Nacional. Até tem conseguido. Mas vai demorar um pouco até ela criar a característica dela na apresentação, até ela deixar a marca dela. E mesmo com a qualidade sendo mantida, eu acho que essa mudança mexeu na identidade do jornal, porque mexeu na apresentação, na cara do jornal. Eu preferia como era antes.

O estudante/guarda mirim de 16 anos questiona também a interação entre Bonner e a nova apresentadora: “A interação entre Bonner e Fátima era maior. Com a Patrícia ficou diferente. E ela também precisa interagir mais com o público, assim como a Fátima fazia”. A jornalista de 22 anos concorda: “O Bonner tinha mais interação com a Fátima, mas com o tempo isso vai melhorar com a Patrícia”. Já a funcionária pública de 31 anos relatou não ter percebido diferença na interação de Bonner com Fátima e com Patrícia, enquanto a designer gráfica de 50 anos acha que Bonner está interagindo mais com Patrícia Poeta do que era com Fátima Bernardes.

Patrícia Poeta foi alvo de elogios por parte dos integrantes do grupo focal. O auxiliar de secretaria de 50 anos classificou a apresentadora de “muito simpática, carismática e ótima profissional” e disse que “a substituição foi no mesmo nível”. “Simpática” também foi o adjetivo escolhido pelo professor de teatro/secretário de 23 anos. E o porteiro de 66 anos disse que Patrícia é “muito eficiente também”. A atuação de Patrícia no JN foi considerada “mais natural, mais espontânea” por duas componentes do grupo focal: a designer gráfica, de 50 anos, e a dona de casa, de 74 anos.

Em relação ao novo programa que será protagonizado por Fátima Bernardes, todos os integrantes do grupo focal disseram estar curiosos e afirmaram que vão assistir ao programa, pelo menos uma vez, para ver como será. “Tenho curiosidade de ver por causa da Fátima. Quero saber como será o novo trabalho de apresentação dela”, afirmou o porteiro de 66 anos. “Vou querer ver como a Fátima vai estar”, disse a jornalista de 22 anos. “Estou prestando bastante atenção na programação, para saber quando o programa da Fátima vai estreiar e como vai ser. Tenho interesse em saber se será um programa só de jornalismo ou também de entretenimento”, comentou o estudante/guarda mirim de 16 anos. “Quero ver a Fátima fora do jornal, ver como ela é, porque só a conheço no Jornal Nacional. Então tenho curiosidade de saber como será a Fátima apresentando um

programa diferente”, relatou a funcionária pública de 31 anos. “Vou querer ver para saber o que a Fátima vai trazer de bom pra gente”, disse o auxiliar de secretaria de 50 anos. Ser um programa com Fátima Bernardes faz a diferença, no entendimento da designer gráfico de 50 anos: “O programa já começa com a chancela de ser apresentado pela Fátima Bernardes”.

## 6) CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final do trajeto percorrido nesta dissertação, acreditamos ter recolhido evidências na direção de nossa hipótese de pesquisa. Assim, poderíamos enunciar, à guisa de conclusão, que os apresentadores de telejornais participam ativamente do processo de identificação do público com o telejornal, a que dão voz e imagem, e mesmo com a emissora que representam. Para essa avaliação foi fundamental a observação realizada a partir de nosso objeto de estudo empírico, o Jornal Nacional. Neste noticiário os apresentadores são exemplo máximo do estabelecimento de laços e vínculos com o público, a partir do momento em que eles são percebidos também, pelo público investigado no grupo focal, como a marca do telejornal de maior audiência da história da televisão brasileira.

Para realizar essa avaliação foi fundamental o percurso trilhado neste trabalho. Começamos, no capítulo 2, sistematizando os principais conceitos que seriam utilizados na pesquisa, como identidades, diferença, processos de identificação, produção e circulação de sentidos. Procuramos entender as transformações globais que originaram a mudança na concepção das identidades, antes sólidas, estáveis, unificadas e permanentes, e agora fluidas, instáveis, fragmentadas, híbridas e em constante mutação. Valemo-nos, para isso, de autores como Stuart Hall, Tomaz Tadeu da Silva e Néstor Garcia Canclini. Ainda no capítulo 2, investigamos o estabelecimento de processos de identificação por meio da televisão, via pesquisa bibliográfica. A partir das contribuições de autores como Dominique Wolton, Iluska Coutinho, Daniel Dayan, Itânia Mota Gomes, Francesco Casetti e Federico Chio, entre outros, buscamos compreender como esse poderoso veículo atua no estabelecimento de identidades de sujeitos tão fragmentados.

Prosseguimos a investigação com o estudo de como o telejornalismo participa da (re)construção de identidades. Partindo, sobretudo, de obras de Alfredo Vizeu e Iluska Coutinho, entendemos que o telejornalismo não é um mero reproduzidor da realidade, mas, sim, um construtor social da realidade, a partir do momento em que elenca não só os assuntos que serão levados ao conhecimento público, mas também a maneira como isso será feito. O telejornalismo representa um lugar de referência para o telespectador, pois é assistindo aos seus relatos que, da segurança de suas casas, as pessoas ficam sabendo dos acontecimentos do mundo. E podem, posteriormente, conversar sobre esses acontecimentos com outras pessoas. Por isso, o telejornal é considerado a grande “praça

pública” do Brasil na atualidade. É a partir dele, de sua enunciação, que surgem os temas que vão ocupar as rodas de conversas, sejam elas reais ou virtuais. E que, antigamente, nasciam dos assuntos elencados nas praças das cidades.

No capítulo 3, estudamos, sobretudo, autores como Dominique Wolton, Iluska Coutinho, Christina Musse, Alfredo Vizeu, Sean Hagen, Yvana Fechine e Mauro Porto. Primeiramente, pudemos perceber como o telejornalismo narra a nação, ou seja, como a sociedade se reconhece enquanto parte integrante de uma nação a partir das notícias veiculadas nos telejornais. Estudamos os laços sociais efetivados pela televisão com o público, e o papel de mediador exercido pelos telejornais entre o telespectador e o local onde vive, entre a vida privada e a esfera pública. Depois, lançamos olhares para a personificação dos telejornais na figura de seus apresentadores. A partir do momento em que são os senhores da cena, os condutores da enunciação, os apresentadores atraem para si a imagem do telejornal, enquanto emprestam sua própria imagem ao produto televisivo. E tudo isso se realiza em um simulacro de contato direto, olho no olho – como se o apresentador estivesse falando diretamente, pessoalmente, para cada um dos milhões de telespectadores que o assiste.

Em seguida procuramos compreender como se dá o processo de identificação do público com o produto, por meio dos apresentadores. Os vínculos de pertencimento e a consequente fidelização do público se efetivam, principalmente, na própria veiculação do telejornal, na presença diária dos apresentadores nas casas de milhões de telespectadores. E na forma como essa presença é celebrada: os apresentadores “emprestam” ao telejornal suas vozes e suas expressões ao enunciarem as notícias. Seu texto é redigido como se fosse uma conversa, efetivada pela sua postura diante do vídeo. Uma conversa que convida o espectador a participar junto deles. As informações reportadas no telejornal são relatos humanizados, repletos de personagens reais – muitas vezes com cunho dramático – que exemplificam o que está sendo mostrado e facilitam a identificação. Tudo isso intensifica o componente emocional do telejornalismo e acaba por contribuir para o estabelecimento de laços com o público. A produção dos vínculos, no entanto, não se limita ao período temporal de exibição do telejornal. Os apresentadores-celebridades ganham outros espaços da mídia não só para expor seu talento profissional, mas também seus atributos pessoais, passando a ser ainda mais exemplares e, assim, alimentando a projeção/identificação.

No capítulo 4, dedicado à pesquisa empírica, apresentamos os resultados de quatro estratégias/percursos de análise. Da primeira, que envolveu avaliações de seis



edições do nosso objeto empírico do estudo, o Jornal Nacional, pudemos tirar várias conclusões, que serão expostas a seguir. O programa dá prioridade absoluta à imagem de seus apresentadores. Na escalada do telejornal, os apresentadores vencem as principais imagens da edição: seus rostos aparecem em destaque em 75,39% das vezes, enquanto são cobertos por imagens das manchetes da edição apenas nas demais 24,61%. Além de priorizar as imagens dos apresentadores, o Jornal Nacional mostra, preferencialmente, homem e mulher juntos na tela. Ainda que sejam privilegiadas no telejornal as notícias factuais e as *hard news*, o plano de enquadramento aberto, com os dois apresentadores no vídeo, foi a opção em 64,62% do total de enunciados feitos pelos apresentadores, enquanto eles estiveram sozinhos na tela (um ou outro) nas demais 35,38% vezes. E mais: foi usado plano aberto, com os dois apresentadores no vídeo, ainda que na maioria das inserções (68,42%) apenas um estivesse falando. Nesse caso, o outro parecia referendar o que o companheiro de bancada enunciava, olhando para o lado e maneando a cabeça positivamente.

Os enunciados do Jornal Nacional são partilhados igualmente, por apresentador e apresentadora, em praticamente todo o telejornal. Há equilíbrio de aparições e enunciações na escalada, na abertura, nas chamadas das matérias e no encerramento das edições. Na passagens de bloco, apesar de a apresentadora ser a primeira a se pronunciar na maioria das vezes, os enunciados também são partilhados. Mas nos momentos em que foi necessária uma palavra final após a exibição de um material, na leitura das notas pé, a apresentadora foi a enunciativa da grande maioria destas sentenças.

Em relação à expressão facial, os apresentadores são discretos e em poucas vezes demonstraram algum tipo de preocupação e de esperança, de acordo com os materiais veiculados. Eles sorriram em alguns momentos, sendo que, quando isso aconteceu, Fátima Bernardes o fez mais vezes que William Bonner. Com as mãos, eles se expressaram com movimentos curtos e naturais. Em relação à variação na entonação da leitura, foram observadas poucas mudanças relativas ao padrão. E teceram pouquíssimos comentários a respeito das notícias divulgadas.

O segundo tipo de análise foi um estudo de características de personagens dramáticas e a comparação desses atributos à atuação do casal de apresentadores no JN. Observamos que Bonner e Fátima possuem todos os atributos do que Morin (1997) chamou de olímpianos modernos, que seriam as vedetes da grande imprensa e da atualidade. Da forma como se mostram para o público, não só durante o telejornal, mas também em outros veículos midiáticos, Bonner e Fátima são modelos de conduta na

vida profissional e na vida pessoal. São personagens prototípicas, perfeitas em tudo o que fazem. Exemplos a serem seguidos: esposos e pais perfeitos, condutores de uma família feliz ao lado dos trigêmeos. Não escondem as dificuldades por que passaram ou passam, mas as enfrentam e vencem, sendo dignos do *happy end* comum aos olímpicos. Tais dificuldades, inclusive, auxiliam no processo de identificação com o público – afinal, quem não tem problemas? E ao encarnarem determinadas personagens, os apresentadores do Jornal Nacional tornam-se exemplos vivos da dramaturgia do telejornalismo, proposta por Coutinho (2003), sendo os protagonistas das emissões diárias do jornal de maior audiência da televisão nacional.

O terceiro levantamento de caráter empírico buscou compreender como os então apresentadores do JN dialogam com os telespectadores na mídia e, a partir daí, tecem vínculos com o público. Primeiramente consideramos importante ressaltar que eles são tratados pela mídia como celebridades, como estrelas. Onde quer que estejam, fazendo o que for, seja sozinhos, em casal ou com a família, viram notícia. Nas entrevistas que concedem, Bonner e Fátima não escondem detalhes da vida pessoal e de suas personalidades, sendo mostrados de forma humanizada. Humanos, sim, ainda que tratados como divindades – o que faz parte da dupla natureza dos olímpicos, que permite que estejam em circulação permanente entre o mundo da projeção e o mundo da identificação. Nas revistas analisadas, Fátima Bernardes foi comparada, em duas delas, a uma santa: Revista Cláudia, de maio de 2011, na reportagem “Os 7 milagres de Fátima”; e Revista Lola, de novembro de 2011, na matéria “Os segredos de Fátima” – ambas fazendo alusão direta a Nossa Senhora de Fátima. Em outra revista foi considerada a “Paixão nacional”. Ela e o marido, de forma geral, são retratados nas revistas como casal perfeito e profissionais de sucesso, sendo elogiados por suas atitudes e por sua forma de viver, mais uma vez sendo expostos como modelo a ser seguido.

No programa televisivo avaliado na tentativa de perceber os vínculos firmados com o público para além do noticiário, logo no início de suas participações Bonner e Fátima foram classificados como exemplares: era Dia dos Namorados, e o público do Domingão do Faustão elegeu os dois como modelo de casal. Bonner, bola da vez no quadro Arquivo Confidencial, foi retratado desde criança, passando pela juventude e chegando à maturidade. Foi elogiado por uma antiga vizinha, ainda moradora do bairro paulistano onde a família Bonemer morou – o “filho da terra” que atingiu o sucesso. Durante os quase 50 minutos de participação no Domingão, Bonner foi tratado como o

amigo divertido, o filho brilhante, o pai esforçado e preocupado com a família, o esposo romântico, determinado e compreensivo, o cidadão de coração bom e solidário. O herói. O herói humanizado, que se emociona, que tem sentimento.

E os diálogos entre os apresentadores – e também com o público – ganharam o mundo virtual, sobretudo através do *twitter*. Bonner, um dos *twitteiros* com mais destaque no mundo do jornalismo – tendo, inclusive, sido premiado internacionalmente por isso – finalmente convenceu Fátima a aderir ao *microblog*. A criação do perfil da apresentadora, porém, foi feita após sua saída do Jornal Nacional. Agora Bonner “brinca” com a mulher pelas redes sociais, falando do visual dela, criando expectativa sobre seu novo programa, debochando que ela postou sua primeira foto no *twitter* de “cabeça para baixo”, inventando que ela teria cortado o cabelo – o patrimônio nacional, como a própria Fátima afirmou. Em resposta, ela desmente as brincadeiras e presta contas de suas atitudes (ao público?) no *twitter*, conversando com o marido pela *internet*. Além disso, há os diálogos efetivados pelo casal, entre si e com o público, quando da realização da Copa do Mundo de Futebol em 2010, na África do Sul, por meio do *twitter* de Bonner e do *blog* do Jornal Nacional, assumido temporariamente por Fátima. Assim, eles ampliam suas conversas/trocas para a *web*, e mostram ao público as facetas que desejam mostrar; criam vínculos com seus seguidores e telespectadores.

A quarta estratégia utilizada em nossa pesquisa empírica consistiu da realização de um grupo focal, para lançar olhares sobre a Recepção do JN. O grupo foi formado por cinco homens e cinco mulheres, com diferentes idades e diferentes níveis educacionais, sociais e culturais. Foi uma experiência muito rica, que nos possibilitou notar como o JN é personificado em seus apresentadores. Eles são figuras marcantes quando se fala em Jornal Nacional, independentemente de serem adorados por alguns componentes do grupo focal e antipatizados por outros. Quem gosta do telejornal, gosta mais devido aos apresentadores. E quem não gosta dos apresentadores tem dificuldade para assistir ao programa. Portanto, JN e Bonner & Fátima têm profunda ligação, assim como os apresentadores são intensamente relacionados com a TV Globo.

Notamos, ainda, no decorrer da discussão, a formação de três subgrupos dentro do grupo focal. Dos quatro integrantes que mostraram empatia pelo casal de apresentadores, dois estudaram até a sétima série do Ensino Fundamental, um até o primeiro ano do Ensino Médio e outro fez o Ensino Médio completo. Do subgrupo que em alguns momentos mostrava-se simpático ao casal de apresentadores e em outros momentos mostrava-se indiferente a eles, um integrante possui Ensino Médio completo,

um estava no segundo ano do Ensino Médio, com pretensão de cursar uma universidade, e o outro estava no último período do curso de Jornalismo. E do subgrupo com reservas em relação a Bonner e Fátima, todos os três integrantes têm formação em Nível Superior, sendo um com Graduação e dois com Pós-Graduação/Especialização. Foi possível perceber, portanto, que a identificação com os apresentadores é maior em pessoas com níveis social e de escolaridade mais baixos, enquanto telespectadores supostamente com maior senso crítico, em função de terem cursado pelo menos a Graduação, são mais resistentes ao estabelecimento de laços afetivos com os apresentadores.

No capítulo 5 pudemos perceber como a saída de Fátima Bernardes da bancada do JN e sua substituição por Patrícia Poeta foram amplamente divulgadas na mídia. Não só no próprio telejornal e em veículos (*sites*, revistas e jornais) da Globo, mas por produtos midiáticos de outros grupos. O JN, realmente, virou notícia no dia 1º de dezembro de 2011 e nos dias seguintes ao anúncio da troca de apresentadora. A mudança foi um acontecimento midiático, extremamente divulgado e mesmo badalado. Afinal, envolveu três celebridades: Bonner, Fátima e Patrícia Poeta – também já próxima do público graças a seu trabalho como apresentadora do Fantástico.

Acreditamos que essa badalação teve como um dos objetivos amenizar o impacto que a troca de apresentadora causaria nos telespectadores. Objetivo aparentemente alcançado, no nosso entendimento, uma vez que a maioria dos comentários feitos na internet mostrou telespectadores compreensivos em relação aos motivos da mudança – apesar de chateados ou assustados com a troca. Até porque, em toda a condução desse processo, Fátima Bernardes se comportou de forma sempre sorridente, enfatizando que estava saindo do JN por vontade própria e para a realização do sonho de ter um programa dela na TV Globo. Também Bonner mostrou-se resignado e feliz com a realização do sonho da mulher, e o casal afirmou e reafirmou, em várias entrevistas, que sua separação era exclusivamente profissional, o que colaborou para a manutenção do mito de casal feliz e perfeito.

Outra hipótese, a ser eventualmente comprovada em pesquisas futuras, é a de que a superdivulgação da saída de Fátima teria sido planejada a partir do aprendizado de quase 16 anos antes, quando Cid Moreira e Sérgio Chapelin foram substituídos por William Bonner e Lillian Wite Fibe na bancada do JN. Pesquisa realizada depois da troca dos locutores pelos apresentadores jornalistas teria apontado a preferência pela antiga dupla e, segundo José Bonifácio de Oliveira Sobrinho, o Boni, significou queda

de 12 pontos de audiência no Jornal Nacional. Com a hiperdivulgação da mudança de apresentadora no JN, em dezembro de 2011, talvez os telespectadores tenham reduzido seu estranhamento ao ligar a televisão na noite do dia 6 de dezembro de 2011, e a partir dela, e se depararem com Patrícia Poeta na bancada do principal telejornal da TV brasileira.

Esta dissertação, obviamente, não esgota o estudo do processo de identificação do público com o telejornal, por meio de seus apresentadores. Apesar de termos percebido vários exemplos de como esses vínculos de pertencimento são tecidos, acreditamos que outros diferentes laços podem ser percebidos com a continuidade da pesquisa. E quando pensamos no nosso objeto de estudo empírico, o Jornal Nacional, temos desejo de entender se a motivação da troca da apresentadora do JN foi realmente a anunciada na época: a realização de um sonho de Fátima Bernardes. Para isso, vamos continuar acompanhando as publicações e os artigos a esse respeito. E, mais ainda, nos instiga tentar compreender, futuramente, como os telespectadores vão reagir à mudança de apresentadora do Jornal Nacional, uma vez que acreditamos ser necessário maior tempo para a assimilação verdadeira da troca. Afinal, são muitos os processos identitários que estão em jogo quando milhões de telespectadores assistem, todas as noites, ao telejornal da família brasileira e quando seus apresentadores brindam esses telespectadores com seu poderoso “boa noite”, com toda a significação que está para além dessas duas palavras.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Roberta Manuela Barros de. **O fascínio de Sherazade: os usos sociais da telenovela.** São Paulo: Annablume, 2003.

BAUMAN, Zigmunt. **Identidade.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento.** Petrópolis: Vozes, 1985.

BONNER, William. **Jornal Nacional: Modo de fazer.** Rio de Janeiro: Globo, 2009.

CANCLINI, Néstor. **Consumidores e Cidadãos.** Conflitos multiculturais da globalização. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2008.

CASSETI, Francesco; CHIO, Federico di. **Análisis de La Televisión.** Instrumentos, métodos y prácticas de investigación. Barcelona: Ediciones Paidós Ibérica S.A., 1999.

COSTA, Maria Eugênia Belczak. **Grupo focal.** In DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio (org). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação.** São Paulo: Atlas, 2005. p. 180-192.

COUTINHO, Iluska. **Dramaturgia do telejornalismo brasileiro: a estrutura narrativa das notícias em TV.** Tese de doutorado em Comunicação Social. Universidade Metodista de São Paulo. São Bernardo do Campo, 2003.

\_\_\_\_\_. **Leitura e análise da imagem.** In DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio (org). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação.** São Paulo: Atlas, 2005. p. 330-344.

\_\_\_\_\_. **Público, telejornalismo e identidade: uma reflexão sobre as esferas noticiosas e o destinatário da informação televisual.** In LAHNI, Cláudia; PINHEIRO, Marta (orgs). **Sociedade e Comunicação: perspectivas contemporâneas.** Rio de Janeiro: Mauad X, 2008. p. 13-30.

\_\_\_\_\_. **Telejornalismo como serviço público no Brasil: reflexões sobre o exercício do direito à comunicação no Jornal Nacional/TV Globo.** In VIZEU, Alfredo; PORCELLO, Flávio; COUTINHO, Iluska (orgs.). **40 anos de telejornalismo em rede nacional.** Florianópolis: Insular, 2009. p. 65-80.

COUTINHO, Iluska; MUSSE, Christina. **Telejornalismo, narrativa e identidade: a construção dos desejos do Brasil no Jornal Nacional.** In VIZEU, Alfredo; PORCELLO, Flávio; COUTINHO, Iluska (orgs.). **40 anos de telejornalismo em rede nacional.** Florianópolis: Insular, 2009. p. 15-30.

DAYAN, Daniel. **Quando mostrar é fazer.** In: DAYAN, Daniel (org.). **O terror espetáculo.** Terrorismo e televisão. Portugal: Edições 70, 2009.

DEBRAY, Régis. **Os paradoxos da videosfera.** In DEBRAY, Régis. **Vida e Morte da Imagem, uma história do olhar no ocidente.** Petrópolis: Vozes, 1993. p. 293-323.

ENNE, Ana Lucia S.. **À perplexidade, a complexidade: a relação entre consumo e identidade nas sociedades contemporâneas.** In **Comunicação, mídia e consumo.** São Paulo, vol. 3, nº 7, p. 11-29, jul. 2006.

FECHINE, Yvana. **A nova retórica dos telejornais:** uma discussão sobre o éthos dos apresentadores. Trabalho apresentado ao GT Estudos de Jornalismo do XVII Encontro da Compós. São Paulo, 2008a.

\_\_\_\_\_. **Televisão e presença:** uma abordagem semiótica da transmissão direta. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2008b.

\_\_\_\_\_. **Procedimentos e configurações espaço-temporais no telejornal.** In VIZEU, Alfredo (org). **Sociedade do telejornalismo.** Petrópolis: Vozes, 2008. p. 109-124.

GATTI, Bernadete Angelina. **Grupo focal na pesquisa em Ciências Sociais e Humanas.** Brasília: Liber Livro, 2005.

GOMES, Itânia Mota. **Modo de endereçamento no telejornalismo do horário nobre brasileiro:** o Jornal Nacional, da Rede Globo de Televisão. Trabalho apresentado ao NP Comunicação Audiovisual do V Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom. Rio de Janeiro, 2005.

GOMES, Taiga Corrêa. **A localidade no telejornalismo:** um espaço de interação e pertencimento. Anais do Intercom Sudeste 2006 (CD'Rom). Ribeirão Preto, maio 2006.

GUTMANN, Juliana Freire. **Articulações entre dispositivos televisivos e valores jornalísticos na cena de apresentação do Jornal Nacional.** GP Telejornalismo. Anais do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação Intercom (CD'ROM). Curitiba, 2009.

HAGEN, Sean. **A emoção como complemento à objetividade na imagem dos apresentadores de telejornal:** uma análise do processo de fidelização do telespectador. GT Estudos de Jornalismo. Anais do XVII Encontro da Compós (CD'ROM). São Paulo, 2008a.

\_\_\_\_\_. **A emoção como estratégia de fidelização da audiência:** Jornal Nacional e os laços de afetividade com o telespectador. **Verso e Reverso** (São Leopoldo), v. 50, p. 1-9, 2008b.

\_\_\_\_\_. **Jornalismo, mito e linguagem:** uma abordagem teórica dos apresentadores-estrela. In VIZEU, Alfredo (org). **Sociedade do telejornalismo.** Petrópolis: Vozes, 2008. p. 29-45.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

LANDOWSKI, Eric. **Prefácio**. In FECHINE, Yvana. **Televisão e presença: uma abordagem semiótica da transmissão direta**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2008b.

LEAL, Paulo Roberto Figueira. **Jornalismo e construção da identidade espírita: os enquadramentos sobre o médium Zé Arigó nos periódicos *O Dia* e *Jornal do Brasil***. In LAHNI, Cláudia; PINHEIRO, Marta (orgs). **Sociedade e Comunicação: perspectivas contemporâneas**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2008. p. 95-112.

MACHADO, Márcia Benetti; HAGEN, Sean. **Jornalismo e o mito da perfeição andrógina**. In **UNI Revista**, v. 1, n. 3, julho 2006.

MORIN, Edgar. **Cultura de Massas no Século XX: Neurose**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

PATERNOSTRO, Vera Iris. **O texto na TV: manual de telejornalismo**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2006.

PORCELLO, Flávio. **O impacto dos avanços tecnológicos e a evolução do discurso do poder na TV**. In VIZEU, Alfredo; PORCELLO, Flávio; COUTINHO, Iluska (orgs.). **40 anos de telejornalismo em rede nacional**. Florianópolis: Insular, 2009. p. 47-64.

PORTO, Mauro. **Novos apresentadores ou novo jornalismo? O Jornal Nacional antes e depois da saída de Cid Moreira**. In **Comunicação e Espaço Público**, v. 5, n. 1/2, 2002, p. 9-31.

SILVA, Carlos Eduardo Lins da. **Muito além do Jardim Botânico**. São Paulo: Summus, 1985.

SILVA, Tomaz Tadeu da (org). **Identidade e diferença**. A perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis: Vozes, 2005.

STÜMER, Adriana; SILVEIRA, Ada Cristina Machado da. **A casa da vovó na TV: a captura de uma identidade étnica e sua representação televisiva**. In **UNI Revista**. Vol. 1, nº 3, jul. 2006.

TEMER, Ana Carolina Rocha Pessoa. **A mistura dos gêneros e o futuro do telejornal**. In VIZEU, Alfredo; PORCELLO, Flávio; COUTINHO, Iluska (orgs.). **60 anos de telejornalismo no Brasil: história, análise e crítica**. Florianópolis: Insular, 2010. p. 101-126.

TRINTA, Aluizio Ramos. **Televisão e formações identitárias no Brasil**. In LAHNI, Cláudia; PINHEIRO, Marta (orgs). **Sociedade e Comunicação: perspectivas contemporâneas**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2008. p. 31-50.

\_\_\_\_\_. **Telenovela: Representações sociais e identitárias, cultura e nacionalismo**. Juiz de Fora: PPGCom UFJF, 2010. Notas de aula.



VIZEU, Alfredo. **A produção de sentidos no jornalismo: da teoria da enunciação à enunciação jornalística.** In **Anuário Internacional de Comunicação Lusófona**, vol. 2, nº 1, p. 141-153, 2004.

\_\_\_\_\_. **O lado oculto do telejornalismo.** Florianópolis: Calandra, 2005.

\_\_\_\_\_. (org). **Sociedade do telejornalismo.** Petrópolis: Vozes, 2008.

VIZEU, Alfredo; CORREIA, João Carlos. **A construção do real no telejornalismo: do lugar de segurança ao lugar de referência.** In VIZEU, Alfredo (org). **Sociedade do telejornalismo.** Petrópolis: Vozes, 2008. p. 11-28.

VIZEU, Alfredo; PORCELLO, Flávio; MOTA, Célia (orgs.). **Telejornalismo: a nova praça pública.** Florianópolis: Insular, 2006.

VIZEU, Alfredo; PORCELLO, Flávio; COUTINHO, Iluska (orgs.). **40 anos de telejornalismo em rede nacional.** Florianópolis: Insular, 2009.

\_\_\_\_\_. **60 anos de telejornalismo no Brasil: história, análise e crítica.** Florianópolis: Insular, 2010.

WOLTON, Dominique. **Elogio do grande público: uma teoria crítica da televisão.** São Paulo: Ática, 1996.

Sites e outros produtos midiáticos consultados:

**ALFA.** Edição nº 16, 12/2011. São Paulo: Editora Abril.

**BONI, José Bonifácio de Oliveira Sobrinho** in COMUNIQUE-SE. Disponível em <http://portal.comunique-se.com.br/index.php/editorias/28-carreira/67352-na-tv-boni-revela-ser-contrario-aos-telejornais-apresentados-por-casais.html> Acesso em 30/12/2011.

**CLÁUDIA.** Edição nº 596, 05/2011. São Paulo: Editora Abril.

**CONTIGO!** Edição nº 1.843, 13/01/ 2011. São Paulo: Editora Abril.

**CONTIGO!** Edição nº1.890, 08/12/2011. São Paulo: Editora Abril.

**DINES, Alberto** in OBSERVATÓRIO DA IMPRENSA. Disponível em [http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/bem\\_vinda\\_patricia\\_ate\\_ja\\_fati](http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/bem_vinda_patricia_ate_ja_fati) ma Acesso em 07/12/2011.

**DOMINGÃO DO FAUSTÃO.** Rio de Janeiro: TV Globo. Edição de 12/06/2011.

**EXAME.COM.** São Paulo: Editora Abril. Disponível em <http://exame.abril.com.br/estilo-de-vida/tv/noticias/fatima-bernardes-deve-deixar-o-jornal-nacional-diz-site> Acesso em 01/12/2011.

**EXTRA.** Edição nº 5.582, 06/12/2011. Rio de Janeiro: Editora Globo.

**FOLHA.COM.** São Paulo: Grupo Folha. Disponível em <http://f5.folha.uol.com.br/televisao/1014736-fatima-bernardes-deve-deixar-o-jornal-nacional.shtml> e em <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/1014796-fatima-bernardes-tera-programa-proprio-nas-manhas-da-globo.shtml> Acessos em 01/12/2011.

**FORBES.** Nova Iorque: Editora Forbes Magazine. Disponível em <http://www.forbes.com/sites/andersonantunes/2011/12/02/the-next-oprah-could-be-brazilian/> Acesso em 07/02/2012.

**GLOBO.COM.** Rio de Janeiro: TV Globo. Disponível em <http://www.globo.com/> Acessos em dezembro de 2011.

**HISTÓRIA DO JN.** In JORNAL NACIONAL. Rio de Janeiro: TV Globo. Disponível em <http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2010/04/confira-historia-do-jn.html> Acesso em 30/12/2011.

<https://twitter.com/#!/fbbreal>

<https://twitter.com/#!/realwbonner>

**JN ESPECIAL.** In JORNAL NACIONAL. Rio de Janeiro: TV Globo. Disponível em <http://g1.globo.com/platb/jnespecial/> Acesso em 30/12/2011.

**JN NA COPA.** In JORNAL NACIONAL. Rio de Janeiro: TV Globo. Disponível em <http://g1.globo.com.br/platb//jnnacopa>. Acessos entre 06/2010 e 07/2010.

**JORNAL NACIONAL.** Rio de Janeiro: TV Globo. Disponível em <http://g1.globo.com/jornal-nacional/> Acessos entre 12/2011 e 01/2012.

**JORNAL NACIONAL.** Rio de Janeiro: TV Globo. Edições de 10/05/2011, 1805/2011, 26/05/2011, 03/06/2011, 06/06/2011, 11/06/2011, 01/12/2011, 05/12/2011, 06/12/2011 (vídeos).

**LOLA.** Edição nº 14, 11/2011. São Paulo: Editora Abril.

**MÁXIMA.** Edição nº 14, 07/2011. São Paulo, Editora Abril.

**MEIA HORA.** Edição nº 2.147, 02/12/2011. Rio de Janeiro: Editora O Dia.

**O DIA.** Edição nº 21.713, 01/12/2011. Rio de Janeiro: Editora O Dia.

**QUEM.** Edição nº 587, 09/12/2011. Rio de Janeiro: Editora Globo.

**QUEM ONLINE.** Rio de Janeiro: Editora Globo. Disponível em <http://revistaquem.globo.com/Revista/Quem/0,,EMI283441-9531,00-FATIMA+BERNARDES+O+JANTAR+COM+MEUS+FILHOS+ESTA+GARANTID+O.html> Acesso em 15/12/2011.

**REVISTA DA TV/O GLOBO.** Edição de 04/12/2011. Rio de Janeiro: Editora Globo.

**STYCER, Mauricio** in UOL, São Paulo: Grupo Folha. Disponível em <http://mauriciostycer.blogosfera.uol.com.br/2011/12/01/substituicao-de-fatima-bernardes-e-tao-importante-quanto-a-escolha-da-proxima-%E2%80%9Cgabriela%E2%80%9D/> Acesso em 02/12/2011.

**TAS, Marcelo** in ISTOÉ. Disponível em [http://www.istoe.com.br/colunas-e-blogs/coluna/184600\\_O+MUNDO+NAO+VAI+ACABAR+O+MUNDO+JA+ACABO+U+PORQUE](http://www.istoe.com.br/colunas-e-blogs/coluna/184600_O+MUNDO+NAO+VAI+ACABAR+O+MUNDO+JA+ACABO+U+PORQUE) Acesso em 05/01/2012.

**TERRA.** São Paulo: Terra Networks Brasil. Disponível em <http://diversao.terra.com.br/gente/noticias/0,,OI5497934-EI13419,00.html> e em <http://diversao.terra.com.br/tv/noticias/0,,OI5497346-EI12993,00-Jornal+apos+anos+Fatima+Bernardes+pode+deixar+o+JN.html> Acessos em 01/12/2011.

**UOL.** São Paulo: Grupo Folha. Disponível em <http://televisao.uol.com.br/ultimas-noticias/2011/12/01/fatima-bernardes-fica-no-jornal-nacional-ate-segunda-feira-5-patricia-poeta-a-substituira.jhtm> Acesso em 01/12/2011.

**VEJA.** Edição nº 2.246, 07/12/2011. São Paulo: Editora Abril.

**VIANNA, Rodrigo** in ESCREVINHADOR. Disponível em <http://www.rodrigovianna.com.br/radar-da-midia/bastidores-da-troca-no-jn.html> Acesso em 02/12/2011.

**VIVA MAIS.** Edição nº 636, 09/12/2011. São Paulo, Editora Abril.

## **APÊNDICES**

## APÊNDICE 1

Tabela final de observação das seis edições analisadas do Jornal Nacional

<b>JORNAL NACIONAL</b>								
<p>Datas: 06/06 (2ª feira), 10/05 (3ª feira), 18/05 (4ª feira), 26/05 (5ª feira), 03/06 (6ª feira), 11/06 (sábado)</p> <p>Apresentadores: 4 edições com William Bonner e Fátima Bernardes (06/06, 2ª feira – 10/05, 3ª feira – 26/05, 5ª feira – 03/06, 6ª feira), 1 edição com Márcio Gomes e Fátima Bernardes (18/05, 4ª feira) e 1 edição com Márcio Gomes e Christiane Pelajo (11/06, sábado).</p> <p>Duração bruta média: 40'13</p> <p>Duração líquida média: 31'58</p> <p>Break médio: 8'15</p> <p>Número de blocos: Média = 4 blocos (10/05, 3ª feira – 18/05, 4ª feira – 26/05, 5ª feira – 06/06, 2ª feira); 5 blocos em duas edições (03/06, 6ª feira – 11/06, sábado)</p> <p><u>Observações:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- 4ª feira foi a menor edição (bruta e líquida), devido ao futebol – mas nem por isso teve o menor break</li> <li>- 5ª feira teve o menor break</li> <li>- 6ª feira foi a maior edição líquida e o maior break em dia de semana</li> <li>- Sábado foi a maior edição bruta e o maior break</li> </ul>								
Fator de observação	Observação							
Enunciador	Bonner		Fátima		Os dois juntos		Total	
	56 38,10%	57 38,77%	34 23,13%	147				
Enquadramento	Aberto nos 2, os 2 falam	Médio nele	Médio nela	Fecha do nele	Fechado nela	Aberto nos 2, só B fala	Aberto nos 2, só F fala	Total
	30 20,41%	17 11,57%	18 12,24%	09 6,12%	08 5,44%	32 21,77%	33 22,45%	147
Plano (escalada: fechado)	Aberto		Médio		Fechado		Total	
	95 64,62%		35 23,81%		17 11,57%		147	

- os 2)	
Participação ao vivo de repórter	3 participações (sendo uma em Chamada da programação): - 06/06, 2ª feira: Cristina Serra - 18/05, 4ª feira: Vivo “sanduíche” de André Luiz Azevedo no VT Blitz da Educação - 11/06, sábado: Chamada ao vivo do Fantástico, com Zeca Camargo e Patrícia Poeta)
Movimento de câmera	Praticamente nada. Os que se repetiram foram: - Tilte no boa noite e no início da primeira cabeça - Tilte nas passagens de bloco
Movimento de cabeça	Bonner e Fátima manearam a cabeça positivamente praticamente o tempo todo em que o outro falava e o plano estava aberto nos dois apresentadores, alternando as cabeças viradas para o companheiro de bancada e para frente, na direção da câmera. Fora isso, os movimentos de cabeças foram naturais, curtos, para frente e para o lado. E quando queriam afirmar positivamente algo, mexiam a cabeça mais para a frente (como no caso do VT sobre tratamento para câncer de pele).
Expressão facial	Bonner e Fátima demonstraram preocupação, por meio da expressão facial, após VTs como alta de preços de alimentos, serviço para endividados, acusação de crime sexual de diretor do FMI, adolescentes drogados no Rio de Janeiro, assassinato de casal que denunciou desmatamento na Amazônia, morte após desabamento de casa em São Paulo, confronto na greve de motoristas e cobradores de ônibus no Maranhão, cédulas manchadas por dispositivos anti-roubo em caixas eletrônicos, tratamento para câncer de pele, reserva ameaçada no Espírito Santo, adolescente assassinado em São Paulo. E demonstraram esperança, também por meio da expressão facial, no VT sobre punição para pais que agridem os filhos crianças.
Movimento sobrancelhas	Bonner e Fátima arquearam um pouco as sobrancelhas, demonstrando preocupação, em VTs mais sérios e graves e na entrevista de Antônio Palocci. Já na nota seca sobre ingressos esgotados para o Rock in Rio e no VT sobre jogadores de meio de campo no Campeonato Brasileiro de Futebol, Bonner e Fátima mexeram as sobrancelhas como demonstrando curiosidade.
Olhares	Nos planos abertos, mostrando os dois apresentadores no vídeo, um ficava olhando para o outro e para a câmera enquanto o outro falava. Nos VTs mais sérios e graves, Fátima arregalou um pouco os olhos.
Sorriso	Fátima sorriu na volta do VT sobre o Livro JN no ar, na nota seca sobre ingressos esgotados para o Rock in Rio e na cabeças do VT em homenagem a jogadores de meio de campo no Brasileirão de Futebol, que, aliás, não foi ela quem leu – foi o Bonner. Fátima sorriu positivamente, como que apoiando a professora que deu a última sonora no VT Blitz da Educação, falando que, até o fim do no, alfabetizaria todos os seus alunos. Bonner sorriu na volta da nota seca sobre Torneio de Tênis. Bonner e Fátima sorriram na nota seca com imagens sobre o Santos na final da Taça Libertadores da América. Bonner riu (riu mesmo, com som) e Fátima sorriu na volta da nota coberta sobre a estreia de Tande na apresentação do Esporte Espetacular. Fátima sorriu na volta do VT sobre o jogo de futebol entre Brasil e

	<p>Holanda. Fátima sorriu na cabeça do VT de despedida de Ronaldo da seleção brasileira de futebol e Bonner e Fátima sorriram na volta do mesmo VT, sendo que Fátima “esticou” o sorriso até o “boa noite” (foi o último VT da edição). Ou seja: Fátima sorriu mais vezes que Bonner, mas ele riu (com som), ainda que apenas uma vez nas edições analisadas. /// Christiane Pelajo e Márcio Gomes sorriram bastante apresentando o JN de sábado, que foi mais leve (materiais sobre esporte, sobre compras para o Dia dos Namorados, sobre recorde na impressão de bíblias).</p>
Mãos	<p>Movimentos pequenos, naturais, com poucas exceções., Fátima arrumou o cabelo enquanto Bonner lia uma cabeça de VT na terça-feira. Bonner apontou com a mão e com o braço direitos para a frente (direção da câmera) na nota seca sobre o Rock in Rio., Fátima apontou a mão esquerda para a câmera na cabeça do VT sobre Vasco e Coritiba na decisão da Copa do Brasil., Bonner ficou de mãos dadas e mexendo ambas enquanto Fátima lia uma cabeça de VT. Bonner com a mão esquerda do queixo na volta da nota coberta sobre estreia de Tande na apresentação do Esporte Espetacular. Fátima balançou as duas mãos, de um lado para o outro, na cabeça da primeira parte da entrevista de Antônio Palocci. Já Christiane Pelajo e Márcio Gomes mexeram bastante as mãos no JN de sábado, bem mais que Bonner e Fátima. Márcio Gomes mexeu tanto a mão na volta do VT sobre compras para o Dia dos Namorados, que chegou a bater levemente com a caneta na bancada. Márcio Gomes “chamou para ele”, com a mão esquerda, na cabeça do VT sobre dengue.</p>
Variação na entonação	<p>Quase nada. Fátima fez uma locução mais para cima, mais alegre, na volta da nota coberta sobre estreia de Tande na apresentação do Esporte Espetacular, na cabeça do VT sobre o amistoso entre as seleções de futebol de Brasil e Holanda e também na nota seca com imagens sobre a seleção brasileira de futebol. Christiane Pelajo e Márcio Gomes tiveram mais variações na entonação: ela fez uma entonação mais para o alto na cabeça do VT sobre recorde na impressão de bíblias e os dois na volta do VT sobre compras para o Dia dos Namorados.</p>
Comentários	<p>Poucos. Bonner, na volta do VT sobre o Livro JN no ar, após o repórter Ernesto Paglia dizer que o jornalismo da Globo quer melhorar a vida das pessoas, sentenciou: “É isso.” Fátima disse “E a gente não vai perder” na volta da nota coberta sobre estreia de Tande na apresentação do Esporte Espetacular. Márcio Gomes, no JN de quarta-feira, depois de Fátima falar que o JN tentou gravar com a mulher mais velha do mundo (nota pé da nota seca com fotos), mas que a equipe chegou lá às 17h e ela já estava dormindo, comentou que dormir cedo pode ser outro segredo da longevidade (a mulher havia falado que o segredo é a alimentação). E Fátima respondeu: “Pode ser”. No sábado, na volta da Christiane Pelajo, após a chamada do Fantástico, disse “Obrigada, Patrícia, obrigada, Zeca, a gente não vai perder”. Christiane Pelajo e Márcio Gomes, na volta do VT sobre compra para o Dia dos Namorados, comentaram sobre uma possível briga entre o casal que deu as entrevistas finais, discordando sobre presentes para a data comemorativa, sobre economia e romantismo. Christiane Pelajo disse “Vai ter briga, heim?” e Márcio Gomes respondeu “Vai ter briga. Que Dia dos Namorados pra esses dois” na volta do VT.</p>
Uso de selo	<p>Sempre em notas secas. Mercado financeiro foi dado em três edições e em todas elas com selo. Também selos sobre inadimplência em abril, inscrições para o Enem e desemprego em abril. Selos em 2 notas secas lidas por Fátima e em 4 notas secas lidas por Bonner e Márcio Gomes.</p>

Uso de vinheta	<p>Sempre na previsão do tempo (6 vezes, em todas as edições), que entra diretamente, sem cabeça – 3 segundos.</p> <p>Na série sobre Educação chamada O desafio da qualidade, duas versões com tempos diferentes: uma delas com 18 segundos e a outra com 6 segundos.</p> <p>Na série Blitz da Educação, com 10 segundos.</p> <p>Na série sobre Fronteiras do país, com 8 segundos.</p> <p>No VT em homenagem a jogadores do campeonato brasileiro de futebol (que não chamaram de série, mas era uma série exibida naquela semana), com 7 segundos.</p> <p>Vinheta JN no ar na segunda-feira, dia 06/06, antes da entrada ao vivo da repórter Cristina Serra falando que estava indo para o Pará e após nota seca sobre o embarque de tropas da Força Nacional de Segurança para o Pará, para reforçar o patrulhamento nas regiões onde é maior a violência contra lavradores e líderes camponeses (3 assassinatos nas últimas semanas)</p>												
Posição no bloco	<p>O apresentador abriu 3 vezes o primeiro bloco, 3 vezes o segundo bloco, 4 vezes o terceiro bloco, 1 vez o quarto bloco e 1 vez o quinto bloco (nas duas edições que tiveram o quinto bloco).</p> <p>A apresentadora abriu 3 vezes o primeiro bloco, 3 vezes o segundo bloco, 2 vezes o terceiro bloco, 5 vezes o quarto bloco e 1 vez o quinto bloco (nas duas edições que tiveram o quinto bloco).</p> <p>Bem dividido entre os dois apresentadores, exceto na quinta-feira, 26/05, quando Bonner abriu 1 bloco e Fátima abriu 3 blocos.</p>												
Posição escalada	<p>O apresentador começou 3 escaladas e a apresentadora começou as outras 3.</p> <p>O apresentador falou 33 vezes nas escaladas e a apresentadora falou 32 vezes nas escaladas.</p> <p>Escalada sempre em plano fechado, alternando imagens dos apresentadores, com imagens cobrindo poucas vezes os mesmos. O apresentador foi coberto parcialmente em destaque da escalada por 9 vezes e totalmente 1 vez. A apresentadora foi coberta parcialmente em destaque da escalada por 4 vezes e totalmente 2 vezes. Na quarta-feira, 18/05, não houve imagem cobrindo nenhum destaque da escalada.</p>												
Abertura	<p>O apresentador deu “boa noite” primeiro em 3 edições e a apresentadora nas outras 3 edições.</p> <p>Vinheta de abertura teve 18 segundos de duração em 1 edição (10/05, terça-feira) e 5 segundos de duração em 5 edições.</p>												
Encerramento	<p>Sempre feito pelos dois apresentadores.</p> <p>O apresentador deu “boa noite” primeiro em 4 edições.</p> <p>A apresentadora deu “boa noite” primeiro em 2 edições.</p>												
Passagem de bloco	<p>Sempre mostrando os dois apresentadores, em plano aberto, e ambos falando.</p> <p>Normalmente a apresentadora começa mais passagens de bloco da edição (exceto na quinta-feira, 26/05, em que Bonner começou duas e Fátima uma; e no sábado, em que Christiane Pelajo começou duas e Márcio Gomes as outras duas).</p> <p>O apresentador começou 7 passagens de bloco.</p> <p>A apresentadora começou 13 passagens de bloco (na segunda-feira, 06/06, Fátima começou as 3 passagens de bloco da edição).</p>												
Nota pé	<table border="1" data-bbox="480 1899 1444 2022"> <thead> <tr> <th>Bonner</th> <th>Fátima</th> <th>Os dois</th> <th>Total</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>04</td> <td>14</td> <td>01</td> <td>19</td> </tr> <tr> <td>21,05%</td> <td>73,68%</td> <td>5,27%</td> <td></td> </tr> </tbody> </table>	Bonner	Fátima	Os dois	Total	04	14	01	19	21,05%	73,68%	5,27%	
Bonner	Fátima	Os dois	Total										
04	14	01	19										
21,05%	73,68%	5,27%											



Duração média dos blocos

1°	2°	3°	4°	5°
11'25 Sempre o maior (exceto na sexta-feira, que teve a entrevista do Palocci). O maior de todos foi na segunda-feira, com 16'29	5'59 O maior foi na quinta-feira: 9'05	6'50 O maior foi no sábado: 8'13	6'13 O maior foi na sexta-feira: 14'10 (entrevista Palocci)	4'29 * Média das duas edições que tiveram 5° bloco

Detalhes das edições

06/06, 2ª feira: 21 materiais, sendo:

- 15 factuais e 5 frios (2 de série), além da Previsão do tempo.
- 18 *hard news* e 2 *lights*, além da Previsão do tempo.
- 11 VTs, 1 participação ao vivo de repórter, 2 notas secas, 6 notas com imagens, 1 Previsão do tempo + 3 notas pés.

10/05, 3ª feira: 18 materiais, sendo:

- 15 factuais, 2 frios (1 de série), além da Previsão do tempo.
- 13 *hard news* e 4 *lights*, além da Previsão do tempo.
- 11 VTs, 2 notas secas, 2 notas com imagens, 2 notas secas com selo, 1 Previsão do tempo + 3 notas pés.

18/05, 4ª feira: 16 materiais, sendo:

- 12 factuais, 3 frios (1 de série), além da Previsão do tempo.
- 14 *hard news* e 1 *light*, além da Previsão do tempo.
- 5 VTs, 1 participação ao vivo de repórter (dividida em 2 partes – vivo sanduíche), 3 notas secas, 3 notas com imagens, 1 nota seca com fotos, 2 notas secas com selo, 1 Previsão do tempo + 3 notas pés.

26/05, 5ª feira: 20 materiais, sendo:

- 15 factuais, 3 frios (1 de série – apesar de não ter sido classificado como série, fazia parte da série sobre o Campeonato Brasileiro de Futebol que estava sendo exibida na semana), além de 1 chamada da programação (Globo Mar) e da Previsão do tempo.
- 14 *hard news* e 4 *lights*, além de uma chamada da programação (Globo Mar) e da Previsão do tempo.
- 11 VTs, 1 nota coberta, 5 notas com imagens, 1 nota seca com selo, 1 chamada da programação, 1 Previsão do tempo + 3 notas pés.

03/06, 6ª feira: 19 materiais, sendo:

- 16 factuais, 1 frio (relativo a série – nota seca sobre transferência, para o dia seguinte, de VT pertencente a série), além de uma chamada da programação (Globo Repórter) e da Previsão do tempo.
- 11 *hard news* e 6 *lights*, além de uma chamada da programação (Globo Repórter) e da Previsão do tempo.
- 5 VTs, 1 nota coberta, 2 entrevistas (com o mesmo entrevistado, mas dividida em 2 partes em blocos diferentes), 3 notas secas, 5 notas com imagens, 1 nota seca

com selo, 1 chamada da programação, 1 Previsão do tempo + 2 notas pés.  
\* 3º bloco todo *light* (embora todo factual): esporte – 5 materiais (1 VT, 1 nota coberta, 1 nota seca, 2 notas secas com imagens)

11/06, sábado: 21 materiais, sendo:

- 16 factuais, 2 frios e 2 chamadas da programação (Fantástico e Esporte Espetacular, sendo a do Fantástico ao vivo), além da Previsão do tempo.
- 12 *hard news* e 6 *lights*, além das 2 chamadas da programação e da Previsão do tempo.
- 14 VTs, 2 chamadas da programação (sendo 1 ao vivo), 4 notas com imagens, 1 Previsão do tempo + 5 notas pés.

TOTAL: 115 materiais, sendo:

- 89 factuais (84,76% se não quantificarmos as chamadas e as previsões do tempo ou 77,39% se quantificarmos as chamadas e as previsões do tempo) e 16 frios (15,23% se não quantificarmos as chamadas e as previsões do tempo ou 13,91% se quantificarmos as chamadas e as previsões do tempo)
- 82 *hard news* (78,09% se não quantificarmos as chamadas e as previsões do tempo ou 71,30% se quantificarmos as chamadas e as previsões do tempo) e 23 *lights* (21,90% se não quantificarmos as chamadas e as previsões do tempo ou 20,00% se quantificarmos as chamadas e as previsões do tempo)
- 4 chamadas da programação, sendo 1 ao vivo (3,48%)
- 6 inserções de Previsão do tempo (5,21%)
- 5 VTs pertencentes a séries (4,34% do total de 115 materiais ou 8,77% do total de 57 VTs) + 1 nota seca sobre transferência, para o dia seguinte, de VT pertencente a série (se considerarmos 6 materiais relativos a séries, 5,21% do total de 115 materiais)
- 57 VTs (49,56%)
- 2 notas cobertas (1,73%)
- 2 participações ao vivo de repórter (1,73%) – além da chamada do Fantástico ao vivo
- 2 entrevistas (com o mesmo entrevistado, mas dividida em 2 partes) (1,73%)
- 10 notas secas (8,69%)
- 25 notas com imagens (21,73%)
- 1 nota seca com foto (0,86%)
- 6 notas secas com selo (5,21%)
- 19 notas pés (5,21% do total de 134 materiais = 115 + 19)

## APÊNDICE 2

### Perguntas feitas aos componentes do grupo focal

- 1) Você considera William Bonner e Fátima Bernardes bons apresentadores de telejornal?
- 2) Você confia nas notícias que William Bonner e Fátima Bernardes dão no Jornal Nacional? Eles te passam credibilidade? Por quê?
- 3) Você gosta do William Bonner e da Fátima Bernardes?
- 4) O que você acha de um casal apresentar o Jornal Nacional?
- 5) Você prefere assistir ao Jornal Nacional quando William Bonner e Fátima Bernardes estão apresentando, quando tem outros apresentadores ou isso não faz diferença para você?
- 6) E quando apenas um dos dois está apresentando o jornal, você sente falta do outro? Isso te incomoda de alguma forma?
- 7) Você procura saber informações sobre William Bonner e Fátima Bernardes? Sobre a vida pessoal deles?
- 8) Você gosta de saber da vida pessoal de William Bonner e Fátima Bernardes?
- 9) Você gosta de ver fotos ou imagens (em outros programas de televisão, por exemplo) de William Bonner e Fátima Bernardes em outros lugares (fora da bancada de apresentação do Jornal Nacional)? Por quê?
- 10) Quando você vê William Bonner e Fátima Bernardes fora da bancada do JN você lembra do Jornal Nacional? Ou seja: a imagem de Bonner e Fátima te remete ao Jornal Nacional?
- 11) Você assiste ao Jornal Nacional por causa de William Bonner e Fátima Bernardes?
- 12) O que William Bonner e Fátima Bernardes representam para você?
- 13) William Bonner e Fátima Bernardes são a cara do Jornal Nacional?
- 14) Quando os apresentadores do Jornal Nacional forem mudados, você vai continuar assistindo ao Jornal Nacional?
- 15) Você imagina William Bonner e Fátima Bernardes em outro programa ou em outra emissora?
- 16) Como você avaliaria se isso ocorresse?

### APÊNDICE 3

Transcrição da estrutura e do texto do VT informativo sobre a saída de Fátima Bernardes do JN, exibido no próprio JN no dia 1º de dezembro de 2011  
(duração: três minutos e três segundos)

Passagem/Abertura Fátima Bernardes [parada, no saguão de um hotel no Rio de Janeiro]: Nos últimos 14 anos, eu levei até a sua casa as principais notícias do Brasil e do mundo. contei muitas histórias. Só que, hoje, o Jornal Nacional virou notícia. Tudo porque, há uns quatro anos, eu tive uma ideia. Essa ideia acabou virando uma vontade muito grande e se transformou num projeto. Está meio confuso, né? [Fátima começa a andar] Bom, por isso convidamos a imprensa e viemos pra esse hotel, no Rio de Janeiro, pra tentar explicar melhor essa história. E eu já logo adiantando: quem vai falar primeiro e dizer tudinho pra vocês é o nosso diretor Carlos Henrique Schroder [Diretor Responsável pela Direção Geral de Jornalismo e Esporte (DGJE) da TV Globo].

Sobe som de Schroder [apenas ele no vídeo, em plano médio]: O que está acontecendo aqui hoje, na verdade, remonta há aproximadamente quatro anos, quando Fátima Bernardes me procurou objetivamente para falar da ideia e da vontade, do desejo de ter um programa na grade da Globo. [close de Fátima sorrindo e, em seguida, imagem em plano aberto mostrando Schroder em pé, na esquerda do vídeo, ao lado de uma mesa em que estavam sentados, nesta ordem, da esquerda para direita: Renata Ceribelli, Fátima Bernardes, Patrícia Poeta e William Bonner] Trouxe o projeto, realmente um projeto muito interessante, um projeto sensacional. [volta para imagem apenas de Schroder em plano médio] Era uma ideia levada a sério, não apenas um desejo de verão.

Sobe som de Fátima Bernardes [plano fechado]: Eu achava, no fundo, que isso talvez fosse muito difícil, porque é uma grade muito estabelecida, de muito sucesso, que já funciona muito bem há muito tempo. [zoom out até mostrar Fátima e Patrícia Poeta no vídeo] Então não é fácil você imaginar que você vai deixar o produto jornalístico mais importante da emissora, que você vai abrir mão do produto que tem a maior audiência na televisão brasileira em telejornalismo pra buscar um sonho.

Off 1 de Fátima [plano fechado em Patrícia Poeta]: A partir daí, a tarefa seria escolher a sucessora.

Sobe som de Schroder [plano aberto, mostrando ele e os apresentadores em questão

sentados à mesa]: Foi interessante porque eu perguntei pro Ali [Ali Kamel, Diretor da Central Globo de Jornalismo] e ele perguntou pra mim “Quem você acha?”, “Quem eu acho?” e o nome foi Patrícia Poeta, Patrícia Poeta. Chamamos o Bonner: [*zoom in* até fechar em Bonner e Patrícia] “Bonner, se você tivesse que decidir a substituição hoje, quem você escolheria?” – e isso há dois anos atrás. Patrícia Poeta. Opa, temos um consenso.

Sobe som Bonner [plano aberto mostrando Bonner, Patrícia Poeta e Fátima Bernardes]: Grita pra mim, como eu notei que gritou para Schroder e Ali Kamel, que o perfil profissional da Patrícia Poeta era o que mais automaticamente se encaixava nas necessidades do Jornal Nacional.

Sobe som Patrícia Poeta [plano fechado]: Eu levei um susto. Não foi um susto, foi o susto, né? Depois que caiu a ficha, eu fiquei muito feliz, honrada com o convite, né? Acho que, mais do que isso, é uma honra pra mim saber que, a partir da semana que vem, na terça-feira, [*zoom out* até mostrar Patrícia Poeta e Fátima Bernardes, uma olhando para a outra] eu vou sentar naquela cadeira [Fátima sorrindo] onde, por 14 anos, ela foi ocupada pela jornalista mais querida do Brasil e que está emocionada aqui neste momento.

Off 2 de Fátima [sequência de planos fechados em Renata Ceribelli e Patrícia Poeta]: No Fantástico, o nome escolhido para suceder Patrícia Poeta foi Renata Ceribelli.

Sobe som Renata Ceribelli [plano médio mostrando ela e Schroder]: Por mais que eu tenha vindo nesses 12 anos sendo uma apresentadora eventual do programa, na hora em que você assume o posto oficial de apresentadora é claro que isso tem um peso, um gostinho muito especial. [plano médio de Renata e Fátima, ambas sorrindo] Estou muito feliz e pronta para encarar mais esse desafio.

Off 3 de Fátima [plano médio de Fátima e Patrícia]: As novidades no Jornal Nacional vão ao ar na próxima segunda-feira, mas [imagem derivou de fotografos para os quatro apresentadores posando para a foto] acompanhando essa sessão de fotos a gente percebe que o futuro já começou.

OBS: Este último *off* informou, mesmo, segunda-feira, apesar de Patrícia Poeta ter assumido a bancada do JN na terça-feira, 6 de dezembro de 2011.

## APÊNDICE 4

Transcrição da estrutura e do texto do VT em plano sequência  
sobre a apresentação do estúdio do JN para Patrícia Poeta, publicado no  
*blog JN Especial* no dia 3 de dezembro de 2011

(duração: dois minutos e 55 segundos)

Abertura William Bonner [com microfone na mão, de pé, parado, em um corredor, mostrando também Fátima e Patrícia no vídeo]: Estamos no corredor que leva ao estúdio do Jornal Nacional pra um momento histórico, porque Fátima Bernardes vai apresentar a Patrícia Poeta [as duas se abraçam e sorriem] o estúdio do JN. Eu estou nervoso. Está nervosa, Fátima?

Fátima Bernardes: Não, estou tranquila.

Bonner: Está nervosa, Patrícia?

Patrícia: Muito. [risos]

Bonner [com expressão de medo e gritando]: Que bom! [voltando a falar normal] Então vamos. [os três saem andando]

[Corta para Fátima com microfone na mão, em frente à porta aberta do estúdio, com Patrícia também no vídeo.]

Fátima: Patrícia, eu soube que você visitou o nosso estúdio, quase como turista, quando você morava em Nova Iorque.

Patrícia: Exatamente.

Fátima: Fez foto na bancada?

Patrícia: Nem foto na bancada eu fiz. E nesses cinco anos trabalhando aqui, nunca subi, porque a gente acaba se envolvendo tanto com o programa da gente, gravando na rua, enfim, que acabei não subindo. Via você sempre de baixo, né, fazendo a chamada ao

vivo pro Jornal Nacional, mas sempre abanando. [Patrícia dá um tchau com a mão direita] E agora, então...

Fátima: Então vamos lá. [as duas entram no estúdio e Fátima vai mostrando tudo para Patrícia] Aqui é o nosso estúdio. Nós temos quatro câmeras. Uma é a grua, que mostra a redação e a equipe trabalhando.

Patrícia: A da abertura.

Fátima: Da abertura, do encerramento. A câmera 2, que é a minha e agora sua câmera. A (câmera) 1, que é do William, e a câmera 3, que mostra os dois ao mesmo tempo. Essa câmera passou a ser muito usada desde que houve uma mudança na forma de se escrever as cabeças do Jornal Nacional, para que elas ficassem o mais próximo possível do jeito que as pessoas falam.

Patrícia: Mais coloquial.

Fátima: Um tom mais coloquial. Então passou a ser a conversa entre os dois apresentadores e o público. Então quase sempre ela é que vai estar aí.

Patrícia: Essa câmera então é pra esses momentos e também passagem de bloco, não é isso?

Fátima: Passagem de bloco. Todas as entrevistas com repórteres na rua, ao vivo, são nesta câmera também. Em alguns momentos, ela pode estar nos dois e ir fechando só em você ou ir fechando só no William. Entendeu? Mas ela, basicamente, vai ser usada bastante no jornal todo.

Patrícia: E essa 3 vocês usam também caso vocês tenham um entrevistado aqui. [apontou para a bancada]

Fátima: Usamos para o entrevistado. Exatamente. Essa câmera 2, que é a sua, você vai olhar pra ela sempre que a gente usar aquela técnica do display, aquela aparição de

números, de dados que são ilustrativos do que você está lendo. Você vai fazer pra essa câmera, que ela que vai permitir o recurso da arte, ok?

Patrícia: Maravilha. E o monitor fica aqui ao lado. [apontou para a frente]

Fátima: O monitor pra você acompanhar o jornal, sendo que você também assiste o jornal [virou para a bancada e tocou o *laptop*) aqui pela telinha. A (câmera) 1 você praticamente esquece, porque ela vai tudo que faz pra você, com a 2, pro William.

Patrícia: Essa é do Bonner.

Fátima: Deixa pra ele, ele cuida dela. Então é bem simples, né, não tem muita dificuldade. Em termos operacionais aqui no estúdio é bem tranquilo, né?

Patrícia: Está ótimo. Então, agora, falta só sentar ali [apontou para a bancada] e começar – e tentar, né, gente? Maravilha. Obrigada por essa aula.

Fátima: Imagina. Terça-feira você vai estar tranquila. Vai ter feito seus pilotos, vai lembrar de todas as câmeras e vai brilhar.

Patrícia: Tomara, Fátima. [abraça Fátima e as duas se cumprimentam com dois beijos no rosto] “Brigadão”. [Fátima ri] E a gente ainda vai lembrar desses momentos.

Fátima: Com certeza! Estamos fazendo história. [risos de Fátima]



## **APÊNDICE 5**

CD Room contendo:

- Tabelas diárias de observação do Jornal Nacional
- Transcrição da íntegra do conteúdo do grupo focal